

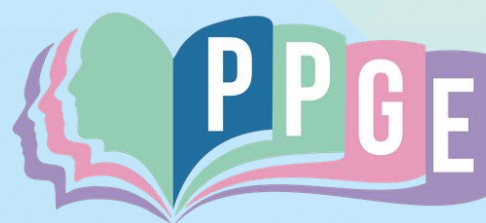
**Conservatório Estadual de Música Lorenzo
Fernández: educação musical e formação
cultural em Montes Claros-MG (1961-2011)**

Christiane Faria Franco Vieira

Mestrado em Educação

Montes Claros / MG

2021



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Universidade Estadual de Montes Claros
Centro de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

**Conservatório Estadual de Música Lorenzo
Fernández: educação musical e formação cultural
em Montes Claros-MG (1961-2011)**

Christiane Faria Franco Vieira

*Dissertação apresentada à Banca Examinadora do
Programa de Pós-Graduação em Educação como
exigência parcial para obtenção do título de Mestre em
Educação, linha de pesquisa Políticas Públicas
Eduacionais, Diversidade e Formação de Professores.*

Orientador: Prof. Dr. José Normando Gonçalves Meira

Coorientadora: Profa. Dra. Geisa Magela Veloso

Montes Claros / MG

2021



A divulgação ou reprodução total ou parcial desta dissertação é autorizada exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

VIEIRA, Christiane Faria Franco.
V658c Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández [manuscrito]: educação musical e formação cultural em Montes Claros-MG (1961-2011) / Christiane Faria Franco Vieira — Montes Claros, 2021.
225f. : il.

Inclui Bibliografia.

Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), 2021.

Orientador: Prof. Dr. José Normando Gonçalves Meira.

Coorientadora: Profa. Dra. Geisa Magela Veloso.

1. Educação musical. 2. Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández – Montes Claros (MG). 3. História – Instituição Escolar. 4. Professores – Formação – Música. 5. Memória. I. Meira, José Normando Gonçalves. II. Veloso, Geisa Magela. III. Universidade Estadual de Montes Claros. IV. Título. V. Título: Educação musical e formação cultural em Montes Claros-MG (1961-2011).

Catálogo Biblioteca Central Professor Antônio Jorge



Universidade Estadual de Montes Claros
Centro de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández: educação musical e formação
cultural em Montes Claros-MG (1961-2011)

Christiane Faria Franco Vieira

Dissertação apresentada para defesa em 3 de junho de 2021,
pela banca examinadora constituída pelos pesquisadores

Prof. Dr. José Normando Gonçalves Meira — Orientador
Universidade Estadual de Montes Claros

Profa. Dra. Geisa Magela Veloso — Coorientadora
Universidade Estadual de Montes Claros

Profa. Dra. Shirley Patrícia Nogueira de Castro e Almeida
Universidade Estadual de Montes Claros

Prof. Dr. Marcos Edson Cardoso Filho
Universidade Federal de São João Del-Rei

Profa. Dra. Francely Aparecida dos Santos
Universidade Estadual de Montes Claros

Profa. Dra. Raiana Maciel do Carmo Librelon
Universidade Estadual de Montes Claros



*Aos meus pais Zito e Diva, por investirem sempre na
minha educação escolar, cultural e espiritual e por
me inspirarem desde cedo a cantar e amar a música.*



Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar força e sabedoria para realizar os meus sonhos e propósitos. Por me acompanhar e proteger com seu manto terno e amoroso, colocando verdadeiros “anjos” no meu caminho.

Aos meus pais por estarem sempre ao meu lado, apoiando, incentivando e torcendo por mim. Seu Zito, por ser um modelo de força para lutar e defender aquilo que acredito. E D. Diva, pela ternura, ouvido atento e por suas orações constantes pela minha vida.

Às minhas irmãs, cunhados e sobrinhos que tanto amo, pelo carinho e incentivo.

Ao meu esposo e filho por estarem sempre comigo, “suportando” minhas ausências, e sendo “suporte” e força nos momentos de fraqueza. Amo vocês!!!!

Aos meus tios e tias, primos e primas pelas orações, torcida e apoio. Um agradecimento especial para minha madrinha Rosemary e Tio Edvaldo, sua ajuda foi muito importante para realização desse mestrado.

Aos meus avós, Vô Antônio e Vó Chiquinha, Vô Clarindo e Dindinha Ismar (*in memoriam*). Gratidão!

Aos meus amigos e irmãos na fé, pelas muitas orações.

Aos amigos e colegas da família CELF e da Unimontes pelos anos de convivência e crescimento musical e pessoal.

Aos meus colegas professores de Canto: Vera, Roberto, Adriana, Lílian, Rosane, Cyntia, Simone, Luciana, Vilma e Normando, pela paciência e por segurarem muitas “barras” nesse período.

A Maria Amélia, amiga e companheira que sempre esteve ao meu lado apoiando, incentivando e torcendo por mim. Obrigada Mel!

Aos meus queridos alunos e ex-alunos do CELF e da Unimontes, por tanto conhecimento compartilhado, amizades construídas, pela paciência e compreensão. Amo vocês!

A Renato, um amigo muito querido que Deus colocou na minha vida, sempre pronto a escutar meus desabafos e levantar meu astral. Obrigada!

A Sandra Soares dos Santos, diretora do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández, pela confiança em disponibilizar para consulta os arquivos e documentos da escola, de acordo com as normas estabelecidas pela pandemia, para realização da pesquisa.



À Unimontes, pela oportunidade de cursar o mestrado e aprimorar meus conhecimentos em Educação, principalmente na área de história das instituições escolares.

Aos professores do PPGE pelas reflexões em suas aulas que trouxeram grandes contribuições para meus estudos.

Aos colegas e amigos do PPGE, sempre juntos: “ninguém larga a mão de ninguém”. Foi assim que sempre me senti, segura pela mão de cada um de vocês, compartilhando conhecimentos, angústias, sonhos e vitórias.

Aos ilustres professores Dra. Shirley Patrícia Nogueira de Castro e Almeida, Dr. Marcos Edson Cardoso Filho, Dra. Francely Aparecida dos Santos e Dra. Raiana Maciel do Carmo Librelon, por aceitarem fazer parte da minha banca examinadora e trazerem tantas reflexões e contribuições para meu trabalho.

À Prof^a Dra. Geisa Magela Veloso, minha coorientadora, sempre firme, segura e atenciosa. Obrigada pela generosidade ao compartilhar comigo tantos conhecimentos, por acreditar e confiar no meu trabalho.

Ao Prof^o Dr. José Normando Gonçalves Meira, meu orientador, pela confiança em mim depositada, pela segurança, atenção, boa vontade e competência no direcionamento da pesquisa.

À Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, Antonieta Silva e Silvério, Marina Sarmiento Veloso, Cecy Tupinambá Ulhôa, Rachel Tupynambá de Ulhôa, Iracénia Fernandes da Silva, Talitha Maria Cardoso Vale, Marcos Venício Andrade Ataíde e Eliane Souza Santos, por disponibilizarem seu tempo e boa vontade em colaborar para realização desta pesquisa.

Um agradecimento muito especial à D. Marina, sempre disposta a colaborar, uma pessoa que tive a grata satisfação e oportunidade de conhecer, meus sinceros agradecimentos.

Enfim, a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho. Meu muito obrigada!



“Os sonhos de todos os instrumentos e de todas as vozes se misturam, mas não se poluem, porque existe muito entusiasmo dos montes-clarenses que, cheios de esperança, aguardam o dia em que um outro Governador e um outro Secretário de Cultura da Educação, lembrem-se de nós, olhem para nós e escutem ‘DE UM POVO HERÓICO O BRADO RETUMBANTE...’”

*(Marina Helena Lorenzo Fernández Silva
Programa das Comemorações dos 10 anos do
Conservatório em 1971)*



VIEIRA, Christiane Faria Franco. *Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández: educação musical e formação cultural em Montes Claros-MG (1961-2011)*. 2021. 225f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Centro de Ciências Humanas. Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros / MG. Brasil.

RESUMO

Este estudo situa-se no campo da História da Educação, realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros — Unimontes. Tem como objetivo geral historiar o processo de fundação e desenvolvimento do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández como instituição pública educativa voltada para a formação musical de crianças, jovens e adultos da região Norte Mineira. O recorte temporal estabelecido contempla o período de instalação da referida instituição, no ano de 1961, até o seu cinquentenário, em 2011. A fundamentação teórico-metodológica para o conhecimento da história dessa instituição educativa se baseou na História das Instituições Escolares, constituindo-se como pesquisa que tem por foco a história regional. Os procedimentos metodológicos constituíram-se de pesquisa documental, junto a arquivos públicos e particulares e registros da escola, em que foi possível ter acesso a jornais, publicações oficiais, programas, fotografias, legislação do ensino, entre outros documentos. Utilizamos a História Oral para ampliação das fontes, por compreender que tal metodologia possibilita captar informações não possíveis por meio de outras fontes e permite dar visibilidade aos atores que contribuíram para a consolidação do Conservatório como uma instituição educativa para Montes Claros e região Norte Mineira. Assim, foram realizadas entrevistas com ex-diretores, ex-professores, ex-funcionários e ex-alunos possibilitando acesso às experiências e representações sobre o Conservatório a partir das suas memórias. A revisão de literatura compreendeu livros, teses, dissertações e artigos sobre historiografia das instituições escolares, uso das fontes em pesquisa histórica, de modo particular a História Oral, educação, cultura, criação dos Conservatórios Mineiros, história da cidade de Montes Claros e do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández. Para nortear o estudo sobre instituições escolares e o uso das fontes históricas, buscou-se suporte em autores como Nosella e Buffa (2008), Sanfelice (2006), Gatti Jr. e Gatti (2015), Burke (2011), Pinsk (2008), Reis (2006) e Thompson (1992). Pesquisar uma escola de música enquanto instituição educativa por meio dos relatos dos entrevistados possibilitou compreender a criação e constituição da escola, a formação do corpo docente, os desafios para o crescimento e manutenção do Conservatório como espaço de atuação profissional e formação musical. Foi possível também discutir a força da presença feminina no Conservatório, de modo particular a liderança e o dinamismo de Marina Helena Lorenzo Fernández Silva. Denotou-se a capacidade de criar estratégias para enfrentar e ultrapassar os desafios apresentados na condução do Conservatório, e igualmente promover e impulsionar a instituição, professores e alunos. A discussão destas questões possibilitou entender a influência social do Conservatório para Montes Claros e região Norte Mineira e o legado cultural transmitido nos primeiros 50 anos de sua existência.

Palavras-chave: História das Instituições Escolares. Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández. Educação Musical. Memória. Formação de Professores de Música.



VIEIRA, Christiane Faria Franco. *Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández: music education and cultural formation in Montes Claros-MG (1961-2011)*. 2021. 225f. Dissertation (Master in Education) — Human Sciences Center. State University of Montes Claros. Montes Claros / MG. Brasil.

ABSTRACT

This study is located in History of Education's field, carried out in the State University of Montes Claros' (Unimontes) Education Graduate Program. Its general objective is to report on the foundation and development process of the State Conservatory of Music Lorenzo Fernández as a public educational institution focused on the musical education of children, teens and adults in the northern region of Minas Gerais. The established time frame refers to the installation period of the referred institution, in the year 1961, until its 50th anniversary, in 2011. The theoretical-methodological foundation for the knowledge of the history of this educational institution was based on the History of School Institutions, constituting itself as research that focuses on regional history. The methodological procedures consisted of documentary research in public and private archives and school records, in which it was possible to have access to newspapers, official publications, photographs, teaching legislation, among other documents. We used Oral History to expand the sources once we understand that this methodology makes it possible to capture information that is not obtainable through other sources and allows giving visibility to the actors who contributed to the consolidation of the Conservatory as an educational institution for Montes Claros and the northern region of Minas Gerais. Thus, interviews were conducted with former directors, former professors and former students, allowing access to experiences and representations about the Conservatory based on their memories. The literature review included books, theses, dissertations and articles on the historiography of school institutions, the use of sources in historical research, particularly Oral History, education, culture, creation of the Conservatories of Minas Gerais, history of the city of Montes Claros and the State Conservatory of Music Lorenzo Fernández. To guide the study of school institutions and the use of historical sources, support was sought from authors such as Nosella and Buffa (2008), Sanfelice (2006), Gatti Jr. and Gatti (2015), Burke (2011), Pinsk (2008), Reis (2006) and Thompson (1992). Researching a music school as an educational institution through the interviewees' reports made it possible to understand the creation and constitution of the school, the formation of the teaching staff, the challenges for the growth and maintenance of the Conservatory as a space for professional performance and musical training. It was possible to discuss the female presence's strength at the Conservatory, in particular the leadership and dynamism of Marina Helena Lorenzo Fernández Silva. The ability to create strategies to face and overcome the challenges presented in the conduct of the Conservatory was noted, as well as promoting and boosting the institution, teachers and students. This issues' discussion made it possible to understand the social influence of the Conservatory for Montes Claros and Minas Gerais' northern region and the cultural legacy transmitted in the first 50 years of its existence.

Keywords: History of School Institutions. State Conservatory of Music Lorenzo Fernández. Musical Education. Memory. Formation of Music Teachers.



LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-----------|---|----|
| Figura 1 | Recital de Piano no Clube de Montes Claros (década de 1950) | 44 |
| Figura 2 | Audição de Piano no Clube de Montes Claros (década de 1960) | 44 |
| Figura 3 | Audição de Piano no Clube de Montes Claros (década de 1960) | 45 |
| Figura 4 | 1ª Exposição no Clube de Montes Claros (década de 1960) | 45 |
| Figura 5 | 1ª Exposição no Clube de Montes Claros (década de 1960) | 46 |
| Figura 6 | Comemorações do Cinquentenário do CELF – 2011 | 47 |
| Figura 7 | Marina Helena : 1961 – 1987 | 49 |
| Figura 8 | Lígia Braga : 1988 – 1991 | 49 |
| Figura 9 | Marina Sarmento : 1991 – 1999 | 49 |
| Figura 10 | Rachel Ulhôa : 2000 – 2002 | 49 |
| Figura 11 | Helenice Lommez : 2002 – 2002 | 49 |
| Figura 12 | Iracenária Fernandes : 2003 – 2014 | 49 |
| Figura 13 | Prédio do Conservatório em 1962 | 61 |
| Figura 14 | Oficialização do Conservatório em 14/04/1962 | 62 |
| Figura 15 | Inauguração da Placa por Sebastião Tupinambá 14/04/1962..... | 62 |
| Figura 16 | D. Marina cortando a fita na entrada do 2º prédio do CELF - 14/04/1962..... | 63 |
| Figura 17 | Inauguração da 3ª Sede do CELF à Rua Dr. Veloso, 432 | 65 |
| Figura 18 | D. Marina recebendo simbolicamente as chaves da Instalação do CELF..... | 65 |
| Figura 19 | Fachada do CELF à Rua Dr. Veloso, 432 | 66 |
| Figura 20 | Fachada do anexo do CELF no prédio da Rua Cel. Antonio dos Anjos | 66 |
| Figura 21 | Lançamento da Pedra Fundamental do novo prédio do CELF/2002 | 69 |
| Figura 22 | Lançamento da Pedra Fundamental do novo prédio do CELF/2002 | 69 |

| | | |
|-----------|--|-----|
| Figura 23 | Lançamento da Pedra Fundamental do novo prédio do CELF/2002 | 70 |
| Figura 24 | Construção do prédio novo do CELF – 2004 | 70 |
| Figura 25 | Construção do prédio novo do CELF – 2004 | 70 |
| Figura 26 | Sede do CELF na Av. Dr. João Chaves, 432 – Jardim São Luiz..... | 71 |
| Figura 27 | Sede do CELF na Av. Dr. João Chaves, 432 – Jardim São Luiz..... | 71 |
| Figura 28 | Sede do CELF na Av. Dr. João Chaves, 432 – Jardim São Luiz..... | 71 |
| Figura 29 | Sede do CELF na Av. Dr. João Chaves, 432 – Jardim São Luiz..... | 71 |
| Figura 30 | Fachada do anexo do CELF em Bocaiúva/MG | 74 |
| Figura 31 | II Salão de Arte Infantil de Belo Horizonte/1962 | 98 |
| Figura 32 | <i>Master-class</i> com o Prof ^o Jacques Klein | 99 |
| Figura 33 | <i>Master-class</i> com o Prof ^o Francisco Mignone..... | 99 |
| Figura 34 | Recital de Canto de Maria Lúcia Godoy em 1964 | 100 |
| Figura 35 | Recital de Canto de Palhano Júnior | 100 |
| Figura 36 | Recital de Violino com Aloysio de Aguiar Maia | 100 |
| Figura 37 | Foto da primeira turma de Educação Artística – 1986 | 106 |
| Figura 38 | Foto de parte da primeira turma de Educação Artística – 1988 | 106 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|----------|--|-----|
| Quadro 1 | Demonstrativo da criação e institucionalização dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais..... | 34 |
| Quadro 2 | Demonstrativo da criação e reconhecimento dos Cursos da FUNM..... | 104 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-----------|--|
| CADES | Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário |
| CBM | Conservatório Brasileiro de Música |
| CELf | Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández |
| CEPEX | Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão |
| CPDOR | Centro de Pesquisa e Documentação Regional |
| FACEART | Faculdade de Educação Artística |
| FUNM | Fundação Norte Mineira de Ensino Superior |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| MEC | Ministério da Educação |
| PPP | Projeto Político Pedagógico |
| PR | Partido Republicano |
| PSD | Partido Social Democrático |
| SUDENE | Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste |
| UNIMONTES | Universidade Estadual de Montes Claros |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Introdução | 17 |
| Referências | 25 |
| Artigo 1: Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández: do sonho à consolidação de um projeto de formação cultural | 28 |
| 1.1 Introdução | 28 |
| 1.2 Os Conservatórios de Música no Brasil | 30 |
| 1.3 Criação dos Conservatórios Mineiros | 32 |
| 1.4 A cidade de Montes Claros: contexto sócio-político de instalação do CELF | 35 |
| 1.5 Legislação e normatização para criação do Conservatório | 39 |
| 1.6 Marina Helena Lorenzo Fernández Silva: força feminina em Montes Claros..... | 41 |
| 1.7 A força idealista e a presença da mulher no Conservatório | 46 |
| 1.8 Considerações | 50 |
| 1.9 Referências | 51 |
| Artigo 2: “Esforço e idealismo gritantes”: estratégias e ações para criação e consolidação do CELF em Montes Claros (1961 – 2011) | 56 |
| 2.1 Introdução | 57 |
| 2.2 Estratégias e táticas para instalação do Conservatório | 58 |
| 2.3 Grupos e projetos de extensão cultural e o anexo de Bocaiúva | 72 |
| 2.4 Considerações | 74 |
| 2.5 Referências | 75 |
| Artigo 3: A habilitação para a docência em Música: experiências dos professores do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández (1961 – 2011) | 78 |
| 3.1 Introdução | 79 |
| 3.2 Formação do professor de Música no Brasil | 81 |
| 3.3 Música e arte no currículo escolar brasileiro | 87 |
| 3.4 Formação de professores de Música do Conservatório de Montes Claros | 91 |
| 3.5 Criação da Faceart | 102 |
| 3.6 Considerações | 109 |

| | |
|----------------------------|-----|
| 3.7 Referências | 109 |
| Considerações | 117 |
| Referências..... | 121 |
| Apêndices | 122 |
| Anexos | 220 |

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere no âmbito dos estudos sobre a História das Instituições Escolares, sendo reconstituídos elementos da trajetória e da existência do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández – Centro Interescolar de Artes (CELFI) enquanto uma instituição educativa. O CELFI é uma escola pública especializada no ensino das artes, em particular da música. Suas atividades se iniciaram no ano de 1961 e teve como fundadora a musicista Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, filha do compositor carioca Oscar Lorenzo Fernández (1897-1948). Com o apoio da classe política e de algumas mulheres da sociedade montes-clarense, que compartilharam desse sonho e idealismo, D. Marina iniciou a tarefa de arrecadar recursos materiais e equipamentos, recrutar professores e alunos para começar as atividades. O sonho se concretizou em 14 de março de 1961 com a instalação do Conservatório Municipal de Montes Claros. O idealismo mobilizou ações e manteve esperanças. O idealismo, na percepção dos últimos diretores, professores e funcionários da instituição, continua presente, sendo considerado fator fundamental para fazer do CELFI uma escola que tem como função primordial a democratização do acesso à arte e à cultura, contribuindo para o desenvolvimento artístico de Montes Claros e região Norte Mineira.

Atualmente, o Conservatório oferece cursos de Educação Musical: Musicalização, Instrumento e Canto (Ensino Fundamental); Cursos Técnicos em Instrumento, Design e Canto (Ensino Médio). Em 2011, o CELFI completou 50 anos de história, período em que vários grupos e projetos culturais foram desenvolvidos, muitas batalhas e dificuldades foram superadas e conquistas alcançadas, como a estadualização, a expansão da escola na região, a construção da ampla sede e a promoção de músicos e artistas plásticos atuantes no cenário artístico e educacional do país (CELFI, 2007; CELFI, 2011).

Analisando o passado podemos conhecer os sujeitos que, inseridos em determinados contextos, contribuíram para o seu processo de fundação, os desafios sociais, políticos e econômicos enfrentados. Alguns questionamentos e inquietações orientaram a realização da pesquisa: Como se deu o processo de fundação e desenvolvimento do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez como instituição pública educativa responsável pela formação musical de crianças, jovens e adultos na região Norte Mineira? Quais forças e interesses se

fizeram presentes na trajetória do Conservatório? Quais desafios foram enfrentados para se formar professores necessários para a instituição?

Portanto, o presente estudo tem como objetivo geral historiar o processo de fundação e desenvolvimento do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández como instituição educativa voltada para a formação musical de crianças, jovens e adultos da região Norte Mineira. E como objetivos específicos: reconstituir faces da história do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández, conferindo visibilidade aos sujeitos que contribuíram para sua consolidação como instituição educativa pública em Montes Claros e região Norte Mineira; discutir os desafios políticos, sociais e econômicos enfrentados para a fundação e consolidação do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández como instituição educativa pública; compreender os desafios relativos à formação dos professores do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández, inscritos entre a técnica musical e a exigência de certificação de saberes pedagógicos.

O recorte temporal estabelecido se refere ao período da instalação do CELF no ano de 1961, quando a instituição foi criada, até o seu cinquentenário, em 2011. Apesar de extenso, esse recorte se justificou pela possibilidade de mapear os desafios postos para se instalar a instituição e conquistar reconhecimento da comunidade local, bem como de destacar o jubileu da instituição, procurando estabelecer as transformações ocorridas, seu desenvolvimento e influência na sociedade.

A escolha do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández como objeto de estudo surgiu de uma inquietação pessoal quanto à necessidade de conferir visibilidade, por meio da pesquisa historiográfica, a essa instituição educacional de Montes Claros considerada de grande relevância para a Educação Musical de crianças, jovens e adultos, no contexto local e regional.

Montes Claros está localizada no norte de Minas Gerais com uma população estimada em 413.487 habitantes¹, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2020. Sendo uma das maiores cidades do Estado, destaca-se por seus eventos religiosos e culturais. “Montes Claros: Cidade da arte e da cultura”, slogan criado pelo dramaturgo Reginauro Silva, expressa a efervescência artística e cultural da cidade. Entre os muitos eventos e manifestações artísticas, o Conservatório Estadual de Música Lorenzo

¹ IBGE: Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/montes-claros.html> >. Acesso em abr./2021.

Fernández (CELF) se destaca como uma instituição pública de relevância para a educação musical da cidade e região Norte Mineira.

Diniz (2011), em matéria sobre o cinquentenário do Conservatório, publicada na Revista Viver Brasil, destaca a escola de música como referência na América Latina. Em seu jubileu de ouro, o CELF foi tema de reportagem em Montes Claros que destacava a vasta programação planejada para as comemorações da tão importante data. O Jornal de Notícias (2011) afirma o alcance do Conservatório que há meio século “[...] vem trabalhando para difundir a arte, não só na cidade e região, mas também em outras cidades brasileiras, descobrindo talentos e inserindo-os no cenário artístico/cultural” (JORNAL DE NOTÍCIAS, 2011, p.14). Entre outros informes, ressaltava o número de alunos atendidos naquele ano, aproximadamente 4.300, e a variedade de cursos e grupos artísticos do CELF, constituídos na escola nesses anos de existência.

Como pesquisadora e professora de canto, minha história pessoal se cruza com a do Conservatório, sendo que a experiência como aluna do CELF foi decisiva para o direcionamento profissional e o empreendimento da presente pesquisa.

No período em que fui aluna do Conservatório, tive contato com muitos professores, músicos e colegas, o que me proporcionou um intenso aprendizado dentro e fora das salas de aula, nos corredores e nas apresentações diversas organizadas pela escola. A diversidade de gêneros musicais, artísticos e culturais vivenciada nesse espaço escolar possibilitou a realização de eventos e manifestações culturais diversos: concertos, recitais, óperas, festivais de coral, festivais de folclore, concursos de música, *master classes*², oficinas, seminários, exposições, etc. Pude perceber, portanto, o envolvimento, apreciação e valorização pela comunidade local e regional em relação às atividades desenvolvidas no CELF.

Ainda como aluna do CELF, em 1998, num período de preparação para finalizar o curso técnico de canto, fui incentivada a prosseguir os estudos musicais na universidade. Dessa forma, ingressei no Curso de Música da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) para dar continuidade à formação profissional. Antes mesmo de terminar o Curso de Música, ou seja, de concluir a formação na licenciatura em música, assumi um cargo de professora de canto no CELF no ano de 1999, onde leciono até os dias atuais.

Em todo esse percurso no Conservatório conheci um pouco da história da sua fundação e estadualização. Nas comemorações dos 50 anos vivenciei a emoção e o reencontro com várias ex-professoras, ex-diretoras e ex-funcionárias que fizeram parte da história da escola. A emoção

² Formato de ensino onde um aluno de instrumento musical executa uma obra previamente preparada para um professor de carreira reconhecida (ZORZAL, 2010, p.6)

expressada por essas pessoas despertou o interesse em conhecer as muitas histórias que esses sujeitos viveram durante a criação e desenvolvimento do CELF. Para além de suas narrativas, relatar e compreender o processo de criação, estadualização e expansão de um dos maiores conservatórios mineiros de música.

Segundo Nosella e Buffa (2008, p. 16), “[...] os estudos de instituições escolares representam um tema de pesquisa significativo entre os educadores, particularmente no âmbito da história da educação”. A pesquisa na esfera da historiografia da educação brasileira está presente no meio acadêmico desde a década de 1950, mas foi a partir da crescente oferta de programas de pós-graduação em educação entre as décadas de 1960 e 1990 que essa temática, especialmente sobre a História das Instituições Escolares, encontrou realce. Gatti Júnior e Gatti (2015) apontam que, com a expansão da pós-graduação em Educação no Brasil, a partir de 1990, cresceu o número de pesquisas dedicadas à História das Instituições Escolares.

O conhecimento das instituições escolares é fundamental para a compreensão dos contornos específicos de qualquer sociedade, ainda que não se esgote em si mesmo, mas, sim, na compreensão da articulação que essas instituições comportam em termos societários (GATTI JÚNIOR; GATTI, 2015, p.341)

Conhecer a criação e desenvolvimento de uma instituição escolar, além de oferecer aportes para compreensão de uma sociedade, ajuda a entender como ela, a instituição, se tornou o que é hoje, sua importância e significado.

Neves *et al* (2017) salientam que Minas Gerais é o único estado do país que possui uma rede de conservatórios públicos de música, e “[...] constituem um contexto educacional único e de grande relevância para a área de educação musical no Brasil” (NEVES *et al.* 2017, p. 254). Os autores recomendam que os conservatórios mineiros sejam objetos de pesquisas científicas “[...] a fim de preservar e aprimorar esse importante patrimônio educacional brasileiro” (NEVES *et al.* 2017, p. 261).

Metodologicamente para escrever a história, o pesquisador não é neutro, pois ele está imbuído de suas próprias experiências, seus saberes e fazeres, que o farão reinterpretar o passado por um novo ângulo. Assim, Reis (2006) aponta que para se recuperar a história com certa segurança e veracidade é preciso trazer a teoria da história, ou seja, reunir todas as interpretações possíveis do objeto. Portanto, “[...] é preciso retornar constantemente à bibliografia clássica sobre o tema ‘história e verdade’ e considerar as suas orientações e argumentações” (REIS, 2006, p.176). Em seu estudo sobre história e verdade, o autor afirma que cabe ao pesquisador manter um rigor metodológico para garantir a qualidade da pesquisa.

Nesse sentido, levando-se em conta a aproximação com o objeto de estudo desta dissertação, o embasamento e rigor metodológico, aqui compreendido não como rigidez, mas sim como cuidado na coleta e uso dos documentos, foram essenciais para a análise da realidade pela via de diferentes fontes, nelas incluindo os depoimentos dos entrevistados na reconstrução da história do Conservatório.

Por compreender a importância da instituição, buscamos coletar informações não apenas dos seus gestores, mas também dos sujeitos que viveram e contribuíram para a construção da história do Conservatório. Concordamos com Peter Burke quando ressalta que a nova história se preocupa “[...] com as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social” (BURKE, 2011, p.13).

Os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa tiveram como principal ferramenta, além da necessária revisão de literatura que possibilitou a aquisição do conhecimento já produzido no campo historiográfico, a utilização de fontes documentais que permitiram o acesso à realidade passada. Pinski (2008) discute a necessidade de propor adequadas metodologias e procedimentos para coleta e interpretação das fontes históricas; aborda a relevância “[...] dos métodos e das técnicas utilizados pelos pesquisadores em seu contato com os documentos, os vestígios e os testemunhos do passado humano” (PINSKI, 2008, p. 7). O estudo e tratamento adequado para cada fonte possibilitaram a coleta de informações sobre a criação e desenvolvimento do CELF e nortearam a análise dos dados coletados.

As fontes utilizadas foram essenciais para a escrita da história, portanto, primordial o conhecimento dos tipos de fontes para seleção destas conforme o objetivo da pesquisa. Segundo Nosella e Buffa (2008) é preciso reunir e selecionar fontes como bibliografia referente ao tema, documentos do acervo da escola, legislação pertinente, entrevistas e questionários, entre outras. Conforme os autores, nem sempre é preciso acessar todas as fontes. “Em função dos objetivos específicos da pesquisa é possível e até desejável privilegiar umas e não outras” (NOSELLA; BUFFA, 2008, p. 25). Além do conhecimento prévio de como e quais fontes documentais utilizar, o referencial teórico-metodológico guiou os procedimentos de análise dos dados coletados. Com base nos objetivos de pesquisa, iniciamos a coleta de informações por meio de documentos como atas, programas, recortes de jornais, fotografias e outros documentos encontrados na escola e outros espaços de memória.

“Toda fotografia é um resíduo do passado” (KOSSOY, 2014, p.45). Conforme o autor, o registro visual contido na fotografia apresenta “um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado” (KOSSOY, 2014, p.46). Assim, utilizamos

registros fotográficos que ajudassem a contar a história do Conservatório, revelando pessoas, fatos e acontecimentos. Cada vez mais os historiadores se conscientizam de que as fotografias, pinturas, filmes e outras imagens enriquecem o conhecimento e a compreensão do passado (BURKE, 2001). O uso de fotografias como fontes históricas possibilitam preservar e evidenciar as memórias, desde que, conforme Burke (2001), sejam analisadas com criticidade.

A História Oral foi uma metodologia de pesquisa muito importante para a coleta de informações a partir de entrevistas realizadas com pessoas que vivenciaram e testemunharam a criação, estadualização e desenvolvimento do conservatório. Thompson (1992) afirma que a “evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira” (THOMPSON, 1992, p. 137). A utilização desta metodologia permitiu o registro e acesso ao testemunho dos sujeitos que contribuíram e vivenciaram a criação do conservatório, possibilitando uma interpretação do passado. Para tal, foram realizadas entrevistas³ com sujeitos que tiveram um papel significativo na criação e desenvolvimento da instituição, ex-diretoras, ex-professores, ex-funcionários e ex-alunos.

Ao escolhermos a História Oral como metodologia principal concordamos com Pinsk (2008) quando afirma que a escolha dessa metodologia se deve por adequar ao tema e propósitos da pesquisa. O uso de fontes orais, segundo a autora, é dividido em três etapas fundamentais: a preparação das entrevistas, na qual fazemos a escolha dos prováveis entrevistados e a elaboração do roteiro das entrevistas; a realização das entrevistas, que demanda contato com os entrevistados para agendamento e preparação do material necessário para realizá-las, como gravador e/ou câmera; e finalmente o tratamento da entrevista, que implica na transcrição, revisão e análise das informações coletadas.

Esta pesquisa foi redirecionada para outras possibilidades de acesso às informações em virtude dos decretos de isolamento para contingenciamento da pandemia causada pelo Covid-19⁴, impedindo o acesso a bancos de dados como o Centro Cultural de Montes Claros e o Centro de Pesquisa e Documentação Regional (CPDOR) da Unimontes, e outras instituições públicas

³ Esclarecemos que o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes, por meio do Parecer de número 3.650.658 de 18 de outubro de 2019. Todos os procedimentos éticos foram observados para a realização das entrevistas e na sua utilização no processo de reconstrução da memória coletiva.

⁴ No dia 12 de março de 2020 o Governador do Estado de Minas Gerais Romeu Zema Neto, conforme Decreto NE nº 113, “Declara SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA em Saúde Pública no Estado em razão de surto de doença respiratória – 1.5.1.1.0 – Coronavírus e dispõe sobre as medidas de enfrentamento, previstas na Lei Federal nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020” (MINAS GERAIS, 2020)

que passaram a realizar o trabalho de forma remota ou com um percentual mínimo presencial. Apesar desta limitação, foi possível fazer um levantamento das leis que regulamentaram a criação e estadualização do Conservatório, pelo site da Assembléia Legislativa de Minas Gerais. As entrevistas foram realizadas de forma remota com a utilização de ferramentas tecnológicas, obedecendo as normas de segurança determinadas pelos decretos de isolamento.

Na primeira etapa da entrevista, descrita por Pisk (2008), elaboramos um roteiro em que intencionamos captar depoimentos de história de vida pessoal, educacional e profissional e possibilitar relatos das experiências e memórias dos entrevistados, relacionadas ao Conservatório. Nessa etapa a escolha dos entrevistados, conforme nossa expectativa, surgiu a partir da entrevista realizada com Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, por ser a primeira diretora e fundadora da escola, que indicou no seu relato nomes de sujeitos que pudessem colaborar com a pesquisa. Dessa forma, nomes de colaboradores, ex-diretoras, ex-professores, ex-alunos e funcionários surgiram, sendo que a seleção dos nomes aconteceu naturalmente, conforme a disponibilidade dos mesmos confirmada por contatos estabelecidos por telefone, *e-mail* e/ou *whatsApp*, em que conseguimos agendar as entrevistas.

Na segunda etapa de realização das entrevistas apenas uma foi presencial, por ter sido realizada antes da pandemia, sendo que as demais foram realizadas remotamente. Assim, optamos por efetivar os contatos virtualmente, realizando e gravando as entrevistas pelo aplicativo de videoconferência *Google meet*. Algumas entrevistas foram impossibilitadas de serem realizadas pela dificuldade com o uso da videoconferência ou por motivo de natureza pessoal que levou à opção pelas respostas escritas; dessa forma, enviamos por *e-mail* as perguntas que foram respondidas e devolvidas.

As entrevistas foram transcritas, textualizadas e devolvidas aos entrevistados para apreciação e aprovação, sendo que, no processo de escrita surgiram dúvidas que demandaram um segundo contato e realização de uma nova entrevista por aplicativo *google meet* e um depoimento gravado em áudio e enviado pelo *whatsApp*. Desse modo foram realizadas sete⁵

⁵ **1- Marina Helena Lorenzo Fernández Silva:** entrevista realizada em 2019 com o auxílio e participação de **Antonietta Silva e Silvério**, sua filha. **2- Cecy Tupinambá Ulhôa e Rachel Tupynambá de Ulhôa:** entrevista realizada por webconferência em 06 de julho de 2020. **3- Marina Sarmiento Veloso:** questionário respondido e devolvido por email em 15 de julho de 2020. **4- Iracenéria Fernandes da Silva:** entrevista realizada por webconferência em 18 de agosto de 2020. **5- Marcos Venício Andrade Ataíde:** entrevista realizada por webconferência em 18 de agosto de 2020. **6- Talitha Maria Cardoso Vale:** entrevista realizada por webconferência em 15 de outubro de 2020. **7- Eliane Souza Santos:** entrevista realizada por webconferência em 29 de dezembro de 2020. **8- Rachel Tupynambá de Ulhôa:** entrevista realizada por webconferência em 14 de janeiro de 2021. **9- Marina Sarmiento Veloso:** depoimento gravado em 14 de janeiro de 2021 pelo *whatsApp*.

entrevistas, sendo uma presencial, seis por videoconferência, um questionário respondido e devolvido por *e-mail* e um depoimento.

Após a realização das entrevistas, terceira etapa apontada por Pinsk (2008), foi feita a transcrição das mesmas que posteriormente foi encaminhada aos entrevistados para verificação, correção, aprovação e autorização do registro e publicação. As entrevistas transcritas e/ou textualizadas (conforme aprovação do entrevistado) são constituídas como fontes e apresentadas nos apêndices desse trabalho.

A composição da memória da criação do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández inspirou-se nas informações obtidas no desenrolar da pesquisa, com a perspectiva de contribuir para a preservação da memória dessa instituição educativa. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com a preservação da memória histórica dessa instituição, conferindo valor a sujeitos e fatos até então invisibilizados pela historiografia.

Esta dissertação foi organizada no formato *multipaper* que, em outras palavras, pode ser entendido como um conjunto de artigos para possíveis publicações. Segundo Mutti e Klüber (2018, p.11), esse formato já possui “[...] um *corpus* bem estruturado de diretrizes para o desenvolvimento de pesquisas”. Os autores certificam o rigor com que os programas adotam esse formato após aprovação nos seus conselhos deliberativos e ao definirem diretrizes com critérios de confiabilidade.

Barbosa (2015, p. 350) denomina de “[...] *formatos insubordinados de dissertações e teses* aqueles que rompem com a representação tradicional da pesquisa educacional nestas modalidades de trabalho acadêmico” (grifos do autor). O autor defende que este modelo de trabalho possibilita o crescimento da difusão dos resultados da pesquisa além de uma maior socialização do pesquisador iniciante na comunidade científica.

Os Programas de Pós-Graduação brasileiros têm utilizado dois formatos ou modelos de dissertação e tese que são, conforme Mutti e Klüber (2018, p.3), o monográfico (tradicional) e o *multipaper* (formato alternativo). Compreendemos que tanto o formato tradicional, quanto o formato alternativo apresentam um modelo monográfico. Nesse aspecto, discordamos de Mutti e Klüber (2018) ao utilizarem essa nomenclatura para se referir apenas ao modelo tradicional de dissertação e tese, por entendermos que os dois formatos são trabalhos de escrita relacionados a um problema sobre determinada área do conhecimento. No formato tradicional, comumente utilizado nos Programas de Pós-Graduação, o texto se apresenta em um documento extenso que, de certa forma, dificulta a leitura e difusão da obra. Assim sendo, o formato

multipaper tem sido recomendado por estes autores por ser um meio facilitador de divulgação, em periódicos, do conhecimento produzido nas pesquisas.

Aderindo a essa estrutura de organização, a dissertação está disposta em três artigos, sendo que cada artigo possui os elementos necessários para uma possível publicação. Da mesma forma, os artigos se conectam, conduzindo a reflexões em torno do objetivo geral da pesquisa. Apresentamos a parte introdutória com a finalidade de expor ao leitor o objeto da pesquisa, os caminhos trilhados e relevância da pesquisa, os objetivos e, por fim, a estrutura da dissertação.

No primeiro artigo, intitulado “Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández: do sonho à consolidação de um projeto de formação cultural”, apresentamos uma breve contextualização do surgimento dos conservatórios no Brasil e a criação e institucionalização dos conservatórios mineiros. Abordamos o processo de criação e estadualização do CELF e o papel de Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, ressaltando a força idealista e presença da mulher na condução da instituição.

No segundo artigo, intitulado “‘Esforço e idealismo gritantes’: estratégias e ações para criação e consolidação do CELF em Montes Claros (1961 a 2011)”, realizamos um levantamento das estratégias que os diretores e professores do CELF utilizaram para superar os obstáculos apresentados e os avanços alcançados que constituíram as transformações conquistadas nos diferentes momentos da história da instituição.

O terceiro artigo, denominado “A habilitação para a docência em Música: experiências dos professores do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández (1961 a 2011)”, apresenta os obstáculos enfrentados pelos professores do CELF e as estratégias para obtenção da formação pedagógica e da titulação para lecionar no conservatório.

Por último trazemos as considerações e reflexões finais dos resultados alcançados neste estudo. Esperamos que a pesquisa contribua com o campo da História da Educação, preenchendo uma lacuna historiográfica local e ampliando condições para a preservação da memória dessa instituição educativa.

Referências

BARBOSA, J. C. Formatos Insubordinados de Dissertações e Teses na educação Matemática. In: AMBRÓSIO, B. S.; LOPES, C. E. (Org.) **Vertentes da subversão na produção científica em educação matemática**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In.: BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP. 2011.

BURKE, Peter. Como confiar em fotografias. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais, 04 fev. 2001.

DINIZ, Ana Elizabeth. Memória: 50 anos de excelência. **Viver Brasil**. São Paulo, Ano III, nº 54, p. 36-37, março / 2011.

GATTI JÚNIOR, Décio; GATTI, Giseli Cristina do Vale. A história das instituições escolares: fundamentos conceituais, historiografia e aspectos da investigação recente. **Educativa**. Goiânia, v. 17, n. 2, p. 327-359, 2015. Disponível em: <[file:///C:/Users/canta/Downloads/4553-13264-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/canta/Downloads/4553-13264-1-PB%20(3).pdf)>. Acesso em: ago./2019.

IBGE:< <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/montes-claros.html> >. Acesso em: abr./2021.

KOSSOY, Boris. Fundamentos Teóricos. In: KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 5 ed. revista (1ª Edição: Editora Ática, 1989). São Paulo: Ateliê Editorial, 2014, p. 35-50.

MINAS GERAIS. **Decreto com Numeração Especial 113, de 12/03/2020**. Declara SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA em Saúde Pública no Estado em razão de surto de doença respiratória – 1.5.1.1.0 – Coronavírus e dispõe sobre as medidas para seu enfrentamento, previstas na Lei Federal nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DNE&num=113&comp=&ano=2020>>. Acesso em: dez./2020.

MUTTI, Gabriele de Souza Lins; KLÜBER, Tiago Emanuel. Formato *multipaper* nos programas de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros nas áreas de educação e ensino: um panorama. In: **V Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos – Sipeq**, Foz do Iguaçu, 2018. Disponível em: < <https://sepq.org.br/eventos/vsipeq/documentos/02858929912/11> >. Acesso em: jun./2020.

NEVES, Maria Teresa de Souza; FILHO, Eduardo Dias de Barros; REIS, Carla Silva. **Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais: O Estado de Arte**. 2017, p. 254-267. Disponível em: < <https://musicanasnuvens.weebly.com/12---conservatoacuterios-estaduais-de-muacutesica-de-minas-gerais-o-estado-de-arte.html> >. Acesso em: ago./2019.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: porque e como pesquisar**. 2008. Disponível em: < <https://interin.utp.br/index.php/a/article/view/1791/1524> >. Acesso em: ago./2019.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, p. 7 - 9.

REIS, José Carlos. **História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

ZORZAL, Ricieri Carlini. **Explorando master-classes de violão em festivais de música: um estudo multi-casos sobre estratégias de ensino**. Tese de Doutorado apresentada ao

Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2010.

Fontes

CEL.F. **Plano de Desenvolvimento da Escola** – 2007/2009, Montes Claros, 2007.

CEL.F. **Informativo do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández**, Montes Claros, 2011.

JORNAL DE NOTÍCIAS. **Conservatório Lorenzo Fernández: Meio século de arte e cultura.**, p. 14, 11 de março de 2011.

ARTIGO 1

Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez: do sonho à consolidação de um projeto de formação cultural

State Conservatory of Music Lorenzo Fernândez: from the dream to the consolidation of a cultural training project

Resumo: O presente artigo se situa no campo da História das Instituições Escolares e tem por objetivo reconstituir faces da história do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez, conferindo visibilidade aos sujeitos que contribuíram para sua consolidação como instituição educativa pública em Montes Claros e região Norte Mineira. O estudo se organizou pela utilização de ferramentas metodológicas da historiografia, incluindo a História Oral e a pesquisa documental, junto aos arquivos públicos e privados e registros da escola, leis e decretos da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Apresentamos um breve histórico sobre o surgimento dos Conservatórios na Europa do século XVI, no Brasil e em Minas Gerais, para abordar faces da história da criação do Conservatório em Montes Claros no ano de 1961 e suas transformações durante os primeiros 50 anos de sua existência.

Palavras-chave: Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernândez. História da Educação. Instituições Educativo-Musicais. Conservatórios.

Abstract: This article is located in the field of the History of School Institutions and aims to reconstruct faces of the State Conservatory of Music Lorenzo Fernandez's history, giving visibility to the subjects who contributed to its consolidation as a public education institution in Montes Claros and the northern region of Minas Gerais. The study was organized by historiography methodological tools, including Oral History and documentary research in public and private archives and school records, laws and decrees of Minas Gerais' Legislative Assembly. We present a brief history of the advent of Conservatories in Europe in the 16th century, in Brazil and in Minas Gerais, to address aspects of the history of the Conservatory's creation in Montes Claros in 1961 and its transformations during the first 50 years of its existence.

Keywords: State Conservatory of Music Lorenzo Fernândez. History of Education. Educational-Musical Institutions. Conservatories.

1.1 Introdução

A história é uma ferramenta de análise útil para se compreender as transformações ocorridas nas instituições e nas sociedades. O historiador Hobsbawm (2013, p. 25) diz que o

passado é “[...] uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana”. Nesse sentido, a reconstituição histórica de instituições escolares é importante para compreensão do processo de transformação homem, da cultura e da sociedade.

O Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández — CELF, objeto deste estudo, é uma escola pública de ensino de música de Montes Claros/MG, que completou 60 anos de existência no ano de 2021. Nas comemorações do seu cinquentenário, vasta programação foi apresentada, conforme divulgação em jornais da cidade, enaltecendo o valor e a importância desta instituição para a sociedade montes-clarense (JORNAL DE NOTÍCIAS, 2011).

As experiências vividas nas comemorações do cinquentenário do Conservatório despertaram o interesse em investigar o processo de criação e consolidação desta instituição. Neste sentido, as questões orientadoras da investigação visam construir resposta para as seguintes indagações: Em que contexto se deu a criação do Conservatório em Montes Claros? Quais bases legais e influências culturais e políticas incidiram para sua criação e estadualização? O objetivo deste artigo é reconstituir faces da história do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández, conferindo visibilidade aos sujeitos que contribuíram para sua consolidação como instituição educativa pública em Montes Claros e região Norte Mineira.

Para desenvolver a pesquisa e atender ao objetivo descrito buscou-se fazer uma breve contextualização do surgimento e desenvolvimento dos conservatórios no Brasil e em Minas Gerais para compreender o processo de criação e fundação do Conservatório de Montes Claros.

A metodologia utilizada para dar conta desse caminho histórico se fez por algumas rotas. Primeira, a pesquisa documental, procurando em leis e decretos da Assembleia Legislativa de Minas Gerais a cronologia das leis e decretos e outras informações que elucidassem o processo de criação dos conservatórios mineiros, e também nos arquivos e documentos do acervo do Conservatório e de ex-diretoras e ex-professoras. Simultaneamente, mediante a revisão de literatura, encontramos trabalhos significativos que forneceram informações sobre a constituição dos conservatórios em Minas Gerais. Enfim, a História Oral foi uma ferramenta metodológica complementar que permitiu a coleta de dados que produziram condições para a reconstituição da história da criação do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández.

O artigo está estruturado em seções, que primeiro introduzem o contexto histórico da criação dos Conservatórios no Brasil e em Minas Gerais. Aborda ainda o contexto sócio-político de Montes Claros nas décadas de 1950 e 1960 para apresentar o processo histórico de instituição

do CELF. Ressaltamos o papel de Marina Helena Lorenzo Fernández Silva na condução do Conservatório e trazemos ainda reflexões sobre a força feminina no processo de criação e promoção da instituição.

1.2 Os Conservatórios de Música no Brasil

O termo conservatório tem um significado diversificado que conforme Fucci Amato (2010) pode se referir “[...] às idéias de conservação e preservação (de idéias, da cultura, de métodos de ensino), a instituições filantrópicas e/ou a escolas de arte” (FUCCI AMATO, 2010, p.51). Segundo Vieira (2004), esse termo “[...] foi utilizado para denominar instituições de caridade que conservavam moças órfãs e pobres” (VIEIRA, 2004, p. 142). Dessa forma, os Conservatórios de Música surgiram na Europa, no final do século XVI, na Itália, com uma estrutura de orfanatos. Nessas instituições eram desenvolvidas diversas atividades e a que mais se destacava e que mais tarde permaneceu e passou a ser a única, foi a música. Às crianças era atribuído o ensino de canto, de instrumentos e de teoria musical para a apresentação em coros e orquestras. Seu principal objetivo era a excelência na formação musical.

Conforme Vasconcelos (2002), os conservatórios se expandiram pela Europa e passaram por algumas transformações do modelo originado na Itália, em consequência de questões econômicas e políticas. Foi no século XVIII que a arte e seu ensino começaram a se difundir e se popularizar. Segundo o autor, a presença dos conservatórios contribuiu para a valorização da música que se fazia na Europa. Neste mesmo século foi criado o Conservatório Nacional de Música de Paris que “[...] tinha um conjunto de conceitos que eram novos para a época. Era uma escola que formava os alunos em canto e em diferentes instrumentos, procurando uma formação geral do músico” (VASCONCELOS, 2002, p.43). O Conservatório Nacional de Música de Paris, com suas inovações que davam maior enfoque à performance (especialmente da música profana, não somente da religiosa), tornou-se modelo e referência de ensino de música na Europa e América.

No Brasil, o ensino de música tem início com a vinda dos jesuítas⁶ que abriram as primeiras escolas com a missão de educar e catequizar os indígenas. Nesse sentido, a música se tornou um importante recurso, pois os indígenas cantavam e dançavam naturalmente em todas

⁶ Ordem religiosa que “[...] surge na Europa em meio às lutas religiosas deflagradas pela Reforma Protestante” (LOUREIRO, 2001, p. 43).

as suas cerimônias cotidianas, louvores, caça, pesca, nascimento, casamento, morte, etc. (LOUREIRO, 2001, p. 43-44).

Não podemos deixar de destacar discussões atuais sobre o processo histórico da inserção do ensino de música no Brasil por meio das missões jesuítas que buscavam implantar “[...] princípios de religião, comportamentos e, certamente, música, que poderiam trazer civilidade para os ‘primitivos’ ali encontrados” (QUEIROZ, 2020, p. 161). Conforme Queiroz (2020), esse projeto de modernidade implantado pelos jesuítas e suas missões tinham como base a música germinando os primeiros traços de colonialidade musical no país, “[...] sem compromisso com a diversidade étnico-cultural que caracteriza a cultura brasileira que se formava” (QUEIROZ, 2020, p. 162).

Em 1808, com a chegada da família real no Brasil e um crescente aumento de portugueses vindos para o país, a procura pela prática e ensino de música aumentou consideravelmente, levando a uma preocupação com a formação de músicos para atender essa nova demanda no país (ROCHA, 2017).

Loureiro (2001) afirma que a música se fez presente nas escolas brasileiras com um forte papel na organização escolar e na aquisição de bons hábitos sociais e religiosos. “Nos educandários femininos, o ensino de Música incluía, além do canto, o domínio de algum instrumento musical, visto então como indispensável às moças pertencentes às camadas dominantes” (LOUREIRO, 2001, p. 50-51). Essa importância dada ao ensino da música na classe dominante levou à criação do Conservatório Musical do Rio de Janeiro em 1841, por Francisco Manuel da Silva (autor do Hino Nacional Brasileiro), sendo possível o início das aulas somente em 1848, por falta de fundos.

Portanto, os conservatórios chegaram ao Brasil somente no século XIX, com a criação das primeiras escolas de música do país. Atualmente, estes primeiros conservatórios são assim denominados: Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1848), Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (1895) e Instituto Estadual Carlos Gomes (1895), este último situado em Belém do Pará. Vieira (2004) mostra que “[...] o conservatório, afirmado no século XIX no mundo ocidental, constituiu-se como lugar onde o conhecimento musical europeu até então acumulado passou a ser conservado e difundido” (VIEIRA, 2004, p. 143). A autora demonstra que através dos séculos, os conservatórios transmitem a música européia dando ênfase à performance e conservando as bases musicais com as quais se caracteriza. Essa herança da tradição musical da Europa influenciou a forma de pensar a música, a prática musical e, conseqüentemente, a história da educação musical brasileira.

Outro aspecto que devemos considerar e refletir é sobre as práticas dessa educação musical brasileira, que negligenciou e ainda negligencia os saberes musicais produzidos por índios, negros, mulheres, entre outros grupos submetidos e sujeitados na nossa história musical.

1.3 Criação e instalação dos Conservatórios Mineiros

Na década de 1950, por iniciativa do então governador de Minas Gerais Juscelino Kubitschek de Oliveira, foram criados os primeiros Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais. Gonçalves (1993) apresenta o processo de criação e institucionalização dos conservatórios estaduais mineiros e assinala as intenções do Estado ao realizar esta iniciativa. A dissertação de Lília Neves Gonçalves (1993) é pioneira e referência para as pesquisas relacionadas aos Conservatórios de Minas Gerais.

Outra referência importante sobre a criação dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais foi a pesquisa realizada por Denise Coimbra Alves (2016). Entre os documentos utilizados pela autora, encontra-se uma cópia da Mensagem 211/1951 que versa sobre a criação dos primeiros Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais. Alves (2016, p. 36) aponta que “[...] o original deste documento se perdeu em um incêndio no ano de 1959”, justificando ter conseguido um *fac-simile* da mensagem do documento autenticado. A dificuldade em consultar arquivos do Poder Legislativo é demonstrada por Bocellar (2008), quando salienta a ausência de arquivos organizados e preparados para consulta pública, especialmente documentos mais antigos.

Alves (2016) apresenta a mensagem do governador Juscelino Kubitschek, publicada no Diário da Assembleia em 19 de outubro de 1951, que “[...] representa o início do processo de criação dos Conservatórios Estaduais de Música em diferentes localidades do interior mineiro” (ALVES, 2016, p. 43). Nesse mesmo ano é publicada a Lei 811, de 13 de dezembro de 1951 que cria cinco Conservatórios Estaduais de Música, localizados nas cidades mineiras de Diamantina, Uberaba, Visconde do Rio Branco, São João Del Rei e Juiz de Fora. A Lei 811 estabelece no artigo 2º que

Art. 2º - Esses Conservatórios, mantidos pelo Estado, têm por objetivo formar professores de música, cantores e instrumentistas, bem como desenvolver a cultura artístico-musical do povo, mediante exercícios práticos e audições de alunos, audições e concertos de professores, nos quais sejam executadas as mais seletas composições musicais antigas e modernas, de autores nacionais e estrangeiros. (MINAS GERAIS, 1951a)

Gonçalves (1993) ressalta que a apresentação do projeto para criação dos conservatórios por Juscelino Kubitschek, em 1951, partiu do deputado estadual Tancredo Neves que, por ter uma estreita relação “político-pessoal”⁷ com o governador⁸, pleiteou a criação de um estabelecimento em São João del Rei com o intuito de preservação cultural e artística da cidade. Esta reivindicação propiciou a apresentação do Projeto de criação dos primeiros Conservatórios mineiros que seriam responsáveis pela expansão do ensino da música no Estado, e serviu também para que outros deputados apontassem a inclusão de suas cidades e regiões nos critérios de escolhas das cidades que sediariam as instituições. Além das cinco cidades contempladas, a Lei 825 do dia 14 de dezembro de 1951 acrescenta a cidade de Pouso Alegre que não constava no Projeto Inicial (MINAS GERAIS, 1951b).

Os critérios apontados por Juscelino Kubitschek eram de promoção das tradições culturais e atendimento em diferentes zonas do Estado. Posteriormente, o interesse político de alguns deputados em defender suas cidades acabou gerando a ampliação dessas escolas estaduais de música. Ainda na década de 50, a Lei 1239, de 14 de fevereiro de 1955, autoriza a criação de Conservatórios de Música nos municípios de Conselheiro Lafaiete, Montes Claros, Ouro Fino, Divinópolis, Itaúna, Almenara, Bom Despacho e Alfenas (MINAS GERAIS, 1995).

Nesse período, o Partido Republicano (PR) e o Partido Social Democrático (PSD) de Montes Claros, a fim de conseguir benefícios que a cidade carecia, uniram-se para apoiar a candidatura de Juscelino Kubitschek para presidente. Não encontramos registro de qual deputado defendeu a inclusão da cidade de Montes Claros para sediar um Conservatório de Música. Vale destacar que, conforme descreve Pereira (2002), na década de 1950, os deputados estaduais Antonio Pimenta (PSD) e Teófilo Ribeiro Pires (PR) eram os representantes da região na Assembléia Legislativa de Minas Gerais.

As leis e decretos que autorizaram a criação dos conservatórios não significaram o funcionamento imediato das instituições. Gonçalves (1993) aponta e Alves (2016) confirma que foi autorizada por lei a criação de 22 conservatórios, mas que desses apenas 12 foram

⁷ Grifo da autora

⁸ Essa relação “político-pessoal” pode ser percebida no discurso proferido pelo ministro da Justiça, Tancredo Neves, durante homenagem a ele prestada pelo governador Juscelino Kubitschek em Belo Horizonte no ano de 1953. Aqui um pequeno trecho do discurso: “Sempre dediquei a S. Exa. a mais funda simpatia e o mais vivo apreço. Fui e sou dos seus mais devotados amigos e dos seus mais constantes admiradores. E S. Exa. sempre me retribuiu esses sentimentos com a generosidade e a fidalguia que o caracterizam. Talvez que nas raízes dessa afinidade se infiltrem influências telúricas. As nossas cidades, Diamantina e São João del Rei, são profundamente aparentadas. Numa e noutra prevalecem os mesmos hábitos, os mesmos costumes, as mesmas tradições” (DELGADO, 2010)

oficialmente instalados e estão em funcionamento até os dias atuais. Esse fato pode ser pensado como elemento que indica a importância da iniciativa e empreendimento de D. Marina para instalar o Conservatório na cidade de Montes Claros.

Apresentamos a seguir o quadro demonstrativo, elaborado por Gonçalves (1993), que apresenta a trajetória de criação e institucionalização dos conservatórios mineiros.

Quadro 1: Demonstrativo da criação e institucionalização dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais.

| Cidade | Ato de criação | Data | Ato de Oficialização | Funcionamento como Escola Estadual |
|------------------------|-----------------------|-------------|-----------------------------|---|
| São João Del Rei | Lei n. 811 | 13/12/1951 | | Março de 1953 |
| Uberaba | Lei n. 811 | 13/12/1951 | Lei n. 1.119 de 03/11/1954 | Encampado pela Lei n. 4.556 de 06/09/1967 |
| Diamantina | Lei n. 811 | 13/12/1951 | | Outubro de 1970 |
| Visconde do Rio Branco | Lei n. 811 | 13/12/1951 | | Abril de 1953 |
| Juiz de Fora | Lei n. 811 | 13/12/1951 | | Janeiro de 1955 |
| Pouso Alegre | Lei n. 825 | 14/12/1951 | | Setembro de 1954 |
| Leopoldina | Lei n. 1.123 | 03/11/1954 | | Janeiro de 1956 |
| Montes Claros | Lei n. 1.239 | 14/02/1955 | | Março de 1962 |
| Uberlândia | | | Lei n. 2.374 de 07/04/1961 | Encampado no ano de 1967 |
| Ituiutaba | Lei n. 3.595 | 25/11/1965 | | Agosto de 1967 |
| Araguari | Decreto n. 24.331 | 22/03/1985 | | Março de 1985 |
| Varginha | Decreto n. 24.373 | 22/03/1985 | | Março de 1985 |

Fonte: Gonçalves (1993, p. 38).

Podemos verificar que o funcionamento de fato dos Conservatórios ocorreu após a promulgação das respectivas leis e ou decretos de criação e estadualização. Com exceção do Conservatório de Uberlândia, fundado em 1957 pela professora Cora Pavan Capparelli, quando ainda não possuía lei de criação, e somente em 1967 é encampado pelo Estado (OLIVEIRA, 2012).

Para Gonçalves (1993), dois fatores foram determinantes para a criação dos conservatórios mineiros – o estímulo dado pela ideia de Tancredo Neves e o empreendimento político que atraiu o interesse de deputados de outras cidades. A autora destaca que, além das relações político-culturais, geográficas e sócio-econômicas, as relações político-pessoais foram fundamentais para a criação dos conservatórios mineiros. A iniciativa de Tancredo Neves e a intenção do governador em aprovar sua idéia resultaram na expansão e criação de outros conservatórios não previstos no projeto inicial.

Observamos que o Conservatório de Montes Claros foi incluído na Lei de criação em 1955. No entanto, de forma semelhante aos processos ocorridos em Uberlândia, a instalação do Conservatório de Montes Claros não ocorreu por força da lei de criação. No ano de 1961, conforme Lei Municipal nº 771, de 14 de março/1961, a instituição foi fundada como Conservatório Municipal, a partir do trabalho e experiência de Marina Helena Lorenzo Fernández – D. Marina, como é afetivamente conhecida no âmbito do Conservatório e da cidade de Montes Claros. Conforme entrevista de D. Marina, a instalação do Conservatório contou com o decisivo apoio político do prefeito local, Simeão Ribeiro Pires.

1.4 A cidade de Montes Claros: contexto sócio-político de instalação do CELF

Nesta seção descreveremos aspectos que caracterizam a cidade de Montes Claros nas décadas de 1950 e 1960, com enfoque em questões políticas e educacionais, que apresentem indícios do contexto e da conjuntura local em que o Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández foi criado.

A cidade de Montes Claros localiza-se no norte de Minas Gerais com uma população de 413.487 pessoas, segundo o Censo de 2020, sendo o principal centro urbano do norte do Estado. Pereira (2007) aponta a diversidade de regionalismos praticados em Minas ao longo de sua história, assim como das regionalizações assumidas por cada órgão do Governo do Estado. No norte de Minas essa divergência diminui, especialmente quando a região é incluída na área de atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) no final da década de 1950, solidificando-a institucional, político e economicamente (PEREIRA, 2007). O autor

explica que a economia da região, marcada anteriormente pela agricultura de subsistência e pecuária, se expande a partir dos incentivos do governo federal e estadual, se tornando um centro industrial significativo no contexto regional.

Um marco do desenvolvimento da região deu-se através da criação da SUDENE, impactando sobremaneira na estrutura de produção e, por consequência, na sua dinâmica econômica, tendo em vista que o Norte de Minas foi incorporado em sua área de abrangência. Até meados de 1950 a atividade industrial fora incipiente, porém com a consolidação da SUDENE, ela tornou-se a principal fonte econômica da região (SANTOS; SOUTO, 2014, p.73)

Santos e Souto (2014), ao apresentarem um resgate histórico do desenvolvimento do Norte de Minas, reafirmam o significativo papel da Sudene neste contexto, particularmente trazendo benefícios para a cidade de Montes Claros.

Contudo, os resultados efetivos desse investimento do Estado foi possível graças à “[...] mobilização das elites regionais” (PEREIRA, 2001, p.2). Montes Claros soube capitanear esses esforços, utilizando de um instrumento de permuta expressivo que era o voto.

É na efervescência dos períodos que antecedem às eleições que se intensifica a prestação de favores, a abertura de estradas, nomeações de professoras, delegados e subdelegados; e os favores prestados ao longo dos anos, cotidianamente são relembrados. O voto toma a figura de uma mercadoria (PEREIRA, 2002, p.23).

O poder e influência dos coronéis com expedientes de convencimento, propagandas, troca de favores, às vezes o uso da violência, conservaram o domínio político necessário para manutenção das pretensões políticas e econômicas da elite.

Em Montes Claros, esses laços de dependência, de parentesco, de troca de favores, acentuavam a dominação política e social estabelecida pelas elites. “A cidade de Montes Claros foi o centro de mobilização das elites regionais em esforço conjunto para atraírem os investimentos do Estado e se inserirem na política desenvolvimentista” (PEREIRA, 2002, p.39). No entanto, a população subordinada era ao mesmo tempo ativa, agindo de forma consciente e inteligente para alcançar seus objetivos. O autor pondera que essa dominação não aconteceu sem entraves ou barreiras colocados pela população nas relações com os coronéis, que eram os principais agentes da política local. E ainda demonstra a força e valores de um povo trabalhador, consciente e ativo nas suas práticas pela organização e desenvolvimento da cidade.

Pereira (2002) afirma que essas ações populares se limitavam à condição de

dependência política e social que existia entre esses grupos, fazendo perpetuar a prática do favor pessoal para alcançar as reivindicações desejadas. “A efetiva participação popular no sistema político, individual ou coletivamente, mesmo que subordinada, contribuiu para lhe dar legitimidade, perpetuando, dessa forma, relações autoritárias, mascaradas pelo paternalismo e pelo favor” (PEREIRA, 2002, p.39). Podemos considerar que esse costume de troca de favores ainda configura até os dias atuais nas práticas políticas da nossa sociedade.

O sistema educacional ocupou uma posição de realce no processo de modernização e desenvolvimento impulsionado pelo Estado, exigindo maiores investimentos nesse setor. (ROTA JÚNIOR; SOUZA IDE, 2016). Conforme os autores, seria necessário a formação de mão de obra capacitada para contribuir no processo de industrialização e modernização que se pretendia para a região. Por conseguinte, a melhoria do sistema educacional da cidade e da região, em todos os níveis, exigiu maior atenção e investimento dos governos estadual e municipal.

Fazendo uma reconstituição histórica da criação das escolas de Montes Claros, Paula (1979) descreve que a sua primeira escola pública foi inaugurada em 18 de novembro de 1830. Neste momento, Montes Claros ainda não tinha sido elevada à condição de município, dado que sua emancipação política ocorreu em 1857⁹. Até 1909 havia no município apenas escolas isoladas e particulares para o ensino elementar/primário. Segundo o historiador, a primeira escola pública foi inaugurada em Montes Claros em 18 de novembro de 1830.

Em 1879 foi criada uma Escola Normal em Montes Claros. “A Escola Normal de Montes Claros prestou assinalados serviços ao Norte de Minas, educando e instruindo a mocidade [...]” (PAULA, 1979, v.2, p. 119). As Escolas Normais se espalharam em todo o Brasil constituindo-se “[...] não somente para o povo norte mineiro como para todo o povo brasileiro, em um símbolo do progresso, uma oportunidade singular de formação” (ALMEIDA, 2015, p. 90). A criação da Escola Normal foi um grande passo para o desenvolvimento educacional da cidade. Em 22 de julho de 1909, pelo decreto nº 2352 de 05 de janeiro, foi instalado o primeiro grupo escolar na cidade, o Grupo Escolar Gonçalves Chaves (PAULA,

⁹ Montes Claros de Formigas, criado em 1831 e instalado em 1832, tendo a Vila como sede. [...] Os documentos oficiais do Estado de Minas Gerais, como os anuários estatísticos e mesmo os sites oficiais como o da Assembléia Legislativa do Estado (www.almg.gov.br) apresentam sempre as datas de 1831 e 1832, respectivamente, como da criação e instalação do município de Montes Claros. A vitória do 03 de julho data de 1957. Nesse ano, foi comemorado (novamente) o “Primeiro Centenário de Montes Claros”, bem como teve início a “era das exposições agropecuárias” no município. Note-se que as duas festividades nasceram juntas e praticamente se confundem ao longo da história. A idéia de se comemorar o “centenário” em 1957 começou a ser veiculada pela imprensa local no ano de 1955. Em artigos diversos, lideranças políticas e o médico Hermes de Paula salientavam o caráter especial que teria o ano de 1957 (PEREIRA; OLIVEIRA, 2003, p.2-3)

1979, v.2, p. 119).

Conforme Machado (2016), nas décadas de 1950 e 1960 várias instituições educacionais estaduais e municipais foram criadas em Montes Claros na área urbana e rural. A autora afirma que o aumento do “[...] número de estabelecimentos de ensino público provavelmente foi influenciado pelo alto índice de analfabetismo no município que, na década de 1950, era de 74,63% da população” (MACHADO, 2016, p.64). O investimento na criação de instituições educacionais em Montes Claros a partir desse período, principalmente na periferia da cidade, contribuiu para a diminuição gradativa dos altos índices de analfabetismo registrados na cidade. Conforme dados apontados por Machado (2016, p.64), “em 1960 a taxa de analfabetismo era de 56,50%; em 1970: 32,80% e em 1980: 22,17%”.

Na década de 1960, Machado (2016) destaca também a criação do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández e da Fundação Norte Mineira de Ensino Superior (FUNM). O avanço e a expansão do sistema de ensino demandaram, cada vez mais, professores habilitados para atuação nas escolas que estavam sendo criadas, culminando na implantação do ensino superior na região.

No aspecto sócio-cultural, Montes Claros é um espaço em que se fazem presentes diferentes manifestações, que distinguem a cidade e encantam quem a conhece por seu artesanato, música, danças, festejos e grupos folclóricos. O historiador Hermes Augusto de Paula (1979) conta que as festas religiosas, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Divino Espírito Santo, fizeram parte do calendário de Montes Claros com seus reinados, catopês e marujadas. Segundo Paula (1979), a notícia mais antiga sobre a realização dessas festas data de 23 de maio de 1839.

As festas religiosas, que eram realizadas no mês de agosto, acabaram caindo no esquecimento por um tempo, conforme Silveira e Colares (1999). Essas foram recuperadas pelo incentivador do folclore Dr. Hermes de Paula, mas por não haver possibilidade de continuar, acabaram sendo interrompidas novamente. Silveira e Colares (1999) reiteram que

O Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández, principalmente pelos estudos da Cadeira de Folclore, fez ressurgir as Festas de Agosto, tendo recebido a colaboração do 10º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais e o aplauso da população (SILVEIRA; COLARES, 1999, p. 138).

As autoras afirmam que em 1856, D. Eva Teixeira de Carvalho¹⁰ fundou a Banda de

¹⁰ Professora da cadeira de Instrução Primária, para o sexo feminino.

Música Euterpe Montes-clarense que perdurou um século animando as festas e comemorações da cidade. As autoras destacam também a criação em 1888 do Clube Literário Montes-clarense, que promovia e cultivava a arte da palavra. Outra personalidade da arte e da cultura destacada pelas autoras foi Dulce Sarmiento. A professora de música “[...] animou todas as festividades com o seu piano, que dominava, improvisando ou executando qualquer partitura” (SILVEIRA; COLARES, 1999, p. 120). O arcabouço sociocultural de Montes Claros se formou pela contribuição das tradições artísticas e culturais estimuladas e proporcionadas pela Rádio Sociedade Norte de Minas — ZYD-7, Cinemas, Clube Literário, Associações teatrais, grupos de seresta, entre outros (SILVEIRA; COLARES, 1999; PAULA, 1979).

A instalação do Conservatório constitui-se como um marco cultural para Montes Claros, pois após sua criação as vocações artísticas locais passaram a receber orientação e amparo educacional, além da intensa realização de festivais e eventos culturais (PAULA, 1979, SILVEIRA; COLARES, 1999).

1.5 Legislação e normatização para criação do Conservatório

O desejo de instalar uma escola de música já existia embrionário nos projetos de D. Marina, que ministrava aulas de piano em Montes Claros, desde a sua chegada na cidade no final da década de 1940, e realizava apresentação musical pública de suas alunas. Por ocasião de um destes eventos, a qualidade musical destas aprendizes atrai a atenção do prefeito. “[...] Simeão me entregou uma chave depois de um Concurso que eu fiz. Um concurso meu, particular, com as meninas tocando. Ficou todo mundo maravilhado com a meninada tocando” (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista, 2019).

Assim, em 1961 é fundado o Conservatório – um ideal, uma chave e a mobilização de Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, que busca suporte em algumas mulheres montes-clarense entusiastas. Um ano depois, em 1962, o Conservatório foi estadualizado, sendo que este encampamento ocorreu por um movimento local, como fruto do esforço encabeçado por D. Marina.

No período em que o Conservatório funcionou como instituição municipal, D. Marina foi procurada por Dr. João Valle Maurício¹¹, sendo informada sobre a existência de uma lei mineira que autorizava a criação de um conservatório em Montes Claros. A referida lei foi

¹¹ Dr. João Valle Maurício, foi médico, poeta, escritor, Membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, Membro e Presidente da Academia de Letras de Montes Claros, Vice-Presidente da Academia Médica de Minas Gerais, Presidente e Reitor da Fundação Norte Mineira do Ensino Superior. (PAULA, 1979, p. 255).

compreendida como possibilidade de ampliar as condições de financiamento e suporte para o funcionamento das atividades de formação musical no âmbito da instituição.

LEI 1239, DE 14/02/1955

Autoriza o Poder Executivo a criar um Conservatório de Música, nos municípios de Conselheiro Lafaiete, Montes Claros, Ouro Fino, Divinópolis, Itaúna, Almenara, Bom Despacho e Alfenas.

O Povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, decretou a seguinte lei:

Art. 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a criar, nos municípios de Conselheiro Lafaiete, Montes Claros, Ouro Fino, Divinópolis, Itaúna, Almenara, Bom Despacho e Alfenas, um Conservatório de Música, nos moldes dos congêneres existentes no Estado.

Art. 2º - Revogadas as disposições em contrário, entrará esta lei em vigor na data de sua publicação.

Palácio da Inconfidência, aos 14 de fevereiro de 1955.

(aa) O Presidente, RIBEIRO PENA - O 1º Secretário, Teófilo Pires - O 2º Secretário, Gil Vilela (MINAS GERAIS, 1955)

A partir desta informação, “[...] vimos que existia uma lei e fomos atrás disso pra fazer o Conservatório. E tivemos sorte porque tinha um amigo nosso que foi Secretário de Educação: Oscar Dias Correia” (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista 2019). A lei já existia desde 1955 e com a colaboração do Secretário de Educação Oscar Dias Correia, a estadualização e autorização de funcionamento do Conservatório como escola estadual foi em 29 de março de 1962, no governo de José de Magalhães Pinto.

Em 1964, ocorre a alteração da denominação do conservatório, publicada conforme Decreto 7828, oficializando o nome da escola como Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández:

DECRETO 7828, DE 21/08/1964

Dá denominação de Lorenzo Fernandez ao Conservatório Estadual de Música de Montes Claros.

O Governador do Estado de Minas Gerais, usando de suas atribuições, decreta:

Art. 1º - O Conservatório Estadual de Música de Montes Claros passa a denominar-se Lorenzo Fernandes.

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, 21 de agosto de 1964.

JOSÉ DE MAGALHÃES PINTO

Antônio Aureliano Chaves de Mendonça

O Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández foi assim nomeado em homenagem a Oscar Lorenzo Fernández, denominação que reafirma os laços políticos, pessoais e familiares, bem como as trocas e interesses que contribuíram para se construir o

Conservatório. O homenageado, que nasceu no Rio de Janeiro em 04 de novembro de 1897 e faleceu aos 50 anos de idade, no dia 27 de agosto de 1948, é o progenitor de D. Marina. Apesar de não ter uma contribuição direta para a instalação do Conservatório, Lorenzo Fernández tem uma contribuição importante para a educação musical e cultural no Brasil. Foi músico, poeta, compositor e educador que atuou de maneira particular na formação de músicos e de professores de música.

Oscar Lorenzo Fernández era um músico nacionalista, estudioso do folclore e das manifestações populares, conforme Igayara (1997) relata sobre a obra do compositor.

Como manifestação característica de seu nacionalismo, percebe-se em Lorenzo Fernández a adaptação, para a técnica erudita, de gêneros populares instrumentais ou vocais, assim como a farta utilização de movimentos de danças brasileiras ou afro-brasileiras, por exemplo em sua obra pianística (IGAYARA, 1997, p.70)

Monti (2016) sinaliza a carência de pesquisas sobre Lorenzo Fernández “[...] numa perspectiva da História da Educação Musical ou da História da Educação” (MONTI, 2016, p.231). O autor destaca a importância das idéias e ações de Lorenzo Fernandez para a História da Educação, como por exemplo, a fundação da revista *Ilustração Musical* e a fundação do Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, juntamente com Villa-Lobos.

O compositor Oscar Lorenzo Fernández (1897-1948) nasceu e faleceu no Rio de Janeiro. Recebeu de sua irmã as primeiras noções de música e, orientado pela mesma, em 1917 ingressou no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, onde foi discípulo de Henrique Oswald, Francisco Braga, Frederico Nascimento e J. Otaviano. Foi responsável pela fundação da Sociedade Cultura Musical em 1920, onde ocupou diversos cargos, até sua extinção em 1926. Já em 1936, fundou o Conservatório Nacional de Música, no Rio de Janeiro, uma das mais importantes instituições musicais do país. Apaixonado pelo folclore, foi também um dos incentivadores do nacionalismo brasileiro, por meio de várias composições ricas em ritmos brasileiros e com temas de inspiração folclórica (SANTIAGO, 2007, p.13).

Marina Sarmiento Veloso, ex-diretora do CELF, afirma em entrevista que a inspiração de D. Marina para criar uma instituição de música em Montes Claros foi o Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, fundado por seu pai, Lorenzo Fernández.

1.6 Marina Helena Lorenzo Fernández Silva – força feminina em Montes Claros

A instalação e consolidação do Conservatório se processaram pelo trabalho de homens e mulheres, que sonharam e empreenderam ações na viabilização de um projeto educativo. Mas

a forte presença de mulheres, protagonistas em diferentes movimentos e processos, não passa despercebida para aqueles que lançam um olhar sobre a História desta instituição escolar. Como explicitado anteriormente, em 14/02/1955, foi promulgada a Lei n. 1.239 que autorizava a criação de um conservatório de música no município de Montes Claros, sendo que a publicação da lei não significou a imediata instalação do Conservatório na cidade. O Conservatório de Montes Claros foi fundado em 1961 pela professora Marina Helena Lorenzo Fernández Silva a pedido do Dr. Simeão Ribeiro, prefeito de Montes Claros.

Filha de Oscar Lorenzo Fernandez e Irene Sotto, Marina Helena Lorenzo Fernández Silva nasceu no dia 08 de fevereiro de 1926 na cidade do Rio de Janeiro. Sua formação educacional se fez no Colégio Jacobina. Berner (2011, p.2) apresenta o Colégio Jacobina como uma escola destinada somente para meninas, com uma formação tradicional baseada na escola francesa, onde se preparava a mulher para colaborar para a construção de uma sociedade mais humanizada pelo afeto. Sendo filha do maestro, compositor, educador e poeta Oscar Lorenzo Fernández, teve uma formação musical e cultural privilegiada.

Conforme Marina descreve, teve como primeiro professor de piano seu pai Oscar Lorenzo Fernandez, “[...] era bom porque ele ia dar aula e a gente brincava mais no piano do que outra coisa” (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista 2019). Pouco tempo depois passou a ser orientada pela professora Liddy Chiaffarelli Mignone¹², e posteriormente por Francisco Mignone¹³. Estudou a disciplina música de câmara com o músico alemão naturalizado brasileiro Hans-Joachim Koellreutter¹⁴. Estudou de modo particular a música e também conviveu com grandes nomes da arte brasileira, como Heitor Villa-Lobos, Mário de Andrade, Francisco Mignone, entre outros. Esse universo cultural e intelectual contribuiu para consolidar sua formação como musicista e educadora musical.

Enfim, estudou no Conservatório Brasileiro de Música, onde também trabalhou como professora e participou de concertos e recitais de piano, além de co-autora, aos 18 anos de idade, na elaboração de um livro com Liddy Chiaffarelli Mignone que foi publicado em 1947 pela

¹² Liddy Chiaffarelli Mignone nasceu em 1891, em São Paulo. Transferiu-se em 1933 para o Rio de Janeiro, passando a viver com o compositor Francisco Mignone. A partir de então, sua atuação profissional amplia-se, e ela constrói uma produtiva carreira como professora de canto, professora de piano, formadora de professores, projetando-se por desenvolver um método específico para o ensino musical de crianças, a Iniciação Musical. (ROCHA, 2017, p.21)

¹³ Francisco Mignone, regente, pianista, professor e compositor de destaque do Nacionalismo Musical brasileiro (BARROS, 2013).

¹⁴ Koellreutter, educador musical que visava o desenvolvimento integral dos alunos, “[...] a música transportaria para o novo, e esse deveria ser um importante objetivo da educação musical - da iniciação à profissionalização” (BRITO, 2016, p.12).

Edições Tupy com o título *Iniciação Musical: treinos de ouvido, ritmo e leitura* (ROCHA, 2017, p.21).

Marina Helena relata que veio para Montes Claros em 1947, chegando “[...] em plena Festa de Agosto¹⁵” (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista 2019). As manifestações folclóricas e religiosas da Festa de Agosto de Montes Claros surpreenderam Marina pela força da religiosidade, pela alegria e colorido das danças, rezas, cantos e devoção a São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Divino Espírito Santo. Por ter acompanhado as ideias e realizações do seu pai e também recebido influências culturais do movimento modernista brasileiro, D. Marina foi tocada pela religiosidade de um povo simples, mas criativo, forte e generoso. Isso porque estas influências reverberam em sua formação eclética e transgressora, despertando-lhe a sensibilidade para as manifestações culturais populares.

Para além destas influências recebidas do seu pai e de artistas modernistas com os quais conviveu, D. Marina conta que estudou sobre o folclore no Rio de Janeiro e explica que ler sobre folclore e participar do folclore são experiências diferenciadas e por isso enriquecedoras (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entre 2010 a 2012).

Ainda na década de 1950, já residindo em Montes Claros Marina Helena Lorenzo Fernández Silva começou a dar aulas particulares de piano para algumas meninas, ministradas em sua própria residência. Com o tempo foi criando raízes e projetando sonhos. Foi percebendo que “[...] realmente o povo de Montes Claros é diferente, é um povo mais vibrante, não é um povo pacato” (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista 2019). Nesse período ministrou aulas particulares de piano, de pintura em porcelana e a formação de uma bandinha de música (grupo folclórico), já demonstrando uma preocupação com a diversidade e a valorização da cultura local.

Percebemos a atenção da professora Marina Helena Lorenzo Fernández Silva em estimular diferentes manifestações artísticas, ampliando o conhecimento e apreciação dos alunos, professores e sociedade. Para motivar e incentivar seus alunos, mas sobretudo conferir visibilidade para os resultados da educação musical e cultural produzida, D. Marina e outras professoras realizavam recitais, audições e concursos de piano no Clube de Montes Claros (Figuras 1,2 e 3) e no auditório do Colégio Imaculada.

¹⁵ A Festa de agosto em Montes Claros se consolidou a partir da junção de três festejos religiosos: o de Nossa Senhora, o de São Benedito e o do Divino Espírito Santo [...] em um único acontecimento que congrega os rituais em devoção às três santidades (QUEIROZ, 2005, p.57).

Figura 1 – Recital de Piano no Clube de Montes Claros (década de 1950) - Grupo de alunos das Professoras Maria Ignês Maciello e Marina Lorenzo Fernandez



Fonte: Facebook Maria das Dores Guimarães Gomes – Dorzinha
Álbum: MOC ANTIGA XXVIII. n. 08290

Figura 2 – Audição de Piano no Clube de Montes Claros (década de 1960)

1 – Valeria de Paula; 2 – Leila Veloso; 3 – Maria Ignez; 4 – Tania Nicácio; 5 – Conceição Lafetá; 6 – Nazita (Lourdes Machado); 7- Biza Velloso Costa; 8 – D. Marina Lorenzo; 9 – Marilusa Sarmento Veloso; 10 – Maria Alice Teixeira; 11 – Paulo César Oliveira; 12 – Arthur Ramos; 13 – João Luiz Lafetá; 14 – Eduardo Tupinambá.



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Figura 3 - Audição de Piano no Clube de Montes Claros (década de 1960)
1 – Mario Velloso; 2 – Marlene Velloso Ferreira; 3 – Não identificada; 4 – Hilda Athayde; 5 – D. Marina Lorenzo; 6 – Maria Ignez Maciel; 7 – Nina Pimenta; 8 – Haroldo Velloso; 9 – Ricardo Velloso; 10 – Celso Fernando; 11 – Tereza Cristina; 12 – Leila Velloso; 13 – Sonia Prates; 14 – Biza Costa.



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Além das audições de piano, D. Marina realizava exposição dos trabalhos de pintura em porcelana no Clube de Montes Claros (Figuras 4 e 5). Como se pode perceber, estas ocasiões se constituíam como verdadeiras atrações culturais voltadas para a sociedade montes-clarense, que prestigiava os eventos e valorizava o trabalho realizado junto às novas gerações. Observamos ainda que os alunos e o público presente se vestiam de gala, dada a importância que atribuíam para a ocasião. Aos poucos foi crescendo nela e no grupo de alunos a vontade de formar uma escola de música.

Figura 4 - 1ª Exposição no Clube de Montes Claros (década de 1960)



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Figura 5 - 1ª Exposição no Clube de Montes Claros (década de 1960)



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Neste período, entre a década de 1950 e o início da década de 1960, as iniciativas particulares de D. Marina no ensino de música ganharam visibilidade na sociedade da época, devido aos eventos promovidos pela professora, chegando ao conhecimento do prefeito o desejo de se criar uma escola de música na cidade. Em 1961, D. Marina realizou um Concurso de Piano com suas alunas particulares que, conforme ela descreve, foi um sucesso. Dias depois, Dr. Simeão Ribeiro, então prefeito de Montes Claros, empolgado com a performance das alunas ao piano, a procurou e entregou-lhe uma chave dizendo: “[...] D. Marina, tá aqui a chave de uma casa, faça um Conservatório que a senhora sonha” (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista 2019).

1.7 A força idealista e a presença da mulher no Conservatório

A pesquisa em História da Educação Brasileira tem contribuído para a preservação e reconstrução da história das instituições escolares e na análise dos papéis sociais construídos no ambiente escolar. Telles (2014, p. 14) afirma que, “[...] historicamente, a mulher obteve no magistério, de certa forma, a maneira de ter independência financeira e social, como movimento de libertação de uma trajetória marcada pela vivência no ambiente privado, com vocação reprodutora e mantenedora da família”. Contudo, a crescente participação da mulher na educação tem revelado sua força idealista e autonomia, mesmo submetida ao poder patronal ainda de maioria masculina. Ao longo deste trabalho, foi possível perceber a presença e força

da mulher na reconstituição da história do Conservatório.

Na história do Conservatório, uma mulher – Marina Helena Lorenzo Fernández – foi a fundadora desta importante instituição, sendo que a sua aliança com outras companheiras idealistas de Montes Claros garantiu o início dos trabalhos de formação musical no âmbito local. Podemos observar o reencontro de quatro dessas mulheres (Figura 6) nas comemorações do Cinquentenário do CELF no ano de 2011. Maria Ignês Maciello de Paula, Cecy Tupinambá de Ulhôa e Maria da Conceição Machado Lafetá representam apenas uma parte das mulheres que constituiu a equipe que, juntamente com D. Marina, fundou o Conservatório em 1961.

Figura 6 – Comemorações do Cinquentenário do CELF - 2011
Marina Helena Lorenzo Fernández Silva; Maria Ignês Maciello de Paula;
Cecy Tupinambá Ulhôa e Maria da Conceição Machado Lafetá



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Conforme registro em documento organizado por Maria Ignês Maciello de Paula (1986), nas comemorações dos 25 anos da escola, a equipe de professores e funcionários em exercício no Conservatório em abril de 1961 é basicamente composta por mulheres, o que revela a forte presença feminina na composição do staff da escola.

Diretora: Marina Helena Lorenzo Fernández Silva
Vice-Diretora: Maria Ignêz Maciello de Paula
Diretora Tesoureira: Terezinha Machado Tupinambá
Diretora Vice-Tesoureira: Jacy Frois Velloso
Diretora Secretária: Maria da Conceição Machado Lafetá

PROFESSORES

| | |
|------------------------|--|
| Música | - Arlette Rodrigues de Macedo Clarice Sarmento Cecy Tupinambá Ulhôa Geraldo Pereira da Silva Iraídes dos Santos Drumond Jacy Alves Cardoso Vale Leila Velloso Alkimim Ferreira Maria da Conceição Machado Lafetá Maria Ignêz Maciello de Paula Marina Helena Lorenzo Fernández Silva Nadir Antonio Cunha |
| Escolinha de Arte | - Maria de Lourdes Pimenta Yedde Ribeiro Cristovão |
| Pintura em Porcelana | - Maria José Colares de Araújo Moreira Terezinha Machado Tupinambá |
| Ballet | - Maria Luiz Coutinho |
| Línguas – Espanhol | - Carmem Lusher de Castro |
| Francês | - Irmã Maria Guido Padre Armando Alphonso Dryche |
| Inglês | - Myrtes Virginia Crosland |
| ADMINISTRAÇÃO | |
| Auxiliar de Secretaria | - Mary Wilson Maldonado Dutra Nicácio |
| Servente | - Stela de Oliveira Silva |

(PAULA, 1986, p.3)

Como se pode perceber no registro acima, as mulheres se encontram e compõem o corpo administrativo e docente do Conservatório, com apenas duas exceções – a do Padre Armando Alphonso Dryche, que divide a responsabilidade da docência do francês com a Irmã Maria Guido, e do professor Geraldo Pereira da Silva, que exerce a função de professor de música.

No decurso da sua trajetória, o CELF contou com muitas outras professoras. Em sua gestão, nos 50 primeiros anos de existência, o Conservatório passou por algumas administrações, todas exercidas por mulheres. Marina Helena Lorenzo Fernandez Silva, fundadora do Conservatório assumiu a sua direção por quase de 30 anos, entre 1961 e 1987. Em 1987, após se aposentar, decide retornar ao Rio de Janeiro para assumir o comando do Conservatório Brasileiro de Música, fundado por seu pai, Oscar Lorenzo Fernandez. Com o afastamento de D. Marina, o CELF passa a ser conduzido por outras mulheres, dentre elas: Lígia Braga, que administra a instituição entre os anos de 1988 e 1991; Marina Sarmento exerce a gestão por 2 mandatos consecutivos, entre 1991 e 1999; Rachel Ulhôa dirige o CELF por período menor, de apenas 3 anos, entre 2000 e 2002; Helenice Lommez completa o seu mandato

e exerce a gestão administrativa no ano 2002 – 2002; já a professora Iracenária Fernandes assume a direção por um longo período, entre 2003 e 2014, que equivale a três gestões consecutivas à frente da instituição.

No Conservatório, as imagens destas mulheres gestoras se fazem presentes em retratos, como se pode observar no quadro das ex-diretoras e suas gestões, reproduzidas nas figuras a seguir:

Figura 7 – Marina Helena
1961 - 1987



Figura 8 – Lígia Braga
1988 – 1991



Figura 9 – Marina Sarmiento
1991 - 1999



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Figura 10 – Rachel Ulhôa
2000 - 2002



Figura 11 – Helenice Lommez
2002 - 2002



Figura 12 – Iracenária Fernandes
2003 - 2014



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Esses quadros (Figuras 7 a 12) encontram-se expostos em frente à sala da direção da escola e foram retratados pelo artista Luciano Teixeira. Todas as diretoras, até o período estudado, tinham formação musical e foram alunas e professoras do Conservatório até

assumirem o cargo de direção, com exceção de D. Marina Helena, que foi a fundadora, professora e diretora.

Em seu estudo sobre o perfil dos dirigentes escolares, intitulado *Diretores das escolas públicas brasileiras: quem são esses sujeitos?*, Drabach e Freitas (2012, p.20) concluem que “[...] os diretores das escolas públicas brasileiras, são, em sua maioria, do sexo feminino”. As autoras afirmam que a escola é o espaço de inserção e permanência da mulher, onde representam a maioria do corpo docente e também que a participação feminina na condução das escolas é predominante. No Conservatório essa afirmação pode ser confirmada ao se observar o quadro das ex-diretoras e suas gestões.

No CELF, conforme a política da época (década de 1960), as primeiras diretoras foram livremente nomeadas pelo Governador do Estado de Minas Gerais, sendo que, a partir de 1991, na gestão do Governador Hélio Garcia, as diretoras passam a ser definidas por eleição, exigindo assim, a apresentação de certificações e comprovações das competências necessárias para o cargo. Segundo Costa (2018, p.71) o processo de eleição de diretor de escola passou a ser realizado em duas etapas, que consta primeiro de uma prova de aptidão certificando ao candidato habilidades gerenciais e de liderança. Os candidatos aprovados podem então concorrer na segunda etapa, em que a comunidade escolar¹⁶ vota e escolhe o novo diretor.

É importante observar a realidade das escolas públicas brasileiras, nas quais a ocupação dos espaços de poder pela mulher seja significativo, porém com pouca visibilidade. Freitas (2015, p.38980) afirma que “[...] muitos e maiores esforços devem ser empreendidos, no sentido de reconhecimento e valorização da competência feminina para a ocupação de cargos de chefia e espaços de poder”. Percebemos que ao longo da trajetória do CELF a mulher atuou na gestão da instituição e no ensino de música, com dinamismo e habilidade, valorizando e enaltecendo sua competência administrativa, educativa e artística, representativa da força feminina na construção da sociedade.

1.8 Considerações

Compreendemos a importância do estudo das Instituições Escolares, do conhecimento de sua história, de como ela começou e como se tornou a escola de hoje, bem como a necessidade de pesquisar e valorizar os Conservatórios de Música como um importante

¹⁶ A comunidade escolar dos conservatórios é formada por todos os funcionários da escola, alunos maiores de 14 anos e pais responsáveis pelos alunos menores. (ALVES, 2016)

patrimônio educacional brasileiro. Para compreensão do funcionamento e do surgimento dessas instituições educativas de ensino especializado de música, apresentamos um breve percurso sobre o seu surgimento na Europa e no Brasil. Percebemos que os conservatórios de música do Brasil foram criados sob a influência do modelo de ensino de música estabelecido pelos conservatórios da Europa, de modo particular, do Conservatório de Música de Paris.

Sob essa herança do ensino tradicional de música foram também criados, na década de 1950, os Conservatórios de Música de Minas Gerais. O interesse da classe política em criar instituições em algumas cidades mineiras surgiu pelo desejo de Tancredo Neves, então deputado estadual de Minas, de valorizar e preservar a efervescência cultural e artística que predominava em São João del Rei. A partir desse pedido, o Governador Juscelino Kubitschek de Oliveira publica em 1951 a lei para a criação dos primeiros conservatórios mineiros. Nos anos seguintes foi permitida a criação de outros conservatórios, totalizando 22 autorizações. Destes, apenas 12 foram efetivamente criados e permanecem até os dias atuais.

Nessa perspectiva, a lei de criação de um Conservatório para Montes Claros foi publicada em 1955. Em 1961, a partir do idealismo e esforço de Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, cria-se em Montes Claros o Conservatório Municipal de Música. Com o auxílio e colaboração de algumas companheiras, conseguindo o apoio do prefeito e políticos locais, iniciaram a tarefa de oferecer educação musical e cultural para a população.

Outro aspecto importante que ficou muito explícito nos depoimentos que colhemos dos entrevistados foi a força política, firmeza e empenho pessoal de Marina Helena Lorenzo Fernández Silva para impulsionar, valorizar e fortalecer cada vez mais a arte e a cultura da cidade por meio do ensino de música numa escola especializada como o Conservatório. Explicitou ainda a presença maciça da mulher na gestão e no ensino das artes na instituição nesses 50 primeiros anos de sua existência. No âmbito do CELF, as mulheres conquistaram espaço para realização das ações necessárias para a consolidação da instituição.

1.9 Referências

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e. **Um lugar: muitas histórias** – o processo de formação de professores de matemática na primeira instituição de ensino superior da região de Montes Claros/Norte de Minas Gerais (1960-1990). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2015.

ALVES, Denise Coimbra. **Conservatório Estadual de Música de Juiz de Fora: História e políticas atuais de capacitação de professores**. Belo Horizonte: UFMG, 2016. 177f.

Dissertação (mestrado PROFARTES) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BERNER, Talitha dos Prazeres. “Às minhas meninas”: um estudo sobre os discursos de Laura Jacobina Lacombe dirigido às alunas. **ANAIS – VI Congresso Brasileiro da História da Educação. Rio de Janeiro** – RJ, 2011. Disponível em: < encurtador.com.br/DKPZ0 >. Acesso em: Fev./2020

BOCELLAR, Carlos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, p. 23 - 80.

COSTA, Júlio Resende. Eleição de Diretor e Gestão Democrática na Escola Pública de Minas Gerais: Entre Vícios, Ranços e Avanços, o Concebido e o Percebido. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, n. XVII, 2018. pg. 64-93. Disponível em: < <https://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura/article/view/347/469> >. Acesso em: Nov./2020.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org). Tancredo Neves. **Série perfis parlamentares**, n. 56, 2.ed. Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 938 p. Disponível em: < [file:///C:/Users/canta/Downloads/tancredo_neves%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/canta/Downloads/tancredo_neves%20(1).pdf) >. Acesso em: Nov./2020.

DRABACH, Nadia Pedrotti; FREITAS, Suellem Raquel de. Diretores de escolas públicas brasileiras: quem são esses sujeitos? **IX ANPED SUL Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. Caxias do Sul/RS. 2012. Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1328/134>>. Acesso em: Nov./2020.

FREITAS, Olga Cristina Rocha de. A feminilização da educação e ocupação dos espaços de poder na escola: a força do discurso sexista e a atuação da mulher na gestão pública. **EDUCERE - XII Congresso Nacional de Educação**, Paraná, 2015. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22433_10801.pdf > Acesso em: mai./2021.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. **Memória musical: retratos de um conservatório**. São Paulo: Annablume, 2010.

GONÇALVES, Lilia Neves. **Educar pela Música**: um estudo sobre a criação e as concepções pedagógicas musicais dos Conservatórios Estaduais Mineiros na década de 50. Porto Alegre: UFRGS, 1993. 187f. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

HOBBSAWN, Eric J. Sobre história: ensaios. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/montes-claros/panorama> . Acesso em: abr./2021 www.ibge.gov.br/cidade

LOUREIRO, Alcília Maria Almeida. **O ensino da música na escola fundamental**: um estudo exploratório. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

MACHADO, Cláudia Aparecida Ferreira. **O processo de escolarização na área rural de Montes Claros-MG (1960-1989):** memórias e representações de professores e alunos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

MINAS GERAIS. **Mensagem 211. Diário da Assembleia**, Belo Horizonte, ano V, n. 164, 1951a. In. ALVES, Denise Coimbra. Conservatório Estadual de Música de Juiz de Fora: História e políticas atuais de capacitação de professores. Belo Horizonte: UFMG, 2016. 177f. Dissertação (mestrado PROFARTES) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MINAS GERAIS. **Lei 811, de 13 de dezembro de 1951.** Cria cinco Conservatórios Estaduais de Música. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1951a. Disponível em: < <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=811&comp=&ano=1951> >. Acesso em: maio/2020.

MINAS GERAIS. **Lei 825, de 14 de dezembro de 1951.** Cria o Conservatório Estadual de Música de Pouso Alegre. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1951b. Disponível em: < <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=825&comp=&ano=1951> >. Acesso em: maio/2020.

MINAS GERAIS. **Lei 1.239, de 14 de dezembro de 1955.** Autoriza o Poder Executivo a criar um Conservatório de Música, nos municípios de Conselheiro Lafaiete, Montes Claros, Ouro Fino, Divinópolis, Itaúna, Almenara, Bom Despacho e Alfenas. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1955. Disponível em: < <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=1239&comp=&ano=1955> >. Acesso em: maio/2020.

MINAS GERAIS. **Decreto 7.828, de 21 de agosto de 1964.** Dà denominação de Lorenzo Fernández ao Conservatório Estadual de Música de Montes Claros. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1964. Disponível em: < <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=7828&comp=&ano=1964> >. Acesso em: maio/2020.

MONTI, Eduardo Monteiro Gonzaga do. Propostas pedagógicas de Oscar Lorenzo Fernández para o ensino da música nas escolas públicas brasileiras (1930-1931). **Revista História da Educação (online)**. v. 20, n. 49. Porto Alegre, 2016. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/61437> >. Acesso em: ago./2020.

OLIVEIRA, Beatriz de Macedo. Formação de nível técnico e atuação profissional do músico egresso do Conservatório Estadual de Música de Uberlândia. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2012.

PEREIRA, Laurindo Mékie. Montes Claros anos 50: entre a esperança e a frustração. **Unimontes Científica**. Montes Claros, v.1, n.1, 2001. . Disponível em: < <file:///C:/Users/canta/Downloads/10-8-1-PB.pdf> >. Acesso em: Nov./2020.

PEREIRA, Laurindo Mékie. **A cidade do favor: Montes Claros em meados do século XX**. Ed. Unimontes. Montes Claros, 2002.

PEREIRA, Laurindo Mékie. **Em nome da região a serviço do capital: o regionalismo político norte-mineiro**. Tese (Dourado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Econômica. Universidade de São Paulo (UPS), São Paulo, 2007.

PEREIRA, Laurindo Mékie; OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. A invenção do 03 de Julho em Montes Claros. **UNIMONTES CIENTÍFICA**. v.5, n.1, Montes Claros, 2003.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **Performance Musical nos Ternos de Catopês de Montes Claros**. Tese/Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Até quando Brasil? Perspectivas decoloniais para (re)pensar o ensino superior em música. **PROA: Revista de Antropologia e Arte**. UNICAMP. v.1, n. 10, 2020. p. 153-199. Disponível em: < https://drive.google.com/file/d/1vpgq6m9T9sgUmx8VZu31qD06l8n0co_D/view >. Acesso em: mar./2021

ROCHA, Inês de Almeida. Modernidade e Modernismo na Iniciação Musical e nas práticas educativas de Liddy Chiaffarelli Mignone. **Revista da ABEM**, v. 25, n. 39, p. 20-38, 2017. Disponível em: < [file:///C:/Users/canta/Downloads/253-2536-1-PB%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/canta/Downloads/253-2536-1-PB%20(5).pdf) >. Acesso em: ago./2020

ROTA JÚNIOR, César; SOUZA IDE, Maria Helena de. Ensino superior e desenvolvimento regional: o Norte de Minas Gerais na década de 1960. **Revista Brasileira de Educação**. V. 21, n. 64, 2016. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n64/1413-2478-rbedu-21-64-0143.pdf> >. Acesso em: out./2020.

SANTIAGO, Júnia Gonçalves. **Progressão da dificuldade técnica nas três suítes brasileiras para piano de Oscar Lorenzo Fernânez**. Artigo Final / Mestrado. Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SANTOS, Gilmar Ribeiro dos; SOUTO, Karine Gomes dos Santos. O desenvolvimento do Norte de Minas na Perspectiva da SUDENE. **Revista Desenvolvimento Social**. Nº 12/01, 2014. Disponível em: < <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/1970/2088> >. Acesso em: nov./2020.

TELLES, Antonia Marlene Vilaca. A presença da mulher no contexto da história da educação (1960-1980). **X ANPED SUL**. Florianópolis, 2014. Disponível em: < http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/861-0.pdf > Acesso em: mai./2021

VASCONCELOS, António Ângelo. **O Conservatório de Música: professores, organização e políticas**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2002.

VIEIRA, Lia Braga. A escolarização do ensino de música. **Pró-Posições**, v. 15, n. 2, 2004.
Disponível em: < <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2249/44-dossie-vieiralb.pdf>
>. Acesso em: ago./2019.

Fontes

JORNAL DE NOTÍCIAS. **Conservatório Lorenzo Fernández: Meio século de arte e cultura.**, p. 14, 11 de março de 2011.

PAULA, Hermes Augusto de. **Montes Claros, sua história, sua gente, seus costumes.** Montes Claros: minas Gráfica Editora, Vol. 1 e 2, 1979.

PAULA, Maria Ignês Maciello de. (Org.) **Memória Cultural do Conservatório Estadual de Música “Lorenzo Fernández”** (1961-1986). Montes Claros-MG, 1986.

SILVEIRA, Yvonne de Oliveira e COLARES, Maria José. **Montes Claros de Ontem e de hoje.** Academia Montes-clarense de Letras, 2ª ed, 1999.

Fontes (entrevistas)

Marina Helena Lorenzo Fernández Silva. Entrevista realizada com a colaboração de sua filha Antonieta Silva e Silvério em 03 de julho de 2019, em Montes Claros (MG).

“Esforço e idealismo gritantes”: estratégias e ações para criação e consolidação do CELF em Montes Claros (1961 a 2011)

“Glaring effort and idealism”: strategies and actions for the creation and consolidation of CELF in Montes Claros (1961 to 2011)

Resumo: Este artigo tem como objeto de estudo o Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández e apresenta as estratégias empregadas para sua criação e consolidação em Montes Claros (1961 a 2011). Tem por objetivo discutir os desafios políticos, sociais e econômicos enfrentados para a fundação do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez como instituição educativa pública. Para o estudo empregamos a metodologia da História Oral, realizando entrevistas com ex-diretoras, ex-professoras e funcionários, que possibilitou investigar e conhecer suas memórias sobre a história da instituição. Utilizamos também a pesquisa documental em fontes históricas como: documentos encontrados nos arquivos e registros da escola, fotografias, jornais de Montes Claros, entre outros. Os resultados apontaram as diferentes estratégias empregadas pelo grupo de idealistas, encabeçado por Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, para a criação do Conservatório e sua manutenção enquanto instituição pública de educação musical e de promoção da cultura.

Palavras-chave: História da Educação. Instituições educativo-musicais. Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández. Memória Musical.

Abstract: This article has as object of study the State Conservatory of Music Lorenzo Fernández and presents the strategies created for the Conservatory's creation. It aims to discuss the political, social and economic challenges faced at the State Conservatory of Music Lorenzo Fernandez's creation as a public educational institution. For our study we used the methodology of Oral History, conducting interviews with former principals, former teachers and employees that made it possible to investigate and learn about their memories of the institution's history. We also use documentary research in historical sources such as: documents found in the school's archives and records, photographs, newspapers from Montes Claros, among others. The results pointed out the different strategies used by the group of idealists, headed by Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, for the Conservatory's and its maintenance as a public institution of musical education and promotion of culture.

Keywords: History of Education. Educational-musical institutions. State Conservatory of Music Lorenzo Fernández. Conservatories. Musical memory.

2.1 Introdução

O Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández é uma instituição educativo-musical que atua na educação musical e formação cultural, contribuindo para o desenvolvimento de profissionais do campo das artes para Montes Claros e região Norte Mineira. Segundo Carmo (2002, p. 70), o Conservatório é uma instituição de Educação e Cultura respeitada, porque “[...] seus sólidos alicerces foram bem firmados, as paredes foram erguidas de forma bem planejada, abrigando uma produção de educação e cultura sinônimo de vanguarda, de inovação, de busca”. O autor afirma que a trajetória do CELF foi construída por uma equipe de excelência que contribuiu para que a instituição sobrevivesse a crises, governos e vontades políticas. O Conservatório foi fundado em 1961 pelo esforço e idealismo de Marina Helena Lorenzo Fernández – D. Marina, e colaboradores, conforme afirmação da própria fundadora: “A ideia foi transformada em fato pelo esforço e idealismo gritante dos montesclarenses presentes [...]” (CELF, 1971, s/n).

Sendo assim, surgiu uma inquietação motivadora do seguinte problema: Quais os desafios políticos, sociais e econômicos enfrentados para a fundação e consolidação do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez como instituição educativa pública?

O objetivo deste artigo, portanto, é discutir os desafios políticos, sociais e econômicos enfrentados para a fundação e consolidação do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez como instituição educativa pública. Gatti Júnior e Gatti (2015) apontam a importância de pesquisas dedicadas à História das Instituições Escolares que, com a expansão da pós-graduação em Educação no Brasil, a partir de 1990, tem crescido consideravelmente. Os autores afirmam que “[...] os conflitos ideológicos presentes na vida social afetam as instituições escolares, tanto quanto afetam a vida dos indivíduos em sociedade” (GATTI JÚNIOR; GATTI, 2015, p. 341). Entendemos, dessa forma, a necessidade de compreender a história do CELF, as circunstâncias de sua criação, estadualização e sua evolução.

Apoiados no objetivo do artigo, buscou-se, por meio de entrevistas semiestruturadas, coletar informações a partir das memórias dos sujeitos que vivenciaram o processo de criação e estadualização do Conservatório. A História Oral é uma metodologia de pesquisa que envolve a realização de entrevistas com sujeitos que participaram de acontecimentos que se relacionem ao objeto de estudo. Paul Thompson (1992), uma das principais referências em história oral, destaca que sua utilização “[...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON, 1992, p.22). Por meio das memórias contidas nos relatos de quem viveu a criação do Conservatório, pode-se recuperar

fragmentos da história. “A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’, e dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (ALBERTI, 2008, p. 155). Logo, a História Oral foi uma das metodologias mais importantes na coleta de informações para a pesquisa.

Sendo assim, realizamos entrevistas¹⁷ com ex-diretoras, ex-professores/alunas, um ex-funcionário e uma funcionária que ainda está em exercício, num total de oito entrevistados. Apenas a primeira entrevista pôde ser realizada presencialmente. Seis foram realizadas de forma remota pelo aplicativo de videoconferência *Google meet*, e uma foi encaminhada, respondida e devolvida por *e-mail*, em obediência aos decretos de isolamento impostos pela pandemia causada pelo Covid-19. É necessário esclarecer que a pandemia impediu o acesso a fontes que poderiam ser encontradas em algumas instituições públicas como o Centro Cultural de Montes Claros e o Centro de Pesquisa e Documentação Regional (CPDOR) da Unimontes, que fecharam ao atendimento externo, obedecendo aos decretos municipais e estaduais de contingenciamento.

O artigo está organizado por seções, que apontam as estratégias utilizadas pelos dirigentes do Conservatório para o alcance da fundação, estadualização e promoção desta instituição, estabelecendo o seu desenvolvimento estrutural. Em seguida descrevemos a expansão do Conservatório com a criação do anexo na cidade de Bocaiúva. Por fim, enumeramos os projetos e grupos musicais desenvolvidos no Conservatório nesses últimos 50 anos de existência, promovendo a arte e a cultura para Montes Claros e sociedade Norte Mineira.

2.2 Estratégias e ações para instalação e consolidação do Conservatório

Montes Claros, no final da década de 1950 e início da década de 1960, foi centro de mobilização das elites locais que se organizavam, particularmente nas comemorações do Centenário da cidade, com o intuito de atrair investimentos do Estado para o desenvolvimento sócio-econômico da cidade e região (PEREIRA, 2002). Percebemos essa mobilização para a criação do Conservatório quando D. Marina, como ela mesma descreve, busca estratégias que possibilitassem a obtenção do apoio necessário para a sua instalação.

¹⁷ Esclarecemos que o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes, por meio do Parecer de número 3.650.658 de 18 de outubro de 2019. Todos os procedimentos éticos foram observados para a realização das entrevistas e na sua utilização no processo de reconstrução da memória coletiva.

Em 1961, Marina Helena Lorenzo Fernández, com participação de algumas senhoras, como Jacy Fróis Veloso, Terezinha Machado Tupynambá, Rosalva Dutra Nicássio, Maria Ignês Maciello de Paula, Conceição Machado Lafetá e Felicidade Perpétua Tupynambá, cria o Conservatório em Montes Claros. Tiveram o apoio do prefeito Simeão Ribeiro Pires, que “[...] entregou a chave de uma casa situada à Rua Dr. Veloso 486” (SILVEIRA; COLARES, 1999, p. 127) para instalar o Conservatório.

Quando Simeão me entregou uma chave depois de um Concurso que eu fiz, meu, particular, com as meninas tocando. Ficou todo mundo maravilhado com a meninada tocando. Tocando bem pra chuchu. Depois então ele veio pra mim: Dona Marina, tá aqui a chave de uma casa, faça um Conservatório que a senhora sonha. Eu fiquei com a chave na mão e lembrei de Carlos Drummond de Andrade: “E agora, onde é que tá a fechadura?” Eu tenho a chave, mas não tenho a fechadura. Bom, era na rua Dr. Veloso a primeira casa. Aí eu chamei as meninas e disse, olha aqui, eu ganhei uma chave pra um conservatório, vamos fazer? Ninguém tinha nada. Então a gente levou. Eu levei meu piano, a outra emprestou outra coisa, emprestou cadeira e nós abrimos o Conservatório (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista 2019).

Como se pode perceber, a estratégia encontrada por D. Marina foi a de buscar suporte com suas alunas e amigas entusiastas, que produziram adesão imediata ao projeto e viabilizaram sua instalação. Nas entrevistas realizadas destacam-se os nomes de Felicidade Perpétua Tupynambá, Dona Yedde Ribeiro, Dona Lourdes Antunes, Leila Veloso Paculdino, Maria Ignês Maciello de Paula, Conceição Lafetá, Iraídes Drummond, Cecy Tupinambá Ulhôa, Jacy Alves Cardoso Vale e D. Arlete Macedo. Algumas delas eram alunas de piano de Marina Helena e outras foram colaboradoras para o movimento da criação do Conservatório (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista 2019; Cecy Tupinambá Ulhôa, entrevista 2020; Iraceníria Fernandes da Silva, entrevista 2020).

A casa que o prefeito Simeão Ribeiro destinou para a instalação do Conservatório de Montes Claros situava-se na rua Dr. Veloso e foi a sua primeira sede, inicialmente um conservatório municipal, que foi estadualizado em 1962.

Esta primeira instalação era “[...] uma casinha pequena, mas nela fizemos 100 matrículas” (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista 2019), sendo que neste espaço as aulas funcionaram por quase um ano.

Outra estratégia encontrada por D. Marina para viabilizar o funcionamento do Conservatório foi a cobrança de matrícula e mensalidade para ajudar nas despesas da escola. O recebimento de doação e empréstimo de móveis, equipamentos e instrumentos também configuraram como estratégias para estruturação física e organizacional da instituição (Marina

Sarmento Veloso, entrevista 2020).

Como estratégia para o atendimento dos alunos, algumas aulas eram realizadas nas casas das professoras, principalmente as de piano, pois, além das dimensões reduzidas do espaço físico, a escola não possuía instrumentos suficientes para atender a demanda. A doação do primeiro piano foi feita pelos ruralistas, sendo que, depois desta primeira aquisição vieram outras da comunidade montes-clarenses (Iracenária Fernandes da Silva, entrevista 2020).

O desejo das elites locais em retratar Montes Claros como uma cidade moderna e progressista deve ter contribuído para a doação do piano ao Conservatório pelos ruralistas. Isso pode ser pensado no contexto do final da década de 1950 em que as lideranças políticas de Montes Claros firmaram um acordo de promover a paz e a tranquilidade para o povo montes-clarenses com o intuito de reparar a fama que a cidade tinha de “[...] ‘terra de cangaceiros’ por causa dos violentos conflitos políticos locais” (PEREIRA, 2001, p.4).

Outra chave explicativa se encontra na própria oposição e disputas por poder, bem como a demarcação de espaço entre os grupos influentes locais – os políticos e os ruralistas. Marina Helena Lorenzo Fernández Silva (entrevista 2019) menciona que um grupo de ruralistas se reuniu e comprou o primeiro piano para o Conservatório. Essa mobilização se deu ao tomarem conhecimento que a classe política havia questionado a necessidade de comprar um piano para o Conservatório, alegando que Montes Claros “[...] era terra de bois e não de artistas” (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista 2019).

Por meio de doações diversas, o Conservatório foi recebendo os instrumentos e equipamentos que precisava para seu funcionamento. Cecy Tupinambá Ulhôa (entrevista, 2020), ironiza o suporte do estado de Minas Gerais para a instalação do CELF: “O governo deu um filtro, não deu piano nenhum”. A própria D. Marina doou seu piano, e depois outras professoras doaram seus pianos para escola na medida que se aposentavam do Conservatório.

Esse primeiro momento de instalação do Conservatório pode ser sintetizado na fala de Marina Sarmento Veloso (questionário, 2020) ao afirmar que o Conservatório começou “[...] com poucos funcionários e móveis emprestados, em uma casa alugada na rua Dr. Veloso”. Vale ressaltar que não encontramos registro fotográfico da primeira sede do Conservatório na Rua Dr. Veloso.

Em uma segunda fase de funcionamento, D. Marina e colaboradoras empreendem um novo movimento de luta, buscando novas estratégias e táticas de sobrevivência institucional. “Nesse tempo o Secretário de Educação era casado com uma sobrinha minha, Oscar Dias Correia, e foi ele quem facilitou as coisas para nós” (Cecy Tupinambá Ulhôa, entrevista, 2020).

A estadualização representa uma conquista importante no ano de 1962, momento que marca a mudança para nova sede, fruto do esforço encabeçado por D. Marina.

Figura 13 – Prédio do Conservatório em 1962.



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

A segunda sede do Conservatório (Figura 13) foi na Avenida Coronel Prates, numa casa cedida pela Prefeitura Municipal de Montes Claros. Podemos afirmar, conforme relatos dos entrevistados, que a segunda sede era uma casa um pouco maior, o que possibilitou ampliar o atendimento a um número de alunos que crescia a cada ano. Com a estadualização do Conservatório, o ensino passa a ser totalmente gratuito, sendo que a suprimimento de materiais e instrumentos para o escola continua não contemplado suficientemente no orçamento do Estado.

Com a estadualização, foi realizada inauguração oficial do Conservatório Estadual de Música de Montes Claros, que contou com a presença da sociedade local, como também de autoridades religiosas e políticas, como o Secretário de Educação de Minas Gerais, Oscar Dias Corrêa, conforme registro em fotografias do arquivo da escola (Figuras 14, 15 e 16). A cerimônia de inauguração, que aconteceu no dia 14/04/1962, teve ainda como orador Dr. João Valle Maurício¹⁸ e a presença do Bispo da Diocese de Montes Claros, Dom José Alves Trindade.

¹⁸ Dr. João Valle Maurício, foi médico, poeta, escritor, Membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, Membro e Presidente da Academia de Letras de Montes Claros, Vice-Presidente da Academia Médica de

Figura 14 – Oficialização do Conservatório em 14/04/1962 – Orador: Dr. João Valle Maurício



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Figura 15 - Inauguração da Placa por Sebastião Tupinambá – 14/04/1962
(sogro do Secretário de Educação Oscar Dias Corrêa)



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Como se pode observar nas figuras 14, 15 e 16, a inauguração da nova sede do Conservatório se mostrou como oportunidade para dar visibilidade para a escola e, também,

Minas Gerais, Presidente e Reitor da Fundação Norte Mineira do Ensino Superior. (PAULA, 1979, p. 255). Foi Dr. João Vale Maurício quem informou D. Marina sobre a existência da Lei 1239, de 14/02/1955 que autorizava a criação de um conservatório em Montes Claros, contribuindo para a estadualização da instituição.

reforçar os laços políticos e a troca de favores, que se constitui como estratégia de sobrevivência da instituição.

Figura 16 - D. Marina, cortando a fita na entrada do 1º prédio do CELF, ladeada por: Dom José Alves Trindade (Bispo da Diocese) e Oscar Dias Corrêa - 14/04/1962



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Mesmo depois da estadualização, o Conservatório ainda viveu dificuldades orçamentárias e estruturais. Em função do não atendimento integral das necessidades materiais para o funcionamento da escola, a estratégia da doação é retomada como forma de captação de recursos. As primeiras professoras passaram a doar o próprio salário para aquisição de instrumentos, móveis e outras despesas. “Todo mundo doava! Pois foi assim que se construiu, se compraram pianos, se fazia o conservatório” (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista 2019). No início doavam o salário integral, depois por algum tempo passaram a doar 20% do salário, que era investido na escola.

Em 1973 o Conservatório muda para uma nova sede, na Rua Dr. Veloso, 432, prédio que abrigava o antigo Clube de Montes Claros. A conquista desse espaço teve mais uma vez a união de forças de D. Marina e das companheiras do Conservatório, também sinalizando para a estratégia da troca de favores que caracterizava as práticas naquele período. Como relata Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, Rondon Pacheco, governador de Minas Gerais, recebeu uma homenagem do Conservatório no Clube de Montes Claros, na década de 1970,

quando visitou a cidade. Zezé Colares¹⁹, professora do Conservatório, fez amizade com a esposa de Rondon Pacheco, que também se chamava Marina, e essa aproximação contribuiu para o processo de desapropriação do Clube de Montes Claros pelo Estado de Minas Gerais, que o cedeu para o Conservatório.

Pereira (2002, p. 23) afirma que “é na efervescência dos períodos que antecedem às eleições que se intensifica a prestação de favores, a abertura de estradas, nomeações de professoras, delegados e subdelegados; e os favores prestados ao longo dos anos, cotidianamente são lembrados”. Podemos ver como essas relações de parentesco e amizade se fizeram presentes no processo de desenvolvimento do Conservatório, propiciando a conquista de favores políticos que beneficiaram a escola.

A conquista do prédio do antigo Clube de Montes Claros, na rua Dr. Veloso, contou com o apoio de representantes políticos e da sociedade. O prédio foi desapropriado para fins de instalação do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández (MINAS GERAIS, 1973). “Foi uma luta pra arranjar aquele prédio, porque uns queriam assinar outros não queriam” (Cecy Tupinambá Ulhôa, entrevista 2020). A ocasião da entrega do prédio pelos sócios foi tenso porque alguns deles não aceitavam deixar o Clube. D. Marina e algumas professoras ficaram na porta (marcando território) esperando os representantes do Governo do Estado chegarem para dar a posse do prédio para o Conservatório. D. Marina recorda emocionada que no momento que entraram, os professores e alunos presentes começaram a cantar *Haleluia* de Handel. Esse foi mais um dos embates enfrentados por esse grupo de pessoas que defendia o crescimento do Conservatório, com D. Marina à frente (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista 2019).

A inauguração da 3ª sede do Conservatório ocorreu no dia 25/09/1973 e, novamente, se faz notar a presença de autoridades políticas. O evento contou com a presença do Governador Rondon Pacheco (Figura 17). Humberto Plínio Ribeiro (Figura 18), médico, fazendeiro e vereador em 1973, faz a entrega simbólica das chaves do Conservatório para D. Marina.

¹⁹ Com o apoio de D. Marina, em 1968, a Profª Maria José Colares de Araújo Moreira cria um grupo de danças folclóricas, para ilustração das aulas de História da Música e Folclore, que depois vem a se tornar o Grupo Folclórico BANZÉ. “Com o talento e graça da juventude que se sucede através do tempo, o Grupo Folclórico BANZÉ, dirigido por sua fundadora, vai preservando o folclore e projetando Montes Claros por toda a parte” (PAULA, 1986, p. 140).

Figura 17 - Inauguração da 3ª Sede do CELF à Rua Dr. Veloso, 432. Presença do Governador de Minas Gerais: Rondon Pacheco. 25/09/1973.



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Figura 18 – D. Marina recebendo simbolicamente as chaves da Instalação do CELF à Rua Dr. Veloso das mãos de Humberto Plínio Ribeiro. 25/09/1973.



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

O Conservatório funcionou no prédio da rua Dr. Veloso até o ano de 2006. Nesse período entre 1973 e 2006 a escola aumentou o número de alunos, expandindo os cursos e a quantidade de turmas. Dessa forma, o prédio já não era suficiente para atender a demanda da escola, precisando alugar outros espaços (anexos) para comportar a todos.

Figura 19 – Fachada do CELF à Rua Dr. Veloso, 432 – Centro. Funcionou de 1973 a 2006.



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Como se pode perceber pela figura 19, as instalações anexas do Conservatório eram adaptadas em prédios localizados no centro da cidade e que não atendiam plenamente à imagem de uma escola. Salienta-se que as salas eram pequenas e com ventilação insuficiente, sem tratamento acústico para aulas de música. O prédio ainda não contava com espaços de convivência ou lazer, dependências para refeitório e outras necessidades educativas para os estudantes.

Figura 20 – Fachada do anexo do CELF no prédio da Rua Cel. Antonio dos Anjos



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Conforme descreve Iraceníria Fernandes da Silva (entrevista, 2020), o Conservatório chegou a funcionar em 3 espaços: a sede no prédio da rua Dr. Veloso; um anexo na rua Padre

Augusto nº 96, no qual aconteciam as aulas de musicalização; e em algumas salas do segundo andar no prédio da rua Presidente Vargas, esquina com Dr. Veloso (prédio em frente ao Conservatório), onde funcionou o curso de violão popular. Depois, vendo a necessidade de centralizar mais a escola porque estava “[...] muito espalhado, muito esparramado, difícil de administrar” (Iracenária Fernandes da Silva, entrevista, 2020), alugou-se o segundo andar do prédio da Rua Cel. Antonio dos Anjos, nº 119. Assim a escola passou a funcionar em apenas dois endereços: o prédio da rua Dr. Veloso e o prédio da rua Cel. Antonio dos Anjos (figuras 19 e 20).

Ainda na gestão de Marina Sarmiento Veloso iniciou-se o sonho de construir um novo prédio para o Conservatório. A partir de excertos de suas narrativas, podemos compreender como aconteceu a construção do prédio.

Foi em Janeiro do ano de 1996, eu estava em meu 2º mandato [na direção] do Conservatório. Maria de Fátima Pereira Macedo²⁰ (Superintendente Regional de Ensino) havia me avisado que o estado tinha a intenção de cancelar o aluguel do prédio da Cel Antonio dos Anjos, por causa dos gastos (Marina Sarmiento Veloso, depoimento, 2021)

O Conservatório, segundo Marina Sarmiento Veloso (depoimento, 2021), atendia cerca de 2.300 alunos e tinha por volta de 180 funcionários. Perdendo o aluguel do prédio da Cel. Antonio dos Anjos (Figura 13), a diretora temia a redução dos funcionários e alunos, comprometendo a qualidade do atendimento e resultado da escola.

Pensei então na possibilidade de adquirirmos nosso próprio prédio. Um dia, passando de carro em frente ao Polivalente (Escola Estadual Prof Alcides de Carvalho) percebi que grande parte do terreno da escola estava ocioso, tendo apenas uma pequena horta (Marina Sarmiento Veloso, depoimento, 2021)

Marina segue relatando que conseguiu o apoio da Superintendente Maria de Fátima Macedo para cessão do espaço inutilizado do Polivalente e em seguida procurou a direção desta escola para propor um acordo: “[...] ela me cedia o terreno, construiríamos um teatro nele e as duas escolas utilizariam, conforme a necessidade e com agendamento prévio” (Marina Sarmiento Veloso, depoimento, 2021). A proposta foi apresentada e aprovada pelo Colegiado do Polivalente.

²⁰ Maria de Fátima Pereira Macedo - Superintendente Regional de Ensino de Montes Claros na década de 1990.

A partir daí entrei em contato com Walfrido dos Mares Guia²¹ (Vice Governador) que demonstrou interesse. Depois de poucos meses, todo o processo fluiu com tanta naturalidade, que até fiquei encantada por tamanha sorte!

Mais tarde, no início do mandato de Rachel Tupinambá (2000, a nova diretora do CELF), saiu a publicação que ia acontecer, por intermédio de Fátima Macêdo, a liberação de um milhão e duzentos mil reais. A partir daí iniciou a construção do novo prédio do Conservatório (Marina Sarmiento Veloso, depoimento, 2021)

O projeto do novo prédio do Conservatório foi feito pelo Departamento de Obras Públicas (DEOP) do Estado. Inicialmente Rachel Tupynambá de Ulhôa, que era a diretora em exercício, encontrou alguns problemas em relação ao auditório da escola e solicitou a alteração antes de começar a construção.

Eu convidei Iracénia [Fernandes da Silva], porque ela era minha vice na época, e nós fomos então no DEOP que era o Departamento de Obras Públicas do Estado, para poder conhecer o projeto. Nós tínhamos sérias restrições ao projeto. Na questão estrutural a gente não tinha conhecimento, mas principalmente na questão do auditório, porque era muito pequeno, com um fosso²² no palco. A única coisa que nós conseguimos foi que eles tampassem o fosso (Rachel Tupynambá de Ulhôa, entrevista 2021)

O processo de idealização do projeto deu início no Governo de Eduardo Brandão de Azeredo (1995-1999), tendo continuidade, aprovação e construção do prédio no mandato do Governador Itamar Augusto Cautiero Franco (1999-2003) e a entrega e inauguração da nova sede em 2006 pelo Governador Aécio Neves da Cunha (2003-2007).

De acordo com Raquel Tupynambá de Ulhôa (entrevista 2021), o Secretário de Educação no governo de Itamar Franco, período de 1999 a 2003, era Murílio de Avelar Hingel, bastante atuante no acompanhamento aos Conservatórios e admirador do “Projeto Conservatório na Rua”, do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández. Enquanto esteve na secretaria, procurou investir no fortalecimento e desenvolvimento dos Conservatórios. Uma das realizações da sua gestão foi a aprovação do projeto para construção do novo prédio para o Conservatório de Montes Claros.

Em 2002, ocorre o lançamento da Pedra Fundamental do novo prédio com a presença do Secretário de Educação Murílio de Avellar Hingel (Figura 21). O evento contou ainda com a presença da Superintendente Regional de Ensino de Montes Claros, Prof^a Maria Salete de Souza Nether; do Reitor da Unimontes, Prof^o Paulo César Gonçalves de Almeida e do Prefeito

²¹ Walfrido dos Mares Guia – Vice-Governador de Minas Gerais entre 1995 e 1999.

²² Espaço que abriga conjuntos de músicos, não interferindo com o visual do público, por estar no plano inferior do palco.

de Montes Claros na época, Athos Avelino Pereira (Figura 22 e 23), além da equipe de direção, professores, funcionários e convidados que prestigiaram os discursos e apresentações dos grupos do Conservatório.

Figura 21 – Lançamento da Pedra Fundamental do novo prédio do CELF /2002 – Descerramento da Placa



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Figura 22 – Lançamento da Pedra Fundamental do novo prédio do CELF/2002
Profª M^a Salete Nether, Murílio Hingel e Prof^o Paulo César.



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Figura 23 – Lançamento da Pedra Fundamental do novo prédio do CELF/2002
Prefeito Athos Avelino e Murílio Hingel



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Rachel Tupynambá de Ulhôa (entrevista 2020) relata que no Governo de Itamar Franco, o Secretário de Educação Murílio Hingel liberou recursos para compra de instrumentos e de partituras. Destaca ainda que a gestão de Itamar Franco foi muito próspera para todos os Conservatórios Mineiros, não só para o de Montes Claros.

A construção do prédio (Figuras 24 e 25) foi realizada com verba do Governo do Estado, e no ano de 2006 o Conservatório se instala definitivamente no prédio construído para abrigar a nova sede à Av. Dr. João Chaves, nº 438, Jardim São Luiz (Figuras 25 a 28).

Figuras 24 e 25 – Construção do prédio novo do CELF - 2004



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Figuras 26 e 27 – Sede do CELF na Av. Dr. João Chaves, 432 – Jardim São Luiz.



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Figuras 28 e 29 – Sede do CELF na Av. Dr. João Chaves, 432 – Jardim São Luiz.



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

O espaço, construído para abrigar a nova sede do Conservatório, foi inaugurado em 2006, na gestão de Iracéníria Fernandes da Silva, contendo quatro blocos com salas amplas e arejadas, auditório, biblioteca, instrumentoteca e uma arena aberta para realização de atividades e eventos da escola. Podemos observar na figura 29 como foi finalizado o auditório da escola com as alterações solicitadas por Rachel Tupynambá de Ulhôa quando da aprovação do projeto. No projeto inicial, o palco teria suas dimensões reduzidas para construção de um fosso na parte da frente. Após as modificações, extraiu-se o fosso do projeto inicial e ampliou-se o espaço do palco (Rachel Tupynambá de Ulhôa, entrevista 2020).

O prédio da rua Dr. Veloso foi ocupado por alguns grupos de atividades do Conservatório para seus ensaios e reuniões, por cerca de 3 anos. Em 2009, o Estado solicitou o

prédio para ocupação de um departamento da Superintendência. Assim, a partir de 2009 o Conservatório concentrou todos os seus cursos e atividades em Montes Claros na sede do bairro Jardim São Luiz, onde funciona até os dias atuais, e no anexo em Bocaiúva.

2.3 Grupos e projetos de extensão cultural e o anexo em Bocaiúva

Nas comemorações do seu cinquentenário em 2011, a direção do Conservatório organizou uma programação comemorativa para celebrar “meio século de arte e cultura” (JORNAL DE NOTÍCIAS, 2011, p.14). Esse foi o título da manchete de um dos jornais da cidade que divulgaram a programação enaltecendo o trabalho do Conservatório nesses cinquenta anos de existência.

Anunciando as comemorações dos 50 anos da instituição, o Jornal de Notícias (2011, p.14) evidenciou os grupos e projetos existentes em 2011, sendo formados por professores, alunos, ex-alunos, funcionários e ex-funcionários. Entre os grupos do CELF estão: Coral Lorenzo Fernández, Núcleo de Artes Plásticas, Grupo de Flautas Capella Montes-clarense, Grupo de Danças Folclóricas Zabelê, Grupo Lírico Bezzi, Grupo Teatral Olho de Gato, Orquestra Sinfônica de Montes Claros, Instrumental Geraldo Paulista, Big Band Dionizíaca, Coral Infanto-juvenil Clarice Sarmiento, Coral Júnia Melo Franco, Coral Cecy Tupinambá, Coral Vozes de Bocaiúva, Grupo de Cordas, Grupo de Seresta Cordas & Vocais, Quarteto ALFA, Grupo de Flautas Sol Maior, Grupo Instrumental Ciranda do Som, Instrumental Antonieta Silvério, Grupo Instrumental Enny Parejo, Projeto Conservatório na Rua e Projeto Trilhando as Artes Plásticas (PDE, 2007-2009; Informativo Lorenzo Fernández, 2011).

Nesses primeiros 50 anos de existência, o Conservatório criou e desenvolveu vários projetos culturais. Carmo (2002, p. 81) destaca que os grupos do Conservatório “[...] são produtores de cultura, como resultado imediato dos processos educacionais por eles vividos e, conseqüentemente, de cada área educacional que representam”. Fazer uma descrição e análise do trabalho de cada grupo e projeto do Conservatório necessitaria de novos estudos para encerrar o tema.

Não podemos deixar de observar que a variedade dos grupos descrita demonstra a preocupação com a formação dos alunos e valorização da diversidade cultural, proporcionando uma prática musical e artística em todos as modalidades: música, artes plásticas, teatro e dança. O informativo da escola, divulgado em março de 2011, ressalta ainda que os grupos e os projetos Conservatório na Rua e Trilhando as Artes Plásticas atendem às escolas públicas de

Montes Claros e Bocaiúva, possibilitando a seus alunos o trabalho com um vasto mundo de conhecimento cultural. Proporcionam ainda diversas apresentações públicas possibilitando a divulgação do trabalho do CELF, mas, sobretudo, a aproximação da comunidade local e regional a diferentes formas de arte.

Para além da comunidade local, o Conservatório atendia um número significativo de alunos de outras cidades próximas a Montes Claros. “Tinha um número muito grande de alunos que vinham pro Conservatório: Bocaiúva, Francisco Sá, Janaúba e Pirapora. Era um número grande mesmo. E Bocaiúva, dessas cidades, era a mais próxima de Montes Claros” (Iracenéria Fernandes da Silva, entrevista 2020) . Iracenéria relata que, na gestão de Marina Sarmento Veloso, o Conservatório de Montes Claros atendia três ou quatro escolas públicas de Bocaiúva por meio do Projeto Conservatório na Rua.

O Projeto Conservatório na Rua do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández criado em 1992, é um projeto de extensão comunitária que tem o objetivo principal de perpetuar as tradições culturais de Montes Claros, utilizando-as como matéria-prima de propostas educacionais/musicais a serem desenvolvidas na rede regular de ensino (CARMO, 2002). Conforme Ribeiro (2012), inicialmente, o “Projeto Conservatório na Rua” priorizava as atividades com as crianças da rede regular de ensino de Montes Claros, expandindo o atendimento, com o passar dos anos, para algumas escolas da cidade de Bocaiúva.

A atuação do Conservatório na cidade de Bocaiúva não se encerrou com o Projeto Conservatório na Rua. Marina Sarmento Veloso afirma que, ainda em sua gestão na direção do CELF (1991 a 1999), foi procurada pelo então prefeito, Ricardo Afonso Veloso, para que fosse criado um anexo do Conservatório para atender as crianças e jovens daquela cidade para o ensino de música. Eliane Souza Santos, que trabalha no setor administrativo do Conservatório em Bocaiúva desde 1997 até os dias atuais, confirma que o anexo foi criado pela união das lideranças políticas da cidade, o Prefeito Ricardo Afonso Veloso, o vereador e presidente da Fundação Graciema²³, Ronildo Ribeiro de Andrade e a diretora do Conservatório de Montes Claros, Marina Sarmento Veloso.

Então foi através de Eduardo Azeredo, governador. Eles conversaram e implantaram o Conservatório. Aí em 1996, no segundo semestre, conseguiram legalizar a documentação e criou-se o primeiro e único anexo aqui da região, que é o de

²³ Entidade criada em 1945 pelo padre holandês Pedro Henricks, da Ordem Premonstratense, idealizada pela bocaiuvense Graciema Alves Ribeiro, quando se construiu centro de escoteiro, banda de música, biblioteca, escola de datilografia, de culinária, posto de puericultura e ambulatório para tratamento de saúde (RIBEIRO, 2013)

Bocaiúva. (Eliane Souza Santos, entrevista 2020)

Iracenária Fernandes da Silva (entrevista,2020) ainda menciona que, para conseguir a aprovação da Secretaria de Educação do anexo em Bocaiúva, foi necessário comprovar que não haveria ônus para o Estado. Dessa forma, a prefeitura de Bocaiúva juntamente com a Fundação Graciema cederam o prédio (Figura 30) e alguns funcionários como serviçais e secretárias, além da garantia de não ter aumento do número de servidores da escola.

Após a instalação do anexo de Bocaiúva, outras cidades da região como Janaúba e Pirapora solicitaram a implantação de uma unidade do Conservatório em suas cidades e não conseguiram.

Figura 30 – Fachada do anexo do CELF em Bocaiúva/MG



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

O anexo de Bocaiúva está em atividade há mais de vinte anos graças ao empenho da direção do Conservatório e da comunidade escolar de Bocaiúva, que atuam na cidade para manter suas atividades durante todo esse período.

2.4 Considerações

Este artigo teve como objeto de estudo o Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández, uma escola especializada de música que foi criada em 1961 e se dedica desde então ao ensino de música em Montes Claros e região Norte Mineira. A pesquisa surgiu da necessidade de verificar, a partir das ações dos sujeitos envolvidos, como se deu o processo de

criação e estadualização do Conservatório. Nesse sentido, apresentamos o processo de criação, fundação e estadualização do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández procurando demonstrar as dificuldades enfrentadas desde a sua criação e as ações empreendidas ou encontradas para solucioná-las. Procuramos, enfim, discutir os desafios políticos, sociais e econômicos enfrentados para a fundação e consolidação do Conservatório como instituição educativa pública.

A lei de criação do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández foi publicada em 1955, mas foi a partir dos esforços e força política de Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, apoiada por algumas senhoras da sociedade, que em 1961 cria-se em Montes Claros o Conservatório Municipal de Música. Inicialmente atendia um público mais elitizado, e se cobrava mensalidade para ajudar nas despesas e manutenção da escola e na aquisição de instrumentos e materiais. Após a estadualização, não havendo mais cobrança de mensalidade, continuaram as campanhas para levantamento de recurso para aquisição de materiais permanentes, especialmente instrumentos.

Este trabalho mostrou como foram importantes as estratégias utilizadas e as parcerias conquistadas para o crescimento da escola. Percebemos que para realizar as mudanças e avanços que impulsionaram o crescimento da instituição, foi necessário contar com o apoio de políticos e autoridades influentes, valendo-se das relações de amizade e da troca de favores.

Verificamos ainda que ao longo dos seus 50 anos, o Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández consolidou-se como instituição educativa relevante para a formação artística da sociedade local e regional, podendo inclusive ser objeto de futura pesquisa sobre a sua presença no imaginário social Norte Mineiro.

2.5 Referências

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: Histórias dentro da História. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155 - 202.

CARMO, Sérgio Rafael do. **Conservatórios de Música: arte e emoção como aliados da educação em Minas Gerais**. Lições de Minas, 18. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação, 2002.

GATTI JÚNIOR, Décio; GATTI, Giseli Cristina do Vale. A história das instituições escolares: fundamentos conceituais, historiografia e aspectos da investigação recente. **Educativa**. Goiânia, v. 17, n. 2, p. 327-359, 2015. Disponível em: <[file:///C:/Users/canta/Downloads/4553-13264-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/canta/Downloads/4553-13264-1-PB%20(3).pdf)>. Acesso em: ago./2019.

MINAS GERAIS. **Decreto 15.157, de 06 de janeiro de 1973**. Declara de utilidade pública, para efeito de desapropriação, imóvel situado na cidade de Montes Claros, destinado a instalação de Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández . Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1973. Disponível em: < <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=15157&comp=&ano=1973> >. Acesso em: jan./2021.

PEREIRA, Laurindo Mékie. Montes Claros anos 50: entre a esperança e a frustração. **Unimontes Científica**. Montes Claros, v.1, n.1, 2001. . Disponível em: < <http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/10/7> >. Acesso em: Nov./2020.

PEREIRA, Laurindo Mékie. **A cidade do favor: Montes Claros em meados so século XX**. Ed. Unimontes. Montes Claros, 2002.

RIBEIRO, Maria Osley. O Projeto Conservatório da Rua na perspectiva de alunos de 4º e 5º anos de uma escola pública de Montes Claros (MG). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Música em Contexto do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

Fontes

CELFI. Programa das Comemorações dos 10 anos do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández (1961 – 1971)

PAULA, Hermes Augusto de. **Montes Claros, sua história, sua gente, seus costumes**. Montes Claros: minas Gráfica Editora, Vol. 1 e 2, 1979.

SILVEIRA, Yvonne de Oliveira e COLARES, Maria José. **Montes Claros de Ontem e de hoje**. Academia Montes-clarense de Letras, 2ª ed, 1999.

JORNAL DE NOTÍCIAS. **Conservatório Lorenzo Fernández: Meio século de arte e cultura**, Montes Claros, p. 14, 11 de março de 2011.

Fontes (entrevistas)

Marina Helena Lorenzo Fernández Silva. Entrevista realizada 03 de julho de 2019, em Montes Claros (MG).

Cecy Tupinambá Ulhôa. Entrevista realizada 06 de junho de 2020 por webconferência pelo *google meet*, Montes Claros (MG).

Rachel Tupynambá de Ulhôa. Entrevista realizada 06 de junho de 2020 por webconferência pelo *google meet*, Montes Claros (MG).

Iracenária Fernandes da Silva. Entrevista realizada 18 de agosto de 2020 por webconferência pelo *google meet*, Montes Claros (MG).

Marcos Venício Andrade Ataíde. Entrevista realizada 18 de agosto de 2020 por webconferência pelo *google meet*, Montes Claros (MG).

Eliane Souza Santos. Entrevista realizada 29 de dezembro de 2020 por webconferência pelo *google meet*, Montes Claros (MG).

Marina Sarmento Veloso. Depoimento enviado por áudio via whatsapp, 14 de janeiro de 2021, Montes Claros (MG).

Rachel Tupynambá de Ulhôa. Entrevista realizada 14 de janeiro de 2021 por webconferência pelo *google meet*, Montes Claros (MG).

A habilitação para a docência em Música: experiências dos professores do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández (1961 a 2011)

The qualification for teaching in Music: State Conservatory of Music Lorenzo Fernández's teachers experiences (1961 to 2011)

Resumo: Este artigo tem por objetivo compreender os desafios relativos à formação dos professores do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández, inscritos entre a técnica musical e a exigência de certificação de saberes pedagógicos. Para realização deste estudo, empregamos ferramentas metodológicas da historiografia. Estabelecemos o recorte temporal de 1961, ano de sua criação, até seu cinquentenário em 2011. Quanto às fontes históricas, utilizamos documentos encontrados nos arquivos e registros da escola, jornais de Montes Claros e legislação que normatizou a educação no tempo recortado; também utilizamos a História Oral através de entrevistas realizadas com ex-diretores, ex-professores e ex-alunos. Buscamos identificar e apresentar os caminhos percorridos pelos professores de música da referida instituição, que possuíam formação técnica e precisavam de certificação e habilitação exigidas para docência em Cursos de Música. Procuramos estabelecer uma relação entre a história da instituição e as perspectivas de formação que foram sendo determinadas em razão das demandas institucionais e governamentais. O estudo pode evidenciar a busca dos professores pela certificação e habilitação que culminaram com a criação do Curso de licenciatura em Educação Artística em Montes Claros.

Palavras-chave: História da Educação. Instituições Educativo-Musicais. Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández. Formação de Professores. Formação Musical.

Abstract: This article aims to understand the challenges related to the training of teachers at the State Conservatory of Music Lorenzo Fernández, enrolled between the musical technique and the requirement of certification of pedagogical knowledge. To carry out this study, we used methodological tools from historiography. We established the time frame from 1961, the year of its creation, until its fiftieth anniversary in 2011. As for historical sources, we used documents found in the school's archives and records, Montes Claros newspapers and legislation that regulated education in the time cut; we also used Oral History through interviews with former principals, former teachers and alumni. We seek to identify and present the paths taken by that institution's music teachers, who had technical training and needed the certification and qualification required for teaching in Music Programs. We seek to establish a connection between the institution's history and the training perspectives that have been determined due to institutional and governmental demands. The study was able to evidence the professors' search for certification and qualification that culminated with the undergraduate program in Artistic Education's creation in Montes Claros.

Keywords: History of Education. Educational-Musical Institutions. State Conservatory of Music Lorenzo Fernández. Teacher Training. Musical Formation.

3.1 Introdução

As vivências na trajetória profissional da pesquisadora despertaram o interesse em compreender os desafios e estratégias construídas pelos professores do Conservatório em seu processo de formação, especialmente antes da criação de um curso de licenciatura em Educação Artística em Montes Claros.

Até a década de 1990, ainda era comum a presença de professores não habilitados no exercício profissional docente. A trajetória dessa pesquisadora dialoga com esta realidade e se aproxima de caminhos percorridos por outros professores. Iniciou seus estudos musicais no Curso Técnico de Canto do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández em 1992. Apesar de ter a graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, curso de licenciatura, ao aproximar do término do curso técnico e por não ter a formação pedagógico-musical necessária para pleitear uma vaga de professora de música, ingressou no Curso de Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Música pela mesma universidade. Antes mesmo de terminar o curso, foi contratada como regente para lecionar aulas de canto no anexo do Conservatório na cidade de Bocaiúva - MG. Sua inserção profissional na instituição foi possível, principalmente, por três razões: estar matriculada no curso de licenciatura em artes/habilitação em música; já ter concluído o curso técnico de canto do Conservatório, que oferecia conhecimentos teóricos e técnicos em música para lecionar; e a dificuldade em encontrar professores habilitados naquela época.

Essa experiência e a prática adquiridas, durante alguns anos atuando na escola, levaram à percepção de que não basta saber música para atuar em contextos pedagógico-musicais; é necessário um suporte teórico e pedagógico específico que prepare o profissional para dar aula de música, compreender o contexto educacional, apropriar-se de saberes necessários ao enfrentamento dos desafios postos pela docência. Para além da formação, a certificação exigida pela legislação para a concorrência a uma vaga em escolas especializadas de música é outro aspecto que leva à busca de formação, pois o professor leigo, sem titulação, tem menos oportunidades de acesso ao trabalho.

Neste contexto, interessou-nos responder a algumas questões: Quais as exigências legais para o exercício docente em escolas especializadas de música? De que forma os professores do Conservatório obtiveram habilitação necessária para o exercício da docência? Quais os desafios enfrentados pelos professores para ampliar os conhecimentos pedagógicos e certificar os seus saberes no campo da música?

Este artigo tem como objetivo compreender os desafios relativos à formação dos professores de música do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez. Procurando relacionar e estabelecer os contextos sociais e culturais ocorridos desde a criação desta instituição, em 1961, discutiremos como se deu a formação inicial dos primeiros professores do Conservatório até o seu cinquentenário em 2011. Outro aspecto que apontaremos é a necessidade de atualização profissional destes professores, face às mudanças nos aspectos legais, socioculturais e educacionais que refletiram diretamente nas suas práticas de ensino.

A pesquisa²⁴ situa-se na área da História da Educação e tem como metodologias a História Oral e a pesquisa documental. Foram realizadas oito entrevistas com quatro ex-diretoras, duas ex-professoras e dois funcionários, dos quais um ainda trabalha na escola. A escolha dos participantes para as entrevistas foi estabelecida por se enquadrarem no objetivo da pesquisa e na disposição e disponibilidade para participar. A entrevista foi semi-estruturada, seguindo uma ordem de perguntas para conduzir de forma natural e aprofundar no levantamento das informações, respeitando o tempo do entrevistado. Das entrevistas realizadas, somente uma pôde acontecer presencialmente, em razão do isolamento social decretado pelos governos federal, estadual e municipal para contenção do avanço da pandemia do Coronavírus²⁵.

Em função disso, as entrevistas foram realizadas pelo *Google meet* (aplicativo de videoconferência), sendo que uma entrevista foi enviada, respondida e devolvida por *e-mail*, conforme possibilidades da entrevistada. As fontes documentais que tivemos acesso foram encontradas no site da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, em publicações do Jornal Gazeta do Norte de Montes Claros e nos arquivos e documentos do Conservatório.

Para exercer a docência numa escola especializada em Música, como o Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández, é preciso a formação em curso de licenciatura em música. A formação em nível superior para todas as etapas da Educação Básica é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96.

²⁴ Esclarecemos que o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes, por meio do Parecer de número 3.650.658 de 18 de outubro de 2019. Todos os procedimentos éticos foram observados para a realização das entrevistas e na sua utilização no processo de reconstrução da memória coletiva.

²⁵ No dia 12 de março de 2020 o Governador do Estado de Minas Gerais Romeu Zema Neto, conforme Decreto NE nº 113, “Declara SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA em Saúde Pública no Estado em razão de surto de doença respiratória – 1.5.1.1.0 – Coronavírus e dispõe sobre as medidas de enfrentamento, previstas na Lei Federal nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020” (MINAS GERAIS, 2020)

Na década de 1960, quando foi instalado o Conservatório, existia uma legislação com previsão de formação exigida aos docentes? Quais os desafios relativos à formação dos professores de música do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez?

Diante disso, procuramos apresentar como foi a formação dos professores de música que atuavam no Conservatório, desde a sua criação, em 1961, até o seu cinquentenário em 2011, refletindo sobre os desafios e as demandas educacionais para a atuação docente desses professores.

Nesse contexto, o artigo se organiza em seções, em que apresentaremos primeiro um panorama histórico da formação do professor no Brasil, de modo geral, fazendo uma interlocução com a formação do professor de música. A segunda seção mostra os desafios enfrentados pelos professores para alcançar a certificação para docência, a partir do relato de alguns ex-professores e de documentos da escola; por fim, na terceira seção é discutida a criação da Faculdade de Educação Artística (FACEART) no âmbito da Fundação Norte Mineira de Ensino Superior (FUNM), que institucionaliza a formação de professores para a docência em Música em Montes Claros e região.

3.2 Formação do professor de Música no Brasil

A educação é uma atividade humana e, portanto, histórica. Para compreendê-la é necessário considerar os contextos sociais, políticos e culturais nos quais estamos inseridos, que refletem na modificação dos processos educacionais. Romanelli (2007, p.23) afirma que “[...] a ação educativa processa-se de acordo com a compreensão que se tem da realidade social em que se está imerso”. A autora ainda aponta a importância da transmissão das experiências e conhecimentos adquiridos, não impondo modelos e estruturas definitivas, mas contribuindo para a continuidade e desenvolvimento da educação, de acordo com as demandas de cada contexto.

Diante da complexidade que envolve a ação educativa, observa-se que

durante todo o período colonial, desde os colégios jesuítas, passando pelas aulas régias implantadas pelas reformas pombalinas até os cursos superiores criados a partir da vinda de D. João VI em 1808, não se manifesta preocupação explícita com a questão da formação de professores (SAVIANI, 2009, p.144)

No Brasil, a primeira iniciativa para a formação de docentes aparece com a Lei das Escolas de Primeiras Letras promulgada em 15 de outubro de 1927 (SAVIANI, 2009; VIEIRA,

GOMIDE 2008; TANURI, 2000). Tanuri (2000) salienta que, antes da criação de instituições destinadas para formação de professores, já existia a preocupação com a seleção de mestres e mestras. A formação de professores nas Escolas de Primeiras Letras deveria ser concebida pela adoção de um ensino de caráter prático que consistia na preparação dos alunos que se destacavam dos demais como monitores, contribuindo com o ensino do restante do grupo. Tanuri (2000) afirma ainda que a Lei de 1927 previa que os professores que não alcançassem a instrução por este ensino deveriam se aperfeiçoar num prazo curto e por suas próprias custas.

No Brasil do século XIX, a criação das Escolas Normais representa uma das primeiras ações referentes à formação docente no Brasil. Com a finalidade de preparar professores, as Escolas Normais foram criadas, e segundo Saviani (2009), distinguiram-se entre Escola Normal Primária e Escola Normal Superior, para formar professores do ensino primário e de nível secundário, respectivamente. As Escolas Normais se expandiram em todo o país, tendo a formação dos professores centrada no domínio dos conhecimentos a serem transmitidos.

A primeira Escola Normal do Brasil teve sua fundação na província de Niterói, sendo instalada no ano de 1835, com a lei de criação de nº 10 de 4 de abril de 1835, por Joaquim José Rodrigues Torres, então presidente da província do Rio de Janeiro. Nas primeiras décadas do século XX, as Escolas Normais já contavam, portanto, com quase um século de sua instituição. Saviani (2009) aponta que era urgente a reforma dos planos de estudo dessas Escolas Normais pela carência do preparo prático dos seus alunos. Várias reformas foram aplicadas numa tentativa de superar as deficiências do ensino secundário, que se agravavam pela ineficiência da formação didática do corpo docente. Na década de 1930, com a organização dos Institutos de Educação, que depois foram elevados ao nível universitário, foram incorporadas na formação docente as exigências da pedagogia, consolidando um modelo pedagógico-didático às Escolas Normais. (SAVIANI, 2009)

Dessa forma, para além da formação docente no âmbito das Escolas Normais, a formação dos professores passou a ser promovida pelos cursos superiores, considerando que “[...] os institutos de educação foram pensados e organizados de maneira a incorporar as exigências da pedagogia, que buscava se firmar como um conhecimento de caráter científico” (SAVIANI, 2009, p. 146). Ainda segundo o autor, esse modelo pedagógico-didático visava corrigir as insuficiências das Escolas Normais para a formação de professores.

Conforme Saviani (2008), cria-se em 1931 pelo Decreto 19.852/31, o Estatuto das Universidades Brasileiras. Neste decreto, seu idealizador, Francisco Campos, defende que essa nova faculdade “[...] não seria apenas um ‘órgão de alta cultura ou de ciência pura e

desinteressada’, mas deveria ser, ‘antes de tudo e eminentemente, um Instituto de Educação’ cuja função precípua seria a formação dos professores, sobretudo os do ensino normal e secundário” (SAVIANI, 2008, p. 23).

Santos e Mororó (2019) apresentam o desenvolvimento das políticas de formação de professores do Brasil iniciada pelo Decreto nº 19.581/1931, passando pelas reformas das licenciaturas até a Lei nº 9.394/1996, que trata do contexto das licenciaturas²⁶. Os autores apontam, entre outros aspectos, que nas licenciaturas o professor pode se capacitar, refletir e preparar-se profissionalmente para a atuação docente (SANTOS; MORORÓ, 2019).

A criação dos cursos de Licenciatura no Brasil foi influenciada por aspectos políticos, econômicos e sociais, a fim de regulamentar as atividades docentes dos professores. Porém, o processo de constituição das licenciaturas no Brasil, segundo Santos e Mororó (2019), tem sido longo e demorado.

A formação de professores em nível superior estava, portanto, diretamente vinculada aos cursos de bacharelado das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Isto é, o aluno não ingressava em um curso para fazer licenciatura. Sua finalidade era ser um bacharel, uma vez que ao final dos três anos de curso esse aluno obtinha o diploma de bacharelado. Aqueles que pretendiam postergar os estudos ou tinham **vocação** para o magistério, viam a possibilidade de licenciar-se, mediante as disciplinas da área pedagógica, por um período de um ano. Ou seja, a decisão de se tornar professor poderia ser tomada *aposteriori* (SANTOS; MORORÓ, 2019, p. 5)

Na década de 1930, a instituição dos primeiros cursos de licenciatura no Brasil constituídos pela fórmula 3 + 1, que submetia a obtenção do título de licenciado à realização de um ano de disciplinas pedagógicas após a formação em um curso de bacharelado, para regulamentar a formação dos professores para atuar na escola secundária (SANTOS; MORORÓ, 2019). Entretanto, Fonseca (2003) menciona que o crescimento, na década de 1940 e 1950, do ensino primário e a expansão do ensino secundário resultaram na criação de mais estabelecimentos de ensino e, conseqüentemente, na necessidade de mais professores.

Baraldi (2016) descreve o panorama da década de 1940, momento em que “[...] eram poucos os professores que atuavam nas escolas secundárias brasileiras que tinham formação de nível superior” (BARALDI, 2016, p. 34). Houve uma expansão acelerada do ensino secundário

²⁶ Em 2015 é publicada a Resolução nº 2 de 01 de julho de 2015 que “Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduandos e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada” (BRASIL, 2015). A Resolução nº 2 de 01 de julho de 2015 propõe uma série de mudanças importantes aplicadas à formação de professores impactando no currículo dos cursos de licenciatura.

nesse período e o crescimento quantitativo de professores habilitados não foi correspondente, o que gerou uma enorme procura por esses profissionais.

Diante desse quadro de escassez docente, em 1946, de forma emergencial, os professores começaram a ser “recrutados” por meio do Exame de Suficiência (Conforme Decreto-Lei nº 8.777, de 22 de janeiro de 1946). Quando aprovado no Exame, o candidato obtinha o direito de lecionar nas regiões onde não houvesse disponibilidade de professores habilitados por faculdade de filosofia (BARALDI, 2016, p. 35)

Para atender o quadro de carência de professores, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) autoriza profissionais não habilitados, como médicos e advogados, a lecionar no ensino secundário em caráter provisório. Para ampliar a formação e regularizar esta situação, “[...] o MEC organiza treinamentos, cursos e exames de suficiência para habilitar profissionais de outras áreas ao magistério secundário” (FONSECA, 2003, p.1). Conforme a autora, surge desse processo a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades).

A Cades foi criada a partir do decreto nº 34.638 de 17 de novembro de 1953, e consta nos artigos 2º e 3º do decreto seus objetivos e ações respectivamente:

Art. 2º Caberá à Campanha promover, por todos os meios a seu alcance, as medidas necessárias à elevação do nível e à difusão do ensino secundário no país, tendo por finalidade:

- a) tornar a educação secundária mais ajustada aos interesses e possibilidades dos estudantes bem como às reais condições e necessidades do meio a que a escola serve, conferindo, assim, ao ensino secundário maior eficácia e sentido social.
- b) possibilitar a maior número de jovens brasileiros acesso à escola secundária.

Art. 3º Para a consecução dos objetivos previstos no artigo anterior, a Campanha deverá:

- a) promover a realização de cursos e estágios de especialização e aperfeiçoamento para professôres, técnicos e administradores de estabelecimentos de ensino secundário;
- b) conceder e incentivar a concessão de bôlsas de estudo a professôres secundários a fim de realizarem cursos ou estágios de especialização e aperfeiçoamento promovidos por outras entidades, no país ou no estrangeiro;
- c) colaborar com os estabelecimentos de ensino secundário, em fase de implantação ou reorganização, proporcionando-lhes a assistência de técnicos remunerados pela Campanha;
- d) promover estudos dos programas do curso secundário e dos métodos de ensino das várias disciplinas, a fim de melhor ajustar o ensino aos interesses dos alunos e às condições e exigências do meio;
- e) elaborar e promover e elaboração de material didático, especialmente áudio-visual, para as escolas secundárias;
- f) estudar e adotar providências destinadas à melhoria e ao barateamento do livro didático;
- g) organizar missões culturais, técnicas e pedagógicas, para dar assistência a estabelecimentos distantes dos grandes centros;

- h) elaborar e aplicar provas objetivas para avaliação do rendimento escolar;
- i) incentivar a criação e o desenvolvimento de serviços de orientação educacional nas escolas de ensino secundário;
- j) organizar e administrar plano de concessão de bônus de estudo a alunos bem dotados e de poucos recursos;
- k) cooperar com os estabelecimentos de ensino secundário no estudo de projetos de prédios, instalações, oficinas escolares e laboratórios adaptados às diversas regiões do país, bem como de novos tipos de mobiliário escolar;
- l) realizar, diretamente e em cooperação com os órgãos técnicos federais, estaduais e municipais, levantamentos das necessidades e possibilidades das diversas regiões do país quanto à localização da escola secundária;
- m) divulgar atos, experiências e iniciativas julgadas de interesse ao ensino secundário, bem como promover o intercâmbio entre escolas e educadores nacionais e estrangeiros;
- n) promover o esclarecimento da opinião pública, quanto às vantagens asseguradas pela boa educação secundária. (BRASIL, 1953)

A campanha deveria ajustar a educação para atender aos interesses e necessidades da época. Entre as ações da Cades, eram oferecidos cursos em todo o país e foram criadas equipes volantes “[...] compostas por membros treinados e que possuíssem experiência no magistério devidamente reconhecida” (BARALDI, 2016, p.35). A criação da Cades permitiu a formação de inúmeros professores em todo o país, nas diversas áreas de conhecimento, para atuarem no ensino secundário. No final da década de 1960, a Cades passa a ser considerada desnecessária em sua função de formação de professores, com o surgimento das primeiras faculdades no interior do país (BARALDI; GARNICA, 2005).

A década de 1960 foi marcada pela busca da modernização e avanços na economia, na política e na educação. A crise mundial desse período trouxe insegurança para a sociedade brasileira e fortaleceu os militares, com o advento do regime militar em 1964. Segundo Lima e Silva Júnior (2016), a educação na década de 1960 tinha a função de formar e de socializar o indivíduo, sendo um instrumento de mobilidade social. Para a história da educação brasileira, foi um período de muitas ações e movimentos que refletem até hoje na sociedade.

Dos muitos debates travados, foi aprovada em 1961, finalmente, a Lei n.º 4.024, que estabelecia as diretrizes e bases da educação nacional. Seus dispositivos mais significativos eram: tanto o setor público como o setor privado têm o direito de ministrar o ensino em todos os níveis; estado pode subvencionar a iniciativa particular no oferecimento de serviços educacionais; estrutura do ensino manteve a mesma organização anterior, ou seja: *ensino pré-primário*, composto de escolas maternas e jardins de infância; *ensino primário* de quatro anos, com possibilidade de acréscimo de mais dois anos para programa de artes aplicado; *Ensino médio*, subdividido em dois ciclos: o ginásial, de quatro anos, e o colegial, de três anos. Ambos compreendiam o ensino secundário e o ensino técnico (industrial, agrícola, comercial e de formação de professores). *Ensino superior*; flexibilidade de organização curricular, o que não pressupõe um currículo fixo. (LIMA; SILVA JÚNIOR, 2016, p.4)

Não podemos deixar de observar que, nesse período, numa tentativa do governo em legitimar o regime militar, a educação foi utilizada como instrumento onde se difundia a ideologia do regime vigente. “Todas as atividades realizadas pela escola, tinham o intuito de estimular nos/nas alunos/as o patriotismo, necessário para fortalecer a unidade nacional” (PLÁCIDO, 2014, p.6). Outro fator importante desta década foi o direcionamento do ensino na formação do indivíduo para ingresso ao mercado de trabalho, visando ao desenvolvimento econômico do país.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 4.024/61 sofreu alterações por meio da LDB nº 5.692/71. Voltada para o Ensino de 1º e 2º graus, a LDB nº 5.692/71 foi promulgada com caráter tecnicista visando a formação de mão de obra qualificada. No entanto, a Lei 5.692/71 “[...] possibilitou a ampliação do acesso a níveis educacionais mais elevados para uma maior parte da população” (FRATTINI, 2011, p.68).

Quanto à formação de professores, em seu art. 30, alínea “c”, a LDB nº 5.692/71 estabelecia como formação mínima para o exercício do magistério “[...] em todo o ensino de 1º e 2º graus, habilitação específica obtida em curso superior de graduação correspondente a licenciatura plena” (BRASIL, 1971). O ensino da música e, conseqüentemente, a formação dos professores de música foi, ao longo do tempo e do desenvolvimento educacional brasileiro, alvo de discussão, organização e reestruturação das diretrizes fixadas pelas leis da educação. Com essa legislação, a formação em nível superior se torna obrigatória para os anos finais do 1º grau (5ª e 8ª séries) e para o 2º grau.

Em 1996, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96 é publicada, reconhecendo os diferentes contextos da sociedade em que a educação deve se desenvolver em processos educacionais contextualizados, insere um currículo flexibilizado, respeitando as diferenças das várias instituições e regiões brasileiras (CERESER, 2004). Com a LDBEN nº 9394/1996, a formação em nível superior passa a ser obrigatória para todas as etapas da escolarização, incluindo a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, cuja docência, pela legislação anterior poderia ser exercida por profissionais com formação em Magistério de nível médio. Essa exigência passa a incluir a formação em música e artes.

Cereser (2004) ainda afirma que a LDBEN nº 9394 de 1996 trouxe contribuições para a área de música. Entre elas, tornou o ensino das artes componente curricular obrigatório para a educação básica (BRASIL, 1996; CERESER, 2004).

Assim como os autores Queiroz e Marinho (2005), compreendemos também a complexidade de se compor o perfil profissional do educador musical para atuar em diferentes formas e contextos. Ainda assim e por isso mesmo, concordamos que algumas competências são fundamentais para a formação do profissional da educação musical de forma a desenvolver com segurança suas atividades docentes.

As transformações sociais sofridas no Brasil, conforme cada contexto histórico, mostraram algumas necessidades e mudanças para a educação, gerando algumas reformas na lei. Contudo, os ajustes sofridos pela LDB nem sempre atenderam de maneira eficaz as necessidades apresentadas para educação nacional.

3.3 Música e arte no currículo escolar brasileiro

Estabelecendo uma retrospectiva histórica, Romanelli (2013) aponta que o percurso da Educação Musical no Brasil apresenta um caminho tortuoso.

De um lado, somos orgulhosos da musicalidade que é resultado da miscigenação que marca nossa brasilidade, por outro, a Educação Musical nas escolas é marcada pela irregularidade, mesmo que, em ambientes não escolares como conservatórios e academias, o ensino de música tenha ocorrido de forma mais contínua (ROMANELLI, 2013)

Para uma reflexão crítica de como se constituiu a Educação Musical no Brasil é necessário esse olhar no passado, “[...] pois conhecermos *quem fomos* pode contribuir para compreendermos *quem somos*” (FONTERRADA, 2008, p. 208, grifos do autor). Analisando os contextos do ensino de música relacionados historicamente por autores como Fonterrada (2008), Fucci Amato (2006; 2010) e Romanelli (2013), apresentamos períodos significativos para a formação musical no Brasil.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, as terras já eram habitadas por diferentes povos. Romanelli (2013) pondera que as nações indígenas que habitavam as terras brasileiras vivenciavam a música na sua cultura, evidenciando a existência de um processo de ensino-aprendizagem. A ação dos jesuítas com uma música trazida como meio de sensibilizar os indígenas, denota duas características “[...] o rigor metodológico de uma ordem de inspiração militar e a imposição da cultura lusitana, que desconsiderava a cultura e os valores locais” (FONTERRADA, 2008, p. 208). O sistema educacional organizado e implantado pelos jesuítas perdurou durante o período colonial brasileiro, nos âmbitos formais e vinculado à Igreja. Com a vinda de D. João VI, a partir de 1808, a música recebe um tratamento especial dado pelo Padre

José Maurício Nunes Garcia. A música que era restrita às igrejas, alcança espaço nos teatros, mas ainda predominando o repertório europeu.

Uma contribuição significativa para a Educação Musical no Brasil ocorreu em 1845 com a fundação do Conservatório de Música do Rio de Janeiro, por Francisco Manuel da Silva, e neste mesmo ano, a instituição oficial do ensino de música nas escolas públicas. No ano seguinte à proclamação da República, pelo Decreto Federal nº 981, de 28 de novembro de 1890, passa-se a exigir formação especializada para o professor de música, estabelecendo a profissão, o que não significou seu desenvolvimento e fortalecimento.

Na primeira república, a legislação educacional evolui de forma diversa em cada estado conforme suas características específicas, com destaque para a presença do ensino de música no rol das disciplinas relativas ao currículo, considerado relevante para a formação cultural da sociedade. Na década de 1920 aconteceram as reformas educacionais, momento em que Anísio Teixeira realiza “[...] um ciclo de inovação na pedagogia educacional, difundindo os ideais da Escola Nova no Brasil” (FUCCI AMATO, 2010, p.81), acompanhando a modernização e urbanização do país, no qual o ensino de música foi garantido em diferentes níveis.

Acompanhando esse processo, entre as décadas de 1930 e 1940, foi implantado o ensino de música nas escolas em âmbito nacional a partir de uma proposta pedagógica estruturada e organizada por Lorenzo Fernández²⁷, utilizada parcialmente por Heitor Villa-Lobos, que tornava obrigatório o ensino de canto orfeônico em todos os estabelecimentos escolares. Como consequência, foi criado em 1942 o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico para formação de professores. Destaque-se nesse período as contribuições da Reforma Capanema para o ensino de música, com as Leis Orgânicas do Ensino (1931) que incluíram o Canto Orfeônico no currículo. (FUCCI AMATO, 2006; FUCCI AMATO, 2010; MONTI, 2016)

No entanto, novas mudanças nos objetivos da formação musical impulsionaram alterações nos processos de formação de professores. Na década de 1960, foi criado em São Paulo o curso de formação de professores de música pela Comissão Estadual de Música, e por meio da Lei de Diretrizes e Bases, LDBEN nº 4024/61, o Conselho Federal de Educação substituiu o Canto Orfeônico pela Educação Musical, alterando o ensino de música na escola. Surge o movimento da criatividade, fundamentado na experimentação e vivência de novas

²⁷ Segundo Monti (2016, p.232), “Villa-Lobos utilizou parcialmente a estrutura proposta por Lorenzo Fernández no artigo Bases para a organização da música no Brasil, publicado na Revista Ilustração Musica. Entretanto, destaco que isso aconteceu de comum acordo entre os dois músicos, pois Oscar fez parte do corpo docente em todo período de existência do curso de Música e Canto Orfeônico da UDF”.

formas musicais, encabeçado por educadores musicais como Liddy Chiaffarelli Mignone, Antonio Sá Pereira, Oscar Lorenzo Fernández, Hans-Joachim Koellreutter, entre outros (FONTERRADA, 2008; ALMEIDA, 2007).

No entanto, Queiroz (2012) enfatiza que a LDBEN nº 4024/61 não faz referência direta ao termo Educação Musical. Segundo a autor, o termo utilizado na lei é “iniciação artística”, que sendo genérico e vago “[...] não permite uma relação direta com educação musical, haja vista que não destaca qualquer elemento mais específico do ensino da música” (QUEIROZ, 2012, p.30). O autor esclarece ainda que a distorção encontrada na literatura se deve à aprovação, seis meses antes da lei, do Decreto 51.215, de 21 de agosto de 1961 que “estabelece normas para a educação musical nos Jardins de Infância, nas Escolas Pré-Primárias, Primárias, Secundárias e Normais, em todo o País” (QUEIROZ, 2012, p.30).

Com a LDB nº 5692/71, foi criado o curso de licenciatura em educação artística, pelo Conselho Federal de Educação, que oferecia duas modalidades de formação: licenciatura em educação artística, com habilitação em música, artes plásticas, artes cênicas e desenho e bacharelado em música, com habilitação em instrumento, canto, regência e/ou composição.

Transcorridas duas décadas, são processadas novas mudanças na estrutura curricular das escolas, sendo que a LDBEN nº 9.394/96 estabelece o ensino da disciplina arte para a educação básica (FUCCI AMATO, 2006). A LDBEN nº 9.394/96 é promulgada com algumas mudanças para a educação brasileira. Queiroz e Marinho (2005) afirmam que

a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/96 (Brasil, 1996), os cursos de licenciatura em música vêm sendo reestruturados em suas bases curriculares, com a elaboração de projetos políticos pedagógicos, que visam incorporar as dimensões exigidas para a formação docente em geral, sem perder de vista as especificidades do campo da música (QUEIROZ; MARINHO, 2005, p. 84)

Essas mudanças implicam que o ensino das artes se torna componente curricular obrigatório para a educação básica, mas não explicita a área de formação docente, que conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, pode ser: artes visuais, dança, música e teatro (BRASIL, 1997).

Dessa forma, são necessárias a reflexão e a atualização dos projetos político-pedagógicos dos cursos de licenciatura em música, frente às significativas mudanças na legislação, nas instituições de ensino e na sociedade.

As dificuldades relacionadas à educação musical e à formação de professores de música têm sido tema e objeto de pesquisas em educação. Consideramos o conceito de Arroyo (2002,

p. 19), que define Educação Musical como toda situação que envolva ensino e/ou aprendizagem de música, “[...] seja no âmbito dos sistemas escolares, acadêmios, seja fora deles”. Dessa forma, direcionando as discussões para o desenvolvimento profissional docente, é importante pensar a prática pedagógica e a formação desse profissional.

Educação musical e formação de professores se apresentam como duas faces de um mesmo processo. Nesse aspecto, a formação inicial do professor de música no Brasil acontece nos cursos de licenciatura em música oferecidos em instituições de ensino superior nos seus diferentes contextos, levando em consideração as transformações sociais e as reformas educacionais, bem como as demandas formativas dos estudantes em cada período. García (1995, p.55) encara essa formação inicial do professor como “[...] a primeira fase de um longo e diferenciado processo de desenvolvimento profissional”. Para o autor, o conceito de desenvolvimento profissional dos professores tem um sentido de continuidade, evolução e aperfeiçoamento (GARCÍA, 1995).

Tendo em conta essas mudanças socioculturais, educacionais e o entendimento da necessidade do desenvolvimento profissional, a formação continuada se torna fundamental para a capacitação de professores.

As diferentes realidades de ensino do país e os desafios constantes da prática docente nos fazem perceber que a formação profissional precisa ser entendida como uma ação necessária e de fundamental valor para subsidiar a atuação dos professores da educação básica e das demais modalidades de ensino do Brasil. É nessa direção que diferentes áreas do conhecimento, incluindo a música, vêm estabelecendo estratégias distintas para a formação continuada dos seus professores (QUEIROZ; MARINHO; 2007, p.2)

Na carreira docente, o professor sempre encontrará obstáculos e novos desafios, conforme a demanda cultural e social. Isso coloca o professor numa posição de constante atualização das novas propostas e práticas pedagógicas. Massabni (2011) aponta as mudanças sociais como responsáveis pela desorientação da função docente (MASSABNI, 2011, p.797). E ainda que, entre as dificuldades da função docente, “está o crescimento do número de alunos e de sua heterogeneidade sociocultural, a demanda por educação de qualidade para a população, o surgimento de novas metodologias” (MASSABNI, 2011, p.797). Essas realidades que surgem, exigem do professor adoção de posturas adequadas frente a cada nova situação. Gatti (2013) acrescenta que:

a escola exerce em seu cotidiano o papel de escolha dos conhecimentos a serem tratados com as crianças e jovens, selecionando entre os conhecimentos disponíveis, quais são essenciais, o quê incluir, quando e em qual profundidade e, também, de que

forma agir pedagogicamente – relewa aqui a questão didática, pois se está falando de educar crianças e adolescentes jovens (GATTI, 2013, p.53)

Nesta mesma perspectiva encontra-se o professor de educação musical. Para adquirir as novas competências de que necessita face às mudanças que se apresentam, o professor deve buscar rever e pesquisar novos conceitos a fim de produzir e transformar o conhecimento. Sobre isso, Silva (2002) afirma que:

a formação de um profissional não deve ser centrada apenas no domínio de um determinado conteúdo, mas na adoção de recursos que possam ir além do argumento meramente cognitivo e que atuem como componentes de consolidação das competências profissionais. Entendemos por competência profissional a capacidade de mobilizar, articular e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades necessários para o desempenho eficiente e crítico das atividades requeridas pela natureza do trabalho pedagógico. (SILVA, 2002, p.8)

Há ainda pesquisas que apontam os saberes e práticas pedagógicas dos professores de educação musical, como as de Santos (2014), Araújo (2016), Borges e Richit (2020), que analisam como se estabelecem os saberes docentes de professores de música em diferentes práticas e contextos. O professor de educação musical precisa ter consciência das mudanças que acontecem no mundo para se adaptar às novas realidades e elaborar novas estratégias e propostas.

3.4 Formação de professores de Música do Conservatório de Montes Claros

A cidade de Montes Claros, antes da criação do Conservatório, já era reconhecida por suas diversificadas e importantes manifestações culturais. O livro “Montes Claros, sua história, sua gente, seus costumes”, do historiador Hermes de Paula (1979), descreve a tradição cultural de Montes Claros com seus cantos, danças, poesias e outras manifestações culturais. Nesse terreno de diversidade de festividades e tradições culturais, tendo a música como uma das manifestações mais expressivas, cria-se uma escola especializada no ensino de música.

O Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández – CELF – é uma escola especializada no ensino de Música e foi criada em 1961 pelo esforço e idealismo de um grupo de professoras, alunos e apoiadores. Esse grupo foi encabeçado e conduzido por Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, professora de piano que fixou residência em Montes Claros no ano de 1947.

Marina Helena Lorenzo Fernández Silva nasceu no Rio de Janeiro no dia 08 de fevereiro

de 1926, filha de Irene Sotto e Oscar Lorenzo Fernández. Seu pai, Lorenzo Fernández, foi maestro, compositor, educador e fundador do Conservatório Brasileiro de Música no Rio de Janeiro em 1936. Teve uma formação musical e cultural privilegiada pela oportunidade de conviver com grandes nomes da arte brasileira como Heitor Villa-Lobos, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Francisco Mignone, Liddy Chiaffarelli Mignone, entre outros. Em uma entrevista cedida ao Documentário “Gente que faz a terra” [2010-2012], Marina Helena conta sobre o aprendizado que teve por conviver com grandes artistas.

Na casa dos meus pais era muito comum estar sempre nesse contato com as pessoas. De maneira que isso pra mim significou um aprendizado, eu não diria maior que talvez da escola, mas diferenciado. Me deu uma visão da vida completamente diferenciada. Eu vi a vida através de outros artistas (FERNANDEZ SILVA, entre 2010 e 2012)

No Conservatório Brasileiro de Música, fundado por seu pai, obteve sua formação musical, onde estudou piano e aperfeiçoamento em iniciação musical para crianças, trabalhou como professora, participou de concertos e recitais de piano. Chegando em Montes Claros “[...] em plena festa de agosto, com catopês e marujos, fiquei deslumbrada com aquilo. Achei uma maravilha, porque uma coisa é você vicenciar o *folklore*, outra coisa é ler sobre o *folklore*” (FERNANDEZ SILVA, entre 2010 e 2012).

Chegando a Montes Claros, passou a dar aulas particulares de piano e percebeu a musicalidade e energia da cidade. “É um povo mais vibrante, não é um povo pacato” (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva). Dando continuidade ao legado de educador musical e incentivador cultural deixado por seu pai, criou o CELF em 1961 com o apoio e colaboração de um grupo de alunos e entusiastas que já alimentavam do mesmo sonho.

A equipe de docentes que começou a trabalhar no Conservatório foi constituída por D. Marina, que convidou algumas professoras de música da cidade e algumas alunas que se destacavam.

De acordo com o artigo 17 da Lei 811, de 13/12/1951, que cria os primeiros conservatórios mineiros, [...] as primeiras nomeações para professores dos Conservatórios serão feitas pelo Governador” (MINAS GERAIS, 1951). O Decreto 3.870, de 08/09/1952, que aprova o regulamento dos Conservatórios Estaduais de Música, determina no seu artigo 18 que o corpo docente dos Conservatórios se constituirá de professores catedráticos e professores interinos (MINAS GERAIS, 1952)

Gonçalves (1993) observa, que não obstante às condições de ingresso dos professores nos Conservatórios de Minas, estabelecidas pelo Governo Estadual, “[...] os chamados

professores “interinos” predominavam no quadro dos docentes dos conservatórios estaduais”(GONÇALVES, 1993, p.71), quando, por legislação, eram os professores “catedráticos” que deveriam assumir as cadeiras de música na escola. A autora afirma ainda que poucos conservatórios tinham professores catedráticos conforme especificado no Regulamento dos Conservatórios Estaduais de Música, descrito no Decreto 3.870/52.

Conforme o Decreto-Lei 3.870/52, a nomeação e posterior efetivação dos professores catedráticos seria feita diretamente pelo Governador do Estado, após aprovação em concurso de provas e títulos.

Art. 19 – Os professores catedráticos serão nomeados por decreto do Governador do Estado, mediante a prestação de concurso de provas e títulos, estabelecido neste regulamento.

Parágrafo único – As primeiras nomeações serão feitas livremente pelo Governador do Estado, efetivando-se os professores após a prestação da prova de que trata o art. 67. (MINAS GERAIS, 1952)

Os professores interinos seriam nomeados para ocupar as cadeiras vagas, após submetidos a exame de suficiência assim descrito

Art. 66 – O preenchimento interino das cadeiras condicionar-se-á à prestação das seguintes provas:

I – Para os cursos Instrumentais e de Canto:

A – Execução de uma peça de transcendental dificuldade do último ano do respectivo curso, à escolha do candidato.

B – Execução de um estudo sorteado entre nove que tenham sido selecionados, com quinze dias de antecedência, por uma comissão examinadora, constituída de cinco membros, e nomeada pelo Secretário da Educação, a qual dirigirá também todas as demais provas.

II – Para o curso de Solfejo as provas constarão de:

A – Ditado modulante num tom de três ou mais acidentes, em compasso simples ou composto.

B – Solfejo modulante à 1ª vista, com acidentes, compasso e modo diferentes do ditado.

III – Para o curso de Canto Coral:

A – Ditado harmônico, a quatro vozes, formando acordes de três e quatro sons, executado ao harmônio, no máximo cinco vezes.

B – Pequena melodia inédita, cantada com letra, dando-se 15 minutos de prazo para seu estudo, sem auxílio de qualquer espécie. (MINAS GERAIS, 1952)

Para compor o quadro de docentes dos Conservatórios, as duas categorias de professores, catedráticos e interinos, deveriam se submeter às provas de suficiência. No Conservatório de Montes Claros, na década de 1960, eram poucos os professores com formação acadêmica, precisando muitas vezes trazer profissionais de outra cidade para lecionar na escola. Iraceníria Fernandes da Silva (entrevista, 2020) conta que “[...] não tinha professores com

formação aqui. Os professores vinham de fora, vinham de Belo Horizonte”. O depoimento de Iracenária Fernandes da Silva (entrevista, 2020) confirma a dificuldade encontrada pelo Conservatório em contratar professores habilitados em Montes Claros.

Neste contexto, a Cades, criada na década de 1950, se apresentou como uma possibilidade de busca de formação por parte dos profissionais desta instituição. Isso porque, entre outros objetivos, a Cades visava promover cursos e estágios de especializações e aperfeiçoamento para professores, técnicos e administradores de estabelecimentos de ensino secundário (BRASIL, 1953). Baraldi (2016) afirma que nesse período foram criados cursos em todo o país para autorizar professores a lecionar nas diversas áreas de ensino.

A expressiva expansão do ensino secundário, que culminou com a carência de professores para lecionar nas escolas, demandou o empreendimento de ações emergenciais. Foram, então, criadas várias frentes para o preparo técnico de pessoas leigas para o exercício do magistério; essas pessoas deveriam ser submetidas a exames de suficiência para obter a habilitação necessária (ALMEIDA, 2015, p.93)

Em Montes Claros, neste mesmo período, foram realizados Cursos para Exame de Suficiência promovidos pela Cades. Com base nas reportagens do Jornal Gazeta do Norte, observamos que o Ministério de Educação e Cultura sediou em Montes Claros, com supervisão da Inspetoria Seccional de Belo Horizonte, curso de orientação para exame de suficiência, visando a preparação e oferta de registro de professores para o ensino secundário (GAZETA DO NORTE, 27 de janeiro de 1957). A habilitação só era alcançada após a realização e aprovação no exame de suficiência, não sendo obrigatória a frequência no curso para fazer o exame. Todavia, o curso contava com uma frequência de professores e alunos vindos de diversas cidades da região.

Os estudos estão sendo feitos com a máxima pontualidade, e é notório o interesse geral das classes em aprofundar conhecimentos e ajudar-se nas próprias experiências de magistério dos princípios aprendidos no curso. Já estou eu a ver novas gerações de alunos preparados com maior esmero, a elevar o nível cultural na nossa região. (GAZETA DO NORTE, 22 de janeiro de 1960)

Cônego Geraldo, no artigo publicado pelo Jornal Gazeta do Norte (GAZETA DO NORTE, 22 de janeiro de 1960), enaltece a importância do curso ao preparar e habilitar os professores possibilitando elevar o nível do ensino da região.

Almeida (2015) aponta a realização dos Cursos para Exame de Suficiência ao apresentar em sua tese o relato de professores que participaram dos cursos da Cades em Montes Claros, por ser requisito para atuar no ensino secundário. Baraldi (2016) assinala como característica

dos cursos de formação oferecidos pela Cades que

eram ministrados durante o período de férias escolares para que os professores em serviço pudessem ter a oportunidade de participar. [...] os cursos tinham a duração de, aproximadamente, um mês e eram compostos pelas disciplinas: Didática Geral, Didática Específica e Conteúdo Específico (BARALDI, 2016, p. 37)

Visando à formação e habilitação dos professores do Conservatório, D. Marina descreve que na época “[...] vinha gente do Rio, banca do Rio pra examinar, então elas [as professoras] tem o diploma do Conservatório porque faziam as provas com o pessoal do Rio e conseguiam diploma” (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista, 2019). As aulas eram realizadas nos finais de semana para não interferir com o período letivo. Esse modelo de formação descrito por D. Marina confere com o modelo de formação dos cursos promovidos pela Cades nesse período. Almeida (2015) afirma que os professores, quando alcançavam o registro, prestavam concurso e ingressavam na carreira de magistério do Estado de Minas Gerais.

Por outro lado, algumas professoras fizeram a graduação no Rio de Janeiro no Conservatório Brasileiro de Música (CBM). Nas décadas de 1960 a 1980, as aulas aconteciam de forma modular: às vezes iam para o Rio de Janeiro e às vezes os professores vinham a Montes Claros ministrar as aulas nos finais de semana. Dessa forma, os professores frequentavam, em Montes Claros, algumas disciplinas do curso de graduação, em regime de extensão cultural, e prestavam os exames finais das referidas disciplinas no Conservatório Brasileiro de Música, no Rio de Janeiro. Podemos observar o atestado de prestação de exames finais das disciplinas: Pedagogia aplicada à música, Acústica e biologia aplicadas à música, Harmonia e Morfologia, que se referem a parte do currículo do curso de graduação do Conservatório Brasileiro de Música, apresentada ao Conservatório por uma de suas professoras no ano de 1968 (CBM, 1968).

Conforme o relato de Marina Helena Lorenzo Fernández Silva e Cecy Tupinambá Ulhôa, inicialmente as professoras eram contratadas como regente de ensino até conseguirem a formação exigida pelo estado para atuarem no Conservatório. Almeida (2015) confirma na sua pesquisa que para atender as exigências da Lei de formação superior para atuar no ensino secundário, os professores do Norte de Minas se deslocavam para os grandes centros.

O Decreto 11.600, de 14/01/1969, que aprova o Regulamento dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais, tendo em vista a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024 de 20/12/1961, estabelecia quais professores poderiam lecionar nos Conservatórios, em seus artigos 5º e 6º

Art. 5º - O Curso de Iniciação Musical, que funcionará como classe anexa de demonstração, será ministrado por Professor de Ensino Primário, portador de diploma de Curso de Educação Musical ou de Professor de Música, designado pelo Secretário da Educação.

Art. 6º - Somente poderão lecionar nos cursos de nível médio, ministrados pelos Conservatórios Estaduais de Música, professores com registro específico na disciplina, fornecido pelo órgão próprio do Ministério da Educação e Cultura, sujeitos a concurso público de provas e títulos, no caso de provimento de cadeira ou a exame de suficiência (seleção), no caso de regência de aulas extranumerárias. (MINAS GERAIS, 1969)

A partir de 1977, esse decreto foi revogado, passando as normas para funcionamento dos Conservatórios Estaduais de Música a serem fixadas pela Secretaria de Estado da Educação (MINAS GERAIS, 1977).

Conforme a criação de novos cursos para o Conservatório, D. Marina incentivava os alunos e/ou professores a se habilitarem para a vaga. Aos poucos, os professores da escola foram buscando essa formação para compor o quadro docente do CELF.

D. Marina um dia chegou, eu tinha 17 anos, ela chegou na sala e falou assim: você sempre foi apaixonada por violino, né? Tô precisando de uma professora pra fazer um curso em Santa Maria no Rio Grande do Sul, pra gente inovar o curso de violino aqui. (Iracenária Fernandes da Silva, entrevista 2020)

Iracenária Fernandes da Silva (entrevista, 2020) conta que a experiência trouxe aprendizado em diferentes aspectos: primeira vez que viajou sozinha para um Estado onde não conhecia ninguém e a primeira vez viajando de avião. Descreve ainda que ficou 17 (dezessete) dias em um convento em Santa Maria/RS adquirindo conhecimento sobre o Método Suzuki²⁸ e que essa metodologia, desenvolvida para o ensino de violino, foi aplicada na sua prática docente para o ensino de outros instrumentos.

Entendemos que para atender à demanda de novos cursos para o Conservatório, foi necessário investir na formação profissional dos professores e a formação continuada foi uma estratégia adotada para ampliar a atuação e a prática docente desses profissionais.

quando eu fiz a graduação, eu e Eliane Pereira éramos colegas, nós éramos alunas de piano de D. Marina. Então o seguinte: ela foi determinante em todo esse processo. Ela nunca deixou de investir na formação do professor. E outra coisa impressionante, eu tenho o curso técnico de flauta doce, tenho o curso técnico de canto e tenho o curso

²⁸ Também conhecida como Método da Língua Materna e Método da Educação do Talento, a Metodologia Suzuki, desenvolvida pelo violinista e educador japonês Shinichi Suzuki, tem como princípio que toda criança pode aprender música naturalmente da mesma forma que aprende a língua materna, pela imitação (escuta, repetição e prática dos sons), desenvolvendo as habilidades musicais necessárias para sua formação (BORGES, 2007).

técnico de piano, porque era um incentivo constante você fazer outros instrumentos e ela foi determinante nesse processo. (Rachel Tupynambá de Ulhôa, entrevista, 2020)

Percebemos ter sido recorrente na formação dos professores de música do Conservatório a preocupação em possibilitar aos docentes uma atualização profissional constante para que pudessem renovar sua prática docente. No tocante a essa questão, Queiroz e Marinho (2010) afirmam ser a formação continuada uma ação fundamental para a prática docente.

entendendo-a como um projeto permanente, que possibilite aos professores caminhos para que, de forma coletiva e contextualizada com o universo de atuação de cada profissional, possam criar alternativas para (re)discutir, (re)definir e transformar o seu pensamento e, conseqüentemente, a sua prática docente (QUEIROZ; MARINHO, 2010, p. 102)

Em se tratando da área de música, a formação continuada se esbarra num universo complexo e variado, no qual encontramos professores de vários instrumentos diferentes, que requerem, portanto, habilidades e conhecimentos específicos. Dessa forma, a participação em cursos de curta duração, festivais de música e *master-classes* são possibilidades que o professor encontra para atualizar e adquirir novos conhecimentos para sua prática musical e conseqüentemente para sua prática docente.

Destacamos as *master-classes* como uma forma de ensino muito utilizada para formação continuada de professores de instrumento. “A *master-class* é um formato de ensino que possui uma versatilidade de aplicação que a coloca no rol das importantes metodologias da pedagogia do instrumento musical” (ZORZAL, 2010, p.5). O Conservatório promoveu a realização de diversas *master-classes* e outros eventos, a fim de proporcionar uma formação continuada ao corpo docente da escola, nos seus diferentes instrumentos.

Encontramos o registro de um número variado de cursos, concertos, exposições, conferências, concursos e outros, no livro “Memória Cultural do Conservatório Estadual Lorenzo Fernández (1961-1986)”. O livro, organizado pela professora Maria Ignêz Maciello de Paula, registra todos os eventos realizados pela escola no período destacado, ano a ano. Percebemos a preocupação com a formação dos professores e alunos do Conservatório ao verificar a quantidade e variedade de temas propostos em cursos e apresentações. Além de possibilitar aos alunos e à sociedade a apreciação de concertos musicais com artistas renomados da música erudita do país, a vinda desses conceituados artistas/professores seria para realização de *master-classes* para os professores do CELF, contribuindo para sua formação.

Analisando o registro das apresentações e eventos de saberes e culturas diversas, realizados pelo CELF, podemos perceber a presença do diálogo entre o erudito e o popular. Nesse sentido, o conservatório procurava introduzir para o aluno, além do “[...] domínio de um campo de conhecimento que envolve atividades artísticas várias, [...] a possibilidade para desencadear um processo de formação do cidadão crítico” (URIARTE, 2005, p.169). Conforme a autora, a escola e o professor devem apresentar e valorizar as diferentes manifestações culturais, oportunizando ao aluno desenvolver uma postura consciente e crítica da realidade social.

O resultado desse investimento na formação de alunos e professores do Conservatório manifestou-se ainda na conquista de prêmios em festivais e concursos estaduais e nacionais. Podemos verificar a ex-aluna e ex-professora de piano Talitha Maria Cardoso Vale (Figura 31) recebendo em 1962 o 1º lugar, na sua faixa, no II Salão de Arte Infantil de Belo Horizonte (Talitha Maria Cardoso Vale, entrevista, 2020).

Figura 31 – II Salão de Arte Infantil de Belo Horizonte
Aluna: Talitha M^a Cardoso Valle / 1962



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Artistas e professores como Jacques Klein²⁹ (Figura 32), Francisco Mignone³⁰ (Figura 33), Maria Lúcia Godoy³¹ (Figura 34), Palhano Júnior³² (Figura 35) e Aloysio de Aguiar Maia Saliba³³ (Figura 36) estiveram em Montes Claros para realizar *master-classes* com os alunos do CELF e também apresentavam recitais que já eram esperados pela sociedade. “Montes Claros passou a ter uma agenda cultural, que as pessoas passaram a esperar por ela para poderem ir” (Rachel Tupynambá de Ulhôa, entrevista 2020).

Figura 32 – *Master-class* com o Profº Jacques Klein
Aluna: Martha Ulhôa – 04/08/1967



Figura 33 – *Master-class* com o Profº Francisco Mignone
Aluna: Martha Ulhôa – 1969



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Em 1964, a soprano Maria Lúcia Godoy veio a Montes Claros para apresentação de recital de canto no auditório do Colégio Imaculada Conceição (figura 32), sendo prestigiado pela sociedade montes-clarense. Maria Lúcia Godoy retornou a Montes Claros em 1967, 1972 e 1980, a convite da diretora do CELF (PAULA, 1986). Segundo Maria Ignêz Maciello de Paula (1986), o Conservatório tinha uma agenda cultural que apresentava músicos renomados oferecendo *master-classes*, concertos e recitais diversificados de piano, cravo, canto, violino,

²⁹ Jacques Klein - Pianista e professor de piano brasileiro. Premiado em Concursos no Brasil e em países como Alemanha e Suíça. Lecionou na Escola de Música da UFRJ (Programa de Mestrado), no Conservatório Brasileiro de Música (RJ) e na Universidade de Miami (EUA). Disponível em: < <http://institutopianobrasileiro.com.br/enciclopedia/Jacques-Klein> > Acesso em: abr./2021.

³⁰ Francisco Mignone - Regente, pianista, professor. Filho do flautista italiano Alferio Mignone, que imigrou para o Brasil em 1896. Considerado fundamental na música clássica, mas com generosa participação na música popular, assinava com pseudônimo de Chico Bororó. Disponível em: < <https://musicabrasilis.org.br/compositores/francisco-mignone> > Acesso em: abr./2021.

³¹ Maria Lúcia Godoy - Cantora lírica brasileira, nascida em Mesquita/MG. Apresentou-se em países da Europa, no Japão, nos Estados Unidos, no Oriente Médio e na América Latina, sempre interpretando e divulgando a música brasileira. Disponível em: < <https://www.ufmg.br/90anos/em-honra-da-voz/> > Acesso em: abr./2021.

³² Palhano Júnior - Cantor, ator e produtor cultural de Belo Horizonte/MG. Natural de Lavras/MG. Disponível em: < <https://www.otempo.com.br/diversao/morre-o-produtor-cultural-mineiro-palhano-junior-1.2373939> > Acesso em: abr./2021.

³³ Aloysio de Aguiar Maia Saliba - Ex-professor de violino do CELF. Residia em Belo Horizonte/MG.

violoncelo, violão e outros. E ainda orquestras, grupos de Música de Câmara, Música Experimental de Bourges (França), grupos de dança, teatro e exposições de artes plásticas.

Figura 34 – Recital de Canto de Maria Lúcia Godoy em 1964.



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Figura 35 – Recital de Canto de Palhano Júnior. Ao piano: Pedro de Castro – 31/10/1965



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Figura 36 – Recital de Violino com Aloysio de Aguiar Maia Saliba.
Ao piano: Luis Guimarães Maia – 19/03/1966



Fonte: Acervo do CELF, Montes Claros/MG

Mesmo com essa formação musical, havia a necessidade de alcançar a habilitação exigida para atuar na docência. Como já foi dito, em Montes Claros não havia oferta de licenciatura em música, levando os professores a buscar a habilitação em outros centros. “Todos fizeram curso superior, porque eu trazia bancas de fora, ou então eles iam lá [Conservatório Brasileiro de Música – Rio de Janeiro]” (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista 2019). Raquel Tupynambá de Ulhôa (entrevista, 2020), descreve

A legislação foi mudando. Então, uma pessoa para trabalhar no Conservatório ela só precisava ter o curso técnico do instrumento ou canto. Aí chegou um ponto, houve uma normativa então que precisava ter o curso de educação do magistério. Aí criou o curso de Educação Artística. Aí daqui a pouco, já não bastou isso. Nós no Rio de Janeiro estávamos fazendo a graduação, o bacharelado. E depois fomos fazer as licenciaturas. Dona Marina viu que isso ia ser uma realidade, aí que ela cria a FACEART. (Rachel Tupynambá de Ulhôa, entrevista, 2020)

Segundo Rachel Tupynambá de Ulhôa (entrevista, 2020) a formação dos professores de música, de modo particular os professores do Conservatório, foi se adequando conforme as demandas da legislação. Sob a vigência da Lei n. 5.692/71, o 1º grau assume a finalidade de iniciação para o trabalho, com a profissionalização universal e compulsória no ensino de 2º grau, que assume caráter de terminalidade e de inserção no mercado de trabalho. Neste contexto, em 1973, levanta-se a necessidade de um estudo sobre os Conservatórios e são realizadas reuniões, assessoradas pela professora Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, com a participação dos diretores dos Conservatórios Estaduais de Minas Gerais, estabelecendo uma reforma estrutural e curricular para os Conservatórios Mineiros (ALVES, 2016). Segundo Alves (2016), a partir dessas reuniões com a coordenação e apoio pedagógico da professora Marina Helena, surge a proposta de alterar os Conservatórios Estaduais de Música para funcionarem como Centros Interescolares de Artes.

Essa mudança para os conservatórios de música possibilita a inclusão de novos cursos, como Artes Cênicas, Ballet, Artes Plásticas, Fanfarra, Sonoplastia, entre outros, conforme determina o Secretário de Estado de Educação de Minas Gerais, Agnelo Corrêa Vianna, através da Resolução nº 1.172/75, que trata da autorização dos Conservatórios para funcionar como Centros Interescolares de Artes. A referida resolução autoriza essa alteração apenas para o Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández de Montes Claros e o Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Caparelli de Uberlândia (MINAS GERAIS, 1975).

De acordo com a Portaria 281/82 de 22 de agosto de 1982, o Diretor da Superintendência Educacional da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, Antonio Guido de Araújo

Flecha, reconhece o ensino de 2º grau no Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández com as seguintes habilitações profissionais: Técnico em Instrumento, Técnico em Canto, Professor de Educação Artística (1ª a 6ª série), Técnico em Decoração (MINAS GERAIS, 1982).

Dessa forma, a partir dos cursos técnicos que foram sendo implantados no Conservatório, a exigência da formação acadêmica do professor de música, estabelecida pela legislação, licenciatura em música, se torna cada vez mais urgente. Conforme a vigência da Lei nº 5.692/71 de 11/08/1971, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, a exigência de formação mínima para o exercício do magistério em todo o ensino de 1º e 2º graus, era de habilitação específica obtida em curso superior de graduação correspondente a licenciatura plena.

Conforme Alves (2016), ao se referir à formação dos professores de música do Conservatório de Juiz de Fora, o Conservatório Brasileiro de Música (CBM), do Rio de Janeiro, “[...] foi responsável por mais de três décadas, a partir dos anos de 1970, pela formação superior de muitos professores de Música já atuantes em Juiz de Fora, como nos demais Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais” (ALVES, 2016, p. 78). Essa também foi uma realidade para os professores que atuavam no CELF de Montes Claros nas década de 1970 a 1990. O CBM oferecia curso no formato semipresencial, que favoreceu a formação superior dos professores de Montes Claros, mesmo depois da criação da Faculdade de Educação Artística na cidade, pois ainda era pequeno o número de vagas para atender a demanda dos professores da região.

A criação da Faculdade de Educação Artística – FACEART em Montes Claros, no ano de 1986, acontece pela necessidade de oferecer formação para os professores de Música do Conservatório e professores de Artes da Educação Básica, aliada a interesses políticos e dos professores e diretores da Fundação Norte Mineira de Ensino Superior – FUNM, que visavam transformar a FUNM em uma Universidade.

3.5 Criação da Faceart

Montes Claros é uma cidade pólo da Região Norte do Estado de Minas Gerais, com uma população de 413.487 pessoas, dados do IBGE (2020). Em Montes Claros, o ensino superior se expandiu na década de 1960, em função da pressão que a população exerceu pela possibilidade de ascensão social, principalmente pela classe média. Santos, Sampaio e Durães (2018)

afirmam que a implantação de cursos de ensino superior no Norte de Minas Gerais foi reflexo da expansão do ensino superior em nível nacional e estadual, após a Reforma do Ensino Superior em 1968, possibilitando a oferta de mais vagas. As autoras observam ainda que

após a década de 1960, Montes Claros, assim como outras cidades do Brasil, teve seu quadro social modificado a partir do processo de urbanização e industrialização ocorrido no país em meados de 1960-1970, o que ocasionou um rápido crescimento e desenvolvimento de uma variedade de novos serviços privados e públicos nas áreas de saúde, educação, entre outros (SANTOS, SAMPAIO, DURÃES, 2018, p.52).

Tal visão, por sua vez, encontra consonância com Rota Júnior e Souza Ide (2016) quando afirmam que a perspectiva de desenvolvimento a partir do processo de urbanização e modernização iniciados no Norte de Minas, conduziu à necessidade de melhoria e expansão do sistema de ensino, que conseqüentemente, impulsionou a implantação de cursos superiores para atender a demanda de professores habilitados.

Em Montes Claros, a Fundação Norte Mineira de Ensino Superior (FUNM) foi criada em 24/02/1962 pela Lei estadual n. 1.615 e instituída pelo Decreto n. 8.245 de 04/04/1964. A FUNM funcionava em estabelecimentos isolados com a criação de diversos cursos, principalmente de formação de professores para atenderem à demanda das escolas da região nos níveis fundamental e médio (SANTOS, SAMPAIO, DURÃES, 2018).

Vários cursos foram criados na FUNM, integrando cinco faculdades: Faculdade de Direito (FADIR); Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIL); Faculdade de Medicina (FAMED); Faculdade de Administração e Finanças (FADEC) e Faculdade de Educação Artística (FACEART). Observem o quadro demonstrativo que elaboramos sobre a criação e reconhecimento dos cursos da FUNM (Quadro 2), conforme dados encontrados no livro Unimontes 50 anos: história e memória, organizado por Carla Maria Junho Anastasia (2012).

Quadro 2: Demonstrativo da criação e reconhecimento dos Cursos da FUNM

| Centro | Ano de criação | Ato de Autorização | Ato de Reconhecimento | Cursos |
|---------|----------------|----------------------------------|---|--|
| FADIR | 1965 | Parecer CEE 138/67 em 20/05/1967 | Parecer CFE 630/71 Decreto Federal n.69.385 de 20/10/1971 | Direito |
| | 1964 | Parecer 196/67 | Parecer CFE 838/70 em 9/11/1970 Decreto Federal n.68.038 de 13/01/1971 | Letras, História, Geografia e Pedagogia |
| FAFIL | 1968 | Parecer CEE 45/68 em 19/04/1968 | Parecer CEE 2.705/74 Decreto Federal n.75.650/74 | Matemática, Filosofia e Ciências Sociais |
| | 1972 | Parecer CFE 17/72 | Decreto Federal n. 77/506 em 24/04/1976 | Ciências |
| FAMED | 1969 | Parecer 26/69 em 04/03/1969 | Parecer CFE 79/75 em 24/01/1975 Decreto Federal n.75.599 de 11/04/1975 | Medicina |
| | 1972 | | Decreto Federal n.79.868 de 27/02/1977 | Administração |
| FADEC | | | Decreto Federal n.80.023 de 26/07/1977 | Ciências Econômicas |
| | 1973 | | Decreto Federal n.80.528 de 10/10/1977 | Ciências Contábeis |
| FACEART | 1986 | Parecer CEE 731/86 | Decreto Federal n.93.345 em 1986 | Educação Artística |

Fonte: Anastasia (2012).

Entre os motivos para criação da Faceart, Anastasia (2012) aponta a possibilidade de estadualização da FUNM.

Numa região onde o folclore e as manifestações culturais são tão ricas, a criação da Faceart procurava não só formar professores quanto desenvolver novos talentos e, por último, mas não menos importante, permitir a transformação da FUNM numa universidade, já que eram necessárias a existência de cinco unidades em áreas diferentes de ensino (ANASTASIA, 2012, p.48)

Vejam a seguir o que Marina Helena Lorenzo Fernández Silva e Marina Sarmento

Veloso disseram sobre a criação da Faculdade de Educação Artística.

Eu digo: olha, não existe universidade que não tenha curso de música. Então eles se interessaram pela criação do curso de Educação Artística. Aí pronto! Esqueci o nome do senhor que veio até trabalhar comigo em casa, porque era escrevendo a mão, não tinha computador, pra gente fazer o planejamento para levar para Brasília. Andamos loucamente em Brasília, realmente, para poder aprovar o curso para Faculdade de Educação Artística (Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, entrevista, 2019)

Para a faculdade se transformar em universidade, era necessário que houvesse um curso de artes. Quem estava na direção neste período era D. Marina, que trabalhou na criação da Faceart (Marina Sarmiento Veloso, questionário, 2020)

Iracenária Fernandes da Silva relata que antes de criar a faculdade de Educação Artística, já existia no Conservatório o curso técnico para formar professores de arte. Testemunhou que chegou a lecionar no curso de nível técnico de Educação Artística, dando aula de violão.

O curso dava uma formação a nível de primeiro grau. A gente podia lecionar só de 5ª a 6ª série, e ele funcionou dentro do Conservatório. Foi quando apareceu muita gente boa na parte de desenho e de pintura. D. Marina, vendo o desempenho que as alunas tinham, criou o Curso de Decoração. Aí ficaram os dois cursos. Mas normalmente fazia Decoração quem fazia Educação Artística. Chamava Educação Artística. [...] Você podia dar aula na escola regular com a formação desse curso. Depois acabou o curso e então D. Marina trouxe o curso de artes que era a nível de 3º grau, a Faceart (Iracenária Fernandes da Silva, entrevista, 2020)

Iracenária confirma que a criação da Faceart atendeu a uma necessidade da FUNM em regularizar as condições para se tornar uma universidade. Acrescenta que o interesse maior de D. Marina em encampar a criação do curso de Educação Artística foi para atender essa carência da FUNM, que acabou trazendo um benefício para o Norte de Minas inteiro. A criação da Unimontes possibilitou uma boa parte da população carente a fazer um curso superior gratuito (Iracenária Fernandes da Silva, entrevista, 2020).

Anastasia (2012) afirma que em 1986, com o reconhecimento da Faceart, completou-se as cinco unidades de ensino da FUNM com áreas de conhecimento distintas, viabilizando a criação da almejada universidade para Montes Claros.

A Faceart inicialmente funcionou nas dependências do Conservatório, primeiro no anexo da rua Cel. Antônio dos Anjos e depois em três salas no prédio da rua Dr. Veloso. Marcos Venício Andrade Ataíde, ex-funcionário do Conservatório, confirma que quando a Faceart foi criada o curso funcionava todo no prédio do Conservatório.

O curso de Licenciatura em Educação Artística oferecia as modalidades de licenciatura

curta³⁴ e licenciatura plena³⁵, que entre outros aspectos facilitou a formação dos professores do Conservatório, que não mais precisavam se deslocar para os grandes centros em busca de habilitação. Oliveira (2011) afirma que uma das justificativas para a criação da FACEART foi ‘[...] a necessidade de suprir as demandas do CELF e da sociedade montes-clarense e Norte Mineira em geral’ (OLIVEIRA, 2011, p.62), sendo ofertadas, a partir da sua autorização (ver quadro 2, p. 72), 36 vagas em entrada única.

Figura 37 – Foto da primeira turma de Educação Artística - Faceart / 1988



Fonte: Acervo pessoal de Maria Amélia Callado Feitosa – aluna da primeira turma de Educação Artística/1988 - (2020)

Figura 38 – Foto de parte da primeira turma de Educação Artística (D. Marina com buquê de flores)/1988



Fonte: Acervo pessoal de Maria Amélia Callado Feitosa – aluna da primeira turma de Educação Artística/1988 - (2020)

³⁴ Curso de dois anos: Licenciatura curta para formação de educadores artísticos polivalentes para atuação no 1º grau (OLIVEIRA, 2011)

³⁵ Curso de quatro anos: Licenciatura plena para formação de educadores artísticos polivalentes para atuação no 2º grau (OLIVEIRA, 2011)

A primeira turma (Figuras 37 e 38) foi formada em sua maioria por professores que já estavam atuando na docência no Conservatório, e/ou eram formados no extinto curso técnico de Educação Artística do CELF. Marina Helena Lorenzo Fernández Silva (entrevista, 2019) explica que conduziu todo o processo de criação do curso superior e se manteve diretora da Faceart até que a faculdade se estabelecesse.

A formatura dessa primeira turma da faculdade de Educação Artística foi em 1988, com a licenciatura curta.

Em 1987, o curso de Licenciatura em Educação Artística recebeu a sua primeira turma e iniciou efetivamente suas atividades. A Faculdade, funcionando sob o período de vigência da Lei nº 5.692/71, oferecia um curso de dois anos de Licenciatura Curta, que tinha como finalidade a formação de educadores artísticos polivalentes para atuação no Primeiro Grau, e o de Licenciatura Plena, que exigia mais dois anos de estudos específicos em Artes Cênicas ou Música e habilitava o profissional para atuar, também, no Segundo Grau (OLIVEIRA, 2011, p.63)

Vale ressaltar que os cursos de licenciatura de curta duração previstos na Lei nº 5.692, de 1971, estão extintos pela Lei nº 9.394, de 1996, estabelecendo que a modalidade licenciatura será necessariamente plena. Iracenária Fernandes da Silva (entrevista, 2020) relata que estudou na Faceart quando o curso funcionava no prédio do Conservatório e fez parte da segunda turma.

Foi a Licenciatura Curta. Era o Curso de Artes e tinha a Licenciatura Curta e a Licenciatura Plena. Eu fiz a curta e na época eu tinha engravidado e Ana pequena, as filhas pequenas, e tumultuou e eu parei. Parei por muito tempo. Eu voltei a fazer em 2000, já. Eu fiz a licenciatura plena, o curso já era na Unimontes (Iracenária Fernandes da Silva, entrevista, 2020)

Conforme observamos no relato de Iracenária Fernandes da Silva, o retorno à Universidade no ano 2000, foi necessário para complementar a certificação de sua habilitação visto que a licenciatura curta já tinha sido extinta por lei desde 1996.

É possível constatar que o curso de licenciatura sofreu alterações e modificações, recebendo inclusive novas denominações (OLIVEIRA, 2011). Destacamos que, de acordo com o Projeto Político Pedagógico de 2001, o curso passou a denominar-se Curso de Artes com ênfase em Artes Plásticas, Música e Teatro. O curso teria no primeiro ano disciplinas relacionadas às três áreas: Artes Plásticas, Música e Teatro, e nos três anos seguintes o estudante de Artes optava por uma das três áreas como ênfase. Com o PPP de 2005, reformulado e aprovado a partir da Resolução CEPEX nº 126/05, o curso se dividiu em três graduações separadas com coordenações didáticas distintas e PPP's próprios: Licenciatura em Artes com Habilitação em Música, Licenciatura em Artes com Habilitação em Teatro e Licenciatura em

Artes com Habilitação em Artes Visuais (OLIVEIRA, 2011). O Curso de Licenciatura em Artes – Música tem como finalidade

capacitar professores para atender ao ensino básico em todos os seus seguimentos: Educação Infantil, Séries Iniciais, Ensino Fundamental e Ensino Médio de escolas regulares e especializadas, podendo atuar ainda em modalidades específicas tais como: crianças e jovens em situação de risco, jovens e adultos, escolas rurais ou classes multiseriadas, educação especial, educação indígena e educação de idosos (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS, 2005, p. 64)

O curso continua tendo uma entrada anual, sendo a oferta de 25 vagas; aquele que conclui a graduação recebe o título de Licenciado em Artes com Habilitação em Música. Dessa forma, o egresso do Curso de Licenciatura em Artes – Música poderá atuar como docente na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio das escolas regulares estaduais e municipais, em escolas especializadas como Conservatórios e Escolas de Música da rede pública e privada e em outros contextos onde um especialista em música se mostra fundamental (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS, 2005). Vale ressaltar que, apesar de não abranger o recorte histórico a que se refere este estudo, em 2020, o PPP do curso passou por novas alterações e foi aprovado pela Resolução nº 054 – CEPEX/2020, passando a denominar-se Curso de Licenciatura em Música.

Compreendemos que a licenciatura é somente a formação inicial para o educador musical. A formação continuada se faz necessária para atender às necessidades da atuação profissional do educador musical em suas diversas modalidades e diferentes campos de atuação. Além dessas, as diferentes realidades sociais, culturais e educacionais se tornam desafios constantes na na prática docente e, como indica Queiroz e Marinho (2007), a formação profissional é um processo contínuo que não se encerra com a formação inicial.

O número de vagas oferecidas pela Unimontes era insuficiente para a qualificação dos profissionais que atuavam no CELF, principalmente depois de 1996 com as exigências legais relacionadas à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96, no que se refere à formação de professores. Vários professores da instituição tiveram que fazer os seus cursos em outras instituições, sendo a principal delas o Conservatório Brasileiro de Música no Rio de Janeiro. Como já mencionamos, os cursos eram modulares, sendo que os professores viajavam mensalmente à capital carioca. O curso era de 4 anos para a obtenção do título de bacharel no instrumento da sua especialidade e mais um ano para a licenciatura (5 anos ao todo). Ao se mencionar os “desafios” da formação dos docentes do CELF, é importante destacar os desgastes físicos e econômicos por parte desses professores para se qualificarem, condição

“*sine qua non*” para permanecerem com os seus cargos.

3.6 Considerações

Podemos observar que são muitos obstáculos que o professor de música precisa superar para alcançar a formação inicial exigida para sua atuação docente. Entendemos a complexidade percebida pelos professores na década de 1960 por não terem acesso a cursos de graduação em Montes Claros e região Norte Mineira para atuar na docência do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández.

O estudo realizado demonstrou ainda que a formação do professor do Conservatório foi exigindo novas definições e concepções conforme as legislações vigentes e ofertas de cursos de formação, de modo especial, os cursos de licenciatura em música. Evidenciou a gerência do Conservatório em possibilitar uma formação continuada constante para atualizar e promover sempre mais os docentes e discentes da instituição e o empenho para fortalecer o processo de criação do curso de licenciatura em educação artística em Montes Claros.

Diante das mudanças políticas e educacionais ocorridas no país, com a organização e criação do Conservatório em 1961, foi possível a implementação e manutenção do ensino público de música em Montes Claros e região Norte Mineira. A criação do Conservatório viabilizou a formação de professores e músicos atuantes no cenário musical brasileiro e a criação do curso de licenciatura para atender as demandas educacionais de Montes Claros e região Norte Mineira.

Com base no estudo realizado, pontuamos que a formação ampla do professor de música exige saberes, competências e habilidades complexas e diversificadas que encontram contradições entre a legislação e a prática docente do professor, necessitando ainda análises e reflexões das licenciaturas sobre as dimensões da formação do professor de música.

3.7 Referências

ALMEIDA, Poliana Carvalho de. **Educação Musical na Escola Pública**: um estudo sobre a situação do ensino da música nas escolas da rede municipal de Salvador. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, 2007.

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e. **Um lugar: muitas histórias** – o processo de formação de professores de matemática na primeira instituição de ensino superior da região de Montes Claros/Norte de Minas Gerais (1960-1990). Tese de Doutorado apresentada ao

Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2015.

ALVES, Cindy Helenka; SANTANA, Fernando Vago. A licenciatura em Música com Habilitação em Instrumento/Canto como alternativa de hibridização entre o Bacharelado e a Licenciatura em Música. **XI Encontro Regional Sudeste da Associação Brasileira de Educação Musical**. São Carlos/SP, 2018. Disponível em: < <http://abemeducao musical.com.br/conferencias/index.php/sd2018/regsd/paper/viewFile/3248/1783> > Acesso em: mar./2021.

ALVES, Denise Coimbra. **Conservatório Estadual de Música de Juiz de Fora: História e políticas atuais de capacitação de professores**. Belo Horizonte: UFMG, 2016. 177f. Dissertação (mestrado PROFARTES) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ANASTASIA, Carla Maria Junho (Org.) **Unimontes 50 anos: história e memória**. Montes Claros: Unimontes, 2012, 120 p.

ARAÚJO, José Magnaldo de Moura. Saberes Docentes da Prática do Professor de Música do Projeto SESC Cidadão. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, Natal/RN, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/21529/1/JoseMagnaldoDeMouraAraujoDISSERT.pdf> > Acesso em: Mar/2021.

ARROYO, Margarete. Educação Musical na Contemporaneidade. Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG, 2. Goiânia, In: Anais do Seminário Nacional de Pesquisa em Musica da UFG, Goiânia, 2002. Disponível em: < <http://www.musicaeducacao.ufc.br/Para%20o%20site/Revistas%20e%20peri%C3%B3dicos/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Musical/Ed%20Mus%20contemporaneidade%20Arroyo.pdf> > Acesso em: Mar/2021.

BARALDI, Ivete Maria. A CADES e a formação de professores para o ensino secundário: uma campanha nos anos de 1950-1960. **Anais do 3º Encontro de Pesquisa em História da Educação Matemática**, São Mateus, ES. 2016. Disponível em: < <file:///C:/Users/canta/Downloads/ANAIS%20III%20ENAPHEM%20COMPLETO.pdf> > Acesso em: Jan/2021.

BARALDI, Ivete Maria; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Traços de uma paisagem: os anos 60 e 70 e a formação de professores de matemática na região de Bauru (SP). Revista de Educação PUC – Campinas, nº 18, p. 65-74, 2005. Disponível em: < <file:///C:/Users/canta/Downloads/261-18682-1-PB.pdf> > Acesso em: Jan/2021.

BRASIL. **Decreto nº 34.638, de 17 de novembro de 1953**. Institui a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário. Disponível em: < <http://legis.senado.leg.br/norma/457233/publicacao/15657050> > Acesso em: Jan/2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes para o ensino de 1º e 2º graus e dá providências. Brasília, 1971.

Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm > Acesso em: Fev/2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm#art92 > Acesso em: Fev/2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997. v. 6: Arte. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf> > Acesso em: Jun/2021.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=136731-rcp002-15-1&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192 > Acesso em: Jun/2021.

BORGES, Adilson de Souza; RICHIT, Adriana. Desenvolvimento de saberes docentes para o ensino de música nos anos iniciais. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 50, n. 176, p. 555-574, 2020. Disponível em: < <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/6782/pdf> > Acesso em: Jun/2021.

BORGES, Gláucia de Andrade. O método Suzuki e o folclore brasileiro no ensino básico de violino. **Revista MODUS**, Ano 4, n. 4. p. 42-55. Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Minas Gerais, 2007. Disponível em: < [file:///C:/Users/canta/Downloads/780-Texto%20do%20artigo-2647-1-10-20150708%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/canta/Downloads/780-Texto%20do%20artigo-2647-1-10-20150708%20(1).pdf) > Acesso em: Jan/2021.

CERESER, Cristina Mie Ito. A formação inicial de professores de música sob a perspectiva dos licenciandos: o espaço escolar. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, v. 11, 27-36, 2004. Disponível em: < [file:///C:/Users/canta/Downloads/344-1235-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/canta/Downloads/344-1235-1-PB%20(1).pdf) > Acesso em: Jan/2021

FONSECA, Sílvia Asam da. A Revista “Escola Secundária” e o programa de professores da CADES. **ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História**. João Pessoa, 2003. Disponível em: < https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177542_06567bf7c4dcda3992a51731f9df644f.pdf > Acesso em: Jan/2021.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008

FRATTINI, Ritta Minozzi. **A implantação da reforma do ensino de 1º e 2º graus no Estado de São Paulo nas páginas da imprensa (1971-1982)**. Dissertação de Mestrado em Educação Escolar do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP. Araraquara/SP, 2011. Disponível em: < https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93134/frattini_rm_me_arafel.pdf?sequence=1&isAllowed=y > Acesso em: Jan/2021

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Breve retrospectiva histórica e desafios do ensino de música na educação básica brasileira. **Revista Opus**, 12, 2006. Disponível em: <<file:///C:/Users/canta/Downloads/319-446-1-PB.pdf>> Acesso em: Jan/2020.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. **Memória musical: retratos de um conservatório**. São Paulo: Annablume, 2010.

GARCÍA, Carlos Marcelo. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, António. (Org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: publicações Dom Quixote, 1995. p. 51-76.

GATTI, Bernadete A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. **Educar em Revista**, Editora UFPR. Curitiba, 2013, p. 51-67.

GONÇALVES, Lilia Neves. **Educar pela Música**: um estudo sobre a criação e as concepções pedagógicas musicais dos Conservatórios Estaduais Mineiros na década de 50. Porto Alegre: UFRGS, 1993. 187f. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

LIMA, Antonio José Araujo; SILVA JÚNOR, Ronaldo. Panorama da educação brasileira na década de 1960. **III CONEDU – Congresso Nacional de Educação**. Natal - RN, 2016. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/21874>> Acesso em: Jan/2021.

MASSABNI, Vânia Galindo. Os conflitos de licenciandos e o desenvolvimento profissional docente. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 37, n. 4, p. 793-808, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n4/a08v37n4>>; Acesso em: Jan/2019.

MINAS GERAIS. **Lei 811, de 13 de dezembro de 1951**. Cria cinco Conservatórios Estaduais de Música. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1951a. Disponível em: <<https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=811&comp=&ano=1951>> Acesso em: maio/2020.

MINAS GERAIS. **Decreto 3.870, de 08 de setembro de 1952**. Aprova o regulamento dos Conservatórios Estaduais de Música. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1952. Disponível em: <<https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=3870&comp=&ano=1952>> Acesso em: maio/2020.

MINAS GERAIS. **Decreto 11.600, de 14/01/1969**. Aprova o regulamento dos Conservatórios Estaduais de Música. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1969. Disponível em: <<https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=11600&comp=&ano=1969>> Acesso em: maio/2020.

MINAS GERAIS. **Decreto 18.360, de 20/01/1977**. Dispõe sobre a revogação do Decreto n. 11.600, de 14 de janeiro de 1969. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1977. Disponível em: <

<https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=18360&comp=&ano=1977> > Acesso em: maio/2020.

MINAS GERAIS. **Resolução SEE/MG 718/2005**. Dispõe sobre a organização e o funcionamento do ensino de música nos Conservatórios Estaduais de Música e dá outras providências. Disponível em:

<http://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/%7B3A0945D0-C293-4E29-BCD0-F6F792689EEE%7D_RESSEEMG_7182005_Conservat%C3%83%C2%B3rios.pdf. > Acesso em: Jan/2019.

MINAS GERAIS. **Decreto com Numeração Especial 113, de 12/03/2020**. Declara SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA em Saúde Pública no Estado em razão de surto de doença respiratória – 1.5.1.1.0 – Coronavírus e dispõe sobre as medidas para seu enfrentamento, previstas na Lei Federal nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Disponível em:

<<https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DNE&num=113&comp=&ano=2020> >. Acesso em: dez./2020.

MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga do. Propostas pedagógicas de Oscar Lorenzo Fernández para o ensino da Música nas escolas públicas brasileiras (1931-1931). Revista História da Educação (*Online*), Porto Alegre, v. 20, n. 49, p. 227-238, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/61437/pdf> > Acesso em: Abr./2021.

OLIVEIRA, Mário André Wanderley. A formação na Licenciatura em Artes/Música da UNIMONTES e suas inter-relações com aspectos socioculturais, expectativas e pretensões profissionais dos estudantes do curso. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.

PLÁCIDO, Gilmara Duarte. Educação, civismo e religiosidade durante a ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985). **X ANPED SUL**, Florianópolis, 2014. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1559-0.pdf > Acesso em: Jan/2019.

QUEIROZ, Luis Ricardo S.; MARINHO, Vanildo Mousinho. Novas perspectivas para a formação de professores de música: reflexões acerca do Projeto Político Pedagógico da Licenciatura em Música da Universidade Federal da Paraíba. **Revista da ABEM** – Associação Brasileira de Educação Musical. Porto Alegre, n. 13, 83-92, 2005. Disponível em:< <file:///C:/Users/canta/Downloads/328-1171-1-PB.pdf> > Acesso em: Jan/2021.

QUEIROZ, Luis Ricardo S.; MARINHO, Vanildo Mousinho. A formação continuada de professores de música frente à nova realidade da educação musical nas escolas de João Pessoa. **Anais do XVII Congresso da ANPPOM**. XVII Congresso Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós- Graduação em Música, São Paulo, 2007, p.1-11. Disponível em: <https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/educacao_musical/edmus_LRSQueiroz_VMMarinho.pdf > Acesso em: Jan/2021.

QUEIROZ, Luis Ricardo S.; MARINHO, Vanildo Mousinho. A formação continuada de professores de música no contexto da educação nacional. **ICTUS** (PPGMUS/UFBA), v. 11, p. 100-119, 2010. Disponível em:< <https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/view/34325/19815> > Acesso em: Jan/2021.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2007.

ROMANELLI, Guilherme. Educação Musical no Brasil: conquistas e desafios. In: SCHMID, Aloisio Leoni. (Org.). Espaços para aprender e ensinar música: construção e adequação. Ministério da Cultura e Ministério da Educação, Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior – CAPES, Programa Pró-Cultura, Pacto Ambiental, 2013.

ROTA JÚNIOR, César; SOUZA IDE, Maria Helena de. Ensino superior e desenvolvimento regional: o Norte de Minas Gerais na década de 1960. **Revista Brasileira de Educação**. V. 21, n. 64, 2016. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n64/1413-2478-rbedu-21-64-0143.pdf> >. Acesso em: out./2020.

SANTOS, Cláudio Wilson dos; MORORÓ, Leira Pio. O desenvolvimento das licenciaturas no Brasil: dilemas, perspectivas e política de formação docente. **Revista HISTEDBR Online**. V. 19, 1-19, Campinas-SP, 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/canta/Downloads/8652339-Texto%20do%20artigo-53706-1-10-20190604.pdf>>. Acesso em: Jan/2021.

SANTOS, Dulce Pereira dos; SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo; DURÃES, Sarah Jane. Educação Superior e Desenvolvimento em Montes Calros/MG: a contribuição do Curso de Geografia da FUNM (1964-1971). **Revista Desenvolvimento Social**, nº 24, p. 43-62, Montes Claros, 2018.

SANTOS, Elisama da Silva Gonçalves. Educação Musical em projetos sociais: os saberes docentes em ação. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia-UFBA, Salvador, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/27662/1/DISSERTAC%cc%a7A%cc%83O%20ED.%20MUSICAL%20EM%20PROJETOS%20SOCIAIS.pdf>> Acesso em: Mar/2021.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**. V. 14, n. 40, 2009. Disponível em:< <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12> > Acesso em: Jan/2021.

SILVA, Valéria Carvalho da. Uma reflexão sobre a formação do educador musical nos cursos de Licenciatura. In: **ICTUS: Periódico do Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA**, nº 04, p. 07-16, Salvador, 2002.

TANURI, Leonor Maria. História da Formação de Professores. **Revista Brasileira de Educação**, nº 14, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05> > Acesso em: ago./2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes – Música da Universidade Estadual de Montes Claros**. Montes Claros, 2001.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes – Música da Universidade Estadual de Montes Claros.** Montes Claros, 2005.

URIARTE, Mônica Zewe. Um olhar para a arte na escola. **Contrapontos.** Vol. 5, n. 1, p. 167-175 – Itajaí, 2005.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski; GOMIDE, Angela Galizzi Vieira. História da formação de professores no Brasil: o primado das influências externas. **EDUCERE – VIII Congresso Nacional de Educação**, Curitiba/PR, 2008. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/93_159.pdf >. Acesso em: ago./2020.

ZORZAL, Ricieri Carlini. Explorando *master-classes* de violão em festivais de música: um estudo multi-casos sobre estratégias de ensino. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2010.

Fontes (Jornais, arquivos, sites e vídeos)

CEL.F. CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA. Atestado de prestação de exames finais do Curso de Graduação do Conservatório Brasileiro de Música, 1968.

GAZETA DO NORTE. Ano XXXVIII. n° 2443, pg 1, 27 de janeiro de 1957.

GAZETA DO NORTE. Ano XXXVII. n° 2347, pg 1, 22 de janeiro de 1960.

MINAS GERAIS. **Portaria n° 1.172/75 de 22 de janeiro de 1975.** Secretaria de Estado de Educação, Belo Horizonte, 1975. Acervo do CELF - Montes Claros, MG.

MINAS GERAIS. **Resolução n° 281/82 de 24 de abril de 1982.** Superintendência Educacional da Secretaria de Estado de Educação, Belo Horizonte, 1982. Acervo do CELF - Montes Claros, MG.

PAULA, Hermes Augusto de. **Montes Claros, sua história, sua gente, seus costumes.** Montes Claros: minas Gráfica Editora, Vol. 1 e 2, 1979.

PAULA, Maria Ignês Maciello de. (Org.) **Memória Cultural do Conservatório Estadual de Música “Lorenzo Fernández”** (1961-1986). Montes Claros-MG, 1986.

Gente que faz a terra: Marina Helena Lorenzo Fernández Silva. [entre 2010 a 2012]. 1 vídeo (20:10 min). Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=eXcr68IvAvo> > Acesso em: maio/2019.

IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/montes-claros/panorama> . Acesso em: abr./2021

<http://institutopianobrasileiro.com.br/enciclopedia/Jacques-Klein> Acesso em: abr./2021.

<https://musicabrasilis.org.br/compositores/francisco-mignone> Acesso em: abr./2021.

<https://www.ufmg.br/90anos/em-honra-da-voz/> Acesso em: abr./2021.

<https://www.otempo.com.br/diversao/morre-o-produtor-cultural-mineiro-palhano-junior-1.2373939> Acesso em: abr./2021.

Fontes (entrevistas)

Marina Helena Lorenzo Fernández Silva. Entrevista realizada 03 de julho de 2019, em Montes Claros (MG).

Rachel Tupynambá de Ulhôa. Entrevista realizada 06 de junho de 2020, e 14 de janeiro de 2021 por webconferência pelo *google meet*, Montes Claros (MG).

Marina Sarmiento Veloso. Questionário respondido por email e recebida 15 de julho de 2020, Montes Claros (MG).

Iracenária Fernandes da Silva. Entrevista realizada 18 de agosto de 2020 por webconferência pelo *google meet*, Montes Claros (MG).

Talitha Maria Cardoso Vale. Entrevista realizada 15 de outubro de 2020 por webconferência pelo *google meet*, Montes Claros (MG).

CONSIDERAÇÕES

Conhecer mais sobre a história da criação do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández proporcionou reflexões que ampliaram as perspectivas e possibilidades de pesquisa para esta instituição. Pesquisar a criação e desenvolvimento de uma escola como o Conservatório nos fez conceber a importância da produção científico-acadêmica em história de instituições escolares, permitindo a circulação do conhecimento das diferentes realidades deste campo investigativo.

Minas Gerais possui doze Conservatórios Estaduais de Música que oferecem ensino público e gratuito de música “[...] proporcionando acesso a bens culturais e artísticos a uma significativa parcela da população das cidades e regiões onde se localizam” (NEVES, 2019, p. 191). Significativo constatar como estas instituições se fizeram realidade, considerando o contexto social e político, e como se mantêm em atividade.

O presente trabalho teve como objetivo geral historiar o processo de fundação e desenvolvimento do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez como instituição educativa, voltada para a formação musical de crianças, jovens e adultos da região Norte Mineira. O recorte temporal de 1961 a 2011 foi estabelecido pela possibilidade de destacar o cinquentenário da instituição, sem a pretensão de esgotar o tema, que no desenrolar da pesquisa apresentou diferentes perspectivas a serem investigadas em trabalhos futuros.

Para alcançar o objetivo principal, foi necessário um estudo sobre a historiografia acerca das instituições escolares, a fim de auxiliar na perspectiva teórica e no direcionamento metodológico utilizado nesta pesquisa. Deste modo, para atingir o objetivo da pesquisa, propusemos desenvolvê-la em duas direções que nortearam os objetivos específicos: discutir os desafios políticos, sociais e econômicos enfrentados para a fundação e consolidação do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez como instituição educativa pública, conferindo visibilidade aos sujeitos que contribuíram para sua consolidação como instituição educativa em Montes Claros e região; compreender os desafios relativos à formação dos professores do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas durante a pesquisa foi a situação imposta pela pandemia da COVID-19, que limitou o acesso às fontes necessárias à pesquisa histórica (SILVA, 2020). Deparamo-nos com os principais acervos públicos fechados, o acesso aos

arquivos do Conservatório limitado pela falta de funcionários presentes na escola para atendimento e a possibilidade de contato com pessoas para realização de entrevistas dificultada pela quarentena.

Diante dessa situação, por meio de mecanismos alternativos, conseguimos buscar fontes que pudessem fornecer dados para o desenvolvimento da pesquisa. As fontes documentais utilizadas na pesquisa foram: leis e decretos, digitalizados e disponibilizados no site da Assembléia Legislativa de Minas Gerais, que regulamentam a criação e funcionamento dos conservatórios mineiros e regem a educação no Brasil; fotografias, programas, informativos, recorte de jornais e outros tipos de documentos encontrados nos arquivos do Conservatório, nos arquivos pessoais de colaboradores e em sites e acervos públicos; livros, teses, dissertações e artigos que ofereceram dados importantes para a pesquisa; finalmente, as entrevistas que conseguimos realizar por meio de aplicativos de videoconferência.

As entrevistas se constituíram como parte fundamental para o nosso trabalho. A História Oral foi importante para coletar e correlacionar dados que compuseram a história da criação e fundação do Conservatório. Relembrando Alberti (2008, p. 158), “[...] não se pode querer que uma única entrevista ou um grupo de entrevistas dêem conta de forma definitiva do que aconteceu no passado”. Por isso a necessidade de trazer outras fontes, relacionadas acima, que ajudassem a contar essa história.

Após concluir os estudos que resultaram nesta dissertação, apresentamos algumas conclusões que podem ser revistas e produzir novas reflexões.

No primeiro artigo, para entender os fatos que levaram à criação e fundação do CELF, fizemos uma exposição acerca do surgimento dos primeiros conservatórios no Brasil no século XIX, com um ensino de música baseado nos padrões pedagógicos dos conservatórios europeus. De acordo com a documentação estudada, relatamos como foram criados os conservatórios estaduais de Minas Gerais. Foi possível verificar que na década de 1950, no governo de Juscelino Kubitschek, foi autorizada por meio de leis e decretos a criação de 22 conservatórios em Minas Gerais, inicialmente buscando a promoção das tradições culturais e o atendimento em diferentes pontos do Estado, propiciando um celeiro político para os deputados defenderem suas bases eleitorais. Conferimos que a cidade de Montes Claros foi contemplada com a autorização para criação de um Conservatório em 1955, mas não encontramos registro de qual dos nossos representantes políticos fez a solicitação.

Identificamos que Montes Claros, na década de 1950, era uma cidade que vivenciava a arte e a cultura através das festas religiosas tradicionais e bandas de música existentes, **dentre**

outras, além do ensino de música, especificamente do piano, por algumas professoras como Dulce Sarmiento. A chegada da professora de piano Marina Helena Lorenzo Fernández da Silva do Rio de Janeiro, que veio morar na cidade em 1947, propiciou uma renovação no calendário cultural da cidade com a realização de concertos, audições e concursos, organizados pela nova mestra. D. Marina, como passou a ser chamada, além de aulas de piano, soube valorizar o que a cultura da cidade oferecia, organizando um grupo de dança folclórica com alguns jovens alunos e também aulas de pintura em porcelana.

Verificamos que D. Marina teve uma formação musical e cultural privilegiada por ser filha do maestro, professor e fundador do Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, Oscar Lorenzo Fernández. Essa bagagem e vivência no Conservatório do Rio de Janeiro serviu de inspiração para o desejo de seguir o legado deixado por seu pai. Além disso, a diversidade cultural percebida e estimulada por D. Marina em Montes Claros alimentou o sonho de construir um conservatório na cidade. Apoiada pelos alunos, amigos e colaboradores, iniciou e conduziu o trabalho de criar o Conservatório. Essa afirmação foi unânime por parte dos entrevistados ao depositarem em D. Marina, por seu dinamismo, idealismo, força política e garra, a autoria da criação do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández.

Constatamos também que essa característica dinâmica e de resistência de D. Marina na direção do Conservatório serviu como modelo e estímulo para as diretoras que a substituíram nos anos seguintes. Registramos que o cargo de direção do Conservatório sempre foi ocupado por mulheres nesses anos de existência, até os dias atuais. Essa realidade da presença feminina na educação é comprovada por Drabach e Freitas (2012), quando afirmam que o espaço escolar, historicamente, foi preenchido em um número maior de mulheres do que de homens. Uma das razões para esse panorama se deve ao fato de que com o crescimento urbano e industrial do país os homens saíram em busca de profissões de maior renda e o magistério se tornou uma profissão conveniente para as mulheres. As autoras observam que essa conveniência se devia à segunda jornada de trabalho exercida pela mulher no contraturno, com as atividades domésticas. Esses dois fatores determinaram um aumento significativo da mulher na carreira do magistério.

Pesquisas com o enfoque nas questões de gênero na educação são recentes e tem encontrado um campo investigativo rico e necessário para melhor compreensão da realidade educacional brasileira. As mulheres presentes na direção do Conservatório no período da pesquisa, entre outros aspectos das funções de um dirigente escolar, demonstraram autoridade nas questões administrativas e políticas, necessária para o condução e desenvolvimento da escola.

De acordo com as entrevistas e documentação pesquisada, foi possível constatar que as diretoras do CELF foram cuidadosas e atentas em relação às questões regimentais, educacionais e de produção artística da instituição. A criação de novos cursos, projetos e grupos artísticos no percurso desses primeiros 50 anos possibilitou a ampliação do atendimento a um número expressivo de alunos, bem como a divulgação do trabalho educativo e artístico diversificado desenvolvido na escola, colocando a instituição entre as maiores do Estado (CARMO, 2002). No período estudado encontramos avanços obtidos pela instituição, que influenciaram continuamente o ensino ofertado, como: ampliação do espaço físico da escola, ampliação da oferta de cursos, aquisição de instrumentos musicais, realização de eventos com formatos variados, investimento na formação inicial e continuada dos professores, entre outros.

A formação dos professores do Conservatório foi uma das propostas desse trabalho, o qual permitiu apontar alguns dos desafios enfrentados pelos docentes para alcançar a titulação necessária para atuar na educação. Na década de 1960, período em que o CELF foi criado, poucos eram os professores com formação acadêmica e não havia em Montes Claros curso superior para área da educação musical. Para completar o quadro docente, alguns professores contratados vinham de Belo Horizonte lecionar no Conservatório para os alunos da escola e em curso de formação para os professores que buscavam uma habilitação, num formato semelhante ao dos cursos oferecidos pela Cades nesse período.

Na década de 1970 o Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro foi muito importante nesse processo. Alves (2016) reafirma a importância do CBM para a formação superior de muitos professores de Música dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais por mais de três décadas, a partir da década de 1970. Inicialmente os professores fizeram o curso no formato de módulos, nos quais os professores vinham lecionar em Montes Claros e realizar as bancas para avaliação. Posteriormente, boa parte dos professores do CELF concluíram a graduação e licenciatura no CBM, que continuou ofertando o Curso em Módulos para atender os alunos provindos dos conservatórios mineiros, de modo particular, de Montes Claros.

Constatamos que para concluir o curso, os professores tiveram que investir esforços financeiro e físico intensos, pois não sobrava tempo para descanso. Trabalhavam no CELF parte da semana e nos finais de semana viajavam para o Rio de Janeiro para frequentar as aulas.

Finalmente, a pesquisa cumpriu seus objetivos, sem a pretensão de esgotar as abordagens relacionadas à história do Conservatório no decorrer dos seus primeiros 50 anos de existência. Espera-se que a leitura deste trabalho desperte interesse para novas pesquisas, tais

como: a história da educadora Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, que teve uma atuação marcante tanto no que se refere à história do CELF como em outras ações na história da educação musical deste país; a atuação da mulher na educação em geral e, em particular, na educação musical e artística do norte de Minas Gerais; transformações ocorridas na instituição no que se refere ao seu quadro docente, público atendido, cursos oferecidos, grupos e projetos desenvolvidos com amplo alcance; a presença da instituição no imaginário social de Montes Claros e região Norte Mineira; entre outros.

Referências

ALVES, Denise Coimbra. **Conservatório Estadual de Música de Juiz de Fora: História e políticas atuais de capacitação de professores**. Belo Horizonte: UFMG, 2016. 177f. Dissertação (mestrado PROFARTES) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ALBERTI, Verena. Fontes orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, p. 7 - 9.

DRABACH, Nadia Pedrotti; FREITAS, Suellem Raquel de. Diretores de escolas públicas brasileiras: quem são esses sujeitos? **IX ANPED SUL** Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Caxias do Sul/RS. 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1328/134>>. Acesso em: Nov./2020.

NEVES, Maria Teresa de Souza. O ensino de piano nos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais a partir do olhar de seus professores. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2019.

SILVA, Michel Goulart da. O papel do historiador diante da pandemia. Boletim da Conjuntura (BOCA), Boa Vista, ano II, vol. 3, n. 7, , 2020. Disponível em: <[file:///C:/Users/canta/Downloads/6490-24728-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/canta/Downloads/6490-24728-1-PB%20(1).pdf)> Acesso em: mai./2021.

CARMO, Sérgio Rafael do. **Conservatórios de música: arte e emoção como aliados da educação em Minas Gerais**. Lições de Minas, 18. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação, 2002.

APÊNDICES



Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES
Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem - GEPEL



CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Título da pesquisa: História do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez-MG (1961-2011): processo fundacional e desenvolvimento

Instituição promotora: Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

Patrocinador: Recurso próprio

Coordenadora: Christiane Faria Franco Vieira

Orientadores: Prof^o Dr. José Normando Gonçalves Meira e Prof^a Dra. Geisa Magela Veloso

Atenção:

Antes de aceitar participar desta pesquisa, é importante que você leia e compreenda a seguinte explicação sobre os procedimentos propostos. Esta declaração descreve o objetivo, metodologia/procedimentos, benefícios, riscos, desconfortos e precauções do estudo. Também descreve os procedimentos alternativos que estão disponíveis a você e o seu direito de sair do estudo a qualquer momento. Nenhuma garantia ou promessa pode ser feita sobre os resultados do estudo

- 1- **Objetivo:** Historiar o processo de fundação e desenvolvimento do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez como instituição educativa.
- 2- **Metodologia/procedimentos:** A reconstituição das representações e práticas educativas que integram a cultura escolar tem por eixo a leitura de documentos históricos, também considerando a história oral. Nesse contexto, os sujeitos pesquisados participarão de entrevistas, que serão gravadas, transcritas, analisadas e darão a ver facetas da memória coletiva.
- 3- **Justificativa:** A realização da pesquisa justifica-se pela possibilidade de compreensão do processo de fundação e estadualização do Conservatório de Música Lorenzo Fernandez, também oportunizando condições para reconstituição da memória local, em temporalidades escoadas.
- 4- **Benefícios:** Os benefícios potenciais da pesquisa são a possibilidade de se reconstituir a memória local, conferindo visibilidade para homens e mulheres que construíram a história da educação musical em Montes Claros e região Norte Mineira.
- 5- **Desconfortos e riscos:** Como sujeitos da história os(as) entrevistados(as) fornecerão informações relevantes para a reconstituição da memória do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez, sendo que estas informações serão utilizadas para a leitura da realidade passada, sendo preservados o estatuto pessoal e profissional, sua identidade e sua história. Dado que o trabalho historiográfico será conduzido por princípios éticos, em todas as etapas da pesquisa e da escrita historiográfica, serão

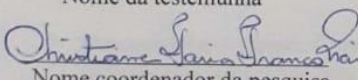
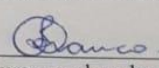
Francisco

evitadas exposições negativas, minimizando assim, situações de risco e desconforto para os sujeitos da história.

- 6- **Danos:** A participação na pesquisa não produzirá nenhum dano às pessoas entrevistadas, posto que a análise dos dados coletados e das informações obtidas serão utilizadas com a finalidade acadêmica de produção de conhecimentos historiográficos.
- 7- **Metodologia/procedimentos alternativos disponíveis:** A compreensão da realidade passada e a escrita historiográfica será complementada por dados coletados em fontes orais, documentais, como fotografias, jornais e outros documentos históricos.
- 8- **Confidencialidade das informações:** Os dados obtidos com a presente pesquisa serão utilizados com a finalidade de produção de conhecimentos. Dadas as especificidades da nova historiografia, os sujeitos serão identificados no processo de escrita da história e na divulgação de conhecimentos. Como historiadores dispensaremos atenção especial aos discursos, práticas, valores, sentimentos, percepções e interesses dos(as) entrevistados(as), de forma a respeitar o seu estatuto e lugar, enquanto pessoas e profissionais da educação.
- 9- **Compensação/indenização:** A presente pesquisa não prevê indenizações ou oferecidas compensações, posto que os(as) entrevistados(as) participam das atividades de forma voluntária, porém, havendo alguma eventualidade, os participantes serão ressarcidos devidamente.
- 10- **Outras informações pertinentes:** Como sujeito de pesquisa os(as) podem recusar participação ou retirar seu consentimento sem penalização, em qualquer etapa da realização do trabalho.

11- Consentimento:

Li e entendi as informações precedentes. Tive oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, indicando meu consentimento para participar nesta pesquisa, até que eu decida o contrário. Receberei uma cópia assinada deste consentimento. Em se tratando de pesquisa a ser realizada com menores de idade, responsabilizarei pela divulgação dos dados.

| | | |
|---|---|------------|
| _____ | _____ | _____ |
| Nome do participante | Assinatura do participante | Data |
| _____ | _____ | _____ |
| Nome da testemunha | Assinatura da testemunha | Data |
|  |  | 20/08/2019 |
| Nome coordenador da pesquisa | Assinatura coordenador da pesquisa | Data |

Endereço da Pesquisadora:

Profª Christiane Faria Franco Vieira - Endereço: Rua Antonio Tavares da Costa, nº128, Caneças II. Montes Claros/ MG- Cep: 39.400-000, Telefones: (38) 99902.1141.

ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS / QUESTIONÁRIO

1. Dados sobre o entrevistado:

- Nome:
- Estrutura familiar (pais, irmãos, marido, filhos...):
- Ambiente cultural familiar: práticas culturais dos pais e/ou parentes próximos:
- Formação escolar:

2. Formação Musical

- Descrição das primeiras lembranças de contato com a música:
- Descrição das memórias sobre as primeiras aulas de música (Instituição, Professor, métodos, lembranças marcantes, experiências que influenciaram a continuação do estudo em música):

3. Experiência Profissional:

4. Qual a sua relação com o Conservatório (aluno, professor, funcionário, colaborador):

- Em qual período (quando começou e quando terminou/aposentou):

INSTALAÇÃO DO CELF

5. Como eram as aulas de música em Montes Claros antes do Conservatório?

6. Por que criar um Conservatório em Montes Claros?

7. Quais as suas lembranças sobre a instalação do CELF?

- Data:
- Funcionários (professores, secretaria, serventes, etc):
- Prédio:
- Móveis e instrumentos (quais tinham e como foram adquiridos):
- A estadualização (quando e como aconteceu):
- Algum fato marcante dessa época?

8. E sobre o percurso do Conservatório até os 50 anos da escola?

- Prédios onde funcionou:
- Aquisição de novos equipamentos (móveis e instrumentos):
- Criação do Anexo em Bocaiúva (quando e como aconteceu):
- Qual o período que esteve na direção da escola:
- Algum fato marcante nesses 50 anos do conservatório:

9. Como você vê a relação Conservatório & Estado?

CURRÍCULO DO CELF

10. Quais os cursos que tinham no Conservatório quando ele foi criado?

- 11. Quantos alunos o Conservatório atendia quando começou?**
- 12. Qual o perfil desses alunos? (sexo, idade, posição social)**
- 13. Depois, no decorrer dos anos (50), quais cursos foram sendo criados? (como e porque)**
- 14. Pra você, qual a função da educação musical na época da criação do CELF?**
 - E hoje?

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

15. Fale sobre a titulação/formação dos professores que começaram.

- Como aconteceu a contratação (escolha) dos professores?
- Autorização para dar aula (Cades), como foi esse processo?
- Comente sobre a emancipação de alguns professores para dar aula.
- Como os professores alcançaram as titulações?

16. Como foi a criação da FACEART? E qual a sua importância?

CONSERVATÓRIO NA PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES, ALUNOS E NO IMAGINÁRIO SOCIAL DA CIDADE

17. Fale um pouco da sua percepção sobre a educação musical desenvolvida no Conservatório na sua criação.

- E hoje?

18. Fale um pouco sobre D. Marina. Na sua percepção, o que ela representou e/ou representa para a criação do Conservatório e o seu desenvolvimento?

**CARTA PARA SUBMISSÃO DAS TRANSCRIÇÕES DA ENTREVISTA
À APROVAÇÃO DOS ENTREVISTADOS³⁶**

Montes Claros, 10 de março de 2021.

Prezada Colaboradora

Segue documentação referente à entrevista que realizamos com a finalidade de produção de dados para minha dissertação de mestrado que vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, sob a orientação do Prof^o. Dr. José Normando Gonçalves Meira e co-orientação da Prof^a Dra. Geisa Magela Veloso, sobre o processo de criação, estadualização e desenvolvimento do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández, no período de 1961 a 2011.

A transcrição é para seu conhecimento. Solicito a conferência, adequações, correções e complementações que julgar necessárias, as quais devem ser feitas no texto **Transcrição**, o qual será incorporado à dissertação. Tendo deixado algumas marcas em nomes e palavras que não compreendi na gravação ou de nomes dos quais não sei a grafia correta, se possível solicito a correção desses dados no texto.

Estou lhe enviando, também, uma cópia da **Carta de Cessão de Direitos**, que solicito que seja assinada, digitalizada e devolvida para o *e-mail* abaixo.

Agradeço sinceramente por sua atenção e contribuição para minha dissertação e informo meu endereço eletrônico e número de telefone de contato para qualquer esclarecimento que se faça necessário:

E-mail: cantachris@yahoo.com.br

Telefones: (38) 9 9902 1141

Gostaria muito que me enviasse uma fotografia sua para ser anexada ao trabalho.

A você, mais uma vez, o meu “Muito Obrigada”!

Cordialmente,

Christiane Faria Franco Vieira
Rua “Antônio Tavares da Costa”, nº 128,
Bairro Canelas II - Montes Claros – MG

³⁶ Carta baseada em Almeida (2015)

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS³⁷

Eu, _____, RG nº _____, declaro ceder a Christiane Faria Franco Vieira, RG nº 4.710.021, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a utilização da gravação da entrevista que lhe concedi em ___ de _____ de _____, com duração de ___'___” e, também, os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.

_____, ____ de _____ de 2021.

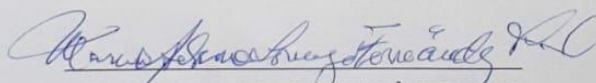
Assinatura da Colaboradora

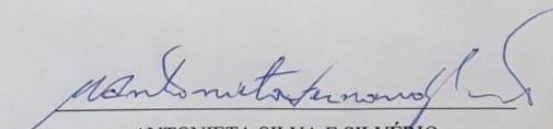
³⁷ Carta baseada em Almeida (2015)

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Nós, Marina Helena Lorenzo Fernández Silva, RG nº 007213705, e Antonieta Silva e Silvério, RG nº MG 89677, declaramos ceder a Christiane Faria Franco Vieira, RG nº 4.710.021, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a utilização da gravação da entrevista concedida em 03 de julho de 2019, com duração de 47'07" e, também, os direitos sobre a textualização (a nós apresentada e por nós conferida e validada) do referido registro oral.

Montes Claros, 26 de março de 2021.

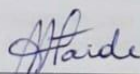

MARINA HELENA LORENZO FERNÁNDEZ SILVA


ANTONIETA SILVA E SILVÉRIO

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Marcos Venício Andrade Ataíde, RG nº M 635.645, declaro ceder a Christiane Faria Franco Vieira, RG nº 4.710.021, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a utilização da gravação da entrevista que lhe concedi em 18 de agosto de 2020, com duração de 47'23", e, também, os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.

Montes Claros, 12 de MARÇO de 2021.



MARCOS VENICIO ANDRADE ATAÍDE

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Nós, Cecy Tupinambá Ulhôa, RG nº M3099844, e Rachel Tupynambá de Ulhôa, RG nº MG 152.964, declaramos ceder a Christiane Faria Franco Vieira, RG nº 4.710.021, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a utilização da gravação das entrevistas concedidas em 06 de junho de 2020, com duração de 54'03" e em 14 de janeiro de 2021, com duração de 15'12", e, também, os direitos sobre a textualização (a nós apresentada, por nós conferida e validada) do referido registro oral.

Montes Claros, 13 de Março de 2021.

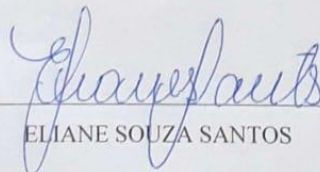
Cecy Tupinambá Ulhôa
CECY TUPINAMBÁ ULHÔA

Rachel Tupynambá de Ulhôa
RACHEL TUPYNAMBÁ DE ULHÔA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Eliane Souza Santos, RG nº 10.466.071,
declaro ceder a Christiane Faria Franco Vieira, RG nº 4.710.021,
sem quaisquer restrições, os direitos sobre a utilização da gravação
da entrevista que lhe concedi em 29 de dezembro de 2020, com
duração de 44'36", e, também, os direitos sobre a textualização (a
mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido
registro oral.

Bocaiuva 14 de abril de 2021.



ELIANE SOUZA SANTOS

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Marina Sarmiento Veloso, RG nº M-159.051,
declaro ceder a Christiane Faria Franco Vieira, RG nº 4.710.021, sem
quaisquer restrições, os direitos sobre a utilização da entrevista que lhe
enviei em 15 de julho de 2020, e o depoimento enviado no dia 14 de janeiro
de 2021 com duração de 7'09", e, também, os direitos sobre a textualização
(a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro
oral.

Montes Claros, 16 de abril de 2021.

Marina Sarmiento Veloso
MARINA SARMENTO VELOSO

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Iracenária Fernandes da Silva, RG nº M. 1.161.743, declaro ceder a Christiane Faria Franco Vieira, RG nº 4.710.021, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a utilização da gravação da entrevista que lhe concedi em 18 de agosto de 2020, com duração de 1h11min22s, e, também, os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.

Montes Claros, 20 de abril de 2021.

Iracenária Fernandes da Silva
IRACENÁRIA FERNANDES DA SILVA



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Talitha Maria Cardoso Vale, RG nº 40.139 MG, declaro ceder a Christiane Faria Franco Vieira, RG nº 4.710.021, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a utilização da gravação da entrevista que lhe concedi em 15 de outubro de 2020, com duração de 58'02", e, também, os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.

Rio de Janeiro, 28 de Abril de 2021.

Talitha Maria Cardoso Vale

TALITHA MARIA CARDOSO VALE

ENTREVISTA 1

Local: Residência de Antonieta - Montes Claros/MG

Data e horário: 03/07/2019 às 10:30

Duração da entrevista: 47:09'

**Marina Helena Lorenzo Fernández
Silva**

Antonieta Silva e Silvério



Foto enviada pelas entrevistadas

Pergunta: - Fale um pouco sobre você. Informações sobre sua vida, onde e quando nasceu, família, etc.

D. Marina: - Ih!! A tempo atrás.... É muito tempo. 93 anos, é muita coisa menina, vai saber?! Nasci no Rio.

Pergunta: - Fale, por favor, sobre sua formação escolar, musical e profissional.

D. Marina: - Foi a formação: tive um ótimo colégio, onde a gente esteve aquela época toda. Depois a formação cultural, estudei no conservatório, fiz especialização, aquelas coisas todas. Mas o que tinha de mais interessante foi a convivência que eu tive a oportunidade, não por mérito meu, mas porque meu pai e minha mãe, o casal, recebiam muita gente em casa. E muita gente inteligente, interessante, que a gente guarda as coisas.

Antonieta (filha de D. Marina): – Mas era legal você falar detalhes, por exemplo: eu sei que você fez a formação tradicional no Colégio Jacobina. Um colégio do tipo escola francesa. Super tradicional, de meninas, lá em Botafogo etc. E depois, quer dizer, no Conservatório, além de você ter feito todas aquelas coisas de iniciação musical, você trabalhou muito tempo. Trabalhou lá com a Liddy Mignone, que foi a primeira esposa do Francisco Mignone. Tem um livrinho de educação de iniciação musical, de educação

musical, que é publicação sua junto com a Liddy. Isso ainda no Rio de Janeiro, antes de o que, 18 anos de idade. Já fez um livro com a Liddy, que é uma compositora e primeira mulher do Mignone.

D. Marina: - Eu tô achando ótimo, ela fala.

Antonieta (filha de D. Marina): – Não. Mas é que você não fica contando essas coisas, as coisas que são importantes também. Entendeu?! Você participou tocando em muitos recitais.

D. Marina: - Fiz Música de Câmara com Koellreutter.

Antonieta (filha de D. Marina): – Fez música de câmara com Koellreutter. Fez muita coisa.

D. Marina: - Foi bom.

Antonieta (filha de D. Marina): – Vovô deu aula pra você?

D. Marina: - Deu no começo só. Mas era bom porque ele ia dar aula e a gente brincava mais no piano do que outra coisa.

Antonieta (filha de D. Marina): – Com quem você estudou piano?

D. Marina: - Eu estudei no começo com ele e depois com a Liddy Chiaffarelli Mignone. E com o Mignone. (Francisco Mignone)

Antonieta (filha de D. Marina): – Depois você foi trabalhar com a Liddy na iniciação musical.

D. Marina: - No Conservatório Brasileiro de Música. Era o primeiro Conservatório no Rio de Janeiro feito pelo meu pai. Não era o primeiro porque ele fez primeiro o Conservatório Nacional, depois separou pra fazer o Conservatório Brasileiro de Música. Ele fazia questão de ter as coisas mais autênticas do Brasil, só isso. Mas, foi bom. Olha, o que vale a vida, é a convivência com as pessoas. Mas a vida é essa, eu gosto é de gente.

Antonieta (filha de D. Marina): – Mas ela quer saber da sua vida.

D. Marina: - Minha vida não vale a pena...

Pergunta: - A senhora deu aula no Conservatório por quanto tempo?

D. Marina: - Enquanto eu estive lá. Depois dirigi o conservatório. Depois vim pra cá, fizemos um conservatório aqui, que é obra de todo mundo, não é minha sozinha, porque aquilo foi a cidade inteira querendo, se manifestando, foi muito bom. O povo daqui é maravilhoso.

Pergunta: - Quando a senhora veio pra Montes Claros?

D. Marina: - Quando eu me casei.

Antonieta (filha de D. Marina): – Ela conheceu papai em Belo Horizonte.

D. Marina: - Ela sabe mais da minha história do que eu. Exatamente, eu conheci seu pai em Belo Horizonte.

Antonieta (filha de D. Marina): – Depois papai foi lá [Rio de Janeiro] para conhecer vovó, ou vovó veio pra Belo Horizonte, não sei.

D. Marina: - Não. Ele era amigo de minha tia. Tia Dodoca.

Antonieta (filha de D. Marina): – Tia Antonieta?

D. Marina: - Não. Tia Dolores. Mas aí pronto, foi evoluindo, namorei, casei. Ele morava em Belo Horizonte e eu morava no Rio, encontrava de vez em quando, era namoro antigo. E quando ia encontrar ia com a avó e a família inteira junto, naquele tempo era diferente. Depois pronto, casei, e vim morar em Montes Claros.

Antonieta (filha de D. Marina): – Já veio casada?

D. Marina: - Já uai. Naquela época alguém viajava com namorado?

Antonieta (filha de D. Marina): – Mas precisa explicar.

D. Marina: - Casei na Igreja Benjamim Constant. Mignone foi meu padrinho, e tal e coisa. Casei e viajei pra São Paulo em lua de mel e depois vim pra Montes Claros. E cheguei em plena Festa de Agosto.

Antonieta (filha de D. Marina): – Veio de que?

D. Marina: - De carro.

Antonieta (filha de D. Marina): – Demorou 3 dias. Passava por Coração de Jesus, tinha que esperar o Rio descer pra poder atravessar o carro.

D. Marina: - Na Serra da Onça, tinha que esperar o rio descer. Era uma maravilha, a gente chegava igual...(...)

Eu trouxe uma vez um artista aqui: o Jacques Klein, que é um artista conhecidíssimo. Quando ele chegou, me ligou dizendo:

- Marina, você é uma desgraçada.

- O quê que foi? (Eu tive que mandar buscá-lo em Belo Horizonte)

-Você não tinha falado que aqui era só terra, eu não tenho roupa pra tocar.

Quem emprestou a roupa foi João Carlos, marido de Zezé [Colares]. A camisa tinha sujado toda de pó [poeira]. Mas então, isso tudo é pitoresco, é gostoso, é muito bom.

Além dele, vieram muitos artistas aqui e foi muito bom.

Pergunta: - Depois que a senhora chegou aqui como surgiu essa ideia de fazer um conservatório?

D. Marina: - Comecei a dar aula. Dava aula de piano para as meninas todas, ia dando aula e foi formando um grupo muito bom. E eu trazia gente do Rio pra examinar as meninas, aqui. Não era fácil não, eu não era boazinha não. Vinha gente do Rio, banca do Rio pra examinar. Então elas têm o diploma do Conservatório porque faziam as provas com o pessoal do Rio e conseguiam diploma. As que formaram comigo, todas.

Antonieta (filha de D. Marina): – Você dava aula de piano lá em casa. Dava aula de pintura em porcelana...

D. Marina: - Isso foi em outra época.

Antonieta (filha de D. Marina): – Não senhora, lá em casa antes do conservatório, você dava aula de pintura em porcelana, dava aula de piano

D. Marina: - Não. Não foi antes do Conservatório.

Antonieta (filha de D. Marina): – Foi mamãe, aquela turma de Terezinha, eu tenho até aquela coleção aí e tinha o forno.

E você fazia, como é que se diz isso, tipo grupo folclórico, as bandinhas. Tinha um grupo só de rapaz, tinha uma só de mulheres. Mamãe tirava tudo da sala e fazia bandas todo sábado à tarde. Tirava tudo aqui e juntava aquele tanto de rapaz da idade dos meninos, 18, 17 anos, fazendo banda mesmo, tocando berimbau, tocando piano, tocando bateria feita com pinico, panelas etc. E isso foi efervescendo.

D. Marina: - Augustão né? Augustão [Bala Doce], que morreu. E ele escreve no livro dele. Ele fala sobre essa banda. Augusto Bala Doce, o Augusto Vieira. Tem livros publicados dele.

Mas o povo aqui, é um povo diferente. O povo de Montes Claros é diferente. É um povo mais vibrante, não é pacato, não.

A gente tinha vontade de fazer uma escola de música, então começamos. Vamos formar um grupo, vamos fazer e começamos simplesmente. Mas aí, Dr. Maurício [João Valle Maurício] mandou uma lei lá em casa dizendo assim:

- Marina, já existia uma aprovação de existir um Conservatório aqui em Montes Claros, nunca foi feito nada. Vê se você consegue alguma coisa.

Antonieta (filha de D. Marina): – Dr. Maurício, por quê? Ele fazia o que? Ele era presidente da Câmara Municipal?

D. Marina: - Eu não sei na época se ele era presidente da Câmara. Sempre foi uma pessoa muito atuante

Antonieta (filha de D. Marina): – Dr. Maurício foi reitor da Unimontes.

D. Marina: - É. Então, sei que foi parar lá, vimos que existia uma lei e fomos atrás disso pra fazer o Conservatório. E tivemos sorte porque tinha um amigo nosso que foi Secretário de Educação: Oscar Dias Correia.

Antonieta (filha de D. Marina): – E Simeão Ribeiro...

D. Marina: - Simeão Ribeiro é que me deu a chave.

Antonieta (filha de D. Marina): – de uma casa.

D. Marina: - Isso aí foi ótimo! Eu fiz um Concurso de piano e foi um sucesso. Eu levava meu piano para o Colégio Imaculada. Tinha que subir escadaria com o piano, eu era meio doída, agora tô um pouquinho melhorada.

Eu levei piano meu, para praça do mercado para o povo ver o pessoal tocando piano, as meninas tocando piano, de noite. Chuviscou em cima do meu piano, mas levamos. Era muito bom.

Eu lembro que o namorado de Gilda Ataíde, nesse tempo era minha aluna também, arranjou gente para transportar o piano.

Antonieta (filha de D. Marina): – Vocês faziam muita audição, você fazia muita audição dos alunos, no Clube Montes Claros. O Clube Montes Claros que passou a ser o Conservatório.

D. Marina: - Mas o bom foi quando Simeão me entregou uma chave depois de um Concurso que eu fiz. Um concurso meu, particular, com as meninas tocando. Ficou todo mundo maravilhado com a meninada tocando. Tocando “bem pra chuchu”.

Depois então ele veio pra mim:

- Dona Marina, tá aqui a chave de uma casa, faça um Conservatório que a senhora sonha. Eu fiquei com a chave na mão e lembrei de Carlos Drummond de Andrade: “E agora, onde é que tá a fechadura?” Eu tenho a chave, mas não tenho a fechadura.

Bom, era na rua Dr. Veloso a primeira casa. Aí eu chamei as meninas e disse, olha aqui eu ganhei uma chave para um conservatório, vamos fazer? Ninguém tinha nada. Então a gente levou. Eu levei meu piano, a outra emprestou outra coisa, emprestou cadeira e nós abrimos o Conservatório. No dia que nós abrimos a sala, tudo emprestado, fizemos 100 matrículas. 100!!! Então foi assim, Montes Claros é bom demais. 100 matrículas.

Antonieta (filha de D. Marina): – Era num quarteirão ali acima onde foi o Conservatório na Dr. Veloso. Num quarteirão acima, do mesmo lado dele né? A segunda ou terceira casa.

D. Marina: - Uma casa pequena.

Antonieta (filha de D. Marina): – Uma casa pequenininha, e a gente também morava lá na Dr. Veloso.

D. Marina: - É! Mas foi muito bom.

Antonieta (filha de D. Marina): – Ao lado da casa onde Marcelo [Drumond] morou, Iraídes morou. A gente morava ali, mas o Conservatório era, no mesmo lado do Conservatório, no quarteirão de cima, acho que a segunda casa.

D. Marina: - No quarteirão de baixo.

Antonieta (filha de D. Marina): –Era ali do lado da casa onde era aquele Avelino. No quarteirão de cima.

D. Marina: - Não. Eu morava lá.

Antonieta (filha de D. Marina): – No quarteirão de cima de onde foi o Clube Montes Claros. Entendeu?

D. Marina: - Ah!

Antonieta (filha de D. Marina): – Lá, de frente onde é o Bretas, na Cel. Prates, já foi outra sede. Aí foi a segunda sede, né?

D. Marina: - É. A primeira foi essa.

Antonieta (filha de D. Marina): – A primeira foi na Dr. Veloso.

D. Marina: - Era uma casinha pequena, mas nela fizemos 100 matrículas.

Pergunta: - E quais foram os primeiros cursos/aulas que o Conservatório oferecia?

D. Marina: - Tinha piano, arranjei um professor de violão. Às vezes vinha um professor do Rio para dar aula, dava teoria e foi formando o pessoal. E chamava banca de fora, para o pessoal não dizer que tinha aquela marmelada, não é?

Essa daí (mostrando Antonieta) tinha, tem o ouvido absoluto³⁸, coisa rara, ela tem. Não é culpa dela nem minha, mas nasceu assim. Mas ela tocava muito, qualquer coisa. Com 2 anos ela já tocava piano. Um dia cheguei em casa e ela estava tocando aquela música: “eu

³⁸ capacidade de se ter a memória sonora da frequência das notas, abrangendo também a habilidade de cantar determinado som precisamente sem o uso de uma referência sonora externa (SILVA; SANTIAGO, 2017). Disponível em: < <https://musica.ufmg.br/nasnuvens/wp-content/uploads/2020/11/2017-14-Ouvido-absoluto-definicao-funcionamento-e-caminhos-para-a.pdf> > Acesso em: mar/2021

tava na peneira”. Ela com dois dedinhos tocando assim, pequena, 2 anos e pouco, nesse piano.

Antonieta (filha de D. Marina): – Aí daquela primeira turma, que tinha o pessoal que mexia com música mesmo. Vamos lembrar aqui, quem você formou foi: Inês³⁹, Iraídes⁴⁰, Conceição Lafeté⁴¹, Cecy⁴², Dona Jacy Cardoso Vale⁴³, mãe da Talitha. Vamos ver quem mais era dessa primeira turma. Clarice não era da primeira turma, foi um pouco depois né, mais nova.

D. Marina: - É. Clarice Sarmento era mais nova.

Antonieta (filha de D. Marina): – É. Já foi depois. Aí veio Clarice Sarmento, Leila...

D. Marina: - Talitha.

Antonieta (filha de D. Marina): – Não. Talitha é comigo. Calma, calma. Já foi a terceira geração.

Pergunta: - Qual foi a primeira turma, as primeiras alunas?

Antonieta (filha de D. Marina): – As primeiras alunas que tiveram formação foi: Jacy Cardoso Vale, Cecy, mãe de Raquelzinha, Maria Ignês Maciello de Paula, mãe da Sandra, Conceição Lafeté, mãe de Ritinha.

D. Marina: - Maria Inês, Iraídes.

Antonieta (filha de D. Marina): – Iraídes, mãe de Marcelo.

D. Marina: - Zezé Colares⁴⁴ também.

Antonieta (filha de D. Marina): – Zezé já é da segunda turma, né? Ela é colega de Leila. Mas tinha outras companheiras que não formaram em música, mas que estavam sempre presentes, olha pra você vê: que aí tinha Dona Jacy Frois Veloso, que era mulher do Dr. Antônio Augusto, que trabalhou lá ajudando, não foi?

D. Marina: - Ajudava sem ter título nenhum, ajudava por prazer, às vezes saía de lá de casa meia noite arrumando, porque não tinha.

Antonieta (filha de D. Marina): – Então foi Tia Jacy, que estava sempre.

D. Marina: - Iraídes

³⁹ Maria Ignês Maciello de Paula

⁴⁰ Iraídes dos Santos Drumond

⁴¹ Maria da Conceição Machado Lafeté

⁴² Cecy Tupinambá Ulhôa

⁴³ Jacy Alves Cardoso Vale

⁴⁴ Maria José Colares de Araújo Moreira

Antonieta (filha de D. Marina): – Não. Iraídes fez música, foi avaliada pelo povo do Rio de Janeiro

D. Marina: - Depois ela ajudou.

Antonieta (filha de D. Marina): – Sim. Mas eu tô dizendo que tinha as companheiras no início que ajudaram muito, que não tinha uma formação, que não formaram música, mas que eram companheiras, que eram amigas e que gostavam. Depois da formação musical, aí tinha: Zezé Colares, tinha Leila...

D. Marina: - Cecy, Jacy. O pessoal ia pro Rio também estudar, eu arranjava um jeito e eles iam. Até irmã Rosita, você conhece Irmã Rosita?

Ela foi para o Rio também, fazer um curso no Rio. As freiras deixaram. Era uma revolução nessa cidade, ia todo mundo. Montes Claros é muito bom.

Antonieta (filha de D. Marina): – Aí você fez também escolinha de artes.

D. Marina: - Felicidade Tupinambá...

Antonieta (filha de D. Marina): – Felicidade Tupinambá⁴⁵, que depois ficou na secretaria muitos anos. Dona Yede deu aula no conservatório. Dona Lourdes Antunes.

D. Marina: - Na escolinha de Artes.

Pergunta: - Era uma escolinha, um curso, que funcionava dentro do conservatório?

Antonieta (filha de D. Marina): – Dentro do conservatório!

D. Marina: - Chamava Escolinha de Arte porque era um modelo diferente.

Antonieta (filha de D. Marina): – Era um modelo do Augusto Rodrigues. Do Rio de Janeiro, que você já conhecia bem. Então tinha a escolinha de artes, as crianças iam, tinha os orientadores, era uma maravilha. Eu fiz a Escolinha de Artes. Depois Raquelzinha fez, Raquelzinha de Paula⁴⁶.

D. Marina: - Meu afilhado, Paulinho Ribeiro, fazia parte da Escolinha de Arte. Eu tava escrevendo, lá na minha sala escrevendo, ele passava tirava meu lápis da minha mão e saía correndo com ele (risos...). Eu acho lindo, eu gosto de criança levada, criança muito pacata eu não acho graça não. Tem que ter vibração, porque montes-clarense é vibrante.

Antonieta (filha de D. Marina): – É importante dizer que nos cursos livres, aí tinha aula de acordeom, de violão popular, tudo naquela época. Aí mamãe trouxe alguém pra dar aula de violoncelo, violino, aí depois não tinha nenhum sopro em Montes Claros, nada,

⁴⁵ Felicidade Perpétua Tupinambá

⁴⁶ Raquel Helena de Mendonça e Paula

você não via o povo tocando. Aí mamãe trouxe gente pra dar aula de flauta. O que que ela fazia. Ela trazia de Belo Horizonte, a pessoa trabalhava sábado e domingo o dia inteiro e pronto.

D. Marina: - Ninguém reclamava. Não tinha ninguém pra reclamar que não pode trabalhar no sábado e no domingo.

Antonieta (filha de D. Marina): – Não tinha essa coisa que tem hoje, denúncia de não sei o que, porque não pode. Não, ele não trabalhou 40 horas, ele só deu 8 horas... não existia... E se tinha algum problemzinho, ela ia atrás, pegava e entrava no ônibus e ia... ninguém reclamava.

D. Marina: - Uma vez eu fui chamada.

Antonieta (filha de D. Marina): – Pra poder formar as pessoas. Como é que Marcelo Andrade formou? Com professor que veio de fora. Que ficava aqui sábado e domingo.

D. Marina: - É. Todos eles. De violino também.

Antonieta (filha de D. Marina): – Porque ficava aqui sábado e domingo. Como é que o pessoal de violino, os primeiros formaram e tiveram alguma noção? Com o pessoal que trazia de fora.

D. Marina: - Tinha que trazer gente de fora.

Pergunta: - E como era essa formação?

Antonieta (filha de D. Marina): – O pessoal vinha trabalhar sábado e domingo.

D. Marina: - Eles trabalhavam lá [Rio de Janeiro, Belo Horizonte], professor de música nunca tem dinheiro mesmo. Então trabalhavam lá [na semana] e vinham no sábado pra trabalhar aqui.

Antonieta (filha de D. Marina): – Aí tinha uma coisa também, que foi uma proposta que eu me lembro, durou muitos anos no conservatório, muitos anos. Lógico que o salário era muito melhor, comparando com o salário de hoje em dia. Tá certo? Mas eu acho que o espírito também era outro. Que era, 20% do que a gente ganhava, a gente acabava de receber e retornava para o conservatório. Foi anos!

D. Marina: - Dava o dinheiro, anos e anos.

Antonieta (filha de D. Marina): – Todos os professores, eu cheguei a fazer isso durante muito tempo.

D. Marina: - Todos os professores. Todo mundo doava do ordenado dele. Fosse a miséria que fosse o ordenado. Ganhasse 20,00, dava 20%, 4,00 ia pro conservatório. Todo mundo

doava! Pois foi assim que se construiu, se compraram piano, se fazia o conservatório. Com este amor que hoje em dia a gente não vê direito nas pessoas. Era uma doação, cê sabe? Uma vez eu fui chamada..., nós então dávamos essa doação e comprava um piano e não dava satisfação para o Estado também não. Comprava o piano, e aí: olha aí o piano. Aí eles ficavam sem saber o que que fazia, né?

Antonieta (filha de D. Marina): – Aquele caso, quando veio o secretário de Educação aqui que você mandou (risos...).

D. Marina: - O que que foi?

Antonieta (filha de D. Marina): – Mamãe comprou a cachaça tradicional de Salinas, pra fazer um coquetel. Era uma autoridade da Secretaria de Educação, e tal. Ela tinha que mandar a prestação de contas do que gastou, porque ele arranjou essa verba. E ela botou: cachaça.

D. Marina: - Aí ele me chamou lá. Como é que a senhora, uma professora assim com tanto prestígio vai escrever cachaça. Uai, você tomou! Vem pra cá comigo, cê tomou lá em casa, no Conservatório, que negócio é esse?!?

Antonieta (filha de D. Marina): – Uai, cê não tomou?

D. Marina: - Aí pronto, acabava rindo, ficava naquilo mesmo e ninguém fazia nada. Porque a gente tem que enfrentar as coisas, também não pode. Com educação lógico, brincando, não brincando, sorrindo, mas tem que falar!

Uma vez nós fomos chamadas, e naquele tempo o marido não deixava a gente viajar sozinha, então Rosalva Dutra Nicácio foi comigo pra Belo Horizonte.

Antonieta (filha de D. Marina): – Foi outra que foi muito companheira.

D. Marina: - Saía de ônibus a noite pra ir pra Belo Horizonte pra reunião em Belo Horizonte. De ônibus. Tudo pago do bolso da gente. Ninguém dava dinheiro pra gente não. Aí nós íamos pra Belo Horizonte e chegamos em Belo Horizonte (risos)...a gente pintou...

Aí, mandaram chamar que eu tinha que acabar com os cursos livres que a gente fazia pra ganhar dinheiro pra comprar piano. Que o Estado não dá nada. Então eu arranjava o dinheiro... Então me chamou o chefe lá do Ensino Superior, me chamou e disse assim:

- “A senhora não pode fazer isso, isso é absolutamente proibido fazer um comércio dentro do conservatório”.

Eu disse:

- Olha, todos os pianos são do Estado, porque entra dentro do Conservatório vira do Estado, onde é que está o comércio aí? - “Ah, mas não pode!” Eu digo: Não posso mais fazer? Tá bom! Eu vou pegar os pianos todos, colocar na rua e falar para o povo que os senhores é que não estão deixando. Aí eu fazia aquele estardalhaço, e eles acabavam deixando. Na hora de ir pra rua e fazer uma cena contra eles, aí deixavam. Quer dizer, de vez em quando você tem que ameaçar.

Eu uma vez, aqui no conservatório...oh gente! (risos...)

Caio Benjamim Dias veio visitar o conservatório, era o Secretário de Educação. Então tinha todos os professores na escada assim por onde ele passava pra ele conhecer. Aí, tinha lá uma obra... Eu comecei uma obra, que diz que não podia fazer obra nenhuma, que o Estado é que tem que fazer, o patrimônio é do Estado.

-“Olha professora, aqui é o corpo docente do conservatório!”

Aí eu olhei a obra:

- E ali é o corpo indecente!

Quer dizer, eu falava umas coisas muito malucas assim, mas no fim dava certo.

Pergunta: - A senhora está contando uma época que o conservatório já estava estadualizado? Como que foi esse processo de estadualização? Quando aconteceu?

Antonieta (filha de D. Marina): – 1 ano depois. Abriu o conservatório em 61 e foi estadualizado em 62. Eu tenho os livrinhos com as datas, com a lei, número de lei e tudo. Mas sem ser esses detalhes de lei e tudo, como é que foi esse processo entre municipalizar e estadualizar. Ela quer saber como foi essa idéia sua. Por quê?

D. Marina: - Uai. Porque as professoras estavam lá. Por que elas não mereciam ter um cargo de professor do estado? Por que não? A gente tem que lutar é por eles mesmo uai.

Antonieta (filha de D. Marina): – Para que os professores tivessem uma carreira.

D. Marina: - E eles tem uma carreira. Todos fizeram curso superior, porque eu trazia bancas de fora, ou então eles iam lá.

Antonieta (filha de D. Marina): – Ah, e os registros. Pra gente poder dar aula... precisava dos registros do MEC.

D. Marina: - Tinha os registros, pra poder dar aula. Mas a gente não pode também, sentar na cadeira de diretor e ficar lá. Tem que ler. Ler leis, que sai lá, que sai cá. Procurar, se não procurar....

Antonieta (filha de D. Marina): – Pra aproveitar as brechas né, tanto que, por exemplo, registro pra ser professor, poder dar aula de tal coisa, tinha que vir do MEC.

D. Marina: - Tem ué!

Antonieta (filha de D. Marina): – Eu tenho os registros até hoje! Eu tenho registro que eu posso dar aula quase de tudo. Tião morre de rir! (risos) Mas é porque eu fiz muita coisa, né? Mas isso durou um ano. E aí você ia a Belo Horizonte. Você escreveu todo o projeto pra ser estadual, como funcionou?

D. Marina: - Não, teve que fazer. Depois nasceu a idéia de fazer a faculdade.

Pergunta: - E como que foi a criação da Faceart?

D. Marina: - Foi ótimo! Uai, tinha uma Universidade, eu fui lá e falei com o reitor, olha, não existe universidade sem que tenha curso de Artes. Eu sei a legislação. A gente não pode ficar fora, a gente não pode se achar sabendo tudo, tem que procurar, estudar e procurar. Eu digo: olha, não existe universidade que não tenha curso de música. Então eles se interessaram pela criação do curso de Educação Artística. Aí pronto! Esqueci o nome do senhor que veio trabalhar comigo em casa, porque era escrevendo a mão, não tinha computador, pra gente fazer o planejamento para levar para Brasília. Andamos loucamente em Brasília, para poder aprovar o curso para Faculdade de Educação Artística.

Antonieta (filha de D. Marina): – Nossa, eu lembro que você ficava sábado a tarde inteira lá no conservatório, e a gente ia lá, e você perguntava trem, preenchendo papel, e fazendo e propondo, e foi pra Brasília, e foi pra Belo Horizonte... uma confusão danada...

D. Marina: - De vez em quando a pobrezinha tinha que sair comigo de noite, 11 horas da noite, vamos pra Belo Horizonte. Porque mulher não viajava sozinha, né?! Tinha isso.

Pergunta: - Como que essas tantas viagens aconteciam, viajando pra lá e pra cá, pra Belo Horizonte, Brasília, etc.?

D. Marina: - Mas a gente levava meninos pra fazer concurso, levamos alunos para concurso em Belo Horizonte e trouxemos todos os prêmios. Quer dizer, isso quando a gente chegava (era Talitha, Antonieta e Martha Tupinambá), trouxemos todos os prêmios. Toda vez que a gente botava em concurso, a gente arrecadava primeiro lugar, segundo lugar.... então isso que fortalecia. Uma vez, nós chegamos de trem, todo mundo, as meninas, acho que até tinham vomitado, sei lá...., todas andando assim ruim no trem,

tcheco, tcheco, tcheco....., chegamos em Montes Claros. Aí nós todos meio imundos, aquela viagem grande. Gente, deve estar chegando algum político aí, cês viram tem uma banda de música. Vamos sair de fininho pelo lado de cá pra ninguém ver a gente suja, atrapalhada e tal e coisa. Era pra nós a banda de música! Tinha prefeito, tinha tudo e nós lá fugindo pelo cantinho (risos...). Mas era divertido. Depois então a gente ria, porque estava toda atrapalhada, fugindo e a homenagem era para as meninas. Elas trouxeram todos os prêmios.

Trouxeram todos os prêmios! Hoje em dia eu não vejo esses concursos, as pessoas tomando, tendo aquele entusiasmo. Antigamente tinha entusiasmo. Os pais acompanhavam, os pais adoravam. As meninas, elas iam, chegavam no lugar, ganhavam os concursos. Era Talitha, Antonieta, Martha Tupinambá, todas até hoje: Antonieta vocês conhecem. A Martha foi professora da Unirio, outra coisa assim. Tem a Talitha que todo mundo sabe que é uma excelente, até hoje, viaja pra Alemanha, pra cá e pra lá..., pianista ótima. Essa meninada toda era muito boa. Elas....

Antonieta (filha de D. Marina): – Mas isso aí foi, a gente já era da geração terceira.

D. Marina: - Não. Você é da minha geração, primeira.

Antonieta (filha de D. Marina): – Não, eu falo assim.... Agora o que eu acho importante é a abertura de ter balé, essas coisas... Isso já começou desde o início.

D. Marina: - As meninas que eu sabia que eram talentosas e que podiam fazer um trabalho fora, aumentei a idade delas todas.

Antonieta (filha de D. Marina): – Ah é!

Pergunta: - **Alguma das primeiras professoras do conservatório, tiveram que ser emancipadas?**

D. Marina: - Os pais as colocaram como maior de idade, que era uma autonomia.

Antonieta (filha de D. Marina): – Eu fui emancipada.

D. Marina: - Emancipadas pra poder trabalhar.

Antonieta (filha de D. Marina): – Pra poder trabalhar.

D. Marina: - Todo mundo foi emancipado.

Antonieta (filha de D. Marina): – Tivemos que ser emancipadas.

D. Marina: - Tinha essa facilidade, não sei se é facilidade ou o que que era, era muita loucura misturada com amor, mas, a cidade era bacana.

Um piano os advogados deram, outro piano os médicos deram, e era assim, a sociedade toda participava. Não tinha distanciamento. Era uma coisa pra cultura de Montes Claros, todo mundo participava.

Antonieta (filha de D. Marina): – Mas também tem um negócio. Todo mundo respeitava você muito, e tinha um pouquinho de medo de você também, que você enfrentava, né?! Igual quando você “tomou” o Clube Montes Claros.

Pergunta: - O prédio da Dr. Veloso? Como que foi isso D. Marina?

D. Marina: - Eu não tomei não.

Antonieta (filha de D. Marina): – Eu falo tomou, entre aspas, Chris entendeu. Porque era um clube que funcionava fechado.

D. Marina: - Eram 100 sócios.

Antonieta (filha de D. Marina): – 100 sócios. E eles iam pra lá jogar. O clube funcionava nisso.

D. Marina: - E as mulheres dos sócios ficaram feliz da vida.

Antonieta (filha de D. Marina): – Mas você fazia lá muita audição, né?

D. Marina: - Fazia. Eu pedia ...

Antonieta (filha de D. Marina): – E fazia exposição de pintura, que tem fotos disso!? Exposição de pintura e porcelana. Porque mamãe, tinha Terezinha Pires, Terezinha Tupinambá, esqueci de falar o nome dela que foi do Conservatório muito tempo.

D. Marina: - Ih!! Foi... Maria Inês Maciello, Terezinha, Conceição....

Antonieta (filha de D. Marina): – Não. Tô falando que não era da música

D. Marina: - Ah...Não era da música, mas foi bom demais. Olha era ótimo!

Antonieta (filha de D. Marina): – Mas o negócio do Clube Montes Claros, nós estávamos lá em frente onde é o Bretas, uma casinha de esquina, muito apertada. Muito apertada, né? Eu não sei como é que você teve essa idéia.

D. Marina: - Não sei também não.

Antonieta (filha de D. Marina): – Como é que você teve essa ideia, de ser o Clube Montes Claros? Cê não lembra não? Como é que você teve essa idéia?

D. Marina: - Uai, não sei. O Rondon Pacheco veio aqui, nós fizemos uma homenagem dentro do Clube de Montes Claros, eu mesmo não sei porque, as coisas aconteciam, também....

Antonieta (filha de D. Marina): – Não. Mas foi um processo....

D. Marina: - Zezé Colares também muito animada, foi minha aluna também. Muito animada, foi pra Belo Horizonte, fez amizade com a mulher do Rondon, que chamava Marina também, do Rondon Pacheco.

Antonieta (filha de D. Marina): – Marina Pacheco.

D. Marina: - Então ela fez amizade também, porque tinha muitos conhecidos também lá... Então isso tudo envolvia, todo mundo se envolvia. Não tinha quem não se envolvesse. No dia que eles vieram tomar conta do Clube, tinha um restaurante embaixo, o dono do restaurante não queria sair..... então fica, fica aí que você vai ver...

Aí chegou gente pra tomar conta do clube, que veio tomar conta do clube. Nós não almoçamos, tinha um grupo: Iraídes, aquele pessoal, não almoçou, nem jantou, nem tomou cafezinho....ficamos dentro da escola esperando chegar o pessoal de Belo Horizonte que ia tomar o clube pra gente. E se esses sócios se revoltassem, o que que nós íamos fazer? Nós vamos ficar lá dentro esperando.

Antonieta (filha de D. Marina): – Foi assim meio tenso! Não foi assim um negócio tranquilo não.

D. Marina: - Não. Ficamos esperando com medo, pra dizer que a gente já estava de posse..., qualquer coisa, toda essa confusão....

Antonieta (filha de D. Marina): – Quem deu a posse? Como é que foi isso?

D. Marina: - Uai, veio gente de Belo Horizonte a mando do governo.

Antonieta (filha de D. Marina): – Pois é, mas quem autorizou? Eles desapropriaram o clube, foi isso?

D. Marina: - Foi. Passado pra....., então Plínio Ribeiro que era do “coisa”, mas Yede também muito nossa amiga, então, no fim a gente ficou conhecendo todo mundo. Aí eles vieram. Mas foi bonito! Na hora que nós entramos lá no Clube Montes Claros, e que o pessoal entrou... eu não posso... eu me emociono.

Antonieta (filha de D. Marina): – Você fica emocionada?

D. Marina: - O pessoal entrou cantando Halleluia de Handel! (emoção).. Lindo demais!! Muito bonito! Esse povo daqui não existe viu? É bom demais! Eu me sinto muito, eu não sei, eu acho que eu devo ter vivido em outras gerações, eu devo ter vivido por aqui.

Antonieta (filha de D. Marina): – Deve. Você não é montes-clarense.

D. Marina: - Porque eu gosto daqui.

Antonieta (filha de D. Marina): – Mas é legal, porque não foi assim, porque ninguém sabe dessa história. Eu me lembro que foi uma tensão muito grande que vocês ficaram pra conseguir esse Clube Montes Claros.

D. Marina: - Ah foi! Ninguém comia, nem jantava, nem nada...

Antonieta (filha de D. Marina): – Entendeu?! Eles não saiam lá de dentro. Tipo assim, tomamos posse. Mas eu não sei por que que vocês entraram. Desapropriaram, mas o povo não queria sair, foi isso?

D. Marina: - Não. Nós estávamos esperando o governo chegar e dizer que o prédio era nosso. Mas como eles não queriam sair do restaurante, nem nada, nós ficamos lá dentro. Sem comer, nem nada, mas nós também não saímos. Era muito bom gente! Zezé foi muito companheira, Zezé Colares, muito companheira também. Era animadíssima também. Elas todas, ninguém ficava....

Antonieta (filha de D. Marina): – É, já passou por poucas e boas... esse negócio do balé, você ia até contar pra ela, você não sabe essa história não?

D. Marina: - Ah, tá num livro publicado, das meninas do Augustão tem a história... Não, é porque, o Bispo... Nós tínhamos que fazer, era até a cunhada do Dr. Mauricio que dava aula de balé para as meninas, de tchu, tchu, aquele negócio.

Antonieta (filha de D. Marina): – Esse Dr. Maurício que foi reitor.

D. Marina: - Então veio de lá.

Antonieta (filha de D. Marina): – João Valle Maurício.

D. Marina: - Aí veio pra cá, pra dar aula de balé. Aí nós íamos fazer a apresentação do balé no...

Antonieta (filha de D. Marina): – Ela era irmã de Dona Milene

D. Marina: - É. Maria Luiza.

Antonieta (filha de D. Marina): – Maria Luiza. Nós estudamos com ela. Estudei balé com ela.

D. Marina: - Nós íamos fazer a apresentação do balé, das menininhas tudo de tchu, tchu, bonitinhas no Colégio Imaculada Conceição. Aí foi um escândalo pro Bispo aquelas menininhas, menininhas muito pequenininhas: 8 anos, 9 anos, dançando com as perninhas de fora.

Antonieta (filha de D. Marina): – Ainda não tinha sido a estréia. Com aqueles tchutchuzinhos, sabe?!

D. Marina: - De tchu, tchu, dançando. Então ele mandou dizer que eu não podia levar isso no palco do Colégio Imaculada Conceição. Era duas horas da tarde que ele manda uma pessoa em casa minha, me dizer que eu não podia fazer a festa, programada, programa pronto, às quatro da tarde.

Antonieta (filha de D. Marina): – O Bispo.

D. Marina: - Eu digo: tá bem! Aí o padre voltou, e eu disse, então fala com o bispo que eu não vou levar, por ordem dele, mas eu vou falar pro público o por quê! Eu vou dizer primeiro porque que não vai ser levado. Aí ele foi lá, acho que falou isso pro bispo, porque eu devia tá agitada... aí o bispo disse não, então deixa ela levar. Aí, quando ele voltou dizendo que eu podia levar, eu disse: só vou se o senhor ficar ao meu lado pra assistir pra ver que não tem maldade nenhuma no que vai apresentar. Ele foi. Ficou com medo, mas foi. Mas não levantou o olho.

Antonieta (filha de D. Marina): – E esse que foi Pe. Joaquim, que depois largou a batina... Cê lembra de Pe. Joaquim?

Antonieta (filha de D. Marina): – Era ele. O que tinha ido. E o bispo era o...?

D. Marina: - Não. Pe. Joaquim não era ele naquela época não. Foi o outro padre. Era parente da Nina Pimenta, dos Pimentas daqui. Era ele o padre. Mas aí...

Antonieta (filha de D. Marina): – É Joaquim?!

D. Marina: - Não. Joaquim foi depois. Joaquim entrou na briga. Quando entrou na briga, ficou ele e padre outro... andando na porta lá de casa pra me excomungar. E assim me excomungaram. Eu estava achando ótimo.

Antonieta (filha de D. Marina): – Por causa de uma apresentação.

D. Marina: - Aí a irmã Dulce que era diretora da escola,

Antonieta (filha de D. Marina): – A diretora do Colégio Imaculada Conceição.

D. Marina: - ...foi embora de Montes Claros e só pôde voltar 17 anos depois. Você imagina a briga que foi.

Antonieta (filha de D. Marina): – Expulsaram ela de Montes Claros. Foi uma briga...

D. Marina: - Agora, nós não sabíamos que ele ia mandá-la expulsa às 5 horas da manhã. Senão nós não deixávamos o trem sair. Nós íamos nos deitar no trilho e não deixar o trem sair... nós todos deitados no trilho. Ah, deitava! Porque não tirava a irmã. Mas nós não sabíamos. Irmã ficou 17 anos sem voltar a Montes Claros. Ó, o castigo que ela levou por nossa causa. Por causa do Conservatório.

Antonieta (filha de D. Marina): – Muito pesado!

D. Marina: - Mas a vida é, você levanta de manhã já tá encrencado

Antonieta (filha de D. Marina): – Enfrentamentos inclusive familiares às vezes. Mamãe pegava muito, é... tinha muita gente que os pais não queriam que estudassem música, um exemplo é Yuri Popoff. O pai de Yuri ia lá e enfrentava mamãe...

D. Marina: - De dedo na minha cara assim...

Antonieta (filha de D. Marina): – De dedo na cara de mamãe, uma onça porque não queria que Yuri...

D. Marina: - Yuri não saía do Conservatório.

Antonieta (filha de D. Marina): – ... queria que não deixasse Yuri ficar lá., queria que Yuri estudasse de jeito nenhum.

Pergunta: - Havia muito preconceito?

D. Marina: - Não, a concepção dele, do Popoff era que a gente estava criando gente vagabunda, que ia só ficar tocando música, tocando música. E Yuri gostava mesmo de ficar tocando música....

Antonieta (filha de D. Marina): – E tinha o preconceito também de rapaz estudar música, estudar piano. Você que teve que vencer. O Ricardo, meu irmão, estudou, tocou.

D. Marina: - Ah é! Fez o curso de piano, formou, tocou, mas todo mundo achava que só podia ser... (fez uns gestos indicando que era afeminado).

Antonieta (filha de D. Marina): – Então foi difícil.

Pergunta: - Então, naquela época, demorou ter alunos homens no Conservatório?

D. Marina: - Não.

Antonieta (filha de D. Marina): – Não. Não demorou não. A primeira levada eram as mulheres, só as mulheres: Dona Conceição, etc... Logo depois, os filhos de Dona Conceição foram estudar.

D. Marina: - Os meus filhos, e bons alunos.

Antonieta (filha de D. Marina): – Os filhos de mamãe foram estudar. E todo mundo conhecia, bons alunos, e também começa a chamar atenção. Por exemplo, você imagina, o Ricardo, meu irmão, que é todo sério, todo não sei o que... De repente...

D. Marina: - Bom aluno, o primeiro da classe.

Antonieta (filha de D. Marina): – Bom aluno, primeiro de classe, na formatura dele ele tocou o Hino Nacional de Gottschalk, lá no Colégio Imaculada Conceição. Estava

lotadaço! Ele deu um recital de formatura fantástico, curso técnico né? Antigamente, terminava o curso técnico dando um grande recital, não sei como é que tá agora.

D. Marina: - É porque a qualidade tem que acompanhar. Não pode deixar de procurar ter qualidade nas coisas que a gente faz.

Pergunta: - Hoje o Conservatório tem musicalização, Educação Musical e Curso Técnico. Quais eram os cursos quando começou?

D. Marina: - Era a Legislação que imperava, a legislação.

Antonieta (filha de D. Marina): – Eu acho que era 9 anos.

D. Marina: - Tinha o curso de 9 anos. Antigamente, era assim os 9 anos de piano. Tem tudo isso na legislação, é só pesquisar que encontra.

Antonieta (filha de D. Marina): – Que era 9 anos de piano. Eu lembro que, eu tenho um curso de Educação Artística de 2º grau, tenho um curso de Educação Musical e tenho o Técnico de Piano.

D. Marina: - E o curso superior

Antonieta (filha de D. Marina): – Não, isso foi depois. Eu tô falando que foram cursos diferentes.

D. Marina: - Depois foi fazer Composição Musical nos Estados Unidos.

Antonieta (filha de D. Marina): – Não mãe, a história não é sobre mim. Mas vai perguntando o que você tem de curiosidade, porque eu tô interrompendo muito, mas é pra lembrar as coisas...

Pergunta: - Quanto tempo a senhora ficou na direção do Conservatório?

D. Marina: - Aqui? Do dia que fundou em 1961, até eu ir embora. Quanto tempo foi? Sei lá quanto tempo foi...

Antonieta (filha de D. Marina): – Ei, também não sei. Desde quando fundou até...

D. Marina: - Uns 30 anos talvez? Não sei a quantidade de tempo não.

Antonieta (filha de D. Marina): – Ela deixou, ficou dirigindo a faculdade de Educação Artística também, um bom tempo.

D. Marina: - Não. Eu só fiz a faculdade.

Antonieta (filha de D. Marina): – Você ficou como diretora.

D. Marina: - Não. Mas foi no primeiro. Tanto é que eu me coloquei pró-tempore, só o tempo de “botar”. Porque eu ia pedir a faculdade, como eu pedi, pra eu ser a diretora, ser

a dona? Não combina comigo. Então eu fiquei pró-tempore, o tempo só de “botar” a faculdade em pé. E depois não queria mais saber.

Antonieta (filha de D. Marina): – É, mas você ficou até ficar tudo estruturado, dirigindo.

D. Marina: - Fiquei só nesse começo.

Antonieta (filha de D. Marina): – Depois eu não sei como é que foi, aí, tem que ver quando é que foi a data, porque aí Tia Malitinha tava insistindo muito pra ela ir [para o Rio de Janeiro] pra assumir o conservatório. Tia Malitinha já estava mais fraca, irmã do vovô [Lorenzo Fernández].

D. Marina: - Eles me voltaram lá em 1987, eu só fui acabar assumindo em 1989, porque não deu, eu estava aqui arrumando a faculdade [Faceart]. Ia lá, ia e voltava.

Antonieta (filha de D. Marina): – É. Mamãe ficou indo lá, ficava um tempo, voltava, dava assistência aqui, até que resolveu. E que aí ficou, já estava tudo aqui mais estruturado.

D. Marina: - Depois eu fui para o Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais. Então eu tinha que ir uma semana por mês, ficar lá no Conselho Estadual de Educação.

Antonieta (filha de D. Marina): – Mas isso não foi depois que você foi pro Rio não. Foi quando você estava aqui ainda. Você ficou um tempão no Conselho.

D. Marina: - É, eu estava aqui. Fiquei 12 anos [no Conselho Estadual de Educação].

Antonieta (filha de D. Marina): – E lá no Conselho ela ajudou muita coisa aqui. Inclusive a criação da Funorte, mamãe estava presente o tempo todo, ajudando a criação. Ela estava lá no Conselho. Tudo passa pelo Conselho Estadual para ser aprovado.

Pergunta: - **Eu gostaria de fazer só mais duas perguntas para gente encerrar. Primeiro: Logo no início, tinha a preocupação da senhora em inserir no Conservatório as camadas mais populares da cidade?**

D. Marina: - De inserir todo mundo? Lógico! O que que a música é, onde é que está o talento?! O talento não está pelo dinheiro que a pessoa tem no bolso não. E tem muita gente talentosa que a gente fica encantada mesmo. Uai, isso nunca passou pela cabeça da gente, nem passa no pessoal que faz música direito. Não precisa ter dinheiro. Tem talento? Vamos ajudar que o talento leva a pessoa.

Antonieta (filha de D. Marina): – Uma das formas que ela ajudou muito, é que teve gente pra ir dar aula no conservatório, que mamãe queria que desse aula, mesmo no primeiro grau, mas a pessoa não tinha terminado o curso primário.

D. Marina: - Isso aí é outra história.

Antonieta (filha de D. Marina): – Primário né?

D. Marina: - Não. Não tinha o segundo grau, mas todas fizeram.

Antonieta (filha de D. Marina): – Não. Tô falando vários professores, dos bairros humildes, inclusive. Entendeu? E aí mamãe ficou em cima.

D. Marina: - Eles todos fizeram a “Madureza”⁴⁷. Precisava fazer para poder lecionar.

Antonieta (filha de D. Marina): – Tem que fazer! Vai fazer! Pra você dar aula!

D. Marina: - Eu falei com eles: Escuta uma coisa, então eu vou ser presa, porque eu declarei que todos vocês já tinham. Aí, elas ficavam nessa situação. Eu ia presa por ter feito uma declaração que ainda não existia. Todo mundo fez! Todo mundo inteligente, tudo passou.

Antonieta (filha de D. Marina): – Todo mundo fez. Já trabalhando e fazendo o curso pra terminar e poder [receber a certificação]. Como você tá falando, mais simples, em termos de posição social.

D. Marina: - Mas tem talento, né?

Pergunta: - Para encerrar, na sua opinião, qual a função educativa e a relevância social da música.

D. Marina: - Isso eu nem vou responder. Porque isso é uma coisa tão notória, tão conhecido, não se faz nada sem música. Você acha que na Igreja Católica por exemplo, o canto que tem, o canto gregoriano, o que que é: música. Antes de eu nascer, todo mundo já usava música. Essa pergunta eu não quero. Passa pra outra.

⁴⁷ Curso ginásial para maiores de dezesseis anos para obtenção de conclusão mediante a prestação de exames de madureza, após estudos realizados sem observância de regime escolar. E curso colegial, permitido nas mesmas condições para obtenção do certificado de conclusão, para maiores de dezenove anos. (LDB nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961)

QUESTIONÁRIO 2⁴⁸

Marina Sarmento Veloso



Foto enviada pela entrevistada

1. Dados sobre o entrevistado:

- **Nome:** Marina Sarmento Veloso
- **Estrutura familiar (pais, irmãos, marido, filhos...):** Pais: Francisco Bemfica Velloso e Maria Eulina Sarmento Velloso / Irmãos: Marilda Sarmento Veloso, Marilena Sarmento Veloso, Mariluzza Sarmento Veloso, Milena Sarmento Veloso e Hilton Sarmento Veloso / Marido: Elmo Cunha (in memorian) / Filhos: Karla Velloso Cunha, Vanessa Velloso Cunha e Maria Fernanda Velloso Cunha
- **Ambiente cultural familiar: práticas culturais dos pais e/ou parentes próximos:** Prática cultural paterna: Literatura e dança / Prática Cultural Materna: Música Erudita e Popular, principalmente canto e piano, e pintura.
- **Formação escolar:** Curso Superior de Música

2. Formação Musical

- **Descrição das primeiras lembranças de contato com a música:** Recordo que desde sempre tive contato com a música. Minhas primeiras lembranças são das minhas mães e tias cantando e tocando, seja na igreja Matriz ou em saraus realizados na casa da minha tia Dulce.

⁴⁸ Roteiro da entrevista enviada por email no dia 12 de junho de 2020. Entrevista respondida e devolvida por email no dia 15 de julho de 2020.

- **Descrição das memórias sobre as primeiras aulas de música (Instituição, Professor, métodos, lembranças marcantes, experiências que influenciaram a continuação do estudo em música):** Minhas primeiras aulas de piano foram ministradas pela professora Lourdes Machado, em sua residência. Não tenho lembranças específicas sobre o método, mas seguramente o que me influenciou meu interesse e a continuidade dos estudos foi o ambiente em minha casa, onde a música era uma tradição familiar.

3. Experiência Profissional: Professora de Teoria Musical, no Instituto Norte Mineiro / Professora de Cursos Livres no Conservatório (ainda enquanto estudante) / Professora de Piano, Harmonia, História da Música, História da Arte / Vice-diretora Cultural e Administrativa e posteriormente Diretora no Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez

4. Qual a sua relação com o Conservatório (aluno, professor, funcionário, colaborador):

- **Em qual período (quando começou e quando terminou/aposentou):** Iniciei no Conservatório como aluna, com cerca de 13 anos de idade. Ainda estudante, comecei a dar aulas de piano em cursos livres. Posteriormente fui contratada como professora. Depois ocupei os cargos de vice-diretora cultural, vice-diretora administrativa, e por último diretora, até quando me aposentei em 1999.

INSTALAÇÃO DO CELF

5. Como eram as aulas de música em Montes Claros antes do Conservatório? Os professores existentes ministravam as aulas em suas próprias residências, cada um com o seu método.

6. Por que criar um Conservatório em Montes Claros? Inspirada pelo Conservatório Brasileiro de Música, do Rio de Janeiro, D. Marina procurou fundar uma instituição na cidade nos mesmos moldes.

7. Quais as suas lembranças sobre a instalação do CELF?

- Data:
- Funcionários (professores, secretaria, serventes, etc):
- Prédio:
- Móveis e instrumentos (quais tinham e como foram adquiridos):

- A estadualização (quando e como aconteceu):
- Algum fato marcante dessa época?

Iniciou com poucos funcionários e móveis e instrumentos emprestados, em uma casa alugada na rua Dr. Veloso. A estadualização só aconteceu posteriormente, fruto de um longo esforço encabeçado por D. Marina.

8. E sobre o percurso do Conservatório até os 50 anos da escola?

- **Prédios onde funcionou:** 1 - Casa alugada na rua Dr. Veloso / 2 – Casa cedida pela prefeitura na Av. Cel. Prates / 3 – Sede própria na Rua Dr. Veloso e na rua Cel. Antônio dos Anjos / 4 – Prédio na Av. Dr. João Alves
- **Aquisição de novos equipamentos (móveis e instrumentos):** Primeiro com móveis e instrumentos emprestados, depois recebidos como doação, e só por último adquiridos pelo Estado.
- **Criação do Anexo em Bocaiúva (quando e como aconteceu):** Durante minha gestão como diretora, nos foi solicitado pelo prefeito Ricardo Veloso a criação de um anexo do Conservatório, com o intuito de estender o ensino de música às crianças e jovens daquela cidade.
- **Qual o período que esteve na direção da escola:** De 1982 a 1990 ocupei os cargos de vice-diretora e de 1990 a 1999 ocupei o cargo de Diretora.
- **Algum fato marcante nesses 50 anos do conservatório:** Os Concursos Nacionais de Piano, os Festivais Internacionais de Folclore, os Festivais de Corais, as Óperas, a restauração do prédio da rua Dr. Veloso, a introdução do ensino de música nas escolas com o projeto Conservatório na Rua.
Durante a minha gestão tínhamos 17 grupos em atividade, preparados para os mais diversos tipos de apresentações artísticas em eventos.

9. Como você vê a relação Conservatório & Estado? Até o período da minha gestão, sentia uma grande abertura e uma boa relação com o Estado.

CURRÍCULO DO CELF

13. Quais os cursos que tinham no Conservatório quando ele foi criado? Piano / Violão / Teoria e Solfejo / Canto

14. **Quantos alunos o Conservatório atendia quando começou?** No início eram poucos alunos. Seguramente não chegava a 100.

15. **Qual o perfil desses alunos? (sexo, idade, posição social):** Na maioria crianças, em torno de 10 anos de idade. Era um ambiente elitizado e as aulas eram pagas.

13. Depois, no decorrer dos anos (50), quais cursos foram sendo criados? (como e porque): Inicialmente novos cursos foram sendo criados a partir da demanda por vagas. Posteriormente buscou-se criar cursos específicos, mesmo que não houvesse uma procura específica, de modo a atender determinadas necessidades, como a formação de orquestras. Exemplo: Oferta de cursos de violoncelo. Mesmo que não houvesse uma busca por vagas, era importante forma instrumentistas para a orquestra. Com o passar dos anos, a grade de ofertas se fez mais completa, com a criação desses diversos novos cursos.

14. Pra você, qual a função da educação musical na época da criação do CELF?

- E hoje?

Na época de criação do Conservatório, o estudo de música estava associado a status e posição social. Hoje acredito que essa educação musical tenha uma função mais abrangente, contribuindo com a formação integral do indivíduo.

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

15. Fale sobre a titulação/formação dos professores que começaram.

- **Como aconteceu a contratação (escolha) dos professores?** No início, os professores do Conservatório eram os alunos de D. Marina, ou pessoas convidadas por ela.
- **Autorização para dar aula (Cades), como foi esse processo?** Posteriormente, a autorização para dar aulas passava pela Superintendência Estadual de Ensino.
- **Comente sobre a emancipação de alguns professores para dar aula.**
- **Como os professores alcançaram as titulações?** Os professores alcançavam a titulação fazendo cursos à distância no Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro.

16. Como foi a criação da FACEART? E qual a sua importância?

Para a faculdade se transformar em universidade, era necessário que houvesse um curso de artes. Quem estava na direção neste período era D. Marina, que trabalhou na criação da Faceart.

CONSERVATÓRIO NA PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES,
ALUNOS E NO IMAGINÁRIO SOCIAL DA CIDADE

17. Fale um pouco da sua percepção sobre a educação musical desenvolvida no Conservatório na sua criação.

Para os professores, o Conservatório era uma grande família. Para os alunos, um privilégio. Para a cidade, a possibilidade de formação de uma elite cultural.

- **E hoje?**

Acredito que hoje, para os professores, a possibilidade de trabalhar com educação musical seja uma forma prazerosa de trabalho. Para os alunos, ainda um privilégio a possibilidade de aprendizado relacionado ao mundo das artes. Para a comunidade, uma forma de democratizar o ensino da arte e da cultura.

18. Fale um pouco sobre D. Marina. Na sua percepção, o que ela representou e/ou representa para a criação do Conservatório e o seu desenvolvimento?

Pessoa visionária, culta. Enxerga as artes como um importante instrumento para o desenvolvimento do ser humano. Ela percebeu e transformou o potencial artístico de Montes Claros.

DEPOIMENTO

SEGUNDO MOMENTO – CONTATO POR WHATZAPP

Para coletar informações sobre a aquisição do terreno para construção da nova sede do Conservatório, novo contato estabelecido com Marina Sarmiento pelo whatzApp. O depoimento foi enviado por áudio, gravado pelo whatzApp.

Data: 14/01/2021

Horário: 19:20 h

Duração do áudio: 7'09''

Marina Sarmiento⁴⁹:

Foi em Janeiro do ano de 1996, eu estava em meu 2º mandato do Conservatório. Maria de Fátima Pereira Macedo (Superintendente Regional de Ensino) havia me avisado que o estado tinha a intenção de cancelar o aluguel do prédio da Cel Antonio dos Anjos, por causa dos gastos.

Havia, mais ou menos, 180 funcionários e cerca de 2300 alunos. Ficaríamos apenas com o prédio da Dr Veloso que era insuficiente, e não poderíamos deixar que a escola fosse reduzida, visto a sua grande importância para a nossa cidade e todas as famílias que ali estavam envolvidas.

Pensei então na possibilidade de adquirirmos nosso próprio prédio. Um dia, passando de carro em frente ao Polivalente (Escola Estadual Prof Alcides de Carvalho) percebi que grande parte do terreno da escola estava ocioso, tendo apenas uma pequena horta.

Perguntei para a Superintendente Maria de Fátima Macedo se era possível utilizarmos aquele terreno para o conservatório. Ela me disse que de Estado para Estado poderíamos conseguir, que seria muito difícil, mas me aconselhou tentar e ofereceu o seu apoio.

No mesmo dia procurei a Elzinha (Diretora do Polivalente) que conhecia e tinha seu bom relacionamento. Em conversa, propus um acordo: ela me cedia o terreno, construiríamos um teatro nele e as duas escolas utilizariam, conforme a necessidade e com agendamento prévio.

Após uma semana, ela me deu uma resposta positiva, em reunião com o colegiado houve apoio da grande maioria. Fiquei muito entusiasmada, pois percebi que a realização de um sonho era possível.

A partir daí entrei em contato com Walfrido dos Mares Guia (Vice Governador) que demonstrou interesse. Depois de poucos meses, todo o processo fluiu com tanta naturalidade, que até fiquei encantada por tamanha sorte! Em pouco tempo, Walfrido liberou 800 mil reais. Em seguida, João Batista dos Mares Guia (Secretário de Educação) propôs outra alternativa para o conservatório, em parceria com a Unimontes, não teve prosseguimento, pois não era a melhor alternativa para o conservatório.

Mais tarde, no início do mandato de Rachel Tupinambá (2000, a nova diretora do CELF), saiu à publicação que ia acontecer, por intermédio de Fátima Macêdo, a liberação de um milhão e duzentos mil reais. A partir daí iniciou a construção do novo prédio do Conservatório.

⁴⁹ Marina Sarmiento, depois de examinar a transcrição do seu depoimento, pediu para substituí-lo por este texto corrigido e redigido por ela.

ENTREVISTA 3

Cecy Tupinambá Ulhôa



Rachel Tupynambá de Ulhôa



Fotos enviadas pelas entrevistadas

Local: Videoconferência pelo Google Meet

Data e horário: 06/06/2020 às 14:00

Duração: 54'03"

Pergunta: - D. Cecy, me fale um pouco sobre a senhora: estrutura familiar (pais, irmãos, etc), de onde veio, formação.

D. Cecy: – Minha filha, eu sou natural de Montes Claros mesmo. Meu pai tinha muita visão, era um homem muito inteligente, então me pôs pra estudar piano. Lá ia eu, o método de piano maior que eu, minha filha, um tal de *Hanon*, que era desse tamanho assim (fez um gesto com as mãos), e eu era miudinha e lá ia pra casa das professoras e começava a estudar. Depois eu fui para Belo Horizonte estudar, interna.

Rachel (filha de D. Cecy): – Vamos voltar aqui um pouquinho, quem era sua professora de piano?

D. Cecy: – Aqui?

Rachel (filha de D. Cecy): – É.

D. Cecy: – Eu tinha uma professora que chamava D. Alzira Cruz, que era naquele, onde era o Banco Itaú que fechou. Ali, no quintal, ela tinha um barracão que subia a escada e a gente ia tocar piano e pintava o sete.

Rachel (filha de D. Cecy): – E com quem que a senhora pintava?

D. Cecy: – Com Zezé Colares, que era minha colega.

Rachel (filha de D. Cecy): – Elas eram colegas.

D. Cecy: – E minha filha, era sobe escada, desce escada, e acho q a Dona [Alzira] ficava doida e mandava a gente embora logo... (risos..). Aí depois disso eu estudei piano com D. Lourdes Campos. Aí eu já tinha passado por D. Alzira e D. Lourdes Campos. Depois dessa senhora eu fui estudar em Belo Horizonte. No Colégio Isabela Hendrix. Eu fazia piano lá que tinha a professora D. Alice B. de Meira que era minha professora. Depois eu voltei. Voltei, casei e ficou por isso mesmo.

Rachel (filha de D. Cecy): – Ela tinha só a 8ª série. Tirou o ensino fundamental, não foi? Em Belo Horizonte.

D. Cecy: – E depois disso, eu me casei e fui criar meus meninos. Meu marido era fazendeiro, e eu ficava na fazenda pra lá e pra cá, e nem lembrei de piano mais. Nisso D. Marina, que dava aula de piano particular, e o sonho dela era fazer um Conservatório, conseguiu fazer. Nesse tempo era Secretário de Educação até um moço que era casado com uma sobrinha minha, Oscar Dias Correia, e foi ele quem facilitou as coisas pra nós.

Rachel (filha de D. Cecy): – Então só volta um pouquinho. Quando ela decidiu fazer o Conservatório, ela saiu convidando as pessoas. Quem ela convidou?

D. Cecy: – D. Marina? Ela convidou D. Maria Inês, que era aluna dela também, Conceição Lafetá, todas eram alunas dela, eu não era.

Pergunta: - A senhora foi aluna de D. Marina?

D. Cecy: – Naquela época não. Depois é que eu fui. D. Maria Inês, Dona Conceição, Dona Iraídes. Então para formar o Conservatório, primeiro nós fizemos o Conservatório Municipal. Era lá onde hoje é o Banco do Brasil. Era uma casa lá, nós começamos a trabalhar lá. Depois nós mudamos ali pra onde é hoje aquelas farmácias, na Cel. Prates. Ali tinha sido um grupo escolar lá, aí nós arranchamos lá. Nisso D. Marina me convidou. Soube que eu tinha um princípio de piano e me convidou pra trabalhar lá também.

Para ser estadualizada precisava de professoras com formação. Então foram essas duas: D. Iraídes, D. Conceição, D. Maria Inês, D. Arlete, que foi professora de canto. Como eu não tinha o diploma ainda, Dulce Sarmento foi ser a cadeira de teoria e solfejo.

Depois, logo eu fui para o Rio de Janeiro. Os professores vinham de lá pra cá nos formar. Nós formamos, aí eu peguei a cadeira de Dulce Sarmento.

Rachel (filha de D. Cecy): – Então a senhora sempre foi professora de percepção musical.

D. Cecy: – Não. Eu comecei a ser professora de piano, mas eu ficava muito agoniada com os alunos. Eu achava assim, eu sabia onde é que eles iam errar. Então, eles começavam a tocar, quando eles chegavam perto daquelas coisas que eles erravam me subia uma coisa fria. (risos...rsr)

Pergunta: - A senhora começou com o piano e foi para teoria musical?

D. Cecy: – Fui para teoria. E nessa teoria eu fiquei a vida toda. Depois eu passei para Harmonia. Mas nisso, nós começamos a estudar com os professores do Rio de Janeiro que vinham aqui em Montes Claros dar aula pra gente. Tanto que o nosso diploma de piano é do Conservatório Brasileiro de Música. Tinham muitas que estudavam nessa época. Eu me lembro de Lígia, formada também.

Rachel (filha de D. Cecy): – Sim. Aumentou um pouquinho o número de pessoas. Leila Veloso...

D. Cecy: – Leila Veloso foi dar piano. Zezé Colares foi dar História das Artes. Tinha os professores da Banda de Música do Batalhão, que eram: Seu Geraldo Pereira e Sargento Nadir. Sargento Nadir nessa época era o chefe da Banda de Música, ele dava instrumento de sopro. Depois vieram mais alguns professores de lá da banda do Batalhão.

Pergunta: - No início, quais eram os primeiros cursos que o Conservatório oferecia?

D. Cecy: – Piano, canto, sopro, História das Artes, e que mais?

Rachel (filha de D. Cecy): – E violão?

D. Cecy: – Tinha violão, tinha essas coisas assim, nós tínhamos professor de dança também, de teatro, tinha uma porção de coisa. Marina era muito “ideiosa”. De modo que ela inventava mil e uma coisa. Mas o interessante era que naquela época para você fazer uma audição de piano, precisava ver se não havia nenhuma festa na cidade, para ter público. E as audições eram feitas lá no Colégio Imaculada Conceição, que tinha o auditório.

Aí nós fomos batalhando, até que todo mundo formou lá no Rio de Janeiro. E engraçado era o seguinte, a gente não ia lá não. As professoras é que vinham cá, a gente pagava pra elas virem.

Depois com as nossas filhas que estudaram lá, já foi diferente. Elas iam lá, para o Rio de Janeiro. Mas na nossa época não. Nós tínhamos os professores que viam de lá do Rio e davam aula para nós.

Da Avenida Cel. Prates. Antes disso, D. Marina deu um jeito de arranjar o prédio da rua Dr. Veloso, que era o Clube de Montes Claros. Foi uma luta pra arranjar aquele prédio, porque uns queriam assinar outros não queriam. Mas acabou que todos doaram e nós ficamos com aquele prédio.

Mas o Conservatório foi crescendo. Cresceu muito e tínhamos que alugar outras casas, não sei se você pegou a gente lá perto do mercado, que tinha o outro conservatório, o 2.

O Conservatório, o pessoal abraçou mesmo. Na época D. Marina saiu pedindo pra todo mundo, com a gente atrás, pedindo coisa. Teve um fazendeiro que falou: Montes Claros é terra de boi, não é terra de música não, bobagem suas. Pois olha menina, cresceu demais o conservatório, tanto que precisava de dois prédios.

Pergunta: - Como foi a aquisição dos equipamentos, instrumentos e móveis para iniciar o Conservatório?

D. Cecy: – O governo deu um filtro. (risos.....). Não deu piano nenhum. Aqueles pianos todos foram a duras penas. Alguém cedia, alguém comprava. Porque nós não podíamos cobrar, né, porque o conservatório foi estadualizado.

Pergunta: - Lá sempre foi público, gratuito desde o início?

D. Cecy: – Foi desde o início. Não, nós ficamos 1 ano municipalizado.

Pergunta: - Mas tinha cobrança, de matrícula, alguma coisa?

D. Cecy: – Nessa época tinha. Quem era prefeito foi o Dr. Simeão Ribeiro Pires, que ajudou muito o conservatório. Era um homem de muita visão. Depois de um ano é que foi estadualizado. E aqueles pianos todos foram doação, era uma luta. D. Marina era lutadora, era danadinha. Chegava, ela muito simpática, chegava, conversava, convenciam as pessoas, e as pessoas às vezes davam, outras vezes.....

Por fim, o conservatório ficou muitos anos naquele prédio do Clube Montes Claros. Tinha todos os instrumentos, ainda tinha balé, teatro, tinha essas coisas todas. Nisso, um Ministro, ou foi um Secretário de Estado, resolveu doar aquele Conservatório Novo. O prédio de hoje, muito grande que cabia todo mundo.

Rachel (filha de D. Cecy): – Eu acho interessante a senhora voltar um pouquinho para contar, porque eu acho que foi um impacto muito grande a criação do Curso de Educação Artística

D. Cecy: – Ah. Esse curso foi uma novela também. Para a faculdade nascer, estadualizada também.

Rachel (filha de D. Cecy): – Mas primeiro, antes, foi o curso de educação artística em nível técnico.

D. Cecy: – Nós tínhamos [no Conservatório] o curso de Educação Artística em nível técnico. Essa moçada toda que dava aula de arte nos grupos iam pra lá fazer.

Rachel (filha de D. Cecy): – Eneide, Regina Correia, Tião.

D. Cecy: – Tião foi meu aluno de teoria. E eu achava Tião muito inteligente, menino ótimo. E eu falei com Marina. Marina, nós temos que aproveitar esse menino. Esse rapazinho, né?! Foi uma aquisição excelente. Ele está lá até hoje. Tião. Outro dia eu falei com ele pelo telefone.

Mas aí, para a Faculdade ser estadualizada aí o Conservatório entrou com esse curso de Ed. Artística. Eu não me lembro mais como é que foi.

Rachel (filha de D. Cecy): – É o seguinte: A legislação foi mudando. Então, uma pessoa para trabalhar no Conservatório ela só precisava ter o curso técnico do instrumento ou canto. Aí chegou um ponto, houve uma normativa então que precisava ter o curso de educação do magistério.

Pergunta: - Superior?

Rachel (filha de D. Cecy): – Não. Por enquanto era o Magistério. Aí criou o curso de Educação Artística. Aí daqui a pouco, já não bastou isso. Nós no Rio de Janeiro estávamos fazendo a graduação, o bacharelado. E depois fomos fazer as licenciaturas. Dona Marina viu que isso ia ser uma realidade, aí que ela cria a FACEART.

D. Cecy: – Cria a FACEART levando aquele pessoal que fazia Educação Artística para poder se formar.

Rachel (filha de D. Cecy): – Aí foi em 1987 a primeira turma. Eu fui professora. Aí que se descobriu que se tinha que ter a licenciatura. A FACEART nasce dentro do Conservatório por esse motivo.

Pergunta: - Eu queria voltar mais um pouquinho. Existia uma lei anterior, de 1955, que autorizava a criação de alguns conservatórios, entre eles estava o de Montes Claros. Gostaria que me falassem como foi o processo de estadualização do Conservatório.

Rachel (filha de D. Cecy): – Na tese de Lílian Gonçalves tem. Quem puxou a criação dessa lei foi Tancredo Neves, por causa de São João Del Rey. Os outros deputados que representavam as localidades, eram 24, mas somente 12 foram criados e Montes Claros estava dentro de um deles. Mas já era um movimento que já estava buscando justamente essa estadualização porque é muito difícil. A folha de pagamento dos conservatórios é que é o grande problema.

Então, foi esse movimento para a estadualização. E sem essa lei anterior, realmente não teria como estadualizar. A estadualização foi feita em cima da lei criação dos conservatórios.

Aí depois chegou a 24 autorizações e só 12 foram criados. Os deputados colocaram os nomes de suas respectivas bases, era assim que eles chamavam. Eu não me recordo quem colocou o nome de Montes Claros. Deve ter sido um deputado daqui.

E aí só foi possível a estadualização por causa da existência da lei. Porque senão não teria base legal. A base legal de estadualização do conservatório em 1961 se dá em cima dessa lei.

Pergunta: - Como era a relação do Conservatório com o Estado?

D. Cecy: – D. Marina tinha muito conhecimento, de modo que ela procurava um, procurava outro, e, nessa época quem era Delegada de Ensino era Dona Heloísa Sarmiento, que toda vida foi uma mulher muito, muito brava, mas ela tinha uma visão muito grande das coisas. De modo que elas duas conversavam e já saiam com o.....

Rachel (filha de D. Cecy): - Vamos supor, quando vocês começaram tinha designação todos os anos. Como é que era? A senhora era contratada todos os anos? Depois que a senhora foi efetivada?

D. Cecy: – Era. Nós éramos contratadas, todos os anos nós éramos contratadas. Depois da efetivação eu não me lembro mais. Eu tenho um livrinho que explica tudo, eu vou procurar ele.

Rachel (filha de D. Cecy): - D. Marina quando saiu ela fez 6 livrinhos mimeografados. Olha, tem todas as apresentações. Mamãe tem um.

D. Cecy: – Eu tenho. As prateleiras estão cheiras de livros demais, de modo que...rsrsr

Rachel (filha de D. Cecy): - Então, ela conta a história, aquela história de praxe, mas tem todas as apresentações e todas essas informações da questão de quando essa primeira turma foi efetivada. Porque elas trabalhavam primeiro num regime contratual, elas só foram efetivadas depois de um tempo.

D. Cecy: – Eu sei que ela ia pra Belo Horizonte e nós de cá ficávamos assim: será que ela volta com uma resposta positiva pra nós? E se ela não chegar, o que nós vamos fazer? Ah, nós vamos fazer o seguinte... e inventava tanta coisa... Aí ela chegava com tudo resolvido. Ela resolvia tudo lá. De modo que nós não movemos uma palha pra poder ser efetivada.

Pergunta: - Antes de conseguirem a certificação da habilitação, como vocês conseguiam a autorização para dar aula?

Rachel (filha de D. Cecy): - Era no regime precário. Nós também fomos assim. Você era regente de ensino. Nós não tínhamos CAT. O Conservatório não tinha CAT, porque o CAT era para escola estadual. Então era uma lista dentro do próprio conservatório. A grande luta era pra você ter o número de alunos por cada professor.

D. Cecy: – Ih, era uma luta.

Rachel (filha de D. Cecy): - É. Você tendo isso, você tinha o comporta. Isso eu conversei com ela uma época. Você tinha o comporta e ela procurava (sempre foi uma coisa que ela transmitiu para as outras diretoras) não baixar o comporta do conservatório. O conservatório ao longo dos anos nunca baixou o seu comporta. Chegou na minha época a 4.100 alunos com 270 cargos por isso, porque era um conselho que ela nos dava: “Não baixa o seu comporta, porque se você perder um cargo, você nunca mais recupera”

D. Cecy: – O conservatório aqui tinha muito departamento. Tinha o de Bocaiúva.

Pergunta: - Quando foi criado o anexo de Bocaiúva e por quê?

D. Cecy: – Ah, eu não lembro.

Rachel (filha de D. Cecy): - Eu lembro. O de Bocaiúva, foi o prefeito chamado Ricardo Veloso. Acho que foi no primeiro mandato de Ricardo Veloso. Ele pediu Marininha. Marininha Sarmiento. Aí ela conseguiu, e foi de boca. Assim, pode abrir com tantos cargos o conservatório. Agora a data eu não me lembro. Fátima Pereira era a Delegada de Ensino e João Batista do Mares Guia era o então Secretário de Educação. E aí foi autorizado, ela abriu com a Fundação Graciema.

D. Cecy: – Tem até hoje lá.

Rachel (filha de D. Cecy): - Eram 6 cargos só. No princípio eram 6 cargos. Porque abre uma turma de violão, uma turma de teclado, uma turma de canto, e aí vai seguindo, aí que você vai abrindo e ampliando. Foi autorizado 6 cargos pra Marininha [Sarmiento], no comporta, destinados para Bocaiúva. Agora eu não lembro a data com precisão. Marininha vai, ela tem uma memória fantástica, ela sabe.

D. Cecy: – Inclusive ela foi diretora também né?

Rachel (filha de D. Cecy): - Já não foi na época de D. Marina não. Foi na época de Marininha Sarmiento.

D. Cecy: – Marina Sarmiento.

Pergunta: - De onde partiu a ideia e por quê?

D. Cecy: – Eles lá pediram.

Rachel (filha de D. Cecy): - Tinha muito alunos de Bocaiúva. Foi insistência de Bocaiúva. Aí então o prefeito falou: - Então vamos ver se nós conversamos com o secretário de educação.

O secretário autorizou e abriu. Porque era muita gente que vinha pra cá.

D. Cecy: – Era como um departamento.

Rachel (filha de D. Cecy): - Abriu como um anexo mesmo.

Pergunta: - Perfil dos alunos: como era o perfil dos alunos no início do conservatório (sexo, idade, posição social, etc)?

D. Cecy: – Era mais elitizado. Quando começou era mais elitizado. Depois que foi abrindo, e vieram outras pessoas.

Rachel (filha de D. Cecy): - O determinante para a abertura do conservatório para a comunidade Chris, foi o Curso de Ed. Artística. Porque o que acontece, as meninas saíam pra dar aula na rede regular, e tinham os corais, e os festivais de corais, e as pessoas passaram a entender que o Conservatório era público. E aí o Conservatório começou a crescer e ter uma ramificação enorme, né? Dentro da cidade de Montes Claros.

D. Cecy: – E esse Conservatório na Rua durou até o ano passado né?

Rachel (filha de D. Cecy): - Não. Primeiro foi a Educação Artística. Com o Conservatório na Rua também foi um outro movimento. Era sempre um movimento assim, o conservatório se abria, em determinado momento, as pessoas entendiam que ele era público.

D. Cecy: – E aí as aulas de artes iam ser dadas pelos professores do conservatório.

Rachel (filha de D. Cecy): - Eu sou apaixonada. Eu acho que esse curso de Educação Artística foi determinante para o crescimento do conservatório. Principalmente por causa do trabalho de arte educação que era feito nas escolas. As primeiras alunas de mamãe, elas encontram com ela até hoje. Mamãe e a turma toda, eu falo mamãe que passaram com elas.

D. Cecy: – Só tem mamãe agora. (risos...)

Rachel (filha de D. Cecy): - Todas trabalharam na rede regular. Era emprego garantido. Elas eram do ensino regular, vinham fazer o curso de Educação Artística pra atuar de primeira a quarta série, e isso era um trabalho muito sólido, era um trabalho bem extenso que elas faziam. E isso foi abrindo o conservatório. E depois faziam um movimento...

D. Cecy: – Eles faziam um movimento, porque todos os anos tinha muita audição, aluno de grupo, de encontro de coral...

Rachel (filha de D. Cecy): - Festivais de Corais, era uma coisa impressionante. Elienay com os corais da Igrejas Presbiterianas, os corais de cada Colégio, Dulce Sarmento era um excelente coral.

Pergunta: - Para vocês, qual o significado de D. Marina para a criação do conservatório e seu desenvolvimento?

D. Cecy: – Uai, D. Marina foi a alma de tudo, porque sem ela nós não tínhamos essa imaginação de criar um conservatório. Onde é que nós íamos criar um conservatório nessa terra de boi? Mas ela, meteu a cara e enfrentou todo mundo e mudou a opinião do pessoal. Mudou mesmo a opinião do pessoal. Depois Montes Claros ficou sendo a terra da arte e da cultura. Agora você imagina.

Rachel (filha de D. Cecy): - É um termo vinculado ao Conservatório de Montes Claros.

D. Cecy: – É ao Conservatório, por causa do Conservatório.

Rachel (filha de D. Cecy): - Agora, olha Chris, quando eu fiz a graduação, eu e Eliane Pereira éramos colegas, nós éramos alunas de piano de D. Marina. Então o seguinte: ela foi determinante em todo esse processo. Ela nunca deixou de investir na formação do professor. E outra coisa impressionante, eu tenho o curso técnico de flauta doce, tenho o curso técnico de canto e tenho o curso técnico de piano, porque era um incentivo constante você fazer outros instrumentos e ela foi determinante nesse processo.

D. Cecy: – É. E eu tenho a impressão que para não fechar nós fazíamos todos os cursos. Eu fazia violino, eu fazia flauta doce, (risos...). Para não diminuir a frequência do conservatório.

Pergunta: - E isso foi positivo para a formação do professor.

Rachel (filha de D. Cecy): - Sem dúvida nenhuma. Porque você tem uma visão ampla, a visão de que, uma coisa que ela já trabalhava, sempre trabalhou, foi trabalhar com projetos. Isso é uma coisa que os primeiros anos da FACEART foi fundamental que, por inspiração dela, você tinha um projeto comum que englobava. Era a transversalidade que tanto se fala hoje. Ela já trabalhava com ela. Essa idéia de tema, um tema transversal que passava pelas artes plásticas, artes cênicas, música.

D. Cecy: – Mas a alma de tudo foi ela mesmo. Ela que puxava a gente. Nós estávamos quietas num canto e ela puxava.

Rachel (filha de D. Cecy): - Aí faltava um professor: Eu trabalhei com História das Artes e História da Música muito tempo. Faltava um:

- “Tia, eu nunca dei aula disso”

- “Não, mas você aprende”. “Eu estou precisando de você”.

A hora que ela falava isso, minha filha, era sentença de morte. Porque você ia fazer o que ela queria mesmo. (risos....)

E outra coisa, nós começamos, eu comecei com 16 anos. Os sábados e domingos no conservatório eram muito efervescentes, porque tinham os ensaios de tudo e tinha o curso livre. A gente trabalhava no Curso Livre. Que era um curso prático.

Pergunta: - Esse curso livre durou quanto tempo?

Rachel (filha de D. Cecy): - Eu me lembro, que quando tinha 14 anos, eu já comecei a trabalhar nele, mas o histórico dele mesmo eu não sei. Depois eles proibiram. Proibiram pelo fato de que no curso livre você tinha uma contabilidade toda arrumadinha porque entrava e saía dinheiro da escola, né. Tinha a tesoureira que nos pagava por hora aula, tudo direitinho. Como era estadual eles consideraram inadequado se ter. E era nos cursos livres que se formavam os futuros professores também. Porque ela colocava um tutor pra cada professor. Quando eu comecei a trabalhar com História da Música, Marininha era minha professora de piano, ela foi minha tutora. Ela me acompanhava, não tinha nada de formal, mas ela tinha o maior prazer de me dar material, em conversar comigo, era um sistema de tutoria. Então você vê que tem muita coisa moderna que está se falando hoje em Educação que já era aplicado desde aquela época às vezes com outras palavras.

Pergunta: - Era um estágio supervisionado?

Rachel (filha de D. Cecy): - Exatamente. A formação, ela sempre tinha em mente a formação de bons professores para o futuro. Então ela investia na gente nesse sentido. Todos nós, da nossa geração, passamos por esse processo.

D. Cecy: – É isso mesmo! Ela puxava a gente.

Rachel (filha de D. Cecy): - E:

- Vamos, você é capaz! Eu preciso de você! A escola precisa de você!

Ela tem uma capacidade de envolver, de estimular e de dar as ferramentas. Porque ela não colocava a gente no fogo e adeus, não! Ela convidava com suporte. Ela sempre colocava um professor do seu lado.

Eu acho que por isso, não sei se nessa geração agora. Por exemplo, meus professores, eu fiquei amiga deles, eles foram importantíssimos na minha formação. E eu procurei fazer isso com as pessoas que vieram depois de mim. Então, é um sistema colaborativo impulsionado por ela.

Um outro papel muito importante de D. Marina foi a questão da produção cultural. De trazer sempre espetáculos, bons profissionais pra poder trabalhar, pra energizar a cidade, o Conservatório. Sempre muito contemporânea. Mandava a gente pra fora.

D. Cecy: – Vinha um professor de fora para dar um Concerto, por exemplo, e a gente estudava com ele. Davam aula pra gente também.

Rachel (filha de D. Cecy): - Qualquer artista que viesse aqui pra Montes Claros, ela dava um jeito de fazer algum tipo de formação. E o seguinte, era do balé, todo mundo ia fazer. Era do teatro, todo mundo ia fazer. (risos...)

Olha Chris, uma coisa que eu falo pras meninas que me perguntam, qual foi o maior conselho que D. Marina me deu quando eu fui ser diretora do Conservatório: “Não perca os seus artistas, incentive seus artistas”.

É dar flexibilidade para o professor se formar. É dar flexibilidade para o professor se apresentar. Porque a escola de artes, ela vive da arte, e a arte dos artistas. Isso foi um legado muito grande que ela nos deu. Não é porque um professor de arte é menor do que um artista não, mas um artista professor ele impulsiona, forma, incentiva né, ele sai da sala de aula. Isso é um legado pra ela muito grande, se a gente conseguir manter essa chama acesa, a gente tem a certeza de que vai continuar formando gente boa, né?!

As produções. Produzir arte colaborativamente, deixando os alunos participarem das coisas, é uma formação que não tem preço. Isso eu acho que foi outro legado grande que ela deixou pra gente.

Pergunta: - Como vocês diriam que era Montes Claros antes do Conservatório em relação ao Ensino de Música, à Educação Musical?

D. Cecy: – Dulce Sarmiento era uma professora de piano. Havia duas Bandas de Música, depois foi morrendo. A avó de Leila era pianista. Havia sim.

Rachel (filha de D. Cecy): - Mas em forma de Sarau, né Cecy, mais fechado.

D. Cecy: – É, mais fechado.

Rachel (filha de D. Cecy): - Tem um relato de gente, de viajantes que vieram a Montes Claros e ficavam impressionados com a efervescência cultural nesses Saraus. Participou por exemplo do Sarau de Dulce Sarmiento. As pessoas recitavam, as pessoas tocavam, as pessoas declamavam. Mas era uma coisa mais fechada, na casa, na residência. Então o Conservatório, mamãe pode falar mais do que eu, ele abre essa oportunidade, você passa a ter uma casa de espetáculo, né?

D. Cecy: – Casa de espetáculo mesmo nós nunca tivemos. (risos...)

Rachel (filha de D. Cecy): - É. (risos...). Atende a um público maior, vai pro Colégio Imaculada Conceição...

D. Cecy: – O Colégio Imaculada que foi uma beleza. O Colégio Imaculada ajudou demais, porque todas as audições eram feitas lá.

Rachel (filha de D. Cecy): - Menina, aquele Colégio Imaculada são 500 lugares.

D. Cecy: – Fazia desde balé, instrumentos musicais...

Rachel (filha de D. Cecy): - Concursos, orquestra...

D. Cecy: – Era tudo no Colégio Imaculada. As irmãs foram de uma abertura! Inclusive nós tínhamos uma irmã, que era Irmã Rosita, que era professora nossa também.

Rachel (filha de D. Cecy): - Montes Claros passou a ter uma agenda cultural, que as pessoas passaram a esperar por ela para poderem ir. Você só tinha um entretenimento, ou era interno nos Saraus mais fechados, ou o Cinema, que era um grande lugar de lazer, né? Mamãe ia ao Cinema todos as semanas.

Mas aí você tem agora uma agenda cultural que você tem: “o curso de piano apresenta”, “o curso de canto apresenta”, “o balé apresenta”. E como o conservatório era público,

esses lugares às vezes vendiam o espetáculo, era isso que sustentava a realização de outros. Os ingressos. Todo mundo colaborava, era pouquinho, mas você vendia a entrada.

D. Cecy: – Porque pagava os artistas de fora. Vinha artista bom. Eu vou procurar o livrinho pra você com as datas todas especificadas.

Rachel (filha de D. Cecy): - Menina você vai ficar impressionada. Você vai poder fazer inclusive Chris, uma estatística, com ele, das apresentações, porque tem a relação de todas, com o nome de todo mundo que participou. Você vai poder fazer gráfico, por exemplo: em 1900...e tanto, teve tantas apresentações disso, daquilo e daquilo. Você vai ver o impacto que o Conservatório teve.

D. Cecy: – É possível sim, eu achando o livrinho...

Rachel (filha de D. Cecy): - Eu vou perguntar Rita se ela tem, se ela guardou.

D. Cecy: – Maria Inês também tem, mas Rita é mais fácil.

Rachel (filha de D. Cecy): - Eu não sei o que que Ritinha fez, mas pode ser que ela tenha ficado com ele. Foram só 6 livrinhos.

D. Cecy: – Era só pra nós.

Rachel (filha de D. Cecy): - Quando ela saiu Chris, foi uma coisa tão... O mundo, as coisas, estavam muito mudadas. Teve um movimento pela saída dela, um movimento político que a gente conseguiu reverter. Mas eu acho que ela ficou muito decepcionada. Uma vida inteira.

D. Cecy: – Não, mas não foi isso. É porque o Conservatório de lá do Rio de Janeiro, era deles também, e precisou dela. Estavam precisando dela lá, e ela foi.

Rachel (filha de D. Cecy): - Mas ela já estava decepcionada. Já pensou, você trabalhar uma vida inteira, e assim amanhece e você está exonerada do cargo. Aí no caso, foi Tancredo Neves que voltou ela pro cargo. Porque Tadeu Leite pediu a cabeça dela, alguém deu lá, o Secretário de Educação na época exonerou-a. Mas aí, o Tancredo Neves era governador, e tem até um telegrama que acho que Tia Marina não mostra pra ninguém que diz: - “Esse menino ainda precisa aprender a fazer política”. Tancredo voltou, no mesmo dia, revogou a exoneração. Pelas mãos do Governador do Estado de Minas Gerais, pela competência que ela tinha e pelo movimento da cidade. A cidade veio abaixo.

ENTREVISTA 4

Entrevista realizada com **Rachel Tupynambá de Ulhôa**

Local: Videoconferência pelo Google Meet

Data e horário: 14/01/2021 às 14:30

Duração: 15'12"

Pergunta: - Como foi o processo da construção do Novo Prédio do Conservatório?

Rachel Ulhôa: - No prédio da Dr. Veloso, eu era diretora do Conservatório, e quem era o Governador era Itamar Franco e o Secretário de Educação era Murílio de Avelar Hingel. Então, o Murílio Hingel me ligou, porque tinha vindo aqui 3 (três) vezes assistir o Conservatório na Rua, absolutamente apaixonado. Aí ele falou:

- Olha, eu gostaria de deixar um legado para Montes Claros. E eu acho que seria interessante o prédio de vocês.

Então, eu convidei Iracenéria, porque ela era minha vice na época, e nós fomos então no DEOP que era o Departamento de Obras Públicas do Estado, para poder conhecer o projeto. Nós tínhamos sérias restrições ao projeto. Na questão estrutural a gente não tinha conhecimento, mas principalmente na questão do auditório, porque era muito pequeno, com um fosso⁵⁰ no palco. A única coisa que nós conseguimos foi que eles tampassem o fosso. Eu me lembro perfeitamente que eu falei:

- Secretário, se uma Orquestra Sinfônica for a Montes Claros a última coisa que se quer é escutar a música de dentro de um fosso. A gente quer ver as pessoas, os músicos, os instrumentos.

Então só consegui que fosse alargado o palco, que eu acho que foi bom, porque cabe mais gente no palco do que no auditório. E só! Porque ele me falou:

- Eu quero deixar, e se você não assinar agora a aquiescência, se fizer muitas alterações vai ter que começar o projeto de novo.

Então nós assinamos a autorização para que fosse feito o início. Agora, a construção já foi na gestão de Níria. Lembro-me perfeitamente do encarregado que se chamava Donizete (por causa do músico eu me lembro). Então a gente vinha muito conversar com

⁵⁰ Espaço que abriga conjuntos de músicos, não interferindo com o visual do público, por estar no plano inferior do palco.

ele, já havia algumas coisas que víamos “leigamente” que dariam problemas, mas o que podíamos fazer diante da força do Estado? Só podíamos conversar com eles, né?

Tinha mudado o governo, inclusive, Níria era a diretora, nós tentamos o máximo que conseguimos até que Níria conseguiu inaugurar o prédio com muita luta. Eu a acompanhei umas duas vezes para fazer reunião com a empresa responsável pra ver se melhorava estruturalmente o prédio, mas era fora de nossa alçada. A gente não assinava nada.

Pergunta: - A verba para construção foi do Estado?

Rachel Ulhôa: - Do Estado, toda, 100%. E 100% construída por essa firma, que eu não me lembro o nome, paga pelo Estado.

Pergunta: - E como foi a aquisição do terreno para construção?

Rachel Ulhôa: - O terreno para construção já tinha sido adquirido por Marininha Sarmiento. Esse sonho era antigo. Desde a gestão de Marininha ela já tinha conseguido o terreno que era para construção do prédio. Então, começou na gestão de Marininha, ela conseguiu o terreno. Na minha gestão, aprovou o projeto. E na de Níria começou a construção e finalizou.

O terreno era do Polivalente, foi uma cessão do Polivalente. Agora, o processo de cessão eu não me lembro porque não foi comigo, foi com Marininha Sarmiento. Eu lembro inclusive, que ela construiu um galpãozinho lá, ficava um arquivo porque o prédio da Dr. Veloso já não estava cabendo mais os arquivos do Conservatório, mas isso só ela pra te contar.

Pergunta: - Você lembra as datas?

Rachel Ulhôa: - A ordem de início nós demos em 2002. O lançamento da Pedra Fundamental, tem lá a placa no jardim. O Murílio Hingel fez muita questão, porque ele realmente estava muito encantado. Porque na época, o governo de Itamar Franco foi excepcional para os Conservatórios. Nós conseguimos verbas para instrumentos, pra compra de partituras, foi muito próspero a gestão de Itamar para a música, não só pra Montes Claros, mas pra todos os 12 conservatórios.

Nós criamos um grupo de trabalho, que estava discutindo a legislação do Conservatório, que a ideia era melhorar uma legislação que já existia. Várias reuniões em Belo Horizonte, e nessas reuniões a gente sempre levava algum evento cultural nosso. Mas ele era apaixonado mesmo era com o Conservatório na Rua.

Dona Marina tinha contato com as demais diretoras, porque ela era do Conselho de Educação, mas não era uma coisa formal. Houve uma formalização desse grupo foi na

nossa época. Depois, infelizmente, eles nem aproveitaram esse material porque consideraram muito complexo, não teve ninguém pra defender lá [Secretaria de Educação]. Porque nós trabalhamos muito, com as técnicas da Secretaria de Educação, e se a gente tivesse conseguido levar a cabo, acho que a realidade dos conservatórios hoje seria outra. Porque teria uma legislação bem específica pra eles. Iria soltar uma resolução da Secretaria de Educação diferenciada da resolução de designação, com os critérios completamente específicos.

Pergunta: - O movimento esfriou por cauda da política de governo que mudou?

Rachel Ulhôa: - Exatamente. Não tem incentivo porque o Estado é que fomenta. Não dá condição, porque isso tudo era pago. Com essa verba que a gente recebia, tínhamos autorização para fazer essas viagens, ir pra Belo Horizonte e tudo. Então, foi cortando.

ENTREVISTA 5

Iracenária Fernandes da Silva



Foto enviada pela entrevistada

Local: Videoconferência pelo Google Meet
Data e horário: 18/08/2020 às 14:00
Duração: 1h11min22s

Pergunta: Fale um pouco sobre você. Estrutura familiar e ambiente cultural familiar.

Meu nome é Iracenária Fernandes da Silva, nascida em Montes Claros no ano de 1958, 04/08/58. Filha de Geraldo Pereira da Silva, que foi um grande músico. Ele era instrumentista tanto do Conservatório como da banda de Música do Batalhão, um ex-militar. Minha mãe era doméstica, cuidava mesmo dos filhos, que eram muitos. Nós somos 7 irmãos, 5 desses trabalharam com música. E assim, nós puxamos mais o lado de papai. Mamãe, por ser dona de casa, cuidava da casa e das tarefas do lar. Papai nos levava em apresentações e nas festas do Batalhão, o que nos despertou o gosto pela música.

Papai era auto-didata, aprendeu a tocar na vida. Tocava em barzinho e em eventos da cidade. Chegou a acompanhar aqui em Montes Claros, a cantora **Angela Maria**⁵¹. O Norte de Minas sempre teve um destaque muito grande nessa área musical. Então aqui tinha muitos músicos de “notório saber”⁵², mas que acompanharam grandes artistas. Papai tinha um trio que chamava “Trio Nanã”, formado por ele, Piroleta e Vicente Alves. Vicente Alves foi morar depois no Rio de Janeiro, onde formou grandes bandas. Foi muito conhecido aqui na região, mas viveu a maior parte de sua produção artística no Rio de Janeiro.

⁵¹ Cantora, considerada uma das maiores vozes da MPB e eleita a Rainha do Rádio em 1954.

⁵² Título utilizado para qualificar uma pessoa que não possui formação formal em determinada área, mas possui nível de conhecimento considerado equivalente.

Papai foi um dos fundadores do Curso de Violão. Ele era do Batalhão, não lembro como conheceu D. Marina, mas ele foi convidado por ela a fazer parte do corpo de músicos do Conservatório e aí deu início o Curso de Violão. Ele e Geni Rosa foram os primeiros professores do curso de violão do Conservatório.

Pergunta: Fale sobre sua formação escolar e musical.

Sobre minha formação escolar iniciei os estudos no Grupo do Alto São João “Filomeno Ribeiro”. Depois de lá, fui para o Colégio Tiradentes onde fiz o colegial, que na época era de 5ª a 8ª, e o Científico. Eu fiz Científico, Normal e Contabilidade. O Científico no Colégio Tiradentes. E a Contabilidade eu fiz no Colégio São Norberto. O Normal eu fiz no Sesu, depois de formada. A minha formação era só Científico e Contabilidade. Depois que eu já estava trabalhando no Conservatório, precisei ter o Normal. Eu fiz o Normal no SESU. E depois fiz Unimontes. Tentei Medicina várias vezes, não consegui. Não tinha jeito mesmo, era música.

D. Marina trouxe a FACEART, eu comecei na FACEART e conclui na Unimontes. Já no curso de Artes da Unimontes. Eu iniciei dentro do Conservatório, quando a FACEART funcionava na Rua Cel. Antonio dos Anjos. Eu fiz parte da segunda turma da FACEART. Foi a Licenciatura Curta. Era o Curso de Artes [Educação Artística] que tinha a Licenciatura Curta e a Licenciatura Plena. Eu fiz apenas a curta porque na época eu tinha engravidado, as filhas pequenas, ficou tumultuado e eu parei. Parei por muito tempo. Eu voltei e fiz a licenciatura plena, em 2000. O curso já era na Unimontes.

Quanto a minha formação musical, era tudo tão bom. Era uma família mesmo. O Conservatório era bem pequeno. Na época que eu estudei ele era na Av. Cel. Prates. E era ali na casinha da esquina, uma casinha mesmo. Tudo me marcou, mas eu era apaixonada com o violino. E naquele tempo você entrava fazendo musicalização. Todos nós, da minha família, estudamos no Conservatório e já iniciava na musicalização mesmo, aos 7, 8 anos de idade. Todos nós. Fazíamos piano, flauta, até passar por todos os instrumentos.

Eu passei por todos, mas na 5ª série eu fui para o violino. Só que não tinha professores com formação aqui. Os professores vinham de fora, vinham de Belo Horizonte. Então, fiz aula com Geraldo Figueiredo. Eu e outros colegas como Joaquim Carlos e Patrícia Peres. Tinha o professor Geraldo Figueiredo e o Profº Robson, eram militares. Então, vinham de Belo Horizonte o professor de violino, o professor de flauta transversa, e às vezes vinha do Rio de Janeiro o professor de flauta doce. O curso era

assim: eles vinham de 15 em 15 dias. Tinha que estudar muito. No início do ano, ficávamos na expectativa se o professor seria contratado. D. Marina tinha dificuldade de efetivar a contratação e por isso demorava dar início às aulas. Violino acabou ficando meio distante, por falta de professor. O curso chegou até a parar uns tempos porque não tinha professor. Então eu fui para o curso de Violão. Terminei o curso de violão e formei na faculdade em Violão.

Pergunta: Experiência profissional e relação com o conservatório.

Certa vez, quando eu tinha 17 anos, D. Marina chegou na minha sala e falou assim: “Você sempre foi apaixonada por violino, não é? Estou precisando de uma professora para fazer um curso em Santa Maria no Rio Grande do Sul, pra gente inovar o curso de violino aqui. São 15 dias do curso e a escola vai arcar com isso. É um Método chamado Método Suzuki, onde os alunos aprendem a tocar por imitação”. Respondi: “Mas eu não tenho maturidade nenhuma no violino”. Não era uma das melhores alunas. O aluno bom que tinha de violino na época era Joaquim Carlos. Mas ele estava fazendo faculdade no Rio. Já estava estudando piano no Rio, e acabou ficando por lá, não voltou mais.

Então foi minha primeira vez de viajar sozinha, minha primeira vez de viajar de avião, minha primeira vez para um Estado que eu não tinha parente, não conhecia ninguém. Foi uma experiência mil! Passei muito medo, mas eu amadureci muito. Eu fui pra Santa Maria, fiquei 17 dias num convento com as irmãs, e fiz o curso com John Kedall⁵³.

Depois, quando cheguei aqui em Montes Claros, D. Marina não conseguiu os instrumentos e a aula tinha que ser de turma. A turma deveria ser de no mínimo 9 alunos. Como o espaço era pequeno, no Conservatório, a musicalização funcionava em um anexo, lá no “Amarelinho”, ali na rua Pe. Augusto. Ali era o Manguieirinha, o Amarelinho. E o Conservatório funcionou ali. Então a sala era muito pequena. E nós começamos com turma de 6 alunos, sem instrumento. Além de ser por imitação, como eles iam imitar se não tinham o instrumento.

No curso que fiz eles ensinaram todo o processo de como trabalhar com iniciante. A gente trabalhava com caixas de camisa e cabo de vassoura. O aluno ficava assim uns dois meses aprendendo a segurar o arco e a segurar o instrumento. Foi uma experiência

⁵³ Professor dos EUA do Método Suzuki.

que eu apliquei nos outros instrumentos que lecionei: flauta, violão, e deu certo. É o Método Suzuki, por imitação. Nessa época vieram outros professores de Belo Horizonte. Eu fiquei na mesma época sendo aluna e professora do curso. Dava aula para musicalização e estudava de 5^a a 8^a.

Até formar os professores daqui, foram muitos anos assim. Marta de Paula e Lucinha fizeram curso no Rio, mas sempre um professor vinha uma ou duas vezes por mês para atendê-las aqui, porque o grupo de flauta cresceu. Mas tinha o problema da frequência dos professores, porque às vezes ficavam dois meses sem vir, quando eles tinham concertos fora. Eram grandes músicos! O Conservatório trabalhou muito com esses professores de fora: coral, instrumentos de sopro e instrumentos de cordas.

Na docência comecei dando aula de violino e violão, juntos. Em 1979 eu lecionava violino e em 1980 eu assumi o violino e o violão, até 2000. Aí eu assumi um cargo de vice-direção, depois a direção, em 2003. Como diretora tive que ter dedicação exclusiva, assim tive que deixar a docência, mas eu trabalhei por mais tempo com o violão. Fiquei na direção até março de 2014. Em 2015 eu aposentei.

Pergunta: Quais as suas lembranças sobre a criação do Conservatório?

Como eu estava te falando, não me lembro como papai teve contato com D. Marina, porque a diferença de classe social entre eles, na época, era muito grande. Agora, eu lembro que eles falavam que mesmo tendo o conservatório algumas alunas faziam aula na casa das professoras, que eram D. Marina, Marina Sarmiento, D. Arlete, D. Jacy (a mãe de Talitha). Então, elas davam aula de piano em suas casas, porque o Conservatório não tinha piano suficiente. A escola ganhou o primeiro piano em 1961, porque os ruralistas da cidade se uniram e doaram.

O primeiro Conservatório foi na rua Dr. Veloso. Lá em cima, ali mais ou menos onde é o correio hoje. Lá foi a primeira casa que teve o nome de Conservatório. Era um Conservatório Municipal. Depois elas foram conversando com os políticos, com os governadores, D. Marina tinha um acesso muito grande a essa classe política. Eles ainda falaram: “Mas Montes Claros, terra de música? Montes Claros não é terra de fazer artista não, Montes Claros é terra de criar boi. É terra de boi, não é terra de artista”.

D. Marina contou para os ruralistas que disseram que aqui era terra de boi. Então, não sei se foi em represália, os ruralistas se juntaram e doaram o primeiro piano para a escola. Depois o número de alunos aumentou e as professoras precisaram dar as aulas em

suas casas. Eu mesma tive aula de piano na casa de Lúcia Amélia, que era ali na Pe. Augusto, já quase chegando na avenida. Tive aula várias vezes na casa dela, como aluna do Conservatório. D. Marina, Marininha Sarmiento, D. Jacy, Lúcia Amélia, D. Maria Inês Maciello davam aula de piano na casa delas.

E, como eu não tinha piano, ficou difícil e acabei optando mesmo pelo violão, que era mais acessível. Não concluí o curso de piano. Tive experiência com vários instrumentos: eu toco um pouquinho de piano, violino, flauta, violão e teclado. Fui passando de um por um. Naquela época podíamos estudar de tudo. Até canto, só não dei Recital. A gente acaba tendo um pouco de conhecimento de tudo.

A aquisição dos primeiros instrumentos para o conservatório, no início foram doações mesmo. D. Marina e as professoras, depois que iam formando, ou desistindo de tocar, doavam para escola. Alguns governadores doaram, no decorrer dos anos, depois da estadualização.

D. Marina conseguiu muita coisa para o Conservatório de Montes Claros e para todos os outros conservatórios. Depois da estadualização, o que ela conseguia para o Conservatório de Montes Claros, conseguia para todos os conservatórios de Minas Gerais. Assim, o Conservatório de Montes Claros ficou sendo uma referência para todos os conservatórios mineiros. Abertura de curso, legalização de curso, D. Mariana corria atrás de tudo isso. Então, até 2013 quando eu ainda estava na direção, o Conservatório de Montes Claros era referência entre os conservatórios. Inclusive a QUESI, aquela verba que as escolas regulares recebem para merenda, os Conservatórios não recebiam. A gente não tinha merenda porque o Estado alegava que o aluno ficava poucas horas, e já tinha esse benefício na escola regular. Então o aluno teria duas vezes o mesmo benefício. Acabou que conseguimos que o Conservatório tivesse direito a QUESI para comprar e renovar os instrumentos e mobiliários. O Conservatório de Montes Claros que conseguiu isso, beneficiando todos os outros. Até hoje recebe.

A merenda nós não conseguimos. Corremos atrás, mas não conseguimos. Quer dizer, recebemos por dois ou três anos. Na época, na avenida Cel. Prates, uma coisa que marcou demais! A merenda era pão com bacalhau e leite com toddy. Dona Chica que fazia. E tinha uma fonte luminosa no meio, a gente recebia o pão e se sentava nesse cercadinho, no cimento, para poder merendar. Foi uma época que marcou muito, acho que todos os alunos dessa época lembram do pão com bacalhau. Um dia era pão com bacalhau, outro dia era bolacha com toddy, aí interromperam. Depois, na década de 1990

até 2000, conseguiu de novo, só por um ano, porque uma vereadora de Montes Claros denunciou e falou que o aluno não ficava na escola. Foi a vereadora Leda Clementino. Não tenho medo de falar o nome dela. Tirou a merenda.

Era uma hora boa mesmo! E estava funcionando, estava dando certo. Após uma denúncia, alegando que o aluno já recebia esse benefício em outra escola e estava recebendo de novo, e o Estado suspendeu. Infelizmente, porque era um momento de interação, de troca entre os alunos. Troca de partitura, de música, pois um queria tocar o que o outro estava tocando. Era uma interação muito boa o recreio, e acabou.

O primeiro prédio em que o Conservatório funcionou foi na rua Dr. Veloso. Não sei o endereço certo, mas era uma casa pequena. Depois foi para Av. Cel Prates, onde ficou por um tempo, e dali voltou para a rua Dr. Veloso, desta vez em outro número, em um prédio da esquina, onde ele ficou até 2006.

Porém, lá era pequeno, não atendia a escola. Nos últimos anos que ele funcionou na rua Dr. Veloso, funcionou em mais dois anexos. Além do prédio, que era o antigo Clube de Montes Claros, ocupamos algumas salas no prédio em frente ao Conservatório, no segundo andar, onde funcionavam as aulas de violão popular. E funcionou numa casinha na rua Pe. Augusto, pregado ao restaurante que chamava Mangueirinha, hoje é um estacionamento. Nesse espaço funcionava a musicalização. Ao mesmo tempo o Conservatório funcionou nesses 3 prédios.

Depois disso, Dona Lígia Braga, que era a diretora, achou que estava muito espalhado, muito esparramado, difícil de administrar. Então alugaram o prédio da rua Cel. Antônio dos Anjos, hoje é o Magazine Luiza. Antes de ser o Conservatório, me parece que era a Receita Federal. Ficou só o prédio da rua Dr. Veloso e da rua Cel. Antonio dos Anjos, que atendia melhor a escola.

Em 2006 mudou para o Bairro São Luiz, onde foi construído o prédio para atender tudo. E ainda ficou uns 3 anos utilizando o prédio da rua Dr. Veloso para ocupação de alguns grupos de atividades do Conservatório: o Banzé, o Zabelê, a Camerata, o Grupo de Flauta Capela Montes-clarense e o PROCEL. Então, os grupos ficaram funcionando na rua Dr. Veloso ainda por uns 3 anos, de 2006 até 2009. Até o Estado requerer o prédio para ser um departamento da Superintendência. Lá hoje funciona só o Banzé.

Pergunta: E a criação do anexo de Bocaiúva?

O anexo do conservatório de Bocaiúva foi criado, pelo que me lembro, em 1996. O Conservatório atendia um número muito grande de alunos de outras cidades: Bocaiúva, Francisco Sá, Janaúba e Pirapora. Era um número grande mesmo. E Bocaiúva, dessas cidades, era a mais próxima de Montes Claros. Assim, Marina Sarmiento, nessa época diretora do Conservatório, passou a atender Bocaiúva com o Projeto Conservatório na Rua. O projeto atendia escolas de Montes Claros e ainda atendia 3 ou 4 escolas de Bocaiúva. Assim, começou dando aulas para alguns alunos.

Eu não vou saber informar direito, mas Marina Sarmiento e o prefeito de Bocaiúva conseguiram esse anexo. A prefeitura doou o prédio, de forma que o Estado não teria custo. E foi provado que, para alunos e para alguns professores que vinham de Bocaiúva, ficaria mais em conta e mais acessível. Antigamente era tudo mais fácil, menos burocrático. E eu sei que só consegui isso porque não teria custo alguma para o Estado, nem iria aumentar o número de professores, assim, o Estado acatou. Assim, começou a funcionar, com o apoio do prefeito e da Fundação Graciema. Os funcionários da limpeza e da secretaria de lá eram funcionários da prefeitura. A Fundação Graciema cedia o prédio e a prefeitura cedia os funcionários, que eram 2 serviços e 2 secretárias.

Sei dizer que, depois disso, a deputada Elbe Brandão, fez de tudo para criar um anexo em Janaúba. Cedeu o prédio, cedia os funcionários da limpeza, mas o Estado não acatou e não aceitou, nem pra Pirapora e nem pra Janaúba. Eles alegaram o tempo de traslado dos professores que seriam de Montes Claros.

Foi uma luta manter o anexo de Bocaiúva. Todo ano vivia uma expectativa de que iria acabar, não iria mais funcionar.

Pergunta: Fale um pouco sobre você. Estrutura familiar e ambiente cultural familiar.

Eu acho que o Conservatório não é só uma escola de arte. Você entra ali, convive com tanta gente, com tanta classe social e muitas outras experiências. Todo mundo almeja uma coisa ou outra. A escola interfere muito no seu crescimento social. Eu devo o que sou hoje, ao Conservatório. Falo assim sem sombra de medo de errar.

Papai também falava isso, que ele chegou a ter a família que ele teve, graças ao Conservatório. A gente faz muita amizade, muito conhecimento em todos os ângulos e classes sociais. Você tem uma experiência de A a Z em todos os sentidos que você pensar.

E lá é assim: ah eu vou entrar no Conservatório pra estudar violão. Foi o meu caso. Quando você chega lá dentro você vê uma pessoa cantando bonito, você acaba querendo cantar. E aí na época, mesmo que você não tenha aquele dom, aquele talento, mas você tinha a chance, a oportunidade. Eu mesmo saí uma cantora, não sou uma “cantora”, mas aprendi muita coisa. Aprendi como colocar uma voz, como apreciar uma boa música, a gostar de uma boa música.

Agora, é importante você estudar, se formar, ter uma faculdade, não pode ser músico só de ouvido. Um músico de Conservatório tem que ser um músico de formação acadêmica. Por isso fui estudar, fiz a faculdade.

Olha, pra você continuar dando aula, não basta ter uma licenciatura plena, você tem que ter uma pós-graduação, um mestrado, um doutorado, e por aí vai. Então, automaticamente você via, seu colega se formar cantor, hoje já está fazendo isso na música, já tá tocando isso tão bem. Acaba que vai te incentivando, e é uma convivência boa, é um ciclo de amizade que cria e que vai te estimulando a fazer outras coisas, a fazer coisas diferentes, a ser diferente. Então, é um crescimento em todos os sentidos, eu acho. Profissional, familiar e principalmente pessoal. Até na formação religiosa te influencia. Se você não for firme mesmo você acaba virando evangélico. Tem evangélico demais que canta, oh povo que canta bonito. (risos...) E tem os católicos estudiosos, em todos os sentidos.

Eu sou fã, eu sou apaixonada com o Conservatório. Eu acho que lá é um centro de tudo. É mais do que uma escola. É uma mistura de escola, religião e família. Junta tudo ali.

Pergunta: Fale sobre o que te marcou nesses 50 anos de Conservatório.

Nas comemorações dos 50 anos do Conservatório, uma das coisas que mais me marcou foram os grupos!! Eu fiquei tão orgulhosa de ver a quantidade dos grupos, a quantidade dos artistas que participaram. Na época apresentaram mais de 19 grupos sólidos do Conservatório. Grupos e artistas que não deixam nada a desejar em lugar nenhum. Eram grupos que podiam sair daqui e apresentar em qualquer lugar do mundo. Um Instrumental, uma Capela Montes-clarense, um Grupo Lírico Bezzi, entre outros. Podem chegar e cantar em qualquer país, em qualquer lugar do mundo que não iam fazer feio, sabe?! Eu tenho muita pena desses grupos não estarem mais atuando. E eram muitos. Foram, parece, 19 grupos. Eu estou falando de grupos artísticos. E ainda tinha aquela

formação que a gente fazia nas salas e nas apresentações. A formação de grupos e o aumento dos cursos foi o grande marco dos 50 anos.

As apresentações foram o ponto forte até onde o Conservatório chegou. E principalmente com o número de alunos que chegou. Porque até então, todo mundo via no Conservatório uma escola para ricos., falavam que era para ricos. O povo achava que só estudava no Conservatório pra fazer piano ou canto. Eles achavam que o Conservatório era isso, era violão, piano e canto. E tinha de tudo, o tanto que cresceu. Todos os cursos, como que aumentou o número de alunos. Eu achei que a escola enriqueceu muito nesses 50 anos. Foi muito gratificante.

Pergunta: Quantos alunos o Conservatório atendia no seu cinquentenário? E qual o perfil desses alunos quando o Conservatório foi criado e atualmente?

Em 2011, o Conservatório tinha uma média 4.500 alunos matriculados. De todas as classes sociais de A a Z. De pedintes, de andarilho de rua, que chegou a entrar lá, a filhos de médicos e engenheiros. De todas as classes sociais.

No início o Conservatório era mais elitista, eu mesma sofri vários preconceitos dentro da escola. Preconceito por causa da pele, por causa do cabelo, por não ter um cabelo liso, por não ter um cabelo grande. Até de professores lá de dentro. Mas o tempo foi mostrando que o artista é o talento, e foi mudando isso. E hoje você vê que atende de A a Z, 4.000 alunos talentosos, todo mundo com talento. Isso pra mim foi um grande marco, esse número de alunos e de apresentações que teve.

Outra coisa marcante é a paixão de quem já passou pelo Conservatório que não deixa o Conservatório, não esquece o Conservatório. Todos os convidados, todo mundo que eu chamei, de antigamente, compareceu. Teve gente que foi de cadeira de rodas, mas foi para assistir, foi prestigiar. Então, é uma escola que passa e fica na sua vida. Ela te forma e entranha, está no sangue. Tem aluno que estudou lá só 6 meses, por exemplo, e não esquece. Marca, é uma escola que marca. Você ouve muito isso.

Pergunta: Quais cursos tinha no Conservatório quando ele foi criado?

O Conservatório é uma escola completa. Todos os cursos que podem ser ministrados individualmente e de turma, eu acho que lá tem ou teve. Lá só não teve Inglês, mas já teve, até Esperanto. Maristela Cardoso dava aula de Esperanto. Era um curso livre, numa época que chamava Curso Livre, que alguns professores davam aula particular. Já

teve Espanhol e Esperanto. Claro que tem os cursos que destacam mais, mas todos foram e são muito bem-sucedidos.

Os cursos foram sendo criados formando na medida em que os professores iam formando, depois do violão veio a flauta, depois o violino, e, ultimamente, um dos últimos foi o violoncelo, a viola caipira, a guitarra e baixo elétrico.

O curso de Decoração veio na mesma época da FACEART. Mas foi bem depois. O curso de Decoração já estava, na época quando o Estado lançou o curso de Educação Artística, que era para formar professores de arte através dos Conservatórios. O curso do Conservatório era de nível técnico. Muitos professores que depois fizeram o Curso de Artes, a FACEART, eram formados em Educação Artística, no curso técnico do Conservatório. O curso dava uma formação a nível de primeiro grau. A gente podia lecionar só de 5ª a 6ª série, e ele funcionou dentro do Conservatório. Foi quando apareceu muita gente boa na parte de desenho e de pintura. D. Marina, vendo o desempenho que as alunas tinham, criou o Curso de Decoração. Aí ficaram os dois cursos. Mas normalmente fazia Decoração quem fazia Educação Artística. Chamava Educação Artística. Funcionou muitos anos lá.

Eu fui professora do curso, dava aula de violão para o curso de Educação Artística. Fui professora de Nilza, Eliane, de Neiva Schmitz. Elas entraram no Conservatório no Curso de Educação Artística. Depois foram fazer violão, fazer decoração, etc. Mas eram alunas do curso de Ed. Artística. Marize começou foi no Curso de Ed. Artística. Também estudou, fez Educação Artística, para lecionar para 6ª série. Muitos professores fizeram para poder lecionar na escola regular. Você podia dar aula na escola regular com a formação desse curso. Depois acabou o curso e então D. Marina trouxe o curso de artes que era a nível de 3º grau, a FACEART. E por que que ela trouxe esse curso?

A UNIMONTES estava numa luta com o Estado para virar Universidade, porque era até então, a Fundação Norte Mineira de Ensino Superior - FUNM. Tinha o curso de Medicina, Direito, História e outros. Eu só sei que precisava ter mais um curso para poder se transformar numa Universidade. E eles entraram em contato com D. Marina. Ela correu atrás e trouxe o curso de artes. Graças ao curso de Artes, que começou no Conservatório, que a Unimontes hoje é Unimontes. Porque aí já tinha os cursos necessários para ela formar a Universidade. São essas coisas políticas que eu não entendo muito. Na época a gente ouvia falar e não interessava muito, não sabia a grandeza que era.

O interesse de D. Marina nem foi tanto para o Conservatório, trazer o curso de Artes, na realidade era para que a Unimontes pudesse virar uma Universidade. Isso muita gente não sabe, não agradece. E foi um benefício para o Norte de Minas inteiro. Depois que estadualizou a Unimontes, e virou Universidade, com os cursos gratuitos que até então eram pagos. Assim o pobre pôde entrar na Unimontes e pôde estudar. E nessa época não tinha cota não, ou estudava ou estudava, ou tinha direito, ou não tinha.

D. Marina contribuiu muito para Montes Claros e região. Graças a esse curso de Artes que a Unimontes virou Universidade. E D. Marina foi atrás por isso. O objetivo não era em ampliar o Conservatório e nem em formação para os professores. Porque os professores aqui na época, a maioria, estudavam no Rio. Eram: Lucinha Macedo, Eliane Pereira, Antonieta, Walmir, que faziam violão, piano, canto, flauta. Eles todos iam o Rio, estudavam lá. Então não tinha assim, tanta necessidade. Foi um grande ganho também, porque nem todo mundo teria condição de ir pro Rio. Mas o objetivo dela, quando ela trouxe o Curso de Artes, não era visando o Conservatório e sim visando a Universidade.

D. Marina fez papai ir pra escola regular. Papai voltou a estudar. Papai dava aula no conservatório nos finais de semana porque ele era da polícia militar, e ainda estudava a noite. Ele conseguiu com o Maestro, liberação do horário para sair mais cedo, para fazer o segundo grau, no Colégio São Norberto, que ele não tinha. Ele tinha a 6ª série. Aí ele fez o supletivo de 5ª a 8ª.

Depois D. Marina falou com ele: “- Mas não basta professor. O senhor tem que ter o segundo grau”.

Aí ele não quis fazer o supletivo de segundo grau. Então ele fez seriado. Nessa época nós fomos colegas, eu e papai. No São Norberto. Eu estudada no Tiradentes de manhã e no São Norberto a noite com ele. Ele fez o segundo grau lá no São Norberto. E ele passou a ser também aluno de violão do Conservatório, quando D. Marina trouxe o curso técnico, que até então não tinha, e veio o professor Mauro Necésio. Ele era um médico que tinha vindo de fora, acho que do Sul, trabalhar aqui. Ele tinha formação acadêmica em Violão Clássico. Aí fizeram o curso: papai, Tião, Walmir, eu e outros. Eu fui colega de papai no curso de violão e no São Norberto, na época. Nessa época tinha bastante professor de violão no Conservatório. Então, D. Marina criou o curso técnico de violão, dentro do Conservatório, para os professores fazerem.

D. Marina fez papai estudar. Ele terminou o primeiro grau de 5ª a 8ª, e o 1º e 3º ano. Mas na época não tinha faculdade e não tinha essa exigência, ele tinha que ter um curso técnico no Conservatório. Todos os professores foram fazer. Todos os professores davam aula e estudavam. A gente dava aula de 5ª a 8ª e estudava o segundo grau. Era até bacana. Era todo mundo colega de trabalho, como professor. Depois éramos colegas de sala, alunos do outro professor. Todo mundo foi aluno de estruturação de D. Cecy, porque fomos fazer o segundo grau mesmo. Tínhamos que fazer História da Música e História das Artes. Fomos alunos de Magnani⁵⁴ e Antonieta.

Muitos estudaram no Conservatório Brasileiro [Rio de Janeiro] até vir a FACEART. Para atender a titulação necessária do cargo e para que a escola tivesse um número X de professores formados, D. Marina empenhava e mandava uma turma.

Quando eu comecei a dar aula tive que ser emancipada. Papai autorizava para que eu pudesse lecionar. Eu comecei a dar aula com 17 anos. Além de mim, Júnea Melo Franco também foi emancipada. Mas teve outras pessoas, com certeza.

Pergunta: - Fale um pouco sobre D. Marina. Na sua percepção, o que ela representou e/ou representa para a criação do Conservatório e o seu desenvolvimento?

D. Marina não era só diretora. Ela não ficava lá sentada só assinando documento não. Ela participava da vida das pessoas. Ela entrou dentro de uma sala de aula de papai e falou com ele:

- “Professor, é o seguinte: gosto muito de ter o senhor como professor, mas o senhor vai ter que voltar a estudar. O senhor acha que é possível? Porque se o senhor não estudar, eu não posso ter o senhor como meu professor, e eu queria muito”.

Então olha o que que essa mulher fez com papai. Voltou papai pra escola, deu uma formação. E isso era com todo mundo. Ela acompanhava todo mundo de perto. Eu acho que, além dela ter colaborado muito pra Unimontes ter virado uma universidade, ela

⁵⁴ Maestro, intelectual, artista e pedagogo. “Deve-se a ele a formação de várias gerações de músicos instrumentistas, cantores, regentes e compositores. Do mesmo modo, sua atuação junto a organismos e entidades musicais resultou em substancial impulso e projeção para cada um deles. Sua ação, em escolas oficiais ou em ensino particular, permitiu que muitos de seus alunos alcançassem horizontes mais altos não só no plano intelectual e artístico, mas também no geográfico transpondo as fronteiras de sua própria cidade e país” (OLIVEIRA, Maria Lígia Becker Garcia Ferreira de. Sergio Magnani: sua influência no meio musical de Belo Horizonte. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da UFMG. 2008, p. 1) Disponível em: < https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AAGS-7XPO3H/1/disserta_o_mestrado_de_maria_ligia_becker.pdf > Acesso em: fev/2021

colaborou muito para a formação de muita gente. Ela não apenas fundou o Conservatório. Ela ia e estimulava, não basta você ser talentosa não, não basta você saber tocar não, você tem que ter uma formação. Você tem que formar.

E quando via que tinha muita gente precisando dessa formação, ia atrás de um curso. Como ela correu atrás do curso de Educação Artística, como foi ampliando um curso e outro, e outro. Tem muito talento pra violão, regularizou o curso de violão. Tem muito talento pra canto, regularizou o curso de canto, ela e D. Arlete correram atrás. Ela ía vendo onde a escola tinha chance de crescer e buscava, onde tinha certeza de que ia ter um resultado pra mostrar. E isso ela fez e muita gente seguiu. Ela acabou implantando isso. Ela sempre olhava pra frente, e ensinou os alunos e professores do Conservatório isso: Você não deve parar, tem que sempre querer mais e mais.

Então assim, ela foi a mãe das artes e da cultura de Montes Claros, do Norte de Minas. Ela atendeu em todos os sentidos, e não só nas artes. Porque olhando para a Unimontes, o que essa mulher fez pra Montes Claros em termos de educação, eu acho que político nenhum fez. E ela soube olhar os caminhos, ela conhecia os caminhos certos que deveria seguir, e por isso alcançava êxito. Sempre teve um discurso muito convincente, então o que ela pedia, ela ganhava. E fez muito para muita gente. Eu a considero a mãe da arte e da educação do norte de Minas.

Pergunta: - O que significa o Conservatório pra Montes Claros e região?

O Conservatório acho que foi um dos órgãos que mais divulgou Montes Claros no âmbito de Minas Gerais e até do Brasil. Foi através do Conservatório que Montes Claros ficou conhecida por muitos e muitos lugares. Sempre em qualquer cidade que você vai, você vê uma sementinha de Montes Claros produzindo, fazendo alguma coisa. Eu acho que o Conservatório faz isso, é um grande divulgador do nome de Montes Claros.

Penso que através do Conservatório, Montes Claros já foi bem representada. Em vários estados brasileiros e outros países, através dos grupos como por exemplo o Coral Lorenzo Fernández, o Zabelê, o Banzé, Instrumental Marina Silva e outros grupos. Montes Claros deve isso ao Conservatório. E até pela própria D. Marina, não é só o Conservatório, mas aonde ela vai, fala muito, ela divulga mesmo nossa Montes Claros.

Eu acho que o Conservatório foi um divisor, sem querer ser prepotente ou arrogante. Eu acho que tem Montes Claros a terra dos bois, e Montes Claros cidade da arte e da cultura.

E ainda, o Conservatório tinha uma parte muito viva que era a parte de artesanato com Fátima Pinheiro e os outros professores que eu não lembro direito os nomes, só lembro os mais recentes. Mas o Conservatório possibilitou uma divulgação muito grande também nessa parte de artesanato com esse pessoal. Através da promoção de eventos pelo Conservatório como com a Semana da Cultura, com as oficinas que realizavam, que D. Marina promovia e trazia, e depois todas as diretoras continuaram, abertos a todas as classes, para todo mundo. Na Semana da Cultura, os cursos que vinham de fora eram abertos a toda a população, de todas as áreas: de percussão, de artesanato, de canto, de instrumento e outros. Era aberto a todo público da cidade, ajudando da promoção e divulgação da arte e da cultura da cidade. Com certeza esse título “Cidade da arte e da cultura”, se deve ao Conservatório. Posso até ser uma sonhadora, mas eu acho que foi através do Conservatório.

Eu acredito nisso que te falei, o Conservatório foi um divisor para a cidade. Pelo menos depois do Conservatório, a cidade passou a ser falada. Politicamente, D. Marina conviveu com esses governadores todos. Rondon Pacheco⁵⁵, ainda não tinha vindo aqui pra nada e veio para inauguração do Conservatório, da rua Dr. Veloso. Conseguir trazer um governador para inaugurar uma escola? Naquela época? Luxo! E ela conseguiu. Porque normalmente eles iam para inaugurar várias e várias escolas estaduais. Ele veio pra inaugurar apenas o Conservatório. Os talentos sempre existiram, mas o Conservatório fez sobressair. Porque existia, mas estava todo mundo apagadinho. O Conservatório veio, sacudiu a poeira e levantou os talentos. Saiu gente nas artes visuais, nas artes musicais, no canto. Então ele balançou com todo mundo e os talentos foram divulgados, porque estavam aí tudo adormecido. Mas o Conservatório fez sobressair os pintores, instrumentistas, cantores e outros.

Por falta de conhecimento, às vezes não tinham acesso, porque falavam muito que o Conservatório era elitista, como te falei. E não era. Era falta mesmo de conhecimento ou de saber chegar. Antigamente a distância também dificultava. O Conservatório era no centro, muita gente de bairro, como é que ia? Não havia transporte coletivo. Quem não conhecia preferia falar. Tem de todos os níveis. Lá é tudo junto e misturado. E uma escola diferenciada mesmo. E viva o Conservatório e o Estado de Minas Gerais, que é o único estado brasileiro que oferece estudo de música gratuito nos seus 12 conservatórios estaduais.

⁵⁵ Governador de Minas Gerais no período de 15/03/1971 a 15/03/1975. Disponível em: < <https://www.mg.gov.br/governador/rondon-pacheco> > Acesso em fev/2021.

ENTREVISTA 6

Marco Venício Andrade Ataíde



Foto enviada pelo entrevistado

Local: Videoconferência pelo Google Meet

Data e horário: 18/08/2020 às 16:24

Duração: 47'23"

Pergunta: - Primeiramente Marcos, eu gostaria que você me falasse sobre você, sua família (estrutura familiar).

Meu nome na época que eu estava no Conservatório, meu nome era Marcos Vinício Andrade Ataíde. Aí depois, pra eu aposentar eu tive que mudar minha identidade porque minha certidão de nascimento era Marcos Venício, você entendeu? Eu tive que mudar a papelada toda. Mas eu comecei como Marcos Vinício Andrade Ataíde. Com referência a minha família, você quer saber, ela é composta de quê, né?

Minha mãe era Letícia Augusta Andrade, era professora aposentada. Meu pai, eu não me lembro dele, porque quando ele morreu eu tinha 2 anos de idade. Minha esposa é Rosângela, nos casamos em 78 e graças a Deus vivemos uma vida de, como se diz, de “rei”. Temos 4 filhos. Graças a Deus muito bem. Já estamos, os dois, aposentados. Eu comecei no Conservatório, e 10 anos depois eu a levei pro Conservatório. Agora, infelizmente, as minhas duas coleguinhas, funcionárias [do Conservatório], infelizmente já faleceram. Era Chica e Stela.

Quando nós começamos ali na Coronel Prates, aquele predinho antigo, era eu, Chica e Stela, de funcionários. Agora os professores, você quer saber?

Eu não esqueço é que D. Marina era a Diretora, mas não tinha vice-diretora. Certo? Mas acontece que Iraídes era vice-diretora, Conceição era vice-diretora, Dona Cecy era vice-diretora. Não tinham o título de vice-diretora, mas mandavam. Quando D. Marina viajava, a responsabilidade ficava com elas. Você entendeu? Então resolvia tudo. Não tinha esse negócio de vice-diretor, supervisora, orientadora, não tinha isso não. Entendeu?

As professoras eram D. Arlete, D. Iraídes, Conceição Lafetá, Dona Fely (Tia Fely), e Zezé Colares que era professora do Banzé. Ensaiava o Banzezinho na época.

E foi assim, depois foi começando as alunas foram crescendo, virando professora, entendeu? Martha, Marcelo Drumond, daí a pouco veio Babi como professorinha, então, a família foi crescendo. Mas quando nós começamos, quando eu comecei no Conservatório era eu, Stela e Chica.

Pergunta: - Vocês foram os primeiros funcionários. E qual era a sua função no Conservatório?

Bom, a minha função no Conservatório quando eu entrei, era: porteiro, eletricista, carpinteiro, tudo, carregador de recado, era pau pra toda obra.

Inclusive D. Marina me apelidou de “Frango da Sadia”. Quando ela me pedia, porque ela não mandava. Ela não mandava em você, ela te pedia...

#Entrevista interrompida na seguinte minutagem: 4’20” até 5’00” (queda de sinal)

Pergunta: - Marcos, eu perdi parte do que você falou, porque travou pra mim. Você pode repetir?

Até “Frango da Sadia” você ouviu né? Porque o que eu estava falando: D. Marina, ela não mandava você fazer as coisas. Ela te pedia, por favor, pra fazer. Certo? Então quando ela me pedia pra dar um recado, e pra pegar alguma coisa, quando ela pensava que eu tava saindo, eu tava chegando. Então ela me apelidou de “Frango da Sadia”. Você entendeu? Chica tinha o maior ciúme disso. (risos...) Ela tinha esse carinho comigo.

Pergunta: - Você começou a trabalhar no Conservatório quando? Já era uma escola estadual?

Eu comecei lá dia 04 de março de 70. Já era estadual. Porque o Conservatório começou em 61. Em 70 eu comecei. Aí quando foi em 73 ou 75 nós mudamos para Dr. Veloso.

Antes era em frente onde é o Bretas hoje, na Cel. Prates. Nessa casinha velha que tem a foto aí no Conservatório. Nós começamos ali. Ela era na esquina, do outro lado era a Pinguim.

Tinha Seu Zé. Inclusive eu fui para o Conservatório para substituir Seu Zé. Zé Fernandes. Eu fui pra ficar 2 meses. Ele tinha um problema na visão, então ele tirou licença. Maria José, minha irmã, trabalhava no Conservatório e D. Marina comentou com

ela que estava precisando de um rapaz pra substituir Seu Zé. Ela pegou e falou com D. Marina: - Olha D. Marina, eu tenho um irmão.

Nessa época eu trabalhava na garagem, num estacionamento aí na Dr. Santos. Aí Maria José falou: - Oh D. Marina eu tenho um irmão, às vezes ele vai querer.

- Então fala com ele pra vir aqui.

Quando foi no outro dia eu fui lá de manhã, procurei ela: - Olha, sou irmão de Maria José.

Ela pegou, e nós entramos num acordo: - Então a tarde você pode começar, para ambientar com a escola.

Aí a tarde eu voltei, fiquei a tarde toda lá. Inclusive eu não esqueço disso nunca: Martha era aluna sabe, não, já era professora, estava começando. Aí estava mexendo, tocando nos pianos, eu cheguei e... D. Marina já tinha me falado: - Olha, não deixa os meninos ficarem brincando no piano pra não desafinar.

Aí eu peguei e falei: - Ó, D. Marina não gosta que criança fique mexendo nos pianos. (risos) Aí Martha falou: - você me desculpa. Depois ela comentou com D. Marina. D. Marina me falou: - ó, ela era professora, mas tudo bem, você estava cumprindo minha ordem.

Pergunta: - Era uma professora ainda criança né?

É. Ela era novinha. Como D. Marina tinha falado pra não deixar os meninos mexer nos pianos, eu fui cumprir a ordem dela. Aí depois D. Marina:

- Não, você estava cumprindo minha ordem, tudo bem.

Beleza. Aí, depois disso, eu fui ambientando e graças a Deus fiquei. Todo mundo lá me adora, me adorava né? Não sei agora...

Pergunta: - Antes era somente Seu Zé?

Zé Fernandes. Ele morava aí no Bairro Funcionários. A filha dele trabalhou no Ipsemg. Era ele, Stela e Chica.

Eu tenho a impressão que Seu Zé começou no início mesmo. Porque ele já era bem velho lá. Agora, o seguinte, Chica e Stela eu não tenho certeza. Quem pode te falar se Stela começou... Porque Chica tem Magaly, que é filha dela, deve saber. E Stela tem Margarida, que a gente chama de Du, pode saber também. Agora Seu Zé, eu tenho impressão, que ele foi um dos primeiros, junto com Stela e Chica. Aí D. Marina tem muita

força na Secretaria de Educação e conseguiu ir renovando licença até ela arquivou o processo de Seu Zé pra me efetivar. Entendeu?

Vamos dizer, era Seu Zé, Chica e Stela. Seu Zé entrou de licença, eu entrei no lugar dele. Eu fui pra ficar 2 meses, aí foi renovando licença e ficou eu, Chica e Stela.

Pergunta: - Marcos, qual foi sua experiência profissional antes do Conservatório?

Antes de ir pro Conservatório eu trabalhei numa garagem que tinha ali na Rua Simeão Ribeiro, quase em frente a antiga ZYD7, que era desse pessoal Dias, a garagem. De lá eu fui trabalhar em outra garagem lá na rua Bocaiúva. De lá aí eu descii pra Rua Dr. Santos, estacionamento também, que era de Geraldinho, casado com esse pessoal Peres. Foi de lá que eu fui pro Conservatório. Aí, trabalhei muito tempo no Conservatório. Trabalhei de 70 a 80, só no Conservatório. Trabalhava de manhã, a tarde e à noite.

Aí D. Marina perguntou, o filho dela era da diretoria do Banco Nacional na época, se eu queria trabalhar no Banco Nacional. Aí eu peguei: - olha D. Marina, se a senhora conseguir pra mim no BEMGE, eu gostaria.

Mas Dercy, esposa de Ezequias que era subgerente no banco, trabalhava no Conservatório, ela conversou com ele e Ezequias pegou e programou um concurso pra mim, sabe, lá no BEMGE. Eu fui, fiz a prova, passei e aí fiquei trabalhando a tarde no BEMGE e a noite no Conservatório.

Até que D. Eloísa descobriu que era eu, Geraldo Paulista, Pedro, Zé Maria, todo mundo estava trabalhando ilegal. Que eles trabalhavam na Orquestra Sinfônica e trabalhava no Conservatório, Geraldo Paulista era militar e trabalhava no Conservatório. Aí ficou correndo atrás da gente pra poder largar um emprego, sabe? Por fim, eu fiquei enrolando, D. Marina foi em Belo Horizonte, deu jeito lá, entendeu? Aí, um dia, eu fui, na época era na coletoria, a coletoria que fazia a folha de pagamento da gente. Aí Itamar, que era o coletor, pegou encontrou comigo e falou: - oh, sua situação está complicada, você vai ficar sem receber pagamento do Estado.

Quando foi um mês que não veio o pagamento eu falei com D. Marina. Aí, ela pegou e uai, então você vai ter que fazer a escolha ou o Conservatório ou o BEMGE. Aí eu fui lá e conversei com Procópio, que era um dos assessores lá do banco. Ele falou, aí você vai ter que fazer a opção ou o Conservatório ou o banco. Aí ele pegou e falou: - então vê o que você quer escolher.

Aí eu escolhi dar baixa no banco e ficar com o Conservatório. No Conservatório eu era efetivo, então ninguém me tirava. Ele pegou e falou assim: - oh, você não vai pedir conta não, deixa que eu vou fazer uma carta para a diretoria, para o banco te mandar embora pra você pegar todos os seus direitos. Quando foi uns 15 dias depois, chegou a minha rescisão de contrato. Aí eu afastei do banco e fiquei só no Conservatório. Aí eu trabalhava de manhã, a tarde e a noite. Foi quando eu entrei na Kombi, eu trabalhava de manhã, a tarde e à noite.

Pergunta: - E você aposentou quando Marcos?

Eu comecei em 70 e aposentei em 80.

Eu dei entrada com os papéis e fiquei esperando a publicação. Então deve ter sido isso. Minha aposentadoria foi publicada em 88, parece. Acho que foi 88. Entendeu? Porque quando eu dei entrada com os papéis, então tinha aquele negócio de quem tinha mais de 70 anos tinha preferência de aposentar primeiro. E eu não tinha os 70 ainda. Você entendeu? Então a dificuldade de entrar para publicar, tinha que esperar o pessoal de 70 anos pra publicar primeiro. Fiquei um tempão esperando a publicação, mas graças a Deus saiu.

Pergunta: - Marcos, qual a sua formação escolar?

Eu estudei até o segundo grau só.

Pergunta: - No Conservatório você estudou música?

Comecei. Geraldo Paulista propôs me dar aula de violão. Eu estava muito entusiasmado. Mas quando eu pegava o violão que eu me sentava, eles me chamavam. Eu tinha que largar o violão e correr.

- Ah, vou largar isso pra lá, Geraldo. Ele: - É, pra você não tem jeito não.

Aí eu larguei. Realmente comecei com Geraldo Paulista, muito interessado em me ensinar, mas não deu certo não. Porque, quando eu começava a fazer aula, eles me chamavam, aí eu tinha que sair. Porque era eu sozinho que resolvia tudo.

Também eu gostava, mas não era assim. Gostava mais do Conservatório. Pergunta, se eu não fosse casado na época, eu nem pensava em pagamento não. Eu tinha loucura com o Conservatório, com D. Marina, com aquelas meninas lá. Demais, demais. Devo muita obrigação aquele pessoal lá.

Pergunta: - Você lembra de algum fato, ou de alguma coisa, que te marcou no Conservatório?

Não sei se posso falar aqui na entrevista.

Pergunta: - Você pode falar e se você quiser eu não registro.

Então não registra não.

#Nesse ponto dei uma pausa no registro. Minutagem: 18'30" à 21'15"

Pergunta: - Você pode me dizer se além de vocês 3, nos serviços gerais, quem trabalhava na secretaria?

Olha, na secretaria só trabalhava D. Marina, Tia Fely, depois Carmem Lúcia. Mas quem resolvia mais negócio de tesouraria e secretaria era Iraídes. Entendeu? Iraídes que resolvia esse negócio. Iraídes trabalhava na sala dela, ela que resolvia esse negócio de tesouraria, de contrato. D. Marina sempre pedia opinião. D. Marina não trabalhava só, entendeu. Iraídes era o braço direito dela. D. Iraídes, e D. Cecy. D. Fely ficava só ao lado dela lá.

Aí depois quando nós fomos pra Dr. Veloso, aí foi aumentando a secretaria. Carmem Lúcia passou a ser a tesoureira. Aí tinha o setor pessoal, aí começou o SOI. Aí foi crescendo, foi crescendo.

Quando eu comecei era pouca gente. Eram os professores, era só D. Fely na escolinha, Cecy, D. Arlete, Iraídes, depois veio Eliana, aí foi aumentando, Rachel de Paula, Martha Ulhôa, Rachel Ulhôa. As meninas foram crescendo, foram formando e aí foi aumentando a turma.

Pergunta: - Marcos, quais foram os prédios que o Conservatório funcionou? Qual prédio você começou?

Na coronel Prates. Da Coronel Prates nós fomos para Dr. Veloso. Aí nós ficamos na Dr. Veloso, e D. Marina abriu um anexo ali na Pe. Augusto. Não sei se você lembra do antigo Mangueirinha, um restaurante que tinha na Pe. Augusto. Aí, lá pagava aluguel, saiu de lá e foi naquele prédio velho que tinha em frente o Conservatório da Dr. Veloso. Numa escadinha, mas era muito complicado.

#Queda de sinal: 24'26" à 24'56"

Eu estava falando que nós estávamos na Dr. Veloso aí D. Marina alugou um prédio ali na Pe. Augusto, ao lado do antigo restaurante Mangueirinha. Depois que venceu o aluguel, nós mudamos para aquele prédio em frente o Conservatório da Dr. Veloso, mas a escada lá era muito alta, e ficou pouco tempo. Aí D. Marina conseguiu ali onde é o Magazine Luiza, na Antônio dos Anjos. Aí eles inventaram de fazer reforma no prédio da Dr. Veloso e aí mudou tudo lá para Antônio dos Anjos, você entendeu?

Quando inventaram a FACEART, que era a faculdade de artes, aí funcionava tudo lá, no prédio todo lá [prédio da Dr. Antônio dos Anjos]. Aí ficou um tempão lá na Dr. Antônio dos Anjos, e o conservatório da Dr. Veloso fechado. Depois que Marina conseguiu o prédio lá no São Luiz, construiu o prédio e de lá da Dr. Antônio dos Anjos foi que nós mudamos para o São Luiz. Entendeu? Onde está até hoje.

Agora o seguinte, o da Dr. Veloso já era Iracenária que era diretora. Se Iracenária deixa a musicalização na rua Dr. Veloso, a Delegacia de Ensino não teria tomado conta do prédio. Mas aí Iracenária achou que não valia à pena, levou tudo pra lá, o prédio ficou desocupado, a delegacia pegou e tomou emprestado e, até hoje.

Pergunta: - Quando você começou já tinha uma quantidade boa de instrumentos na escola? Como foram sendo adquiridos?

Não. Instrumentos? Eu posso contar pra você os quantos pianos tinham nas salas. As salas eram: 1, 2, 3, 4, 5, 6. Só tinha 6 pianos no Conservatório. O de Dona Arlete, o de Iraídes, de D. Cecy, o de Conceição, e tinha um lá em cima na salinha do Banzé. E Zezé Colares dava aula com ele e fazia o ensaio do Banzezinho lá em cima. Só tinha esses, aí depois foi adquirindo.

Tinha violão, os instrumentos de percussão, eram poucos instrumentos, mas tinha alguns. Mas, aí foi adquirindo. Foi para Dr. Veloso, adquirindo instrumentos, aí foi crescendo.

Pergunta: - Você lembra como os instrumentos eram adquiridos? Foi o Estado?

Oh, o piano de calda, eu ouvia falar lá, que foram os fazendeiros que tinham dado o piano de calda para o Conservatório, mas não tenho certeza. Eu ouvia falar. Mas também, eu não tinha coragem de chegar e perguntar pra D. Marina, eu não tinha essa liberdade não: - Oh D. Marina quem deu esse piano? Não tinha. Não tinha essa liberdade

não. Mas eu ouvia falar que o piano de calda por exemplo, tinha sido os fazendeiros que tinham comprado para o Conservatório. Agora, o Conservatório era particular, quando começou era particular. Simeão Ribeiro que era o prefeito, aí foi que ele alugou. Porque ele funcionava na casa, eu não lembro muito bem, era na rua Dr. Veloso, perto da casa de Iraídes, que ele funcionava, sabe? Mas eu não lembro muito bem, não cheguei a trabalhar lá não. Aí depois, Simeão Ribeiro pegou e alugou aquele predinho velho lá na Cel. Prates para o Conservatório.

Foi aí que começou. Daí a pouco D. Marina mexeu com uns pauzinhos, estadualizou e aí foi crescendo. Mas quem começou, quem deu força maior pra começar foi Simeão Ribeiro que pagou o aluguel, provavelmente ele deve ter comprado algum piano, alguma coisa né? Aí foi que começou.

Porque D. Marina era muito jeitosa. D. Marina ia pra Belo Horizonte, ela tinha muita força na Secretaria de Educação. Então ela ia pra lá, não comentava é claro, não falava com a gente. Mas tenho a impressão que quando ela chegava lá, conversava e conseguia muita coisa para o Conservatório.

Aí depois que passou pra Dr. Veloso foi aumentando os professores, aumentou o professor de balé, foi aumentando, foi aumentando.

Pergunta: - E quanto ao mobiliário?

Era comprado. A menos que D. Marina conseguia essas doações lá em Belo Horizonte e trazia para o Conservatório. Ou então ela falava que conseguia aqui e a gente estava achando que estava comprando. Não sei. Porque você sabe, a gente, funcionário, não pode chegar a ponto de chegar e perguntar: como é que você tá conseguindo isso? Não tinha nem como. Mas eu tenho a impressão que D. Marina, por ela ter muita força, ela conseguia muita coisa para o Conservatório. Olha lá se ela comprou pouca coisa.

Pergunta: - Marcos, como você via a relação dos funcionários, professores e a direção?

Era uma irmandade. Pode dizer assim: uma irmandade. Lá tinha uma funcionária, Irary Antunes, ela tinha o nome de todas as serventes. O aniversário de todas as serventes, ela comemorava. E isso, com sinceridade, eu sentia assim orgulhoso de ter uma colega como Irary Antunes. Porque ela não era colega nossa não, ela era uma irmã nossa. principalmente dos serviçais, dos funcionários. Entendeu? Não contando como ela era. Tratava bem os professores. Agora os funcionários ela tratava como se fosse dela. Então,

a convivência dos professores, funcionários, da direção com os funcionários era uma maravilha. Não podia reclamar de nada. Não tinha mau querência nenhuma. Nenhuma, nenhuma, nenhuma. Não tinha mau querência com ninguém. Mas também, você sabe o que era, é que D. Marina não admitia você falar mau de ninguém. Ou eu falar mau de você. Se chegasse no ouvido dela, não chamava sua atenção não. Quando você fazia uma coisa errada, inclusive ela, vou te contar:

Ela estava precisando da assinatura de uma dona que morava ali perto da casa de Iraídes:

- Vai lá na casa da dona, vê se ela tá lá, pede ela pra assinar pra nós.

Aí, eu naquela euforia de pegar a assinatura da mulher, fui lá. Cheguei lá, a dona estava lá. Cheguei correndo na maior alegria: D. Marina, a muié tá lá.

Ela pegou, na salinha dela: - Entra, senta aqui e fecha a porta.

Ela pegou e falou assim: - Muié não meu filho, a dona. Nós estamos precisando da assinatura dela, é a dona. Não fica melhor?

Eu fiquei com uma carona. - Oh, D. Marina, a senhora me desculpa.

Então, ela não sabia te xingar, você entendeu? Pra chamar sua atenção, ela chamava com tanta educação que, era mesmo que bater na gente, era melhor se batesse. Então, ela não admitia conversinha fiada. Nunca. Nunca admitiu.

Pergunta: - E os alunos, como eram (idade e classe social)? E a relação e envolvimento com os alunos?

O respeito, principalmente, comigo, Chica e Stela, nós 3, não tive nada que reclamar. Todo mundo me respeitava, e olha que eu trabalhava na portaria. Então o seguinte, era maravilha. Aí nós fomos para Dr. Veloso, todo mundo me respeitava. Só teve um caso: a menina comentou que eu tinha empurrado ela na escada lá, aí foi criar caso comigo. Mas foi coisa assim, foi coisa banal. Não foi nada assim grave. Mas o resto, o respeito comigo eles tinham. As criancinhas então, vich. Quando falou que eu ia aposentar, elas quase choravam. Graças a Deus, não deixei mau querência lá.

Pergunta: - Quando você entrou em 1970, como eram os alunos (idade, classe social)?

Os alunos da escolinha de Tia Fely, os meninos eram só menino da sociedade. Era: Fred Ribeiro, o filho de Constantino, era Marcelo, era o filho de Dr. Atos Mendes, só gente rico os meninos da escolinha de Tia Fely. Mas era tudo criança, então, Tia Fely os

levava pra salinha dela lá. Agora os outros alunos, que era de classe mais baixa, era Elienay, era só gente boa também.

Pergunta: - Eu queria saber se o Conservatório recebia todo tipo de aluno.

Vou te contar um caso. A mulher que trabalhava no mercado falou assim: - Eh diá, você trabalha no Conservatório né?

Eu falei: - É. (lá no mercado).

Ela pegou e falou assim: - Eh diá, eu tinha vontade de minha filha estudar lá no Conservatório, mas lá é Conservatório de rico.

Eu falei: - Não. Não é Conservatório de rico.

Aí coincidiu que isso foi mais ou menos no meio de mês. No final do mês tinha seleção. A seleção lá era no início e no meio do ano.

Aí, eu peguei e falei: - Oh, tal dia vai começar as inscrições lá no Conservatório, manda a menina da senhora fazer a inscrição lá.

Aí ela pegou, anotou tudo direitinho, tal e foi. Fez a inscrição, passou a seleção e a menina passou.

Aí eu cheguei lá no mercado e falei assim: - Ah, a senhora agora é rica né?

Ela falou assim: - Uá, por que?

- Ué, a menina da senhora tá estudando agora no Conservatório.

- Não, aquilo tudo é só lorota, é conversa fiada do povo. O Conservatório não tem esse negócio não.

Eu falei: - Não tá vendo?

Entendeu? Mas o pessoal falava que era da sociedade. Mas não tinha esse negócio não. Ninguém considerava isso lá não. Era misturado mesmo. Era todo mundo tratado igual. Era tudo culpa de D. Marina. Ela não admitia separação.

Pergunta: - O que você me fala de D. Marina em relação à existência do Conservatório. Qual a importância dela para a criação e desenvolvimento do Conservatório.

Tudo, tudo, do princípio ao fim. Ela foi a mola mestra do Conservatório, da fundação do Conservatório. Sem ela, o Conservatório não existiria. Falo com sinceridade. Eu não sei se a resposta seria essa, mas ela foi o braço direito pra iniciar, continuar e até hoje. Porque eu tenho certeza, se a direção ligar pra ela e pedir alguma orientação, pelo telefone ela dá uma orientação que vai ajudar o Conservatório. Você entendeu?

Sem D. Marina, o Conservatório não existia não. Já Antonieta não teria a mesma. Agora onde era D. Marina, Iraídes, D. Arlete e D. Cecy, eram as molas mestras, eram o pilar do Conservatório.

O que eu ia te falar, que te falei no início: D. Marina não tinha vice-diretora. Mas D. Marina viajava, qualquer uma: Iraídes, Conceição e D. Cecy, resolvia como se fosse D. Marina. Assinava documento, ordem não dava não, mandava, mas é assim no bom sentido. Resolvia os problemas, respondia pelo Conservatório da mesma maneira. Você entendeu? Não tinha vice-diretora não, mas resolvia tudo.

ENTREVISTA 7

Talitha Maria Cardoso Vale



Foto enviada pela entrevistada

Local: Videoconferência pelo Google Meet

Data e horário: 15/10/2020 às 16:00

Duração: 58'02”

Pergunta: - Primeiramente Talitha, eu gostaria que você me falasse sobre você, sua família (estrutura familiar) e formação escolar.

Talitha: – Meu nome é Talitha Maria Cardoso Vale. Como nome artístico continuei com Talitha Peres que era o meu nome de casada.

Sou filha de Dario Cardoso Vale, natural de Prados – MG, e Jaci Alves Cardoso Vale – natural de Montes Claros - MG. Meu pai era funcionário do Banco Brasil, foi transferido para Montes Claros onde conheceu a minha mãe e se casaram. Durante toda a sua vida se dedicou à pesquisa genealógica da nossa família e escreveu um livro sobre A HISTÓRIA DE PRADOS, onde está incluída parte da sua pesquisa que se estendeu até o fim da sua vida em 18 de outubro de 2017 quando faleceu na cidade de Belo Horizonte onde residia.

Minha mãe foi aluna da D. Marina antes mesmo da fundação do Conservatório e foi professora do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez durante 11 anos.

Com 40 anos ela apresentou um problema sério de saúde, Anemia Aplástica e veio a falecer 9 anos depois aos 49 anos. Em função da seriedade da doença, chegou a se aposentar por invalidez.

Tenho 4 irmãos: Rubem Dario Cardoso Vale, Ricardo Cardoso Vale, Inah Maria Cardoso Vale e Maria Adelaide Cardoso Vale Pires.

O mais velho se chama Rubem Dario Cardoso Vale, é psiquiatra e tem um bom gosto musical incrível. Adora música clássica, jazz, ópera, artes plásticas, gosta de pintar

também e tem piano em casa. Praticamente tudo que eu tenho em gravações de cds e dvds foram cópias presenteadas por ele. Ele mora em Juiz de Fora. O segundo é Ricardo Cardoso Vale, médico radiologista em São João del Rei que também toca piano, violão, mas popular. Depois tem Ináh Maria Cardoso Vale, e a mais nova, Maria Adelaide Cardoso Vale Pires, psicóloga, que morava em Montes Claros e agora está em Prados, cidade natal do nosso pai.

Meu pai não tocava piano, mas a mãe dele e as irmãs sim. Não tinham formação acadêmica, mas antigamente era comum ter um piano em casa e fazia parte da educação de toda moça bem educada.

Na casa dos meus pais logicamente tinha um piano, pois tanto a minha mãe como todos nós estudamos. Profissionalmente só eu segui a carreira musical. Meus irmãos são médicos, mas todos eles gostam de música e estudaram aí no Conservatório. Estudaram pouco tempo, porque já cursaram o Ginásio em Belo Horizonte e carregam até hoje o gosto pela música. Hoje temos na família mais dois músicos. A minha filha Juliana Peres e meu sobrinho, Rafael Cardoso, filho do meu irmão mais velho, Rubem Dario. Minha filha Luciana Peres já foi back vocal e o meu neto Eduardo é extremamente musical e se interessa muito por piano, violão e guitarra.

A minha formação escolar primária foi feita no Grupo Escolar Francisco Sá. O Curso Ginásial e o Curso Normal foi no Colégio Imaculada Conceição, ambos em Montes Claros.

Pergunta: - Sua mãe foi aluna de D. Marina no Conservatório?

Talitha: – Foi aluna particular, antes da fundação do Conservatório Municipal e eu comecei a estudar com D. Marina aos 6 anos de idade.

Cecy e mamãe [Jacy] foram alunas de D. Marina, eram muito amigas e só viviam juntas, rindo o tempo todo. Como eu disse anteriormente, minha mãe deu aula no Conservatório, trabalhou no Estado 11 anos. Depois ela teve uma doença rara (anemia aplástica) e aposentou por invalidez. Mamãe foi uma das primeiras professoras do conservatório.

Sabe como descobrimos a doença dela? D. Marina fazia aquelas Jornadas Culturais (levava professores de fora). Eu lembro que estava tendo uma Jornada Cultural e na sexta-feira à noite nós íamos para Belo Horizonte, eu, mamãe, Martha, Cecy, D. Marina e Antonieta. A gente ía se apresentar no Palácio das Artes naqueles Concertos para

Juventude que tinham na época. Nessa semana da Jornada Cultural, mamãe começou a apresentar umas manchas roxas no corpo. Ela fez uns exames a pedido da médica e papai falou pra levar para os meninos primeiro (meus irmãos estudavam medicina em BH). Foi quando eles descobriram a gravidade. A nossa apresentação em BH foi no domingo as 11 horas da manhã e no mesmo dia à noite eu e Martha Ulhôa viemos para as aulas em módulos no Rio de Janeiro. Quando voltamos, a vida da minha família já estava toda mudada. Teríamos que mudar para Belo Horizonte porque não tinha condições de mamãe fazer o tratamento em Montes Claros. Eu trabalhava em Montes Claros a metade da semana e a outra metade ia para BH ficar com a mamãe. Os médicos deram 1 mês de vida e ela ainda viveu 9 anos. Foi tirando licença e conseguiu aposentar por invalidez.

Você sabe aquela história de que ela reuniu as alunas e fundou um Conservatório particular que funcionou primeiro lá na rua Dr. Veloso? Ficou pouco tempo, depois foi para aquela avenida em frente a antiga prefeitura [Av. Coronel Prates]. Posteriormente voltou para a Rua Dr Veloso no antigo Clube Montes Claros que acabou se tornando a sede própria do Conservatório. Essa nova sede ficava a um quarteirão da primeira sede que era quase em frente à casa de Mary Maldonado que foi inspetora de alunos do Conservatório. Mary tinha uma voz muito bonita e gostava de cantar serestas.

Que eu me lembro da época, Mary era inspetora de alunos, Stela era servente. Tinha o Marcos também que a gente adorava. Ele era um amigão mesmo, uma pessoa muito querida. Ele sabe muita história. Eu comecei muito nova, não lembro de datas de nada. Lembro que D. Marina levava muitas pessoas para dar aulas pra gente. O maestro Sergio Magnani foi um que trabalhou um tempo no Conservatório. Toda semana estava lá. Ela levou também professores pra dar cursos e oficializar a situação dos professores [do conservatório].

Pergunta: - Você foi aluna no Conservatório Municipal, da primeira turma?

Talitha: – Fui. Estudei lá. Mas tinha uma turma mais velha que eu, eles podem ter entrado juntos. Tinha uma turma, por exemplo, Eliana Neto, Regina Coelho, Coqui Avelar e várias outras que eram mais velhas do que eu. Me lembro que uma vez organizaram um grupo, semelhante ao Banzé e fomos apresentar num evento do Rotary em Caxambú. Eu e Martha [Ulhôa], éramos as mais novas e tínhamos que dançar e tocar acordeom, não gosto nem de lembrar. (risos...). Mas quem dançava mesmo no grupo era

essa turma mais velha. Abaixo de mim [pela idade] ainda tem Antonieta, depois Irene, Joaquim Carlos de Paula e vários outros.

Pergunta: - Você lembra quais foram as professoras que iniciaram?

Talitha: – Minha mãe - Jacy Alves Cardoso Vale, D. Arlete Macedo, Cecy Tupinambá Ulhôa, Clarice Sarmiento, Conceição Machado Lafetá, Maria Inêz Maciello de Paula, Marina Lorenzo Fernandez Silva, Iraides Drumond, Geraldo Pereira da Silva, Leila Paculdino e Nadir Cunha. Esses na área de música, mas tinha outros em outras áreas.

Quem trabalhou no início com D. Marina na secretaria foi Terezinha Tupinambá.

Lembro que quando participamos, eu, Martha e Antonieta, de um concurso de piano em Uberaba, até tirei o primeiro lugar, fui como aluna de Leila, para não aparecer o nome de D. Marina que era a diretora.

Uma coisa que eu não esqueço foi uma vez que a família toda de Yuri Popoff foi no Conservatório [na Av. Cel. Prates] pedir D. Marina pra mandá-lo sair da escola. Ele trabalhava numa loja de sapatos e gostava muito de música. Sei que a mãe dele foi pedir D. Marina para não aceitá-lo lá, porque música não dava dinheiro e ele tinha que fazer outra coisa. D. Marina nos contou: - Como é que eu sou diretora do Conservatório e vou falar pra ele sair? E ele talentosíssimo, tanto que hoje é um grande músico. Eu não esqueço disso.

Uma coisa que eu acho muito importante daquela época era que vivenciávamos mais ritmo e solfejo. Tinha a disciplina que depois foram mudando e acrescentando outras matérias. São bases [para a música]: solfejo e ritmo. Você veja que todos nós daquela época temos facilidade, porque batíamos muito ritmo. Foram mudando, acrescentando outras matérias e deixando meio de lado essas disciplinas. E hoje não dá tempo de você professor, desenvolver essa parte com o aluno. Eu lembro que fazíamos demais, e as aulas eram movimentadas, eram interessantes.

Na minha época éramos eu, Antonieta, Martha, Yuri, Armênio, Olavo, dentre outros. Já chegou a ter uma orquestra de câmara organizada pelo maestro Geraldo Figueiredo, que deu aula aí [Montes Claros], e fizemos o Glória de Vivaldi. Eu acompanhei o coro e a orquestra.

Foi uma época muito boa, era todo mundo amigo. D. Marina, Cecy, mamãe, Lígia Braga, Iraídes, Dona Conceição, D. Marinêz tinham uma grande amizade. Era um grupo menor, depois o Conservatório cresceu muito. Naquela época não tinha competição. Eu

lembro que quando íamos para os concursos, tocávamos uma para outra com a maior naturalidade, hoje não existe mais isso. Quando era na véspera da viagem [para o concurso], D. Marina sempre fazia um ensaio geral na casa de uma. Reunia a família das três, que iam tocar fora, pra ensaiar.

Numa outra ocasião, quando fomos no 2º Salão Mineiro de Arte Infantil em Belo Horizonte, eu também tirei 1º lugar na minha faixa, ao voltar tinha uma banda de música nos esperando na estação. Ninguém sabia de nada, nem fazíamos idéia, e eles estavam tocando pra gente. Era tanta coisa gostosa. O avô de Martha, o pai de Cecy, tinha fazenda em Bocaiúva. Quando a gente viajava era de trem naquela época. Então nossa maior alegria era parar na estação de trem, porque ele chegava com uma cesta de palha cheia de farofa de frango, biscoito fofão, frango frito, etc. A gente já saía de Montes Claros esperando a parada para receber tanta coisa boa.

Pergunta: - Volta um pouquinho e me fala sobre sua formação musical e profissional.

Talitha: – Me lembro que, antigamente, o curso no Conservatório era do 1º ao 9º ano. Depois a legislação mudou, quando criaram o curso técnico em três anos. D. Marina fez todo mundo voltar e fazer de novo.

Depois eu vim fazer a graduação em música, em módulos, aqui no Rio de Janeiro. Em 1990 iniciei o meu curso de mestrado em musicologia, ocasião em que me mudei para o Rio de Janeiro.

Comecei dando aula no curso livre do Conservatório Estadual Lorenzo Fernandez, com 14 anos. Depois para dar aula no Estado eu fui emancipada, tinha mais ou menos 17 anos.

Me aposentei do Conservatório na década de 1990, onde trabalhei por 25 anos e na Unimontes por 30 anos.

Aqui no Rio de Janeiro durante 10 anos fui professora de piano e música de câmara no Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro – CBM, onde participei do Núcleo de Ópera da instituição coordenado pelo barítono Nelson Portella e fui acompanhadora das óperas D. Giovane, Bodas de Fígaro de Mozart e na ópera Carmem de Bizet.

Como solista me apresentei em Koln, Overath e Bonn (Alemanha), Londres (Inglaterra), Lisboa e Santarém (Portugal), Caracas e Mérida (Venezuela) divulgando a música brasileira e latino-americana.

Tive uma parceria com o soprano Maria Lúcia Godoy divulgando intensamente a música brasileira e com dois Cds gravados. Destaco aqui a minha gratidão a essa artista maravilhosa que foi muito importante tanto na minha vida profissional como na minha vida particular. Me sinto privilegiada em ser considerada por ela, como sua melhor amiga.

Em duo com o soprano Magda Belloti me apresentei em Londres (Inglaterra), Lisboa, Aveiro e Arouca (Portugal), com um repertório dedicado à música brasileira.

Em janeiro de 2017, no Estúdio ION em Buenos Aires, junto ao tenor argentino Mariano Malti, gravei um clip com o tango *Historia De Un Amor*, do compositor panamenho Carlos Eleta Almaran (Dartañan), iniciando aí um duo com o referido tenor, com quem tenho me apresentado no Brasil e Argentina.

Recebi várias premiações culturais, dentre elas a comenda “Mérito Cultural Carlos Gomes”, concedida pela SBACE, Sociedade Brasileira de Artes, Cultura e Ensino em São Paulo.

Como professora da Unimontes (Universidade Estadual de Montes Claros- MG), desenvolvi a pesquisa "Compositores de Montes Claros e suas obras: Características culturais e estético-estruturais".

Idealizei e coordenei o projeto “Estações Musicais na Unimontes”, de 2008 a 2016, oferecendo à comunidade montes-clarense apresentações musicais periódicas, com repertórios temáticos, bem como palestras, workshops, oficinas e masterclasses com músicos de reconhecida competência no cenário artístico da cidade e do país.

Atuo frequentemente com artistas nacionais e internacionais, tendo me apresentado com Eiko Matsunaga (Japão), Mieczyslaw Milan (Polônia), Maria Lúcia Godoy (Brasil), Antônio Salgado (Portugal), Lício Bruno (Brasil), Magda Belloti (Brasil), Mariano Malti (Argentina), dentre outros.

Do crítico Antonio Hernandez do Jornal O Globo: “O piano impecável de Talitha Peres, que vale às vezes mais que uma orquestra refinada”.

Do crítico Carlos Dantas do Jornal Tribuna da Imprensa:” Execução límpida, com domínio do legato e do staccato, dos contrastes tímbricos (parecendo às vezes um quarteto de cordas) e de dinâmica, enfim uma jóia, uma gema de alto valor, com finura e técnica de estilo”.

DISCOGRAFIA:

- Clássicos e Inéditos de Chiquinha Gonzaga, piano solo;
- A obra de canto de Lorenzo Fernandez, com o soprano Maria Lucia Godoy

- Canções de Alberto Nepomuceno, com o soprano Maria da Glória Capanema e o tenor Paulo Barcelos.
- Modinhas Imperiais, com o soprano Maria Lucia Godoy
- Canções de Guerra-Peixe e Osvaldo Lacerda, com o soprano Maria da Glória Capanema e o tenor Paulo Barcelos;
- Paisagens Musicais – com o soprano Magda Belloti;
- Canções de Autores Brasileiros, com o soprano Maria da Glória Capanema
- Canções de autores Brasileiros nº 2, com o soprano Maria da Glória Capanema e o barítono Fabrizio Claussen

Pergunta: - Você disse que começou a estudar aos 6anos. Já era no Conservatório?

Talitha: – Tive o privilégio de ser aluna da D. Marina desde os meus 6 anos de idade. Ela foi professora da minha mãe também. Devo a ela o que sou musicalmente e, além de professora, é uma amiga muito querida que esteve sempre presente em todos os momentos da minha vida.

A ela devo também todas as premiações que obtive em concursos e todo o reconhecimento que tenho hoje no meio musical. Ela é a minha referência de mulher, guerreira, com uma capacidade de trabalho extraordinária, musicista, mãe, amiga de todas as horas, linda e sempre elegante.

Pergunta: - Você se lembra então porque surgiu a ideia de criar o Conservatório?

Talitha: – Filha de um dos grandes compositores nacionalistas brasileiros, D. Marina sempre viveu num ambiente musical e quando se casou com o saudoso Seu Quinzinho, como a gente o chamava, chegou a Montes Claros em 1947 e passou a dar aulas particulares em casa, aulas de piano, pintura em porcelana, criou uma banda de percussão e um conjunto folclórico. Vendo o potencial artístico e musical na cidade, em 1961, na gestão e com o apoio do prefeito da cidade, Simeão Ribeiro Pires, criou o Conservatório com o auxílio de senhoras da sociedade que a ajudaram a angariar recursos, recrutar professores e alunos. Na época diziam alguns "Montes Claros é terra de boi!" e não acreditavam na extravagante idéia de montar uma escola de música. Mesmo assim alguns fazendeiros doaram o primeiro piano e pessoas influentes da sociedade contribuíram com o projeto doando móveis e utensílios e assim, em 1961, D. Marina

realizou o sonho de fundar uma escola de música municipal, que recebeu o nome do seu pai, o grande compositor Oscar Lorenzo Fernandez.

Um ano depois, em 1962 o Conservatório foi estadualizado pelo Governador Magalhães Pinto e o Secretário da Educação, professor Oscar Dias Corrêa.

Chegaram a dizer que o Conservatório era elitizado. A elite pode ter ajudado com doações, através de contatos políticos, mas a clientela é totalmente diversificada.

No início os professores não recebiam vencimentos e mesmo quando foi estadualizado, durante algum tempo os professores doavam 20% do salário para levar professores e artistas na cidade. Grandes foram as dificuldades.

Entretanto, o espírito de luta de Dona Marina, apoiada pela sua equipe de professores, tudo superou.

D. Marina sempre foi muito querida, uma pessoa que não existe, ela mudou a cidade. Sempre se preocupou com a reciclagem dos professores locais. Organizava jornadas culturais e levava grandes nomes, não só da música, para ministrarem aulas, palestras, cursos e assim conseguir também habilitar os professores da casa. Estiveram por lá Cecília Conde, Caique Boticay, Elder Parente, Fernando Lebeis, Grizzolli, Ailton Escobar, Augusto Rodrigues da área de artes plásticas, levou um grupo de música eletro acústica.

Pergunta: - Na sua opinião, a que se deve o crescimento e expansão do Conservatório?

Talitha: – Um bom trabalho apresentado, um bom desempenho, lançou muita gente boa. Montes Claros é uma cidade musical. Fora o Conservatório, tem as Serestas, essa parte folclórica que é muito desenvolvida, é uma cidade musical.

Teve uma pessoa forte na frente, se não fosse D. Marina talvez não tivesse chegado a tal ponto. D. Marina é a chave de tudo. Ela levava grandes artistas a Montes Claros como Jacques Klein⁵⁶, Miguel Proença⁵⁷, Maria Lúcia Godoy, Francisco Mignone⁵⁸ (que era amigo dela e foi padrinho de batismo de Antonieta, filha dela) Desde aquele prédio

⁵⁶ Jacques Klein nasceu em Aracati, Ceará, foi um pianista brasileiro com uma expressiva carreira internacional. Faleceu prematuramente, aos 52 anos, em 1982. Disponível em: < <http://institutopianobrasileiro.com.br/enciclopledia/Jacques-Klein> > Acesso em: Jan/2021.

⁵⁷ Miguel Proença nasceu em Quaraí, Rio Grande do Sul. Pianista brasileiro de renome internacional. Disponível em: < <https://pergamum.curitiba.pr.gov.br/vinculos/00000c/00000c15.pdf> > Acesso em: Jan/2021.

⁵⁸ Francisco Mignone, regente, pianista, professor e compositor de destaque do Nacionalismo Musical brasileiro. Disponível em: < [file:///C:/Users/canta/Downloads/FranciscoMignoneesuaobraorquestralnacionalista.MsicaeLinguagemUFES2013%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/canta/Downloads/FranciscoMignoneesuaobraorquestralnacionalista.MsicaeLinguagemUFES2013%20(1).pdf) > Acesso em: Jan/2021.

na Av. Cel. Prates., Maestro Magnani⁵⁹ foi professor do Conservatório, estava toda semana na cidade. O maestro Geraldo Figueiredo e o cantor Marcos Tadeu Miranda Gomes também deram uma excelente contribuição à instituição. Como eu disse acima, estiveram em Montes Claros grandes expressões da arte brasileira.

Pergunta: - E a criação da FACEART, o que você lembra?

Talitha: – Em 1987, D. Marina criou a Faculdade de Educação Artística (FACEART) que mais tarde, passa a se chamar CURSO de ARTES com ênfase em Artes Plásticas, Música e Teatro. Eu fui uma das professoras da área de música desde o início. Em 1990 vim para o Rio cursar o mestrado em musicologia.

D. Marina que estava a frente, ia olhando pela titulação e foi formando o quadro de professores. Ela era uma pessoa muito justa com as pessoas, tinha uma boa percepção e sabia com quem ela podia contar. Lógico, ela fez o pessoal fazer graduação não foi à toa.

Com a FACEART, muita gente que não teria condição de sair de Montes Claros, teve a oportunidade de fazer aí na Unimontes, e de conseguir a habilitação.

Soube que aconteceu um problema no início em relação a prioridade em conseguir cargos no Conservatório. Teve professor que apesar de mais preparado musicalmente, não tinha o diploma universitário e acabou perdendo um cargo.

O Conservatório sempre teve uma formação muito sólida, e na Unimontes, os alunos entravam sem uma seleção, mas quando formavam tinham mais direito.

Pergunta: - Qual o significado de D. Marina para criação do Conservatório?

Talitha: – Tudo! Porque D. Marina despertou isso nas pessoas. Graças ao seu dinamismo, idealismo, amor à música e à arte em geral, criou o Conservatório Estadual

⁵⁹ Maestro Sergio Magnani (1914 - 2001), músico italiano graduado também em Letras e Direito. Magnani veio para o Brasil em 1950 e radicou-se em Belo Horizonte, cidade em que se destacou como músico influente e professor de várias gerações, inclusive na Faculdade de Letras e na Escola de Música da UFMG. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/pm/n21/a12n21.pdf> > Acesso em: Jan/2021.

Nos fins de semana, durante mais de dez anos, a convite da então diretora do Conservatório Estadual de Montes Claros, Professora Marina Lorenzo Fernandez ministra aulas de Piano, História das Artes, Contraponto e Estética Musical nessa referida instituição de ensino. Sua atuação em Montes Claros começou em 1968 quando frequentemente era convidado a dar palestras e ministrar cursos de extensão de piano, regência, morfologia, técnica vocal e dicção. A partir de 1975 passou a integrar efetivamente o quadro de professores do Conservatório, até 1985. Era com grande sacrifício que fazia as longas viagens noturnas, indo nas sextas feiras e retornando domingo, mas diz ter feito um trabalho bastante interessante, principalmente no sentido de levantar o nível dos professores. Disponível em: < https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AAGS-7XPO3H/1/disserta_o_mestrado_de_maria_ligia_becker.pdf > Acesso em: Jan/2021.

de Música Lorenzo Fernandez. É uma pessoa de uma bondade, que faz o bem e não olha a quem. Desde as pessoas mais simples, quando via nelas o potencial para a música, ela incentivava. Foi uma grande incentivadora para todos nós.

Eu devo a ela toda a minha formação musical. Tenho uma gratidão eterna porque ela acreditou em mim. E isso ela fez com muita gente. É uma pessoa totalmente desprendida, que quer ajudar os outros. Não existe. Eu fico encabulada, ela tem 95 anos, lúcida, bate papo com você, discute política, sobre qualquer assunto. Ela trabalhou muito, enfrentou muita coisa e realizou um trabalho maravilhoso e inesquecível na cidade de Montes Claros. Sabe conversar com as pessoas, tem jogo de cintura em qualquer situação difícil. Lembra da família do Yuri que foi lá, e ela conseguiu amansar o povo!? E várias coisas que já aconteceram!!!!

Pergunta: - Você acha que o título de Montes Claros “Cidade da Arte e da Cultura” tem relação com o Conservatório?

Talitha: – Com certeza sim. É lógico que aí já tinha essas manifestações folclóricas que são muito fortes, mas o Conservatório foi um “bum”, como se diz. Divulgou mais a cidade. O Conservatório é referência no Estado de MG. E uma coisa que eu acho interessante, por exemplo, quando eu vim para o Rio fazer a graduação, cheguei aqui com aquela sensação de que, por ser do interior, não estaria no nível dos alunos do Rio. Pelo contrário, as melhores provas eram as nossas [alunas de Montes Claros]. Os trabalhos que a gente fazia eram os melhores, até a apresentação dos trabalhos que mandávamos encadernar com capa dura, letra dourada, eles ficavam encantados. As notas melhores eram as nossas. E isso graças a quem? À ela [D. Marina]. Se ela não tivesse aparecido aí [Montes Claros], talvez nunca seríamos musicistas, eu, e tantos outros montes-clarenses.

Além da pessoa corajosa, inteligente, artista preparada, influente, que encanta a todos, ela deixou sua marca na cidade, no Estado de Minas Gerais e é adorada por onde passa. Quando ela voltou para o Rio de Janeiro, mudou o CBM [Conservatório Brasileiro de Música] durante o período em que estive à frente na direção. Gerou até ciúmes. Mas ela reestruturou e fez uma administração primorosa. D. MARINA É O MÁXIMO!!!!!!!

ENTREVISTA 8

Eliane Souza Santos



Foto enviada pela entrevistada

Local: Videoconferência pelo Google Meet

Data e horário: 29/12/2020 às 16:20

Duração: 44'36”

Pergunta: - Fale um pouco sobre você, sua família (estrutura familiar) e formação escolar.

Eliane: – Meu nome é Eliane Souza Santos. Sou casada, mãe de duas filhas uma de 8 e outra de 19 anos. Sou formada em Pedagogia. Trabalho no Conservatório desde 1997. Eu trabalho na área administrativa da escola.

Pergunta: - Antes do Conservatório vc teve alguma outra experiência profissional?

Eliane: – Sim. Dei aula. Fui professora do ensino fundamental pelo Município.

Pergunta: - O seu contato com o Conservatório foi só profissional ou já foi aluna?

Eliane: – Eu comecei na área administrativa. Logo no início, em 1998, em comecei a fazer aula de teclado, por insistência da professora Cibele Baeta. Tanto eu como Zezé, nós duas começamos a fazer aula no Conservatório. Nós fizemos um semestre, na época era semestral. Só que aí eu sentia a necessidade de estar treinando o instrumento, e sair da secretaria para treinar não dava certo, e como mãe de família, trabalhando o dia todo, para ficar treinando ficou complicado e eu deixei, desisti das aulas.

Pergunta: - Hoje suas filhas estudam no Conservatório?

Eliane: – Só a menor estuda. Ela faz musicalização, tem 8 anos. Ela faz musicalização, flauta. Ano que vem ela vai fazer violão, se Deus quiser tudo vai voltar ao normal.

Pergunta: - Você é natural de Bocaiúva?

Eliane: – Nasci em Montes Claros, mas fui criada em Bocaiúva. Meus pais são de Bocaiúva.

Pergunta: - Você pode me dizer como eram as aulas de música em Bocaiúva antes do Conservatório?

Eliane: – Quando eu comecei a trabalhar na escola, surgiam alunos que já tinha alguma vivência musical. Eles comentavam na época que alguns faziam aula no Conservatório em Montes Claros, outros faziam com Cibele que tinha uma escola de música. Ela era professora de música, e, eu me lembro também que quando iniciou o Conservatório, as primeiras aulas eram ministradas na Escola Estadual Genesco Augusto Caldeira Brant, uma das escolas mais antigas aqui de Bocaiúva. Ano passado ela comemorou 90 anos. Então, nessa escola, ainda hoje tem um piano na escola.

As primeiras aulas, para os alunos que não tinham condições, eram ministradas na Escola Genesco. Assim, quem não tinha condições de ir até Montes Claros ou de pagar aula particular na escolinha de Cibele, fazia aulas no Genesco.

Mas, aqui também em Bocaiúva, tinha alguns alunos, até meu irmão, que faziam parte da Banda Filarmônica de Bocaiúva. Na época tinha os maestros que ensinavam, ensaiavam essas crianças, esses adolescentes. Essa banda é bem antiga aqui. Ela que começou a funcionar no prédio da Fundação Graciema, onde hoje é o Conservatório. Inclusive essa banda tem um espaço no Conservatório até hoje. Eles ensaiam lá no Conservatório, geralmente toda quarta e finais de semana. Eles têm livre acesso à escola.

Pergunta: - Por que resolveram criar o Conservatório em Bocaiúva?

Eliane: – Esse Conservatório foi criado através de lideranças políticas na época, inclusive do Governador que era Eduardo Azeredo, com o prefeito da cidade e políticos envolvidos na época. Na época era o Prefeito Ricardo Veloso e Ronildo Andrade, que era Presidente da Fundação. Então foi através de Eduardo Azeredo, governador, que eles conversaram e implantaram o Conservatório. Aí em 1996, no segundo semestre, conseguiu legalizar a documentação e criou-se o primeiro e único anexo aqui da região, que é o de Bocaiúva.

As primeiras aulas começaram na Escola Genesco. Tem uma documentação, na época Marina Sarmiento junto com a diretora Diná, que era do Genesco, e aí elas fizeram

um acordo, uma aliança, e começaram essas aulas. Aí chegou ao conhecimento do prefeito e tiveram a ideia de trazer um Conservatório pra Bocaiúva.

Eu não sei corretamente como procedeu. Eu sei que tinha alguns professores que começaram a dar aula, inclusive Marilene já comentou que ela começou dar aula no Genesco. Com os professores que tive contato. Marilene, Simone Santana, elas começaram a dar aula aqui. Na época a diretora era Marina Sarmento. Eu não sei exatamente como foi feita essa aliança não.

Pergunta: - Depois disso que pensaram em criar o anexo?

Eliane: – Isso. Foi depois disso.

Aqui em Bocaiúva nós tivemos grandes pessoas envolvidas na política, e eu acredito que teve alguma influência nisso. Me lembro também que no Governo Azeredo, tinha Patrus Ananias que é daqui de Bocaiuva, deve ter influenciado.

Pergunta: - Vc lembra com quantos funcionários começou a escola?

Eliane: – Na época eram poucos professores. Certeza não sei te dizer. Lembro que eram 2 ASBs⁶⁰, 2 ATBs⁶¹, que são as meninas da secretaria que eram Zezé e Francinele. Eram cursos, não tinha as disciplinas curriculares, eram somente cursos. Eram os professores de canto, percepção, canto-coral, que na época era Normando, Rui e Eliana com teatro, Cibele com teclado e piano, Neiva com artesanato, violão que era Jukita e flauta, Gedey.

Pergunta: - Todos os professores eram contratados pelo Estado?

Eliane: – Todos contratados pelo Estado.

Pergunta: - E os outros funcionários?

Eliane: – Também, alguns eram contratados pelo Estado, outros cedidos pela Prefeitura e outros eram cedidos pela Fundação também. Logo que iniciou a escola teve muitas dificuldades. Nem todo ano conseguia contratar todo mundo e sempre teve essa ajuda, a cessão dos funcionários.

Eu lembro que no início era muito difícil. Quando tinha formatura ou evento na escola a gente tinha que correr, pedir as coisas emprestadas, com a maior cara de pau. Ornamentação de festas que já tinha acontecido [em outras escolas], levávamos para escola para nossas formaturas e eventos. E tinha uma carência muito grande também tanto

⁶⁰ Auxiliar de Serviço de Educação Básica

⁶¹ Assistente Técnico de Educação Básica

de funcionário como do próprio prédio e de instrumentos. Quando iniciou, o prédio era bem precário, nós tivemos muita dificuldade. Aí, graças a Deus, com o passar do tempo a própria Fundação reformou o prédio com ajuda da escola, da direção da escola. Conseguiu fazer uma reforma bem ampliada para atender os alunos, criou mais salas. Hoje, podemos dizer que estamos até no céu.

Pergunta: - A comunidade ajudava?

Eliane: – Nossa, tinha amigos demais da escola. Na verdade, a escola foi abraçada pela comunidade. Logo que iniciou, todo mundo ajudava, porque era para o Conservatório. Até hoje, a gente ainda tem algumas dificuldades, mas a população em si, ajuda muito a escola.

Pergunta: - E como foi a aquisição dos móveis e instrumentos da escola?

Eliane: – Os instrumentos e todo o mobiliário da escola vieram de Montes Claros. Na maioria das vezes que ia chegando novos lá, ia trocando e mandando pra Bocaiúva.

Pergunta: - Teve alguma doação da comunidade?

Eliane: – Hoje tem coisas doadas da comunidade. No início foi da escola. Uma outra coisa que tinha também, um outro instrumento, é um piano. Que até hoje temos na escola, que é um piano da Fundação.

Voltando o que tínhamos falado antes, a Fundação já tinha uma influência musical, já tinha a banda, ela tinha o piano que acho que tinha sido doado também, não tenho certeza. Porque essa fundação é bem antiga em Bocaiúva, ela tem 70 e poucos anos, então é bem antiga. Então ela tem esse piano. E tem até hoje a banda.

Pergunta: - Dessa época de início, o que mais te marcou nesse início do Conservatório.

Eliane: – Eu vejo, em relação a hoje, era a fraternidade. Todo mundo com dificuldade, de estar vindo e voltando, pegando ônibus. Todo mundo se abraçava, vivia em função da escola. Comparando com os dias de hoje, as vezes eu falo, que saudade daquela época. Todo mundo “arregaçava as mangas” e fazia de tudo pela escola, apesar de todas as dificuldades.

Pergunta: - O anexo do Conservatório em Bocaiúva tem quantos anos?

Eliane: – Ele tem 23 anos.

Pergunta: - Ele funcionou somente nesse prédio?

Eliane: – Isso. Só funcionou aqui. Inclusive, na época de Alberto, ele construiu um prédio que seria para o Conservatório. Na época a pessoa procurou a direção, fez toda a estrutura dos projetos dessa construção para atender o Conservatório. Só que foi num lugar bem distante, que hoje funciona a Unimontes. O prédio foi cedido para a Unimontes. Nessa época ficou certo que a escola mudaria pra lá, só que era um lugar bem deserto. A escola na época, a diretora era Iracenéria, sentiu a necessidade de ter um transporte para os alunos. E, nessa época, ele [o prefeito] não podia oferecer. Aí, ela pensou, ouviu os pais, os professores, a comunidade escolar, e chegou à conclusão que não seria viável mudar, pela questão do deslocamento, por ser distante da cidade. Aí continua até hoje no mesmo prédio da Fundação.

Pergunta: - E a reforma?

Eliane: – Foi a Fundação que fez a reforma da escola. Alguma coisa a escola ajudou. O que tinha condição de ajudar a escola ajudou. Na verdade, o anexo de Bocaiúva não tem um recurso específico. Por ser anexo, o recurso vem para o Conservatório. Mas não vem separado para Bocaiúva. O que a escola pôde ajudar na época, o que podia comprar, que tem o andamento dos processos que pode investir em reforma, a escola ajudou. Na época também até os próprios alunos fizeram uma vaquinha, através dos professores, pedindo os alunos para ajudar a forrar as salas de cima. Fazendo campanhas e doações dos alunos, conseguiram fazer o forro das salas de cima.

Pergunta: - Quais os cursos que tinha quando a escola foi criada?

Eliane: – As atividades eram consideradas cursos. Tinha canto, piano, violão, teclado e flauta. Teatro e dança que era Eliana Delfino e Rui.

Pergunta: - Quantos alunos atendia quando começou?

Eliane: – Era em torno de 200 a 200 e poucos alunos. Eram poucos.

Pergunta: - E hoje?

Eliane: – Em torno e 700 a 750 alunos.

Pergunta: - Qual era o perfil dos alunos quando começou? (sexo, idade, posição social)

Eliane: – Era diversificado. Tinha de tudo. A gente tinha muitos alunos do centro da cidade pelo fato de ser mais acessível, depois foi expandindo e o pessoal foi conhecendo a escola, aí fomos atendendo alunos de outros bairros. Mas no início era

mesmo a população mais “ribeirinha” da própria escola. Hoje nós temos alunos de todos os bairros da cidade, de todos os níveis.

Pergunta: - Atende outras cidades?

Eliane: – Cidades vizinhas. Nós temos alunos hoje de Engenheiro Navarro, Guaraciama, Olhos D’água, até de Francisco Dumont, que é mais distante. Nós temos alunos da musicalização de Francisco Dumont e Engenheiro Dolabela.

Pergunta: - Quais os cursos que têm hoje além dos que voce citou?

Eliane: – Bateria e flauta transversa. Temos outras disciplinas que não existia: prática de conjunto e flauta para canto. Outra coisa que não tinha: o ballet, que incluiu depois. Esse ballet hoje atende a maioria das crianças da musicalização. Inclusive a gente tem que explicar bastante que a criança para fazer o ballet, tem que fazer o curso de musicalização, pois o ballet é uma atividade a parte da musicalização. Acho que foram esses.

Pergunta: - Como é o tratamento do Conservatório sede, com o anexo?

Eliane: – A uns 4, 5 anos atrás tinha uma separação. Hoje é a mesma coisa, são os mesmos cursos, dentro das possibilidades da escola, uma vez que não temos como atender, implantar aqui o segundo grau, porque não temos demanda de sala disponível para atender o número de alunos. A gente tem até demanda, o pessoal que já formou pede pra colocar o segundo grau aqui, o curso técnico, mas nós não temos salas. Tudo que acontece em Montes Claros, acontece em Bocaiúva também. Silvana fez questão, na gestão dela, de acontecer a mesma coisa. Todo projeto que é desenvolvido em Montes Claros, é desenvolvido em Bocaiúva também.

Até mesmo para entendimento. As pessoas que estavam em Montes Claros não entendiam por que Bocaiúva era diferente. Ia fazer uma coisa em Montes Claros, mas em Bocaiúva não fazia. Por quê? Porque é diferente. Então nós vamos adaptar Bocaiúva igual a Montes Claros.

Pergunta: - Como era a contratação dos professores?

Eliane: – No início os professores eram todos de Montes Claros. Tinha uma professora de Artes que era de Engenheiro Navarro e Cibele que era daqui. A parte de contratação, como era o processo, eu não sei, porque a parte administrativa era feita toda em Montes Claros. Como era feito eu não tive acesso, eu não sei te dizer.

Com o passar dos anos, hoje a gente tem professores que foram alunos da escola. Nós temos 4 a 5 professores que foram alunos da escola. Formaram no Conservatório, fizeram curso superior na área de música e atualmente são professores da escola.

São mais de 4: Keila, Sabrina, Aline, Renato, Romana, Francisco e Lucilene.

Já passou, Elder, Fabinho que hoje mora em Recife, parece, já fez mestrado, doutorado.

Pergunta: - Da criação do Conservatório para os dias de hoje, você acha que o Conservatório trouxe alguma contribuição para a formação musical da cidade?

Eliane: – Pelos relatos, eu acredito que sim. A escola tem uma grande participação no desenvolvimento tanto da criança quanto do adulto. Principalmente em relação ao desenvolvimento da criança na escola regular. Tem relatos de professores das escolas que falam que as crianças que estudam no Conservatório têm uma relação melhor. Melhor o relacionamento social com os próprios colegas, e conseguem desenvolver mais na própria escola. Principalmente nas questões de desenvoltura, apresentação de trabalhos, elas se destacam. Isso é relato de professores das escolas regulares.

14 - TURISMO Montes Claros, sexta-feira, 11 de março de 2011 Jornal de Notícias

CONSERVATÓRIO LORENZO FERNÁNDEZ

Meio século de arte e cultura

Programação terá homenagens e Domingo no Parque

O Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández (CELF) realiza na próxima semana as comemorações pela passagem dos 50 anos do educandário. E para marcar a data, uma vasta programação foi planejada pela comissão organizadora.

As comemorações terão início na tarde de segunda-feira, 14, data da fundação do Conservatório, com o descerramento do busto em homenagem a sua fundadora, professora Marina Lorenzo Fernández Silva, às 17 horas.

À noite, haverá sessão solene para diplomação de seus egressos, colaboradores e parceiros, e um jantar festivo e de adesão no Buffet Duca e Nazareth, com apresentações do Grupo Instrumental Antonieta Silvério e Big Band Dionísia e convidados, com o intuito de incentivar patrocinadores e parceiros para financiar os eventos que acontecerão no decorrer do ano do cinquentenário.

Terça-feira, 15, às 20 horas, na Galeria de Artes Godofredo Guedes, no Centro Cultural Dr. Hermes de Paula, haverá uma homenagem à dona Marina Lorenzo Fernández dentro da Exposição "Olhar Feminino".

Na quarta-feira, 16, homenagem dos alunos da Musicalização do Conservatório, no Auditório Marina Lorenzo Fernández, na sede da escola.

Na quinta-feira, 17, às 19h30min, a Câmara Municipal

de Montes Claros, através dos vereadores Valdir Soares (Valcir da Ademoc) e Cláudio Rodrigues (Claudem da Prefeitura) prestarão homenagens ao Conservatório e à Dona Marina, que receberá o Título de Cidadã Honorária de Montes Claros.

E domingo, 20, está prevista Missa em Ação de Graças na Capela Ilosa Mística, às 9 horas, com apresentação do Coral Lorenzo Fernández. Em seguida, um dos pontos altos da programação com o "Domingo no Parque", evento que acontecerá no Parque Municipal Milton Prates, com apresentações para a comunidade montes-clarense e regional. Estarão se apresentando, às 10 horas: Recreação, jogos e brincadeiras no Parque Municipal Milton Prates; 11 horas: Apresentação da Orquestra Sinfônica de Montes Claros; 13 horas: Apresentação com o professor Fúlvio Andrade; 13h30min: International Lovely Songs; 14 horas: Projeto Conservatório na Rua; 14h30min: Matruz e Isalas; 15 horas: Ballet Marlene Matos; 15h30min: Camila Antunes e Banda; 16 horas: Grupo Vozes e Acordes; 16h30min: Instrumental Geraldo Paulista; 17 horas: Grupo Folclórico Zabelé; 17h30min: Grupo de Seresta

Instrumental Geraldo Paulista, cria do conservatório estadual Lorenzo Fernández



Cordas & Vozes

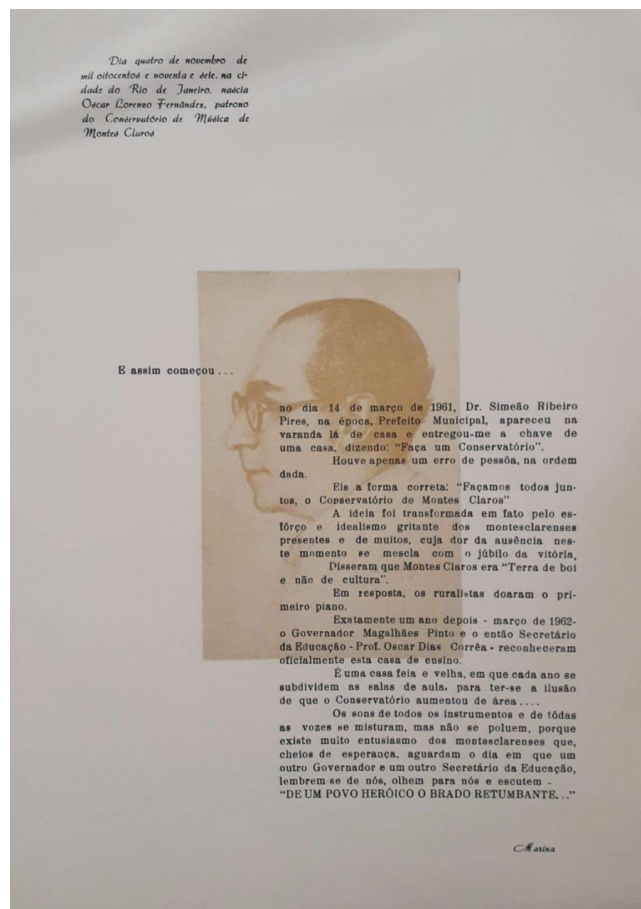
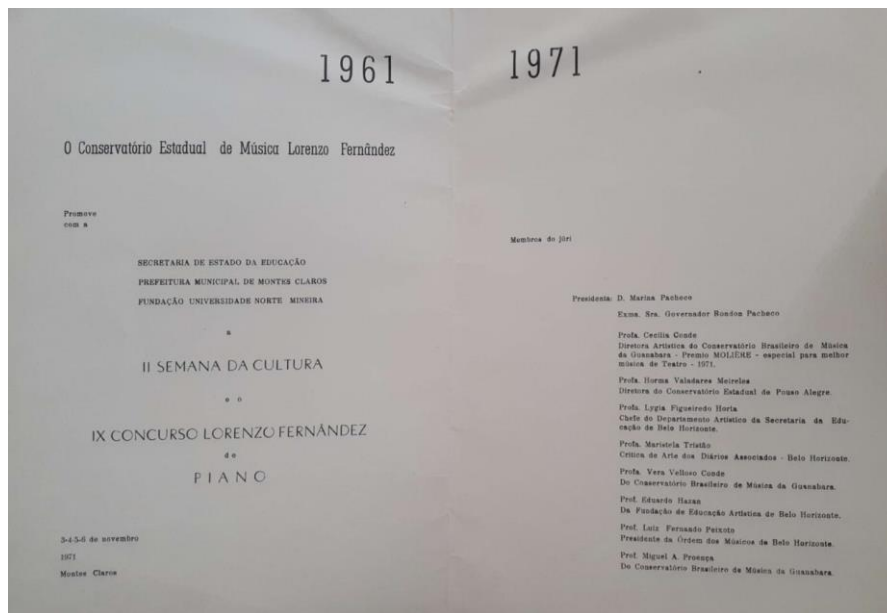
CONSERVATÓRIO
Há meio século o CELF vem trabalhando para difundir a arte, não só na cidade e região, mas também em outras cidades brasileiras, descobrindo talentos e inserindo-os no cenário artístico-cultural. O Conservatório atualmente atende a uma demanda aproximada de 4.300 alunos, matriculados nos cursos de Canto, Decoração, Instrumento (Bateria, Clarinete, Flauta Doce, Flauta Transversal, Piano, Saxofone, Teclado, Trompete, Violão, Violino, Violoncelo) e Musicalização. Possui 212 profissionais, entre professores e especialistas, 77 funcionários, assistentes técnicos da educação e auxiliares de serviços da educação básica. Ainda vários grupos formados por professores, alunos, ex-alunos, funcionários, ex-funcionários.

Entre os grupos do CELF estão o Coral Lorenzo Fernández, Grupo Folclórico Zabelé, Orquestra Sinfônica de Montes Claros, Instrumental Geraldo Paulista, Grupo de Flautas Capella Montes-clarense, Grupo Lírico Bezi, Big Band Dionísia, Coral Clarice Sarmento, Coral Junita-Melo Franco, Coral Waldir Pereira, Grupo de Cordas, Grupo de Seresta Cordas & Vozes, Grupo Vozes & Acordes, Quarteto ALFA, Grupo de Flautas Sol Major, Grupo Instrumental Ciranda do Sorn, Instrumental Antonieta Silvério, Grupo Instrumental Enny Parejo, Projeto Conservatório na Rua, Projeto Trilhando as Artes Plásticas e, ainda, o Núcleo de Artes Montes Claros.

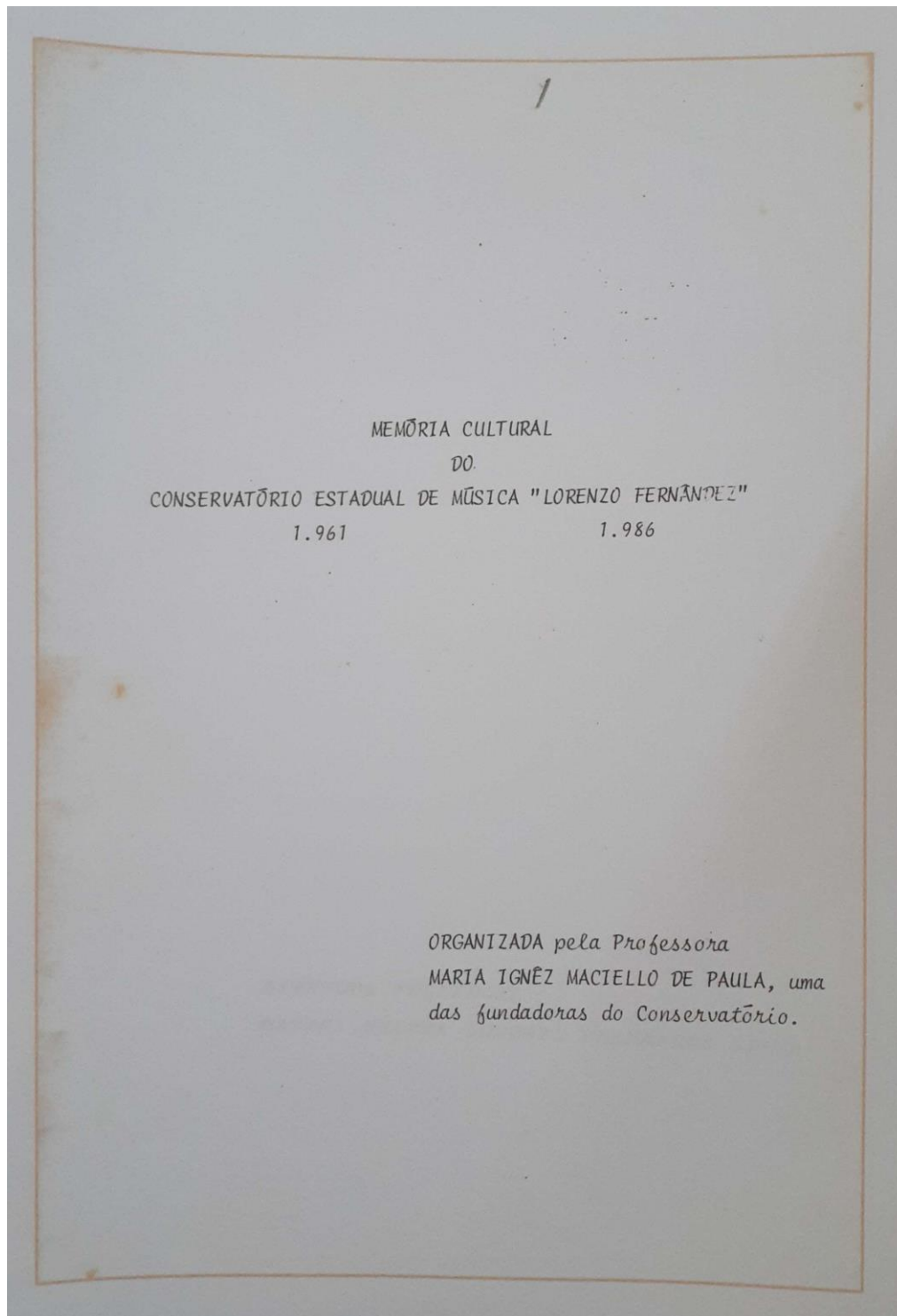


Professora Marina Lorenzo Fernández Silva

PARTE DO PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES DO CELF - 10 ANOS



**CAPA DO LIVRO MEMÓRIA CULTURAL DO CONSERVATÓRIO ESTADUAL
DE MÚSICA LORENZO FERNÁNDEZ – 25 anos
1961 – 1986**



INFORMATIVO LORENZO FERNÂNDEZ – 50 anos
Fevereiro e Março de 2011 e Dezembro de 2011
(1ª página)

INFORMATIVO Lorenzo Fernández
 Informativo do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández - Nº 17 - Fevereiro / Março de 2011

Especial
 Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández

"Todas as artes contribuem para a maior de todas: a de viver."
 - Haroldo Bressi

CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA
 1961
 2011
 LORENZO FERNÁNDEZ

UMA HISTÓRIA DE SUCESSO

Conservatório Lorenzo Fernández
 em pauta

BODAS DE OUR
 INFORMATIVO DO CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA LORENZO FERNÁNDEZ / DEZEMBRO 2011 / Nº 17

50 anos fazendo acontecer...

1961 2006 1972

AS
 (38) 8628-8393
 Produtos para fazendas, cacharas e quintais. São João del-Rei

TT
 home
 Teclados - Teclados - Pianos - Interfones - Pianos de cauda - Revestimentos para Decoração
 (38) 3222-7711
 www.tthom.com.br

Equipamentos Musicais
 (38) 3222-4080
 Rua Dom Pedro II, 463 - Centro - Muriaé - MG

DISKLUZ
 MATERIAIS ELÉTRICOS E HIDRÁULICOS
 NOVA LOJA
 (38) 3222-7711
 Rua Dom Pedro II, 463 - Centro - Muriaé - MG

RX
 Rua Dom Pedro II, 463 - Centro - Muriaé - MG
 (38) 3222-7711

Apoio Cultural
BANCO DO BRASIL - Bocalúva/MG

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Resolução nº 1.172/75. Minas Gerais 22/01/1975

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ENSINO DE 2º GRAU E SUPERIOR

LEGISLAÇÃO
Resolução nº 1.172/75

PUBLICAÇÃO
M. G. 22/01/75

RESOLUÇÃO Nº 1172/75

O Secretário de Estado da Educação de Minas Gerais, tendo em vista o que dispõem o art. 24, da Resolução nº 134, de 12 de novembro de 1971, o art. 1º, da Resolução nº 139, de 01 de fevereiro de 1973, e o Parecer nº 126, de 7 de maio de 1974, do Conselho Estadual de Educação, publicado no "Diário Oficial" de 15 de maio de 1974.

Resolve:

Art. 1º — Ficam autorizados a funcionar como Centros Interdisciplinares de Artes os Conservatórios Estaduais de Música "Prof. Lorenzo Fernandez" e "Corá Pavan Caparelli", respectivamente de Montes Claros e Uberlândia.

Art. 2º — Os Centros Interdisciplinares de Artes de Montes Claros e Uberlândia estão credenciados a ministrar as habilitações profissionais no Setor Musical:

1. Técnico em Instrumento
2. Canto
3. Fanfarras
4. Sonoplastia

Art. 3º — Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Secretaria de Estado da Educação, em Belo Horizonte, aos 3 de janeiro de 1975.

Agnelo Corrêa Vianna

Publicada novamente por motivo de incorreções na publicação de 21.01.75.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Portaria nº 281/82. Minas Gerais 24/04/1982

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO DE 2º GRAU

ORGANIZAÇÃO DE ESCOLAS

LEGISLAÇÃO

Portaria nº 281/82

PUBLICAÇÃO

M.G. 24.04.82

PORTARIA Nº 281/82

Reconhece o ensino de 2º Grau, em escola da rede estadual, em Montes Claros.

O Diretor da Superintendência Educacional da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais no exercício da competência que lhe confere o artigo 1º da Resolução SEE Nº 3.914, de 09 de maio de 1981, e tendo em vista o disposto na Resolução CES Nº 276, de 05 de março de 1981, resolve:

Art. 1º - Fica reconhecido, no Centro Interscholar de Artes "Lorenço Fernandes" O.4.6.D, de Montes Claros, o ensino de 2º Grau, com as Habilitações Profissionais, de:

- Técnico em Instrumento;
- Técnico em Canto;
- Professor de Educação Artística (de 1ª à 6ª série);
- Técnico em Decoração.

Art. 2º - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Superintendência Educacional da Secretaria de Estado da Educação, em Belo Horizonte, aos 22 de abril de 1982.

Antonio Guido de Araújo Flecha
Diretor da Superintendência Educacional